

REVISTA LUSITANA

Archivo de estudos philologicos e ethnologicos
relativos a Portugal

DIRIGIDO

POR

J. LEITE DE VASCONCELLOS

Professor da Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa
Director do Museu Ethnologico Portuguez

SUMMARIO

O estudo das tradições populares nos países
românicos, por R. Adolfo Coelho. I

Festas e tradições do distrito de Viana do
Castelo, por Claudio Basto.

a) Vocabulário. 71—b) Adivinhas. 76
—c) Canções. 77—d) Comparações
populares. 81—e) Rimas, contrições e
ditados. 82—f) Frases do povo. 84—
g) Superstições. 85—h) Fraticos re-
ligiosos. 89—i) Teatro. 93—j) As-
tas tradicionais. 101.

Vocabulário Alentejano, por A. Thomas
Pires. 103.

Costumes e festas populares dos séculos XV
e XVI. Documentos, por Pedro T. Aze-
vedo. 113.

Canções dos "Setes", por D. Maria Angeli-
ca Furtado de Mendonça. 115.

Textos antigos portugueses, por J. J. Nunes
Pires. 117.

Investigações ethnographicas, por A. Thomas
Pires. 123.

Sobre um verso de Gil Vicente, por Lopes de
Mendonça, D. Carolina Michalick e Oscar
de Fratt. 126.

Ethnographia mineira, pela P.ª Cunha Brito.
131.

Legações petrificadas, por Oscar de Fratt.
133.

Contos populares d'Evora, por Bernardino
Harbosa. 135.

Vocabulários de varios concelhos do distrito
de Vila Real, por A. Gomes Pereira.
137.

Miscellanea: Rogério Bacon, por J. J. Nu-
nes. 139—Sobre dadas d'idos que se com-
pletam um ao outro, por Claudio Basto.
172 e 331—Falar português do Brasil,
por Sítio d'Almeida. 183—A lingua por-
tuguesa no parlamento. 187—Mais pa-
lavras do livro «Sua torre», por A. Go-
mes Pereira. 191—A palavra «escriba-
ninha», por J. L. de V. 194—O verbo
«desgastar», por J. L. de V. 195.

Chronica, por J. L. de V. 176.

Bibliographia:

PERIÓDICOS: Bulletin Hispanique, por
J. L. de V. 361—Modern Language
Notes, por J. L. de V. 362—Zeitsch-
rift für romanische Philologie, por J.
L. de V. 363—Bulletin de Dialecto-
logie Romane, por J. L. de V.
364.

LIVROS: Textos Archaiques, por O. No-
biling. 361.

VANIA QVARDAM, por J. L. de V. 176.

Necrologia:
Oscar Nobiling, por J. L. de V. 366.

LISBOA

LIVRARIA CLASSICA EDITORA

de A. M. Teixeira

Praça dos Restauradores, 20

REVISTA LUSITANA

Tipografia do «Porto Medico»
Praça da Batalha, 12-A — Porto.

REVISTA LUSITANA

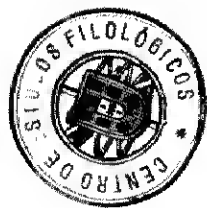
Archivo de estudos philologicos e ethnologicos
relativos a Portugal

DIRIGIDO

POR

J. LEITE DE VASCONCELLOS

Professor da Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa
Director do Museu Ethnologico Português



VOL. XV

LISBOA
LIVRARIA CLASSICA EDITORA
de A. M. Teixeira

Praça dos Restauradores, 20

—
1912

REVISTA LUSITANA

VOL. XV

1912

N.ºs 1-2

O estudo das tradições populares nos países romanicos ¹

I

O estudo das tradições populares em França

A França só lentamente foi entrando no movimento de estudos iniciados pelas nações d'alem Rheno. As causas d'este phenomeno com relação ás tradições populares foram indicadas por um dos mais notaveis homens de sciencia que hoje possuiue aquelle país, com a penetração que o distingue. «O estudo d'esses monumentos de uma archeologia especial, diz Gaston Paris, no prefacio das *Devinettes* de E.¹ Rolland, foi inaugurado noutros países, especialmente na Allemanha e nos países slavos, sob a influencia do sentimento nacional mais ainda que da pura curiosidade scientifica. A grande reacção contra uma civilização em excesso uniforme e em excesso puramente racional que assignalou o começo do nosso seculo, achou nesse facto uma das suas expressões. A França tomou fraca parte nesse movimento: elle não podia ter para um país fortemente unificado e profundamente penetrado das idéas de civilização geral o mesmo interesse e o mesmo valor que para as nacio-

¹ [Este trabalho appareceu a lume pela primeira vez em 1882 e em 1883 em varios numeros do *Jornal do Commercio* de Lisboa. Pela sua importancia merece ser mais accessivel aos estudiosos do que o é num jornal, de sua natureza ephemero, e que só hoje se encontrará na Bibliotheca Nacional; por isso pedi ao auctor permissão para aqui o reproduzir, a qual elle me concedeu da melhor vontade, prontificando-se, de mais a mais, a rever as provas typographicas, embora sem alterar a fórma e character primitivos, e a enriquecê-lo de um appendice. Para satisfação dos leitores informo-os de que o Sr. Dr. F. Adolfo Coelho continuará a dar à *Revista Lusitana* a sua sábia collaboração. — J. L. DE V.]

nalidades ainda hesitantes que buscavam ás apalpadellas formar uma consciencia historica, e além d'isso pertencia a um conjuncto de sentimentos dirigidos contra o predominio francês. Compreendeu-se melhor a importancia d'essas questões quando ellas entraram na phase puramente scientifica, quando a comparação das diversas litteraturas populares fez enunciar o problema complexo da sua origem e relações».

Como nos outros países romanicos, começou-se na França pela collecção dos cantos populares. Antes da guerra franco-prussiana achavam-se publicadas, entre outras, as collecções de Damase Arbaud (Cantos da Provença,) Eugène de Beurepaire (Normandia), Buchon (Franche-Conté,) Jérôme Bujeaud (provincias do Oeste), e Tarbè (Champagne). Para o estudo das outras tradições havia muitos materiaes, pela maior parte espalhados, e muitos colhidos com pouco criterio: faltava completamente uma obra de conjuncto que se pudesse pôr ao lado dos trabalhos dos Grimms, Kuhn e Schwartz, ou mesmo de collectores allemaes mais modestos, como Zingerle, Bechstein, Proehle, Rochholz e muitos outros.

Uma das causas que mais contribuíram para a collecção das poesias populares a que alludimos foi a importancia que lhes fez dar o ministro de Napoleão III, Fortoul, quando concebeu o projecto de publicar uma collecção geral e official d'essas canções.

Depois da guerra franco-prussiana, no movimento geral scientifico em que os espiritos elevados vêm o unico meio de evitar os males que podem continuar a affligir a França, o estudo das tradições populares não podia ser esquecido; a *Romania*, fundada em 1872 por Gaston Paris e Paul Meyer, com o fim de promover os estudos das litteraturas romanicas medievas e populares, ia dar um impulso consideravel àquelle estudo, que os dois redactores já anteriormente tinham começado a promover noutra publicação importante, fundada tambem por elles, a *Revue critique*. Em 1866 (22 de maio) publicou nesta Gaston Paris um artigo em que se acha indicado o methodo a seguir nas collecções de cantos populares e na mesma ha muitos artigos em que se dão excellentes conselhos aos colleccionadores d'outros generos populares.

A *Romania* tem inserido numerosos artigos de litteratura popular ou estudo comparado das tradições populares; mencionaremos entre outros os *Contes lorrains* de E. Cosquin, a que eruditissimas notas comparativas dão um valor particular, comquanto haja nellas falta de methodo e só possam ser consideradas como materiaes; um artigo de Milá y Fontanals sobre *La poesia popular gallega*, numerosos estudos de Gaston Paris sobre a litteratura novellistica; de Jules Cornu, *Can-*

tos e contos da Gruyère; de Victor Smith, tradições do Velay; e muitos outros, cuja lista seria longa.

Ultimamente duas acreditadas casas editoras de Paris emprehen-deram collecções de tradições populares. Ernest Leroux publica *Collection de contes et chansons populaires*, em que saiu já, entre dois volumes de contos gregos e albaneses, um intitulado *Le romancero portugais*, do conde de Puymaigre. Maisonneuve & C.^a publicam: *Les littératures populaires de toutes les nations* (contos, lendas, cantos, proverbios, adivinhas, superstições).

Tem contribuido bastante para o estudo das tradições, especialmente do sul da França, a valiosa *Revue des langues romanes*, publicada pela Sociedade das linguas romanicas, que tem a sêde em Montpellier.

Entre as diversas publicações relativas ás tradições populares francesas occupam um lugar de primeira ordem as de M. Eugène Rolland. Já aqui fallámos das *Devinettes* publicadas por este investigador. Ha dias recebemos o VI e ultimo volume da sua *Faune populaire de la France*, publicada por Maisonneuve & C.^a, a qual deve ser seguida da *Flora populaire* e d'outras obras abrangendo todo o dominio das tradições populares. Os volumes anteriores d'essa obra, cujo plano o autor continua a seguir, foram já objecto de diversos reparos da critica, concorde no resto em louvar o zelo do investigador e a riqueza dos materiaes que reuniu. M. Rolland dá-nos a proposito de cada animal a sua classificação zoologica, os nomes vulgares nos diversos dialectos da França e ainda em muitas linguas fóra da França, no que ha muitas oscillações, e faltas, resultantes do autor não ter bem delimitado o seu campo, as phrases, proverbios, lendas, contos e superstições em que figura cada um dos animaes mencionados, não só na tradição francesa, mas tambem nas d'outras nações; e por vezes dá-nos ainda mais do que indicam essas secções mencionadas no frontespicio do livro, entrando frequentes vezes nos dominios da zootechnia, e chegando até aqui a considerações praticas, como por exemplo, a proposito do costume de fazer puxar os bois pelas pontas. No artigo *Bos domesticus* temos ainda a terminologia tauromachica hespanhola. Os jogos, os cantos populares allusivos a animaes occupam na obra o lugar que de direito lhes pertence no plano do autor.

Com a vastidão d'esse plano, o autor sujeitava-se necessariamente a ser muito mais incompleto do que se o tivesse traçado com estreitos limites. Na parte não francesa temos muitas vezes apenas amostras, que, como taes, não dispensam novas investigações. A parte francesa é, porém, muito completa, comquanto ainda aqui não seja difficil aos que são versados nestes assumptos indicar lacunas.

No artigo do *Caracol* não achamos, por exemplo, menção d'uma tradição muito curiosa e muito espalhada. Charles Nisard, na sua *Historia da litteratura de cordel* (I, 145-147), extraiu d'um almanach do seculo XVII a disputa dos homens d'armas e d'uma mulher contra o caracol. Uma estampa representa o caracol numa torre no acto de ser atacado pelos homens d'armas com a mulher atrevida á frente. Á intimação de sair d'aquelle logar, responde entre outras coisas o caracol:

Si ces gens-d'armes là s'approchent,
Ils en auront sur leurs caboches:
Mais je pense en bonne foi
Qu'ils tremblent de grand peur de moi.

Naigumas tradições recolhidas na *Faune populaire* o caracol figura tambem de fanfarrão, como aqui.

Os romanistas G. Baist e A. Tobler reuniram (*Zeitschrift fuer romanische Philologie* II, 303-306 e III, 88-102) numerosas allusões a essa tradição, a proposito de uma phrase do antigo francês *assaillir la limace*, accommetter o caracol, fazer um acto heroico comparavel ao dos sete alfaiates contra a aranha, da tradição portugueza, expressão que, como veremos, se liga á tradição do caracol.

Num canto allemão narra-se o combate dos alfaiates contra o caracol: este estende as pontas, e os heroes da agulha fogem de susto.

Noutra variante da tradição figura, em logar do caracol, a lebre, a *lepus timida*, o typo tradicional da cobardia, que, segundo o povo diz (*Faune populaire* I, 87), tendo um dia passado por um sitio onde as rãs estavam ao sol, vendo-as recolher ao pantano proximo, se riu com tanta satisfação de se vêr temida, que se lhe fendeu o labio. O mais cobarde é fanfarrão no momento propicio.

Nos *Contos* dos irmãos Grimms acha-se o dos *Sete suabos*. Os sete valentes vão pelo mundo com uma lança, uma unica lança empunhada por todos elles conjunctamente; depois de um grande susto causado por o zumbido de um besouro, viram num campo uma lebre que dormia com os olhos abertos e as orelhas erguidas. Os sete depois de se terem animado mutuamente e de terem pensado que está alli o diabo em pessoa, ou a mãe ou o cunhado d'elle, avançam; o da frente, o mais animoso, solta um gnto, o animal foge, e os valentões reconhecem que era uma lebre.

Numa versão hollandesa, citada por J. Grimm, os heroes ouvem um besouro, que julgam ser o tambor do inimigo, como na versão dos

Sete suabos; e deitam a fugir. O que ia atrás toca com a ponta da orelha numa vara, plantada no caminho, e grita: «Rendo-me!» e os que iam adiante, ouvindo-o, gritam também: «Quartel, quartel!»

Em Portugal conta-se um caso semelhante. No tempo dos francezes (isto é, da invasão das tropas napoleonicas) um valente da Idanha fugiu quando ouviu a noticia da aproximação das tropas; como o rabicho lhe batia nas costas, julgou serem francezes ás costas com elle, e gritou que se rendia.

Na Ajuda ha uma salva, de que vimos uma reproducção photographica, em que se figura o combate contra o caracol. A origem d'aquella representação parece ser desconhecida dos nossos archeologos.

É facil de ver por estas rapidas indicações que a tradição dos sete alfaiates contra a aranha é uma simples variante do conto do ataque do caracol ou da lebre. A substituição de um animal bellicoso, como a aranha, aos poltrões e fanfarrões, como o caracol e a lebre, fez perder ao conto uma parte da sua fina satira. No Fundão havia um divertimento popular consistindo num andor com uma aranha de arame, diante da qual avançavam e recuavam os alfaiates com as tesouras abertas.

A occupação dos alfaiates, a sua posição no trabalho, hoje modificada, fê-los considerar como efeminados e cobardes. O espirito popular não os poupou. O sr. Leite de Vasconcellos colligiu versos populares allusivos á nossa tradição, taes como:

Dois mil e quinhentos alfaiates
Todos postos em campanha,
Com as tesouras abertas
Para matar uma aranha.

Colligimos os seguintes, em que a classe não é mais bem tratada:

A' que d'el-rei! quem acode
Ao fogo de Santarem!
Acudam os alfaiates
Em quanto os homens não vem!

Alfaiates não são homens,
Nem se lhe podem (sic) chamar;
Em perdendo uma agulha,
Põem-se logo a chorar.

Semei no meu quintal
 O brio dos alfaiates:
 Nasceu-me uma parreirinha
 Rodeada de bonifrates.

Compreende-se facilmente a alegoria da ultima quadra, cuja responsabilidade fica ao seu autor — *o anonymo*.

Póde perguntar-se agora d'onde veio, onde e como surgiu essa curiosa tradição?

Os mythologos d'alta escola podem ver nos *sete*, por exemplo, os 7 planetas, na aranha, ou mesmo no caracol o sol, ou explicarem por qualquer outra fórma, mas sempre com a chave solar, o conto. O caso nada teria de extraordinario. Baist cita um autor francês que em 1850 descreveu uma illuminura do seculo XIII, representando um homem a retesar o arco contra um caracol no acto de este se estender para fóra da casca, e que commentou o assumpto dizendo que elle era «certamente allusivo á resurreição!»

Um dos fundadores da mythologia scientifica, Ottfried Mueller, escreveu que logo que se reduziu um mytho á sua forma fundamental elle se explica por si. Ora a nossa tradição na sua forma mesmo moderna é tão simples, que quem não vê nella um producto immediato do espirito e observação populares, não comprehenderá nada do que é esse espirito e essa observação. O nosso conto podia até reproduzir-se independentemente de transmissão. Os dados que possuímos não nos permitem determinar onde primeiro elle appareceu.

Se a mania de tudo explicar por mythos astronomicos, especialmente solares, leva a ridiculos exageros, não menos arriscada é a tendencia para querer attribuir a determinadas origens ethnicas as tradições, o que só é possível fazer, com dados complexos, em certo numero de casos particulares.

Um escriptor na *Academy* (n.º 473) transcreve o seguinte proverbio gaelico:

Tres vezes a idade do cão, idade do cavallo;
 Tres vezes a idade do cavallo, idade do homem;
 Tres vezes a idade do homem, idade do gamo;
 Tres vezes a idade do gamo, idade da aguia;
 Tres vezes a idade da aguia, idade do carvalho.

O articulista diz-nos que este proverbio tem indubitavelmente o cunho celtico; e cita para prova um paralelo kymrico, com o nome do bardo Iolo Goch, e uma versão irlandesa.

Ora todos nós conhecemos a versão portuguesa:

Uma sebe dura tres annos,
Tres sebes um cão,
Tres cães um cavallo,
Tres cavallos um homem,
Tres homens um corvo,
Tres corvos um elephante.

Mr. Rolland transcreve a seguinte versão veneziana:

Tre sievi dura un can,
Tre cani dura un cavalo,
Tre cavai dura un omo,
E tre omeni dura un corvo.

Se mais procurassemos, mais espalhado acharíamos o proverbio, cuja origem celtica, asseverada no começo, apenas sobre a presumpção de que elle tem o *cunho celtico*, se torna mais que problematica. É verdade que houve celtas sobre o Adriatico; é verdade que os houve em Portugal; mas basta isto para asseverar alguma coisa, quando nós achamos os mesmos proverbios espalhados por toda a Europa, para não fallar nos que andam espalhados pelo mundo inteiro? A nós apraz-nos achar sabor iberico ao proverbio português, e sabor italico ao veneziano; deixemos a plena liberdade ao douto *folklorista* inglez, o sr. Fitzgerald, de continuar a achar-lhe sabor celtico. Se este lhe veio dos *numeros*, d'aquella arithmetica particular, tambem podemos indicar, na peninsula iberica, outros typos do genero: por exemplo, a enumeração no famoso canto apocrypho de Altabiscar, os jogos numerativos, etc.

Collecções feitas com o zelo e consciencia das de M. Rolland são os instrumentos necessarios do trabalho serio, que um dilettantismo facil em vão suppõe poder dispensar, não chegando por isso senão a estabelecer theses ephemeras. O escriptor francês absteve-se tão completamente de toda a theoria, e, em geral, de toda a explicação, que a sua sobriedade chega a parecer-nos excessiva.

O estudo das tradições populares na Italia

O estudo e colleccionação das tradições populares, cujo valor, como documentos historicos, ethnologicos e psychologicos, está hoje geralmente reconhecido, vae alcançando grande extensão em toda a Europa.

Esse estudo em verdade não é novo. Na França, por exemplo, encontramos collecções de proverbios, poesias populares, lendas, superstições, etc. que remontam á idade média. Na Hespanha o celebre marquês de Santihana, um dos espiritos mais notaveis do seculo XV, reuniu os *Refranes que dicen las viejas tras el fuego*. Hernan Nuñez publicou em 1555 os seus *Refranes*, contendo proverbios em diversos dialectos peninsulares, entre os quaes se acha o portuguez, e nesse seculo salvam-se nos *Romanceros* muitas das perolas da epopea castelhana ¹. Só no seculo XVII é que em Portugal appareceram collecções de proverbios, a independente de Antonio Delicado (1651) e a reunida, com a traducção latina, por Bento Pereira á sua *Prosodia*. Em França, no seculo XVII, Ducange no seu immenso *Glossarium mediae et infimae latinitatis*, em que os nomes são apenas um pretexto para o *estudo das coisas*, reúne numero considerabilissimo de documentos relativos aos costumes e ás crenças populares na idade media.

Na Inglaterra no seculo XVIII, Brand compila com singular diligencia e erudição, mas de modo um tanto indigesto, as suas *Popular antiquities*. Bluteau, entre nós, enriquece o seu *Vocabulario* com grande copia de proverbios colligidos da tradição oral, noticias de costumes, festas populares, de jogos de rapazes e até algumas rimas infantis. Fr. João Pacheco, rhapsodista de Bluteau, no seu *Divertimento erudito*, augmenta alguma coisa com relação aos jogos infantis. Citamos só alguns factos bibliographicos, e exclusivamente dos que se referem a uma colleccio-nação das tradições sem fim utilitario, legal ou religioso, como se dá nos *indiculi superstitionum*, nos livros dos medicos, nos processos inquisitoriaes e civis, na legislação, etc.

Muitos dos grandes espiritos dos seculos XVI, XVII e XVIII, além dos eruditos já mencionados, reconheceram, sob um ou outro ponto de vista, o valor das tradições populares. Luthero dizia que não se privaria por nenhum ouro do mundo das historias maravilhosas que ouvira na sua infancia, e Leibniz falla da aguda e inimitavel força d'invenção que se acha nos jogos tradicionaes. Mas só em o nosso seculo, e depois dos trabalhos dos celebres philologos allemães Jacob e Guilherme Grimm, é que o estudo das tradições populares entrou numa phase verdadeiramente scientifica, e a sua importancia foi reconhecida sob todos os aspectos. O movimento iniciado na Allemanha propagou-se primeiramente aos países scandinavos e slavos, em que se formaram grandes collecções

¹ Sobre os *Refranceros*, vid. D. José Amador de los Rios, *Hist. crit. de la lit. esp.* II, 582 ss.

dos diversos ramos das tradições populares e se lhes consagraram valiosos trabalhos de comparação e de interpretação.

As nações romanicas foram as ultimas a seguir esse movimento, pelo menos em toda a sua extensão, porque não desapareceu nunca completamente nellas o interesse pela vida intellectual e moral do povo, tal como se reflecte na sua poesia epica e lyrica, crenças, costumes, festas, lendas, cantos, proverbios e enigmas. A Italia foi a primeira a entrar nesse movimento e é, das nações romanicas, a que nessa direcção mais tem feito em menos tempo. Bastaria conhecer as duas collecções *Canti e racconti del popolo italiano*, pubblicati per cura di D. Comparetti ed. A. d'Ancona (ed. Ermanno Loescher) e a *Biblioteca delle tradizioni popolari siciliane*, per cura di Giuseppe Pitré (Palermo, Pedone Lauriel, editore) para ter idéa das riquezas desenterradas pelos investigadores italianos do solo da tradição; mas o numero de volumes e principalmente de folhetos que elles teem publicado nestes ultimos annos sobre a materia, um tanto desordenadamente, em verdade, além d'essas collecções, é consideravel; ha tambem muitos materiaes espalhados pelos jornaes e foi comprehendida até a publicação de duas revistas especiaes: *Rivista di letteratura popolare*, diretta da G. Pitré e F. Sabatini, que não sobreviveu ao primeiro anno, e *Archivio per lo studio delle tradizioni popolari*, rivista trimestrale diretta da G. Pitré e S. Salomone-Marino, que se começou a publicar este anno em Palermo e á qual desejamos melhor sorte que á primeira.

A Italia não possui só colleccionadores de tradições populares: conta alguns eruditos de primeira ordem em materia d'estudo comparativo, e historico d'essas tradições; taes são d'Ancona, Comparetti e Pio Rajna. O estudo sobre as *Sacre rappresentazioni* e as fontes do *Novellino* do primeiro, sobre o *Livro de Sendebad* (ou dos sete sabios) e *Ver-gilio nel medio-evo* do segundo, sobre as epopeas cavalleirescas e as fontes do *Orlando* do terceiro, além de muitos outros trabalhos dos mesmos dão a elevada medida do seu largo saber e raro engenho. Ao douto reitor da Universidade de Pisa, Emilio Teza, devemos alguns estudos comparativos sobre contos populares, aos quaes o vasto conhecimento de linguas que o seu auctor possui dá um valor particular.

De G. Pitré, o sympathico doutor siciliano, inquestionavelmente o mais activo de todos os colleccionadores italianos, recebemos ultimamente as seguintes publicações: *Catalogo e descrizione di costumi e utensili siciliani mandati alla esposizione industriale italiana di Milano 1881* (4.º Palermo, 1881); *Delle tradizioni cavalleresche in Sicilia, brevi cenni per l'esposizione industriale italiana di Milano 1881* (4.º Palermo 1881); *Biblioteca delle trad. pop. siciliane*, vol. XII; *Spettacoli e Feste* (Palermo 1881, 8.º); *Il Vespro siciliano nelle tradizioni popolari della*

Sicilia (Ibid. 1882, 8.º). As duas primeiras publicações, simples opusculos, mostram como o elemento popular, ethnographico, vae penetrando nas exposições, e attrahindo portanto o interesse publico; essas publicações de Pitré devem ser tomadas em consideração, quando entre nós se trate de uma exposição do mesmo genero. O que figurou na exposição das industrias caseiras, organizada pela Sociedade de instrucção do Porto, representou muito pouco, a julgar pelos jornaes, o elemento verdadeiramente popular.

O volume XII da *Biblioteca* de G. Pitré é não menos interessante que os precedentes, e feito com igual zelo e amor do completo. Ha ali parallellos para quasi todas as festas do povo portuguez, assim como dos outros da Europa, cujas tradições são communs. O douto e intelligente collector não evitou, porém, completamente um escolho que este volume offercia. Nos volumes da poesia, dos contos e dos proverbios, Pitré tinha que reproduzir fielmente as palavras do povo, o que elle fez sempre, juntando variantes, e inserindo notas muito valiosas de diversa materia; mas aqui tratava-se de descrever, contar com as proprias palavras do collector, que se transformava em autor.

Havia dois systemas a escolher: ou o collector descrevia á maneira do que fazem em geral os viajantes, etc. as festas e costumes do povo, em discurso seguido, buscando o tom pittoresco e soccorrendo-se, portanto, das minudencias, dos accidentes que completam o quadro; ou, pondo de parte tudo o que é secundario, accidental, indicava apenas os pontos essenciaes, os que interessam á sciencia e ao estudo comparado, historico e genetico das tradições, e indicava-os em paragraphos destacados, numerados até, para maior commodidade. Em a nossa *Revista de ethnographia e de glottologia* seguimos o segundo systema, adoptado por homens como Adalbert Kuhn; é o systema que convem quando se attende só ao valor d'essas tradições para a sciencia e se quer ministrar aos especialistas materia commodamente disposta para os seus estudos. Pitré, que attendeu, sem duvida a um publico geral, quis evitar a seccura da enumeração e dá-nos assaz minuciosas descripções, que podem impacientar, por vezes, os que querem ver a medulla das coisas e não teem muito tempo para estar a quebrar o osso. Muitas das particularidades referidas por Pitré teem, além d'isso, character mais ecclesiastico, ou que revela influencia ecclesiastica, que verdadeiramente popular.

Nos diversos volumes da sua magnifica *raccolta* tem tido G. Pitré occasião de explicar numerosas allusões a factos historicos que se encontram nessa litteratura popular. O povo siciliano é vivo, intelligente, interessado pelas coisas do passado, como pelas do presente. Quando, ha alguns annos, um certo numero de homens de sciencia, entre os

quaes havia Renan e Gaston Paris, se reuniram em Palermo, num congresso improvisado, o povo siciliano saudou-os pelas estradas, clamando: «Vivam os sabios!» A vivacidade característica dos antigos siceliotos não abandonou ainda os seus modernos representantes: exemplo não raro de persistencia de caracteres ethnicos, através de uma accidentada vida politica. Concebe-se, pois, como em tal povo o grande episodio das Vesperas sicilianas deixasse uma impressão profunda, inextinguivel talvez, emquanto as condições de vida da Sicilia não experimentarem alguma transformação, que por assim dizer, submerja esse povo original. Pitré já na sua *Biblioteca* dera algumas tradições ácerca das Vesperas; a sua monographia sobre o assumpto é valiosissima: achamos nella reunidos a lenda principal, as tradições locaes, proverbios e phrases proverbias, cantos populares, jogos e usos relativos ou explicaveis pelo facto historico. Ha aqui um campo excellente de exploração para quem estuda as relações entre a lenda e a historia, e entre a poesia popular e a historia.

São de bom conhecedor da historia da poesia popular, como elle sempre nos mostrára ser, as observações de Pitré na sua *Avvertenza*, em que considera a maior parte das peças poeticas que publicou, como tendo nascido posteriormente ao successo: umas, as mais antigas, são talvez apenas a apropriação pelo povo de cantos do seculo XIII, de origem em rigor não popular; outras saíram das lendas em prosa pelo trabalho dos Homeros campesinos, perfeitamente analphabetos; do ultimo caso, dá-nos a collecção um exemplo perfeitamente authentic — a transformação da lenda oral num poemeto de sete oitavas por um poeta campesino d'Alcamo, nosso contemporaneo. É do estudo detido dos factos d'esta natureza que pôde sair uma séria theoria da poesia tradicional, sobre a qual tantos disparates se teem escripto.

Pitré dá alguns echos das Vesperas fóra da Sicilia e ainda da Italia. Em Portugal, país tão avesso a tradições historicas, não cremos que se encontre nenhum.

Vestru, scene del popolo siciliano, por S. A. Guastella (Ragusa, 1882, 8.º), livrinho que nos envia o seu autor, faz-nos ainda demorar um pouco com o povo siciliano. O signor Serafino Amabile Guastella publicou, em 1876, *Canti popolari del Circondario di Modica*, que só conhecemos por algumas noticias, por exemplo, a de F. Liebrecht, na *Zeitschrift fuer romanische Philologie*, I, 434-442; agora dá-nos um poemeto da sua lavra, interessante pelos costumes que descreve, pela linguagem plebéa em que está escripto, pelas notas e observações diversas que o acompanham. Essas notas, que teem maior extensão que o texto, comprehendem um bom numero de lendas e contos stenographados da boca popular.

O signor Guastella cita na sua *prefazione* um facto muito interessante, com quanto não particular á Sicilia, mas que nella se apresenta num grau mais intenso: é a distincção phonetica entre a linguagem colloquial, a do conto e a da poesia. O autor dá-nos os seguintes exemplos de Chiaramonte:

Linguagem colloquial: *Uzzumàd. — Capicciàrì lammassciarà.*

Linguagem do conto (as mesmas phrases): *'u zzu mòmucu 'a vo'. — c' a za Vita l'ha massciu Arà.*

Linguagem da poesia (as mesmas phrases):— *Lu zu mòmucu la voli. Ccu la za Vita mastr' Aràzin l'hazi.*

Para fazer idéa clara do processo comparem-se as formas portuguezas: *você, vocemecê e vossa mercê.*

Como se vê, das formas perfeitas conservadas na poesia saem por um processo de alteração phonetica crescente (apherese, apocope, syncope de certos sons e contracções subseqüentes) as formas da linguagem do canto e d'estas as da colloquial.

O signor Stanislao Prato, professor no lyceu real de Como (Italia), fez-nos offerta de diversos seus estudos: *Quattro novelline popolari livornesi accompagnate da variante umbre... con note comparative* (Spoleto, 1880, 8.º max.); *Una novellina popolare monferrina... illustrata con note comparative e preceduta da una prefazione sull' importanza della novellistica popolare comparata* (Como, 1882, 8.º); e diversos artigos de jornal, comprehendendo um *saggio critico* sobre o *homem na lua*. O sr. Prato revela nesses estudos uma erudição já extensa no dominio das tradições populares, comquanto evidentemente nem tudo nessa erudição seja de primeira mão. O servir-se das citações alheias, sem um salvador e consciencioso *apud*, que a ninguém deve envergonhar, dá muitas vezes em resultado erros e confusões que é de honra evitar. Assim o signor Prato, que não viu as *Poesias e prosas* de Soropita, publicadas pelo sr. Camillo Castello Branco, nas quaes ha uma allusão ao conto das *Tres cidras do amor*, nem o livro do sr. Th. Braga, *Estudos da idade media*, em que ha uma versão do conto, e só teve conhecimento d'essas obras pela prefacção dos nossos *Contos populares portuguezes*, faz a pag. 62 das *Quattro novelline* o sr. Th. Braga autor das *Poesias e prosas*!

Os trabalhos do sr. Prato offerecerão ricos materiaes aos que estudarem os contos sob um ponto de vista superior e verdadeiramente scientifico, ponto de vista a que muito poucos teem até hoje subido de modo completo.

O que nós entendemos por esse estudo scientifico tentámos mostrar-o praticamente no ensaio comparativo, historico e genetico sobre o conto do *Justo juizo* na nossa *Revista d'ethnologia*, ensaio que não nos

atreveríamos a citar, se elle não tivesse ganho a approvação de um juiz competentissimo, M. Gaston Paris, que neste campo nos precedêra. O sr. Gustav Meyer, professor na universidade de Gratz, num artigo do *Beilage zur Allgemeinen Zeitung* (n.º 199, 18 julho, 1882), em que nos dirige algumas expressões muito amáveis e lastima o pouco interesse que em Portugal se manifesta pelos nossos estudos e esforços, dá noticia de uma publicação recente de K. Varnhagen *Sobre um conto indiano na sua migração pelas litteraturas asiaticas e europeas*, e allude a outro livro publicado em 1873 por Griesebach *Sobre a matrona de Ephese*, conto que já se acha em Petronio e se descobriu na China; não conhecemos esses estudos, que, segundo o sr. G. Meyer, se filiam nas tendencias que aspiramos a representar.

Quem não conhece alguma das fórmãs da lenda com que o povo explica as sombras da lua? Entre nós conta-se geralmente que na lua está um homem com um feixe de vides por castigo de as andar a cortar ao domingo. Todos os povos da terra explicam por mythos, com maior ou menor concordancia ou divergencia, aquellas sombras.

A tradição tem sido estudada varias vezes, por exemplo por O. Peschel num artigo da *Allgemeine Zeitung* (n.º 313, 1869), reproduzido nas suas *Memorias de geographia e ethnographia*, publicadas por Loewenberg (*Abhandlungen*, etc. Neue Folge, pag. 327-337). O signor Prato, que não sabe da existencia do artigo do deplorado ethnographo allemão, occupou-se do assumpto no *Preludio* (Ancona-Bologna, v., n.º 2) e numa folha avulso, reunindo muitos dados interessantes, entre os quaes uma versão nova popular de Livorno. Ao transcrever a nota de R. Koehler á versão agenense (em Bladé, *Contes pop. recueillis en Agenais*, p. 158-9), o signor Prato fundiu o titulo d'uma obra de Kuhn com uma de Curtze. Nos trabalhos de bibliographia a exactidão é uma condição indispensavel.

Além do artigo de Peschel não vemos citados nem pelo signor Prato, nem por Koehler, o maior conhecedor da litteratura tradicional, as seguintes obras em que a lenda se encontra:

Otto Sutermeister, *Kinder-und Hausmaerchen aus der Schweiz* (Aarau, 1873, 8.º), n.º 57 e nota, pag. 230; Brand, *Popular antiquities* (ed. 1877), III, 153-4; J. P. Hebel, *Alemannische Gedichte* (Aarau, 1859, 8.º), p. 36-38; P. Sébillot, *Contes des paysans et des pêcheurs*, n.º 64. Sutermeister e Brand indicam muitas outras obras, com que se pode completar a bibliographia da lenda, sobre a qual, ha ainda dados interessantes em *The archeological Journal* (London, 1848, 8.º), v., 66-67.

Do signor Mattia di Martino recebemos duas pequenas publicações, de que fallaremos a proposito d'outra hespanhola do mesmo genero, em

um futuro artigo. O doutor Giuseppe Bellucci, sympathico perugino que o congresso anthropologico de 1880 nos fez conhecer pessoalmente, envia-nos *Catalogo della collezione di amuleti inviata all' esposizione nazionale di Milano, 1881*. O signor Bellucci tem feito estudo especial das superstições relativas aos amuletos e já no congresso nos deu a conhecer alguns d'esses amuletos, provando-nos o emprego ainda vivo de fragmentos craneanos, repetição do das rodellas craneanas obtidas na epoca neo-lithica pela trepanação. A trepanação prehistorica foi estudada de modo muito completo por Broca numa memoria lida no congresso de Buda-Peste (*Revue d'anthropologie*, VI, n.ºs 1 e 2).

O uso dos amuletos em geral remonta ás camadas mais antigas das crenças humanas.

III

O estudo das tradições populares na Hespanha

1.

A Hespanha, país evidentemente riquissimo de tradições populares, é ainda hoje um dos mais mal explorados na Europa, nesse sentido; mas, como vamos vêr, ha boas razões para esperar que em breve nos seja accessivel, de modo assaz completo, o estudo d'essas tradições.

Reunido no *Romancero general* de Duran (2.^a ed. Madrid, 1849-51, *Biblioteca de autores esp.*, vol. X e XI,) quasi tudo quanto as antigas impressões tinham salvo da velha poesia epica popular da Hespanha, completado o trabalho de Duran por investigações posteriores, restava reunir o que d'aquella poesia existia na tradição oral para o comparar com as versões dos *Cancioneros*, *Romanceros* e *folhas volantes do seculo XVI*. Para a Catalunha deu exemplo nesta direcção Milá y Fontanals com o seu *Romancerillo catalan* (*Observaciones sobre la poesia popular, etc.*) e mais tarde Pelay Briz publicava as *Cansons de la terra* (1866-77); J. Amador de los Rios colligiu *romances asturianos*, mas das outras provincias lia muito pouco conhecido. A lyrica popular tem sido mais feliz, sem duvida pela sua maior frequencia e facilidade de a colligir. É bem conhecido o *Cancionero popular* de Lafuente y Alcantara (Madrid, 1863, 8.o,) a que podem juntar-se muitos outros productos lyricos da inspiração popular contidos em diversos volumes e publicações periodicas, alguns dos quaes abaixo mencionaremos. Citaremos (por as termos á mão)-as seguintes obras em

que ha romances que faltam em Duran: *Ueber eine Sammlung spanischer Romanzen in fliegenden Blaettern auf der Universitäts Bibliothek zu Prag*, von Ferdinand Wolf (Wien, 1850, 4.^o), e *Romancero del Cid*, nueva edicion etc., por Carolina Michaëlis (Leipzig, 1871, 8.^o). O riquissimo *refranero* hespanhol espera ainda um trabalho de colleccionação e organização que satisfaça as exigencias da sciencia, caso em que não está a volumosa obra de Sbarbi, como mostrou muito bem M. Morel-Fatio na *Zeitschrift fuer romanische Philologie* I, 447-453.

A colheita dos contos populares foi começada por catalães, que, se politicamente pertencem á Hespanha, pela lingua pertencem ao dominio do provençal. Milà y Fontanals, o sabio professor de Barcelona, autor de importantes trabalhos sobre a litteratura dos trovadores e a poesia epica medieval, inseriu alguns contos nas suas *Observaciones sobre la poesia popular* (Barcelona, 1853), livro que ainda não logramos vêr. Maspon y Labrós começou depois a publicação de *Lo Rondallayre, quentos populars catalans*. A distincta romancista que se assignava Fernan Caballero inseriu nalguns dos seus romances diversos contos populares, numa fôrma por vezes pouco genuína, os quaes F. Wolf traduziu em *Beitraege zur spanischen Volkspoesie aus den Werken Fernan Caballero's*, no Boletim das sessões da academia de Vienna, classe hist. phil. vol. XXXI, 133-218. Em 1866 saiu na *Collection de auteurs espagnoles* de Brockhaus (Leipzig) um volume de *Cuentos y poesias populares andaluces* colleccionados por Fernan Caballero, de que se fez em Madrid em 1877 nova edição, que ainda não vimos.

Não cabe aqui a menção de productos litterarios de autores, a quem apraz classificar-os com a designação de populares, como os *Contos* de Trueba, lendas e romances de muitos outros. Seja qual fôr o seu valor litterario e ainda que se baseiem sobre tradições populares, são de interesse inteiramente secundario para o ethnologo.

Não conhecemos volume algum hespanhol exclusivamente consagrado aos costumes, festas, e superstições populares ou a uma d'essas especies; não fallamos, está claro, das obras em que os costumes populares são apenas um pretexto para bordados e phantasias de litteratos. Naquelle genero ha muita coisa aproveitavel espalhada pelas publicações periodicas, etc.

Fôra em extremo conveniente organizar uma bibliographia das obras e artigos sobre as tradições de Hespanha, ou colligir em volumes o que anda tão espalhado. As revistas provincianas sobretudo, como *La Galicia*, *La Ilustracion gallega y asturiana*, devem ser especialmente exploradas. Uma das que dão mais ampla colheita é *La Enciclo-*

pedia, de Sevilha; esta revista tornou-se até o ponto de partida d'um consideravel movimento no sentido dos estudos de que nos occupamos, no reino vizinho.

Um dos collaboradores mais assíduos da *Enciclopedia* na secção especial nella inaugurada de litteratura popular foi Don Antonio Machado y Alvarez, que usa de *Demófilo*, como adequado *nom de plume*: é um mancebo cheio de zelo e enthusiasmo pelas tradições populares, infatigavel na propaganda dos seus sentimentos, mas a quem falta direcção scientifica: tem, porém, o respeito da genuina forma popular, que falta nalguns dos collaboradores da *Enciclopedia*, que evidentemente nos dão *rifacimenti* das narrativas populares. Alvarez esforçou-se com louvavel empenho por conhecer os trabalhos dos collectores e mythologos dos outros países; mas é evidente que os seus recursos bibliographicos são muito menores do que os de que dois ou tres investigadores em Portugal dispõem.

Entre os artigos dos numeros da *Enciclopedia* de 1880, que possuímos, citaremos: *De la poesia popular gallega*, *El juego de recotin-recoton*, *El garbancito*, *Dos romances tradicionales*, de Alvarez; e *Los trovos e Cinco contzucelos populares*, de F. Rodriguez Marin, e *Las saetas*, de Sbarbi, que offerecem todos muito interesse pelos materiaes.

Recebemos ha dois annos de Demófilo *Collecion de enigmas y adivinanzas en forma de diccionario* (Sevilha, 1880, 8.º peq. preço 3 pesetas), a que pelo genero juntamos dois opusculos que nos envia o signor Mathia de Martino, *Enigmes populaires siciliennes* (Paris, 1878, 8.º, 12 pp.) e *Indovinelli popolari* (Notto, 1882, 4.º, edizione di soli 60 esemplari). A collecção de Demófilo é a mais rica que conhecemos. Em verdade nem tudo nella é popular, mas a parte litteraria tem interesse e serve para esclarecer a popular. São muito valiosas as indicações bibliographicas com que o autor acompanhou a sua collecção. Em folhetins de *El Mercantil Sevillano* (1881) comparou Demófilo as *adivinanzas* hespanholas com as francesas, servindo-se para estas da bella collecção de Eugène Rolland *Devinettes* ou *Enigmes populaires de la France* (Paris, 1877, 12.º), a que um prefacio de Gaston Paris e ricas notas comparativas do collector dão um valor inestimavel. M. Rolland deu tambem nesse volume uma assaz completa bibliographia, a que saíram addições de H. Gaidoz na *Mélusine*, periodico destinado ao estudo das tradições populares, que infelizmente durou só um anno (1877). As seguintes indicações que as nossas leituras nos ministraram servirão para alargar o quadro d'essa bibliographia (é possivel que algumas d'ellas se encontrem num artigo sobre as *Devinettes* de Rolland que G. Pitré fez inserir numa revista italiana que não temos á mão):

—Milá y Fontanals, *Anciens énigmes catalans* em *Revue des langues romanes*, 1877, n.º 1.—G. Ferraro, enigmas em *Rivista de filologia romanza* II.—Enigmas diversos nas *Piacevole Notte* de Straparola.—Enigmas allemães em A. Schleicher, *Volksthüemliches aus Sonneberg* (Weimar, 1858) pp. 87-90.—Enigmas gaelicos em J. F. Campbell, *Popular tales of the Highlands* (Edinburgh, 1860), II, 394-409.—Sauvé, *Devinettes bretonnes* em *Revue celtique* IV, 60-103.—Diversos enigmas da Suissa (não de caracter verdadeiramente popular) em A. Godet, *Echos du bon vieux temps* (Neuchâtel et Genève, 1881, 4º).—Eugen Prym und Albert Socin, *Syrische Sagen und Maerchen* (Goettingen, 1881); o appendice n.º LXXXVI é formado por enigmas populares syrios.—Enigmas em creolo francês da ilha Mauricio, publicados por C. Baissac, *Étude sur le patois créole mauricien* (Nancy, 1880), p. 204-231; os negros chamam-lhes *sirandanes*.—Nós publicámos enigmas creolos de Cabo-Verde no *Boletim da Sociedade de Geographia de Lisboa*, nova serie, n.º 3, pp. 135-6, e enigmas de Portugal em *Zeitschrift fuer romanische Philologie* III, 1877.—Numerosos enigmas portuguezes reunidos por Th. Braga e J. Leite de Vasconcellos foram publicados na *Era Nova* I, 241-255 e 433-442.—Na *Mélusine* acham-se espalhadas varias devinettes e na col. 200 dá-se noticia d'uma collecção de enigmas populares serbos.—O *Archivio* de Pitré, *El Folklore andaluz*, de que vamos fallar, contribuem tambem para a litteratura dos enigmas populares, cujo interesse é consideravel para o ethnologo.—Os enigmas populares tem muitas vezes relações com os mythos; revela-se nelles a imaginação poetica espontanea e, como com os outros generos da litteratura tradicional, dá-se com este o facto de que os mesmos productos se encontram em diversissimos povos e em tempos diversos. As publicações de Demófilo e de Martino são pois bem vindas, como uma contribuição mais para os conhecimentos ethnologicos.

Um dos factos que a comparação d'essas diversas collecções de enigmas nos permite tambem afirmar, é que em muitos casos os productos d'esta especie, como outros que falsas theorias fazem considerar como genuinamente populares, tem origem puramente litteraria. Ouvimos ha annos na Foz do Douro o seguinte enigma do gallo:

Á meia noite—se levanta o francês;
Sabe d'horas—não sabe de mês;
Tem esporas—não é cavalleiro;
Tem serra—não é carpinteiro;
Tem picão—não é pedreiro;
Cava no chão—não acha dinheiro.

A origem litteraria d'este enigma é provada claramente pelo jogo de palavras *gallo* animal, e francês; o povo não sabe nada da Gallia. Pouco depois achámos nas *Noites* de Straparola (trad. franc.), contista fallecido em 1540, variante da seguinte forma:

Sur la minuict un se vient à lever,
Du tout barbu, et barbe ne fait croistre,
Notant le temps sans astres observer,
Portant couronne, et n'est ne roy ne preste;
Les heures chante et se sent résonner,
Esperonné ains que chevalier estre,
Il paist enfans sans femme rien avoir.
Bien est subtil qui le pourra savoir.

Nas *Devinettes* de Rolland (p. 28 ss. 153), nas *Adivanzas* de Demófilo (n.^{as} 465 ss.), no *Archivio* de Pitré (I, 407), ha outras variantes do enigma; mas em nenhuma das estrangeiras que conhecemos o *gallo* é chamado francês, o que prova para a portuguesa a transmissão litteraria.

Eis uma versão marchigiana, bastante completa (*Archivio* loc. cit.):

O Lisabetta cos'è st'animel;
Porta la bretta, e n'è un cardinel;
Porta la barba, e n'è un capuccin;
Porta'l baston, e n'è un pellegrin;
Ha du' pall', e n'è un cannonier;
Chiude i buch, e n'è um murador.

Mais uma vez se vê ainda, do nosso enigma, que é falsa a opinião dos que asseveram que o povo não repete coisas que não entende.

Á actividade de Demófilo se deve a fundação d'uma sociedade, tendo Sevilha por sede, destinada ao estudo das tradições populares da Andaluzia, a qual se constituiu em novembro de 1881 sob a denominação de *El Folk-lore andaluz*. *Folk-lore* é a expressão com que os ingleses significam as tradições populares no seu conjuncto, o *saber popular*: é uma expressão que designa pois com perfeita justiça o seu objecto, e não com desprezo, como tantas outras que ás vezes se applicam a essas tradições. A falta d'uma boa designação correspondente noutras linguas vae fazendo adoptar essa; em francês vemos até já a expressão, em verdade barbara, de *folkloriste*. A sociedade nomeou seus socios honorarios em Portugal os srs. Z. Consiglieri Pedroso, T. Braga, Antonio Carvalho Monteiro e o signatario d'este artigo. Ignora-

mos quem seja o sr. Monteiro, cujo nome, apesar das nossas investigações, não vimos figurar em publicação alguma relativa a *folk-lore*, que chegasse ao nosso conhecimento. Haveria equívoco da parte da sociedade andaluza, ou haverá simplesmente ignorância da nossa?

El Folk-lore andaluz é o título do órgão da sociedade, cuja publicação começou em março do corrente anno, e de que temos presente cinco numeros. Ha nelles muito interessantes materiaes para o conhecimento das tradições do reino vizinho, mas em geral muito fragmentarios: preferiamos artigos mais extensos, onde se reunissem numerosas peças do mesmo caracter ou genero. Algumas peças teem um valor muito subordinado, como os pregões modernos de Sevilha. Sob o ponto de vista scientifico, o nivel da revista está abaixo do que se desejaria. Os methodos scientificos de investigação no dominio das linguas e das tradições populares são lettra morta para uma grande maioria dos doutos de Hespanha. A erudição dos *folk-loristas* de Sevilha parece-nos demais em extremo fraca. Ora convem que todos os *folk-loristas* fixem como regra de proceder o principio enunciado já mais de uma vez de que não são obrigados a ser eruditos, a fazer notas comparativas; mas sim a colligir com a maior fidelidade as tradições populares e a publica-las de modo que facilitem as investigações dos eruditos especiaes que sobre ellas teem que basear os seus estudos comparativos, geneticos e historicos. Muito poucos podem accumular os dois officios. Se a um *folk-lorista*, que modestamente reuniu e ordenou com simplicidade e intuição do seu valor, as tradições de uma cidade, de uma provincia ou nação, sem commentarios, damos os nossos sinceros applausos, poderemos nega-los ao que, sem preparação sufficiente, se mette em especulações comparativas e mythologicas.

Quereriamos ver supprimidos de *El Folk-lore andaluz* os artigos do sr. Garcia Blanco, douto hebraista que em materia de glottologia está atrasado mais d'um seculo. As suas etymologias são por via de regra simples desconchavos. Um exemplo: «*Vulgo* es palabra hebrea, compuesta de dos: *goi*—gente, y *vol* o *vul*—*volver*, *revolver*, *tracr à rastra*; de suerte que *vulgo* es como decir *gente revuelta*, *descompuesta inculta*, *incola*, dicen los diccionarios, habitante del campo, gente inculta, *revoltosa*, *voluble* (*bol*, *bul*, *balal*), etc.». Qualquer diccionario hebraico diz-nos que *goi* significa *confluxus hominum*, *gens*, *populus*; emquanto á raiz *bol* ou *vul* temos duvida que exista em hebreu com a significação que o sr. Blanco lhe attribue; mas não somos hebraista; pôde ser que o escriptor hespanhol tenha seus fundamentos para a asserção; todavia d'um *bolgoi* ou *goibol* è que não cremos que elle nos possa provar a existencia em hebreu; e ainda quando a provasse, isso não provava nada para a etymologia do latim *vulgus*, a menos que

não se admitta a torre de Babel. *Vulgus* vem d'uma raiz indo-europea *varg*, que nada tem que ver com o hebreu; é o que admittem os discipulos de Bopp, de cuja existencia o sr. Blanco parece ter uma ignorancia absoluta. Em sanscrito, por exemplo, ha o thema *varga*, reunião, fileira de coisas, classe, ordem. Mas esse exemplo não é das mais phantasiosas explicações do philologo sevilhano. Eis uma outra mais curiosa.

Segundo o sr. Blanco, o *n* de *asin*, *asina*, originarios do latino *sic*, tem uma explicação muito facil, oriental, para quem saiba o que era o *n* nas linguas orientaes: chamava-se *nun*, e esta palavra era como quem dizia *augmento*; de modo que o vulgar andaluz *asin* ou *asina* vem de que os andaluzes, advinhando, sem duvida, por algum processo extraordinario que o autor não nos explica, apartam-se do *c* de *sic*, e do *t* e *u* de *sicut*, juntam ao *si* o *n* que vale por *nun*, que quer dizer augmento, para exforçar mais a idéa ou relação de similhaça! Lastimamos sinceramente que uma tão sympathica sociedade inserisse na sua revista taes erros.

A sociedade sevilhana serve de typo a outras sociedades que nas diversas provincias de Hespanha se vão formando para o estudo das tradições populares: é bom que o typo se aperfeçoe, reduzindo-se ao seu campo proprio.—colligir as tradições sem commentarios, nem philologias.

Juan del pueblo, Historia amorosa popular, ordenada e ilustrada por Francisco Rodriguez Marin (Sevilla, 1882, 8.^o), é um livrinho elegantemente impresso, obra de um infatigavel investigador do circulo sevilhano. Não discutiremos a forma de narração seguida que o sr. Marin entendeu convinha dar ao seu livro, em vez de limitar o seu trabalho a uma simples classificação e agradecer-lhe-hemos a valiosa collecção de coplas populares andaluzas que nos ministra, como amostra da vasta collecção de *Cantos populares españoles* que prepara.

Da *Coleccion de Cantos flamencos*, recojidos y anotados por Demófilo, publicação que interessa sob muitos pontos de vista, fallaremos a outro proposito.

Todas as publicações de que fallamos offerecem numerosos paralelos das tradições portuguezas. Sabia-se já que o nosso romanceiro quasi por inteiro viera da Hespanha; agora demonstra-se que grande numero das coplas lyricas, quasi todos, senão todos os jogos de rapazes, muitos ensalmos são communs aos dois povos peninsulares e, em geral, communs numa forma que pôde chamar-se peninsular, por opposição á forma com que as mesmas tradições occorrem fóra da peninsula. As explorações dos folk-loristas hespanhoes interessam-nos pois tanto como as dos nossos.

2.

Cantos populares españoles, recojidos, ordenados y ilustrados por Francisco Rodriguez Marín, 5 vols. 8.º, Sevilla, Francisco Alvares & C.ª editores, 1882-1883.

O movimento a favor do estudo das tradições populares, propagado até a Hespanha e Portugal ¹ continua desenvolvendo-se. No reino vizinho multiplicam-se as sociedades do *Folk-lore*, graças á energica iniciativa do sevilhano Antonio Machado y Alvarez. O jornal *El Folk-lore andaluz*, órgão da sociedade do mesmo nome, terminou no 1 volume, cujos primeiros cadernos aqui apreciei, sempre com as mesmas qualidades e infelizmente com os mesmos vícios; mas o essencial por emquanto, a reproducção sincera pelos typos d'um consideravel numero de tradições populares, é um serviço inquestionavel prestado pelo mencionado jornal. *El Folk-lore frexnense*, órgão da sociedade extremenha de Folk-lore, com a séde em Fregenal, provincia de Badajoz, passou a ser órgão commum d'essa sociedade e da andaluza com o titulo de *Folk-lore bético-extremeño*, revista que tem aproximadamente o caracter de *El Folk-lore andaluz*.

Entre as sociedades folk-loricas ² de mais recente fundação mencionarei a castelhana, que tem por presidente Nunes de Arce, e conta entre os seus membros muitos dos mais distinctos litteratos e professores de Madrid, e a toledana. A castelhana acha-se dividida em secções: litteraria, juridica, de bellas artes, botanica, zoologica, mathematica, etc., etc. É mister não distender tanto o folk-lore pelas secções que pertencem ao dominio da verdadeira sciencia, sob pena de o desacreditar pelo exagero.

¹ Vidé neste jornal [*J. do Commercio*] os artigos sobre o estudo das tradições populares em Italia (n.º 8:656), na Hespanha (n.º 8:680), na França (n.º 8:715) e em Portugal (n.º 8:706 e 8:726). Não fallei da litteratura popular rumenica, cujos productos me são quasi inacessiveis. A obra de M. Gaster, *Litteratura popular romana* (Bucuresci, 1883), é a mais importante sobre esse assumpto.

² O termo *folk-lore* e os seus derivados parecem ter recebido de vez o direito de cidade em a nossa peninsula. E porque não? Vale elle menos que o termo *thahweg*, por exemplo, que nenhum engenheiro hesita em empregar? Os allemães não repellem o termo, como eu vejo em um artigo, entre outros, do dr. Gustavo Meyer de Graz, na *Allgemeine Zeitung*.

Não confundamos as ingenuas crenças do povo com a sciencia. Que terá que fazer, por exemplo, uma secção de saber popular geologico?

A collecção de D. Francisco Rodriguez Marin, um joven advogado de Ossuna, de que já aqui annunciei um pequeno escripto folk-lorico, *Juan del Pueblo*, é por emquanto o mais consideravel producto do movimento recente dos hespanhoes a favor das suas tradições populares. Essa collecção, pela riqueza dos materiaes e sinceridade da reproducção, vem tomar um digno lugar ao lado das mais importantes dos outros povos. O collector está apenas no começo dos estudos comparativos e num país onde os methodos rigorosos das investigações da glottologia e da litteratura comparada são ainda quasi inteiramente desconhecidos; mas é novo, intelligente, de rara modestia e ardente fé; diz-nos que ao cabo da sua primeira empresa é que lhe affluiram os materiaes para os estudos comparativos; ha pois as maiores razões para esperar que a parte comparativa das suas ultiores publicações seja muito superior á dos *Cantos españoles* e sobretudo que alguns erros que se acham nas suas notas não se reproduzam nos livros futuros do collector.

Custará sem duvida aos discipulos do sr. Garcia Blanco, o celeberrimo hebraista, escapar inteiramente á influencia de tal mestre; mas ainda que lhe seja doloroso faze-lo, é mister praticar o acto de coragem. Com franqueza—o sr. Garcia Blanco é um fossil philologico, uma pura curiosidade de outros tempos. É deixa-lo em paz, e estudar Diez e sua escola, Bopp e seus discipulos e os outros verdadeiros mestres da sciencia. *Time hominem unius libri*. O sr. Garcia Blanco que acha tudo na Biblia, até os ciganos, é de se lhe fugir a vapor.

Da insufficiencia da informação do Sr. Marin resultou, por exemplo, reproduzir o denominado *Canto de Lelo*, sem dizer que esses versos em que se quiz vêr um antiquissimo canto iberico, são apenas uma falsificação moderna, como o canto de Altabiscar, etc. Depois do que sobre o assumpto escreveram Bladé, Vinson e outros, a questão está liquidada. De proposito começo pelo lado criticavel da obra para não ter no resto senão que louvar. Feitas essas reservas, é de justiça dizer que as notas conteem muita doutrina e materiaes uteis.

Emquanto ao texto, ao que respeita propriamente a colleccionação, os nossos leitores farão idéa exacta pela seguinte *estatística*, que extraio do post-scriptum de Demófilo á obra e que indicará ao mesmo tempo a divisão d'ella; 41 nanas (cantos de berço), 204 rimas infantiles, 697 adivinanzas, 25 pegas, 105 oraciones, ensalmos y conjuros, 598 requiebros, 337 declaracion, 937 ternezas, 282 constancia, 183 serenata y despedida, 138 ausencia, 109 celos, quejas y desaveniencias, 91 odio, 359 desdenes, 671 penas, 31 reconciliacion, 29 matrimonio, 539

teoria y consejos amatorios, 56 carino y penas filiales, 183 religiosas, 348 sentenciosas y morales, 87 fiesta y baile, 14 columpio, 456 jocosos y satiricos, 624 estudantes, etc., 113 carcelarios, 38 historicos, 280 locales y 43 varios. As notas conteem mais de 800 variantes e uns 160 ou 180 cantos gallegos, asturianos, catalães e malhorquinhos. A numeração da obra sobe até 8:174. E apesar d'essa riqueza o collecter diz-nos ainda ter para publicar mais de 11:000 cantos. É mister observar que esses cantos são geralmente curtos, em grande numero simples quadras ou tercetos. Faltam os cantos épicos.

O primeiro volume contém a parte mais interessante da obra sob o ponto de vista da tradição: é nelle que encontramos em geral o que tem mais fundas raizes no passado: os jogos e rimas infantis, as adivinhas e os ensalmos. Os parallelos com as tradições portuguezas offerecem-se numerosos, e não escasseam com as de outras nações. Eis alguns exemplos.

Na Andaluzia os rapazes dizem as seguintes palavras rapidamente fazendo riscos num papel correspondentes a uma ou duas syllabas, que no fim são contadas:

Quince son quince,
Quince, quince, quince,
Quince son quince,
Quince, quince son.

Na Catalunha ha exactamente o mesmo jogo e com as mesmas palavras. Em Portugal diz-se:

Una, una, una,
Una, duna, tena,
Eram dois irmãos,
Mataram duas rezes,
Depois d'ellas mortas
Contaram vinte e tres.

Na Silesia ha um jogo correspondente:

Eins, zwei, drei
Firlerfirlefei
Firlefirle firlefirle firlefirlefei
Wer kan zwanzig zaehln, zwanzig stehn da.

Na Sicilia :

Unu, dui e tri
Fila, fila fa,
Fila, fila, fila
Fila, fila fa,
Te ren fan sin ze len ca
An sche, ten sche
Anali da.

Na Suissa:

Quinze font quinze; je parirais bien quinze
que quinze font quinze. Comptez les y
voilà (= 15 mots).

Nos *Cantos populares do Brazil*, colligidos pelo sr. dr. Sylvio Romero, ha um em que se trata de um casamento, para cujo enxoval cada um de diversos animaes dá uma peça:

— Velha bizunga,
Casai vossa filha,
P'ra termos um dia
De grande alegria.

— Eu, minha filha,
Não quero casar,
Pois não tenho dote
Para a dotar.

Saiu a *Preguiça*
De barriga lisa.
— Case a menina,
Que eu dou a camisa.

Depois figuram a cabrita, o veado, o cabrito, o bezouro, a cachorra, a trahira (pequeno peixe), o coelho, etc.

Publicarei brevemente uma versão elvense d'esta tradição, que diverge da brasileira para se aproximar da andaluza, da collecção que examino. Esta começa da seguinte fôrma:

La purga y er piojo
Se quieren casá;
Por farta de trigo
No lo han hecho ya

Arrunrun

Que delarma'rrunrun.

Salió una jormiga,
De su jormigá:
—Hágase la boda;
Yo daré un costá.

Nas *Rimes et jeux de l'enfance*, volume publicado em 1883, diz E. Rolland:

«De todas as partes do Folk-lore aquella cujas origens mais difficilmente se desvendarão é a litteratura das rimas e jogos que as crianças se transmittem desde os tempos mais afastados, que é a unica que as diverte, a unica que convenha ao seu desenvolvimento mental, e que differe tão completamente do que os nossos pedagogos utilitarios querem a toda a força ensinar-lhes. Não se explicará a genese da tradição infantil senão quando cada povo tiver recolhido a sua».

Felizmente, apesar do riso estolido de muitos que são incapazes de comprehender certa ordem de questões, as collecções da litteratura dos jogos e rimas infantis multiplicam-se. Eu dei já um pequeno volume de *Jogos e rimas infantis portuguezas* e tenho uma larga collecção inedita que em breve verá a luz. A França possui o volume citado de Rolland, a Allemanha e a Inglaterra possuem diversas collecções, principalmente a primeira; a Italia offerece-nos varias collecções coroadas ha pouco pelo abundantissimo volume de Giuseppe Pitré, *Giuochi fanciulleschi*, vol. XIII da sua *Biblioteca delle Tradizioni popolari siciliane*.

Clemencin deu nas suas notas ao D. Quijote o seguinte ensalmo contra as dôres de dentes:

A la puerta del cielo
Polónia estaba
y la Virgen María
allí pasaba.
Diz: «Polónia ¿qué haces?
Duermes ó velas».
—Señora mia, ni duermo ni velo,

que de un dolor de muelas
me estoi muriendo.—
— Por la estrella de Venus
y el sol poniente,
por el Santísimo Sacramento
que tuve em mi vientre,
que no te duela mas ni muela ni diente.

Marin reproduz da tradição esse ensalmo apenas com as seguintes ligeiras modificações: verso 4: La consolaba; verso 13: Que estuvo en mi vientre. R. Köhler reuniu na *Germania* XIII (I) 178-184 numerosas versões do mesmo ensalmo, das quaes uma deriva de um manuscrito italiano do seculo XIV. Numa sentença inquisitorial do seculo XVII (*Ethn. port., Crenças e costumes populares*, n.º 304) encontra-se uma versão muito pobre da oração de Santa Apolonia.

Na mesma sentença ha uma oração a Santo Antonio, para achar as coisas perdidas, que tem parallelos nos *Cantos esp.* (n.ºs 1:057 a 1:059).

É conhecidissima em toda a Europa a oração dos anjos, de que Marin dá variantes (1:029-1:033); eis uma d'ellas:

A'costarme voy
Aquí en mi cama;
Nueve ángeles me la guardan;
Tres á los piés,
Tres á la cabecera,
Tres á los lados.
La Virgen María está'mi costado
Y me dice:—Duerme,
Descansa, reposa
Y no tengas miedo de ninguna cosa.

Nós publicámos versões portuguezas na *Romania* (III, 267) e na *Zeitschrift* de Gröber (III, 149).

Na *Germania* (XI-435-45) de Pfeiffer ha um estudo de Köhler sobre a oração, e no vol. XII, 234-236 addições de Maurer. Um novo estudo do primeiro foi inserto no *Jahrbuch* de Lemcke VIII, 409-417. Temos notadas numerosas versões, dadas a conhecer em obras posteriores a essas publicações, por exemplo na *Mélusine*, I, 308, 390 (cf. 390); *Rivista de filologia romanza* II, 208; Bernoni, *Preghiere popolari veneziane*; J. v. Zingerle, *Usos e costumes do povo tirolês*, pag. 235; *Revista celtica*, v, 180.

Köhler cita as observações do professor Paganini que tornam verosímil que a oração fosse redigida por um franciscano de Pistoia e que franciscanos a tornassem conhecida fóra de Italia.

Marin dá o seguinte responso por pessoa que se ausenta (n.º 1:068):

Con er belo del Espirito Santo seas cubierto;
Que no seas preso ni muerto,
Ni de mala persona perseguido,
Ni de mala jo hezido.
Er Señó te dé tan gúena guia
Como se la dió á la Birgen María
Desde la casa de Belen
A la de Jerusalem.
Y te yebe y te traiga con bien
A tu casa. Amén.

O collector cita uma tradição portuguesa semelhante, que eu publiquei no *Jornal de Groeber* (III, 193); mas a seguinte que dei na *Romania* (III, 268) offerece mais intima relação com a hespanhola:

Fulano (o nome da pessoa) foi para fóra;
Anel de Santa Helena
Levou por gloria;
O manto de Nosso Senhor Jesus Christo
Levou coberto.
Fulano, Deus te crie e Deus te salve
E te livre de teus inimigos,
Mortos e vivos.
Olhos tenham e não te vejam;
Bocas tenham e não te fallem;
Mãos tenham e não te offendam;
Pés tenham e não te alcancem.
Fulano tu faça-la ida que fez
O Filho da Virgem Maria
Da Santa casa de Belem
Para a de Jerusalem.

Eis uma tradição similar d'uma tribu turca da Siberia:

Chegue até a ti o olhar do Senhor!
Deite sobre a tua cabeça o velho a sua benção!
Chegue até a ti o olhar do alto Deus!

Deite sobre a tua cabeça o homem grande a sua benção!
 Seja o teu lar rico em cinzas!
 Mais numerosa que a ovelha com seus cordeirinhos
 Seja a tua posteridade!
 Esteja festiva a terra em que tu passares!
 Mais numerosa que a da ovelha seja a tua posteridade!
 Seja ella como as hervas do prado e gomos das arvores!

Brilhe a lua diante de ti!
 Brilhe o sol por detrás de ti!
 Seja a tua casa sobre a collina!
 Paste o teu gado na montanha!

As composições que se acham reunidas nos volumes II a IV merecem um estudo detido, que não cabe nos limites do folhetim. Esse estudo devia ser comparativo, psychologico e genetico, e como tal exigiria, primeiro que tudo, largo conhecimento das coplas lyricas populares de todos os povos europeus, e especialmente dos povos romanicos. Existem já materiaes para um tal estudo, mas acham-se muito dispersos, e além d'isso as investigações preliminares são ainda muito escasas. O que passo a indicar é apenas uma serie de observações soltas que tenciono desenvolver num estudo ligado sobre a materia.

Um grande numero de coplas amorosas são communs a Hespanha e a Portugal, embora diversas, por vezes, na forma.

Exemplo:

¿Cual de los dos amantes
 Tendrá más pena
 El que se ausenta libre
 O el que se queda?
 El que va de camino,
 Va caminando;
 Y el que se queda, queda
 Siempre pensando.

Tomára que me dissesses
 Onde a pena mais s'augmenta,
 S'em coração de quem fica,
 Se nalma de quem se ausenta?
 Onde a pena mais s'augmenta
 E' no peito de quem fica;
 Quem se ausenta logo acha
 Amor's com quem se divirta.

O sr. Marin indicou bom numero d'esses parallelos, servindo-se das collecções portuguezas; e maior numero poderá indicar-se, quando o sr. A. Th. Pires tiver publicado a larga collecção de quadras do Alemtejo, que começou a dar na *Sentinella da Fronteira*, e tenha saído a lume o *Cancioneiro do archipelago da Madeira*, do sr. Alvaro Rodrigues de Azevedo.

Em muitos casos o parallelismo pôde explicar-se por empréstimo directo; noutros haverá coincidência determinada pelo mesmo estado psychologico. Conclue-se que é difficilimo destrinçar os dois casos.

O sr. Schuchardt publicou no *Folk-lore andaluz* um artigo sobre a similhança entre os cantares alpinos e os cantares andaluzes. O engenhoso professor de Graz dá, entre outras, a seguinte traducção de um canto dos Alpes allemães e o seu correspondente hespanhol:

Si yo fuera cazador
Tiraria una paloma
De aquellas con ojos negros
E con megilitas rojas.

Em Lafuente:

Si yo fuera cazador
Y tuviera una escopeta
Cazaria una perdiz
De las que gastan peineta.

Schuchardt observou no citado artigo que nos povos meridionaes, como entre os habitantes do país de Galles, se encontra a copla de quatro versos como forma verdadeiramente popular da poesia improvisada. É um facto hoje reconhecido, e que tem servido de partida para interessantes investigações sobre o desenvolvimento das estrophes populares. Na Grecia, o disticho resultou da fusão de quatro versos dois a dois, de oito e sete syllabas (8 a, 7 b, 8 c, 7 b). Na mais antiga poesia hespanhola de forma lyrica observa-se um facto similar, como já F. Wolf observara. Num poema do seculo XII, a *Disputa da alma e do corpo*, que é uma traducção do francês, a parelha obtem-se pela fusão de quatro versos em dois:

Mesquinho mal fadado! — tan mal hora fuest nado
Que tu fu tan rico — agora eres mesquino.

D'ahi resulta o facto da rima ser interior.

O metro e o rythmo variam: na Italia prefere-se o endecasyllabo, entre nós e na Hespanha, etc., o octosyllabo com o ultimo accentto na setima, mas com liberdade com relação à posição dos outros accenttos. No Friul ha tendencia para seguir o principio da alternacão regular dos accenttos, o que é o principio rythmico na poesia germanica.

Pela reducção dos dois primeiros versos da quadra a um só, ou pela simples suppressão do primeiro, produz-se o terceto popular. Exemplos:

a. Ya se murió mi madre;
¡Qué dolor de madre mia!
¿Donde encontraré otra madre
Como la que yo tenia?

Se murió la madre mia,
Ya no hay en er mundo madres;
¡Madre, la que yo tenia!

b. Er que quiere á una flamenca
Y sin motivo la orbia,
Es que tiene mala sangre,
Ó la bergüensa perdía.

Er que quiere y luego orbia,
Ó tiene mardita sangre
Ó la bergüensa perdía.

c. Es mas grande mi querè
Que la boluntá e Dios,
Porque Dios no te perdona
Lo que te perdono yo.

Tengo mas poé que Dios
Porque Dios no te perdona
Lo que te perdono yo.

Na maioria dos casos é evidente que o terceto representa o typo derivado, porque a idéa se exprime nelle d'um modo mais imperfeito, que na quadra correspondente. E' quasi desnecessario dizer que em muitos casos o terceto faz desaparecer a quadra de que nasceu e que elle até se constituiu em typo independente. Na poesia italiana, o terceto dantesco, como mostrou Schuchardt, nasceu do *rispetto* ou estro-

phe de quatro versos. Nalguns casos póde restabelecer-se uma quadra d'um terceto.

Ao lado das estrophes de quatro versos octosyllabicos (com ultimo accento na setima) ha na collecção do sr. Marin numerosas quadras em que alternam os versos de sete syllabas (com o ultimo accento na sexta) e de cinco (com o ultimo accento na quarta).

Amor es como um pleito
Que se defiende
Y con vista y revista
Suele perder-se.

Estas estrophes desenvolvem-se com frequencia em estrophes de sete versos, dos quaes os tres ultimos mostram em geral com perfeita clareza que são addições, com character de estribilho, que nada accrescentam d'essencial á idéa expressa na quadra que forma a base.

Exemplos:

Tus ojos no son ojos
Que son saetas:
Cada vez que me miras
Me dejas muerta.
Mira-me mucho,
Que ya que muera, quiero
Morir á gusto.

La cosa que yo quiero
Mas que a mi vida
Son tus dos ojos negros
Que me asesinan.
He de mirar-te
Y con tal que me mires,
Aunque me mates.

No te muerdas los labios
Que es mal maña,
Y le quitas al oro
La filigrana.
Y si le quitas
La filigrana al oro,
No estás bonita.

Como se vê, esses versos addiccionaes são como que um commentario ou um corollario da quadra fundamental, mas esse não é sempre o caso; muitas vezes são elles apenas uma variante, ou uma repetição tautologica dos versos da quadra.

Exemplo:

Esse lunar que tienes
Junto á la boca
No se lo des á nadie,
Qué a mi me toca.
Junto a la nariz
No se lo des nadie
Qué me toca a mi.
(ou Que ese es para mi).

A la mar que te vayas,
Querido Pepe,
A la mar que te vayas
Me voy por verte.
Moreno mio,
Ala mar que te vayas
Me voy contigo.

Cerrado está el convento
Que adoro e miro:
Dentro está la paloma
Por quien suspiro.
Convento santo!
Dentro está la paloma
Por quien yo canto!

Si per mi sales, luna,
Luna, no salgas,
Que esta noche no tengo
Que pelar paba.
No salgas, luna,
Que esta noche no tengo
Paba ninguna.

Si los besos de anoche
Lunares fueran,
Tuvieras en tu cara
Dos mil docenas.

Fueran lunares,
Tuvieron en tu cara
Dos mil millares.

O processo de composição d'essas estrophes é illustrado pelo facto de que algumas das quadras figuram independentemente; assim canta-se tambem:

Si los besos de anoche
Fueran lunares,
Tuvieras en tu cara
Diez mil millares.

A independencia, e portanto a anterioridade da quadra fundamental, prova-se ainda com a existencia de estribilhos diversos para uma mesma estrophe. Assim a seguinte:

El confessor me ha dicho
Que no te quiera
Y yo le dije: Ay padre,
Si usted la viera!

apresenta-se com alguns dos seguintes estribilhos:

Es tan bonita,
Que solo em mirarla
Las penas quita.

Es tan bonita,
Que las animas muertas
Las resucita.

Y ayer me dijo:
—Haces bien en quererla,
Que ya la he visto.

Y el religioso,
Apretando los dientes,
Cerró los ojos.

O processo que examino é o mesmo pelo qual nos *cantes flamencos* ou cantos dos gitanos andaluzes uma *cuarteta* se alarga em *siguidya*:

Exemplo:

Quadra:

Hermana Malena,
Dile á Pae Bastian
De que me traiga um confesorsito,
Que quiéro confesá.

Seguidilha de 7 versos:

Hermana Malena,
Dile al pae Bastian
De que me traiga um confesorsito,
Que quiéro confesá.
I dile al pae Diego
De que me traiga um confesorsito,
Confesar-me quiéro.

Esses versss addicionaes apresentam-se, pois, na maioria dos casos como parasitas das quadras fundamentaes, o que não tira ás estrophes compostas o character da graça e elegancia. Descobrem-se, de mais, processos similares na poesia popular de muitas outras nações; é evidente que a esses processos devemos os typos das composições de character popular que se encontram nos antigos cancioneiros portuguezes descobertos na Italia e publicados por Erneslo Monaci.

Marin offerece-nos a seguinte quadra:

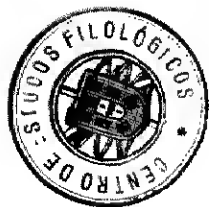
— Que tienes en ese pecho,
Que tanto trasmina y huele?
— Albahaca de las Indias,
Mata de romero verde

que se converte numa estrophe de sete versos de metros diversos alternados:

— Que tienes en el pecho,
Que tanto huele?
— Azahar de las Indias,
Romero verde.
— Que huele tanto?
— Azahar de las Indias
Romero blanco,

a qual é comparavel de perto, pelo seu artificio, com varios dos referidos antigos cantos portuguezes e com varias serranilhas que o nosso grande poeta dramatico e profundo conhecedor do povo, Gil Vicente, incluiu nas suas composições, taes como a seguinte:

— D'onde vindes filha,
Branca e colorida?
— De lá venho, madre,
De ribas de um rio;
Achei meus amores
Num rosal florido.
— Florido, enha filha,
Branca e colorida.
— De lá venho madre,
De ribas de um alto;
Achei meus amores
Num rosal granado.
— Granado, enha filha,
Branca e colorida.



Como se explicará essa similhaça de typos? Por emprestimo, por origem commum ethnica, ou por identidade dos mesmos processos espontaneos? A monomania ethnica foi até querer explicar a origem d'esses typos de cantos de character popular por uma origem em determinada raça humana, sem temer o riso dos que teem alguma idéa séria do que seja ethnologia e historia da poesia popular; mas o facto d'esses typos se reproduzirem espontaneamente e a muita distancia no tempo e no espaço prova-se com documentos, como os que nos ministra a poesia popular hespanhola. A' psychologia popular e á historia da musica popular é que devemos ir buscar a explicação d'esses phenomenos.

A lyrica popular tem em geral curto alento. A's idéas e sentimentos que nella se exprimem offerecem um quadro sufficiente, na grande maioria de casos, a estrophe de quatro versos; muitas vezes até esse quadro é já de si largo de modo que é mister adoptar versos bordões, repetições de palavras ou de versos para conseguir encher o quadro. Quando a lyrica popular quer ir além dos limites do quarteto, o que succede principalmente em virtude da influencia da musica, recorre normal e espontaneamente aos expedientes do genero dos que indiquei.

« Forte mania, diz alguns Victor Hugo, é essa de ir buscar no Nilo as fontes do regato que corre á nossa porta! »

Eis ainda, para terminar, uma *serrana* flamenca que sae de uma quadra que se encontra independente, e cujos versos indico com o italico:

Por la Sierra Morena
Bienen bajando
Unos ojitos negros
De contrabando.
Bajando bienen
Unos ojitos negros
Muerto me tienen.

Eis agora duas estrophes de uma composição do *Cancioneiro da Vaticana*:

Mha irmana fremosa,
treydes commigo
a la egreja de Vigo
hu é o mar salido,
e miraremos las ondas!
Mha irmana fremosa
treydes de grado
a la egreja de Vigo
hu é o mar levado,
e miraremos las ondas!

Se eliminarmos os estribilhos inicial e final, deixando apenas o inicial da primeira quadra, teremos uma estrophe de sete versos semelhante ás andaluzas que examinei e com o mesmo artificio de algumas nas repetições:

Mha irmana fremosa,
treydes commigo
a la egreja de Vigo
hu é o mar salido;
treydes de grado
a la egreja de Vigo
hu é o mar levado.

A bella collecção do sr. Marin offerece, como se vê, materia para observações muito interessantes, e é mister observar que toquei apenas nalguns pontos que respeitam á forma. O estudo dos assumptos mesmos d'esses cantos levar-nos-hia longe.

IV

O estudo das tradições populares em Portugal

1.

Z. Consiglieri Pedroso, *Contribuições para uma mythologia popular portugueza*. Fascículos I-VI. Porto, 1880-1881. 8.º — Idem, *Tradições populares portuguezas* (continuação da collecção precedente). Fascículos VII-XII. Ibidem, 1881-1882. — Idem, *Mythographia portugueza*, 1 fascículo sem data. — Idem, *Ensaaios criticos*. Fascículos I-III. Ibidem, 1880-1881. — *Portuguese Folk-tales* collected by Consiglieri Pedroso, and translated from the original ms. by Miss Henriqueta Monteiro. With an Introduction by W. R. S. Ralston, M. A. London, published for the Folk Lore Society by Elliot Stock. London, 1882, 8.º.

A série de trabalhos que acabamos de indicar e cujo conjunto daria um bom volume em oitavo, demonstra o zelo com que de ha tres annos para cá se tem applicado ao estudo das tradições portuguezas, e ainda das tradições comparadas, o sr. Consiglieri Pedroso. Parte d'esses opusculos, reproduzidos, com excepção da publicação em inglês, da revista portuense *O Positivismo*, foi já apreciada favoravelmente por autoridades competentes do estrangeiro.

Como o autor se aproveitou d'aquelle meio de publicidade que se lhe offercia, e começou a publicação quasi no começo da colheita, os fascículos apresentam naturalmente inconvenientes emquanto á distribuição da materia, que augmentam e se tornam mais sensiveis ao passo que o seu numero cresce. As repetições tornam-se tambem inevitaveis; os fascículos intitulados *Superstições populares* (varia), são os que exigem mais trabalho prévio de quem os quer aproveitar para os seus estudos comparativos. Não podemos todavia deixar de agradecer ao autor, mesmo nesta forma provisoria, os excellentes materiaes, para o estudo das nossas tradições que elle nos offerece, desejando que possa um dia fundi-los numa obra regular. Emquanto essa obra não vem, podia o autor atenuar os inconvenientes da publicação, organizando de tempos a tempos indices alphabeticos da parte já publicada.

O fascículo 1 das *Contribuições* occupa-se de *As superstições populares na legislação religiosa*; com esse trabalho e investigações proprias organizei um digesto alphabetico que foi publicado no *Boletim da Sociedade de geographia*, 2.ª série, n.º 6. Pouco resta a accrescentar a este capitulo do estudo das nossas tradições. O sr. Leite de Vasconcellos deu-me noticia da existencia de umas constituições synodales mais antigas que as de Coimbra de 1521.

O II fascículo intitula-se as *Bruxas na tradição do nosso povo*. Aqui o autor começa a dar-nos algumas notas comparativas intermitentes, que se encontram também nos fascículos III (*Algumas superstições e crenças populares relativas á noite e ao dia de S. João*), VII (*O lobis-homem*), IX (*As mouras encantadas*), e XI (*O Diabo*), sendo menos incompleto na parte comparativa o n.º X. Os fascículos IV, V, XII e XIII (*Superstições populares*) e o VI (*As superstições populares num processo da Inquisição*), que é um extracto do processo do celebre feiticeiro Luis de la Penha, queimado pela inquisição d'Evora em 1626, não contém parte comparativa.

Do exame d'essas notas comparativas vê-se que os conhecimentos do autor em tradições comparadas (admittindo mesmo que elle quis apenas dar-nos amostras) são ainda muito fragmentarios; não parece até que elle tenha estudado ao menos convenientemente o que para as tradições portuguezas ministram as obras nacionaes. Assim o A. no fascículo I falla-nos dos «medicos populares dos seculos XVII e XVIII» como fonte para o estudo das nossas superstições; se o autor tivesse visto esses medicos, de que só mais tarde cita um, não os chamaria populares, porque elles se apresentam carregados de prodigiosa erudição, e não escreveram para o povo. Se o seu espirito não se elevava acima das superstições do seu tempo, isso dependia das condições da sciencia da epoca, e não era só entre nós que se escreviam sabios tratados sobre o quebranto, o mau olhado; no seculo XVII defendia-se ainda uma these (pelo menos) na universidade de Strasburgo sobre o mesmo assumpto com toda a gravidade. Quem conhece os processos de feitiçaria, de possessão demoniaca, tão numerosos em quasi toda a Europa naquellê seculo, sabe com que enorme camada de erros o espirito scientifico teve que lutar. Esses medicos eram tão pouco populares quanto o são os modernos espiritalistas que pretendem elevar as velhas superstições á altura d'uma sciencia.

Na *Mythographia portuguesa*, p. 18, traslada o A. uma interessante lenda de dois ferreiros, que atiravam o unico martello que possuíam um ao outro, de monte a monte. O sr. Th. Braga dêra já uma versão minihota da lenda nas *Epopéas mosarabes* p. 102-3, a que o sr. Pedroso não allude, classificando a lenda entre as que «não teem fundamento historico, mas se formam para explicar um certo e determinado phenomeno physico». «Os dois ferreiros, diz-nos elle, eram gigantes, porque só assim podiam ter força para arremear o martello a tão grande distancia. Um dia zangou-se o Jerumello (nome de um d'elles), com o companheiro, e atirou-lhe o martello com tanta violencia, que, desencabando-se este no ar, foi cair o ferro na encosta do Monte Mello, e logo d'ahi brotou uma fonte de agua ferrea; e o cabo, que era de ma-

deira de zambujo, foi espetar-se na terra, a mais de dois kilometros de distancia, reproduzindo-se um zambujo, que deu o nome a uma povoação que fica a quatro kilometros dos referidos montes, e que por isso se chama hoje Zambujal. No cimo do Monte Mello vêem-se ainda agora umas ruínas, que são da forja de um dos ferreiros».

A lenda não se formou naquella local; adaptou-se a elle, desenvolveu-se, como tantas outras, sobre particularidades topographicas. Bastava a versão do Minho para o provar. Mas é ella de formação ao menos portugueza? O sr. Th. Braga olha-a como um vestigio da lenda do ferreiro Veland; mas nella ha *dois*, não *um* ferreiro. Essa lenda é distincta da nossa, que é apenas um reflexo da dos dois gigantes ferreiros, que circula na Alemanha em numerosas versões, e que J. Grimm, A. Kuhn e outros estudaram. Eis uma versão westefalense:

«Perto de Ruespe, ao sul de Ober-Hund, vêem-se os vestigios de um velho castello, em que outr'ora habitou um gigante; a cerca de meia hora d'alli habitava num monte, em Wittgenstemisch, outro gigante; eram ambos ferreiros. Tinham um só martello: quando um se tinha servido d'elle, atirava-o ao outro».

Noutras versões apparecem alguns dos outros elementos da bella versão publicada pelo sr. Pedroso. É evidente que não pôde dar-se um passo fóra da simples colleccionação sem um estudo desenvolvido dos trabalhos dos mythologos allemães.

O numero X (*O homem das sete dentaduras*) occupa-se da conhecida tradição do demonio meridiano. Conheciamos a tradição das *horas abertas*, do perigo da hora do meio dia, em que se apanha ar mau, em que andam no ar maus espiritos; mas não encontramos nunca em a nossa tradição a lenda clara do demonio meridiano; o sr. Pedroso diz-nos que no Algarve se crê que apparece ao meio dia uma coisa má, chamada o homem das sete dentaduras, que devora quem encontra, etc. É, apparentemente, o unico vestigio claro do demonio meridiano; o resto refere-se á tradição das horas abertas, horas em que os maus espiritos estão em liberdade e da qual o demonio meridiano é uma particularização.

O sr. Pedroso publica uma tradição do *entreaberto*, que segundo lhe communicou o sr. Th. Braga, apparece (na crença popular) nos Açores ao meio dia. O sr. Th. Braga contou-nos o caso de modo diverso ha annos, tal qual o referimos em a nossa *Revista de ethnologia*, p. 184, a que se refere o sr. Pedroso. Este poderia ter alli visto, ou no *Almanach Açoriano* para 1868, que, cremos, teve á mão, que os entreabertos nada teem que ver com a tradição inerdiana. É mister ter as maiores precauções com relação ao que nos contam as pessoas eruditas, em cuja memoria se confunde o que leram com o que ouviram

da tradição popular. Outras particularidades reunidas pelo sr. Pedroso não teem ainda nada que ver com a tradição meridiana. «É crença que no dia de S. Bartholomeu (24 de agosto) anda o demonio solto, do meio dia para a uma hora». Ouvi sempre essa tradição sem a menção da hora; que evidentemente passou para ella por influencia da tradição meridiana. A fixação do dia de S. Bartholomeu bastaria para mostrar ao sr. Pedroso que aquella superstição nada tem que ver com a hora meridiana, excepto por influencia secundaria. É conhecida a significação mythica do dia de S. Bartholomeu, e as lendas que se lhe ligam noutros povos explicam claramente a nossa do diabo ás soltas. Demonstrarei isso se aqui chegar a resumir um estudo inedito sobre a mythologia asturiana ¹.

Particularmente interessantes são os dados comparativos que o sr. Pedroso nos dá, com relação ás tradições slavas. O A. dedica-se ao estudo do russo e das outras linguas da mesma familia, apropriando-se assim da chave de riquissimos thesouros mythologicos, fechados até á maior parte dos mythologos da propria Allemanha. O que elle nos dá d'essa mina é ainda muito pouco; mas faz-nos esperar que realizará em breve os nossos desejos de nos dar em portuguez tudo ou quasi tudo o que na tradição slava sirva para commentar a tradição portuguesa. Será um serviço assignalado.

Os *Ensaio critico*s occupam-se de trabalhos mythologicos de Girard de Rialle, A. de Gubernatis e da collecção de tradições sicilianas de Pitre, de que já aqui nos occupámos. O artigo sobre o segundo autor é o melhor; ha nelle severidade, mas justiça.

Os *Portuguese folk-tales* introduzem o nosso folk-lorista deante d'um publico vasto, a que nunca poderá aspirar o que escreve em portuguez, condemnado, se se dedica a trabalhos sérios, a não ser lido senão por um pequenissimo numero dos seus compatriotas e por alguns especialistas estrangeiros. Não conhecendo os originaes, só posso apreciar a traducção de miss Monteiro, pelo que sei das outras versões; parece-me geralmente fiel. A seccura que em geral nella se nota, provém indubitavelmente dos originaes. O A. poderia talvez ter escolhido melhor na sua vasta collecção inedita, e sobretudo dar aos estrangeiros uma amostra mais variada. Os seus XXX contos deviam representar typos perfeitamente diversos, e não serem em parte apenas variantes

¹ Num artigo *De algumas tradições de Hespanha e Portugal* (*Revue Hispanique*, tomo VII, 1900) tratei da tradição do diabo em dia de S. Bartolomeu e do ciclo vasto a que pertence, mostrando que o *demonio meridiano* é uma lenda litteraria, resultado da má tradução dum passo da Biblia. (*Nota do auctor* em 1912).

uns dos outros. Dir-se-hia que o sr. Pedroso tirara ao acaso um punhado do meio da sua collecção.

Quando, abstrahindo do interesse que sob o ponto de vista ethnico e mythologico offerecem as tradições populares, consideramos que rara, se alguma, das superstições condemnadas nos concilios, nos escriptores ecclesiasticos, na legislação, nos processos da inquisição, desapareceu da crença viva do nosso povo, e observamos ao contrario que elle, como o dos outros países da Europa, se acha envolvido numa rede enorme de superstições, que ás antigas accresceram novas, não podemos deixar de ter um sentimento de grande tristeza, a que muitas vezes escapa o collecter no seu enthusiasmo de descobrimento. E quando dizemos povo, não significamos só as classes proletarias, a gente do campo, os incultos: no seio da sociedade que se suppõe culta vamos encontrar vivazes os mesmos ou erros semelhantes aos que dominam ainda o espirito d'aquella outra parte da nação.

No Porto conheci a celebre hruxa do Codeçal, que enriqueceu com as suas praticas, bem pagas por gente das classes abastadas! Em Lisboa ha factos similares. O numero treze aterra muita gente. A superstição da terça-feira, do cão a uivar, da agua bebida com luz na mão, observam-se aqui passim. A' meia noite de S. João as meninas chegam á janella com o bochecho d'agua para ouvir o primeiro nome que será o do seu noivo; esta superstição como a das alcachofras, não é tão brinquedo como apparentemente se apresenta. Só se brinca inteiramente com o que se domina. Em summa, julgada a nossa sociedade por o que d'ella diz o folk-lore, conclue-se que domina só nella uma falsa educação, quando não ha absoluta falta d'educação. Ouvimos já enunciar o principio de que a educação é impotente neste caso; e de que tudo depende da organização. Não acceitamos. A boa educação é difficil, difficillima; eis tudo. O espiritismo que ha pouco invadiu Lisboa, ao que parece para desaparecer logo, mostrou como pessoas que pareciam ter um espirito regularmente educado escondiam no fundo d'elle, disfarçando-a com um scepticismo apparente, a superstição, a tendencia para o maravilhoso.

A superstição prende-se ao pobre espirito humano por innumerados laços. O desejo de alcançar diversos fins fóra da lei do trabalho, o desejo de se ver livre d'um mal incuravel, por exemplo, perturbam o espirito, arrastam-no ao jugo da superstição, e muitas vezes ao crime baseado sobre a superstição. Uma parte dos estupro infames de que os periodicos nos dão conta, resulta de certa crença com relação á cura da syphilis. O espiritismo é um sonho de vaidosos que desejam alcançar uma superioridade ainda que ficticia, illudindo os outros e illudindo-se a si proprios. A superstição é, pois, immoral. Na estrada paral-

lela em que ella corre, encontram-se os sonhos de dominio, de titulos vãos, as theorias de reforma social, baseadas não sobre o trabalho lento e progressivo, mas sobre simples mudanças de etiquetas politicas.

As formulas vazias dos monarchicos ou dos republicanos teem sobre os espiritos a mesma influencia que os psalmos dos benzedores: a realidade substancial escapa á acção de umas e de outras.

É essa realidade substancial que devemos estudar, e o *folk-lore* considerado como um dos instrumentos para a conhecer; não é só um estudo curioso de eruditos, é um capitulo do maximo interesse para a sciencia social; um verdadeiro capitulo *ethnographico*, pois elle nos descreve uma phase importante da vida intellectual e moral do povo.

Todo o que se apresenta como apostolo de reformas sociaes devia pensar bem no que esse capitulo ensina, devia pensar bem que ia fazer conceher esperanças irrealizaveis, e lançar por fim de novo os espiritos na duvida; devia ver que a primeira obra a fazer era educar, esclarecer a consciencia nacional com o desinteresse maximo da sciencia.

2.

J. Leite de Vasconcellos, *Bibliotheca ethnographica portuguesa*. I. *Tradições populares de Portugal*. (Volume unico). Porto, livraria portuense de Clavel & C.^a 1882, 8.º XVI-320 pp. — *Anuario para o estudo das tradições populares portuguesas*. Ibidem. 8.º IV-96.

Diversas publicações de que pouco e pouco iremos fallando aos nossos estimabilissimos leitores provam que acompanhamos as outras nações romanicas no interesse que nellas se tem despertado nestes ultimos tempos pelas suas tradições populares. O autor da primeira das publicações cujos titulos acima transcrevemos e director da segunda, occupa já um logar distincto entre os que se occupam na península d'esse dominio, e competia-lhe o primeiro logar na nossa revista, porque o volume das *Tradições de Portugal* reúne numerosos artigos, espalhados primeiro por diversos jornaes e precedendo na data, em parte, as outras publicações de que teremos que fallar.

O sr. J. Leite de Vasconcellos é um estudante da escola medico-cirurgica do Porto, que se estreou no estudo do *folk-lore* português nuns artigos do *Academico* (Porto 1878), e da *Aurora do Cavado* (Barcellos, 1878): não podemos exigir portanto dos seus trabalhos a madureza que muitos investigadores nem na idade em que a reflexão é mais intensa e a sciencia pôde ser mais completa chegam a attingir. O exame attento das diversas publicações do sr. Leite de Vasconcellos permite-nos considerar o autor como um espirito progressivo, ani-

mado de um grande e sincero zêlo pela sciencia. Ha pouco lêmos d'elle um ensaio sobre um interessante dialecto hispano-português, o dialecto fallado nos campos de Miranda do Douro, phase intermedia entre o português e o leonês, e folgamos de vêr que o sr. L. de Vasconcellos tem uma vocação, bem rara entre nós, para as investigações dialectologicas, que, alimentada pelo estudo, lhe dará em breve um lugar distincto na pleiade dos dialectologos peninsulares.

Numa *Introdução*, cuja doutrina nos parece em geral muito accetivel, o A. indica com clareza e precisão as considerações que dão importancia scientifica ao estudo das tradições populares, e indica-nos as diversas fontes oraes, escriptas e monumentaes que consultou, as pessoas que o auxiliaram nas suas investigações, entre as quaes figuram algumas já conhecidas, como *folk-loristas* portugueses. Enumera-nos ainda a *Introdução* as causas a que o A. attribue a quasi completa identidade das tradições nas diversas partes do país; essas causas, porém, referem-se sobretudo aos cantos populares portugueses; para periodos mais antigos e para as tradições que a elles remontam, as causas são mais complexas e em grande parte diversas; basta observar que contos, superstições, festas, cantos epicos, adivinhias populares, etc., se acham não só as mesmas nas diversas provincias de Portugal, mas em toda a peninsula, mas em toda a Europa, e em parte em todo o mundo. O A., que não ignora isto, restringiu pois muito as suas considerações. A *Introdução* não nos indica, porém, claramente, que character o autor quis dar a este volume, a que secção ou que secções do *folk-lore* é elle especialmente consagrado; o titulo da obra refere-se em verdade á totalidade do *folk-lore*; mas o autor promette-nos outros volumes: *Fastos populares e jogos infantis* — *Poesias populares* — *Bel-las-artes populares* — *Contos populares*; o vol. I dá-nos mostras de tudo isso, além de proverbios, linguagem e industria popular; mas preponderam as crenças e usos supersticiosos. E' evidente que é bom ter tudo isso publicado e reunido; é facto que investigadores como E. Rolland, na sua *Faune populaire*, seguem um plano similhante; mas preferiríamos, visto o sr. L. de Vasconcellos nos prometter aquelles volumes e nós esperarmos d'elle ainda outros, que separasse tão nitidamente quanto possivel as secções diversas das tradições portuguesas, para nos evitar escusadas repetições ou forçar a percorrer para cada secção quasi todos os volumes. As cantigas populares dadas no 1 vol., por exemplo, serão reproduzidas no volume das *Poesias*? No plano do sr. L. de Vasconcellos haverá pois inconvenientes resultantes d'elle proceder simultaneamente por generos e classes de objectos: um plano uniforme, eis o que lhe recommendamos, ou o de Pitré, por exemplo, ou o de Rolland.

O livro do sr. L. de Vasconcellos é uma verdadeira mina; o A. colligiu muitas tradições já publicadas, mas espalhadas em desconhecidas collecções e considerabilissimo numero de outras de primeira mão, em grande parte novas para nós. A composição do livro é compacta, e o editor dá-o ao publico por 500 réis! Não conhecemos nenhum livro estrangeiro do mesmo genero por semelhante preço. Os volumes de E. Rolland teem menos materiaes e custam o triplo. Devemos louvar o editor.

O plano geral da obra é, no estado actual d'estes estudos, perfeitamente accetavel, e aproxima-se do de outras obras semelhantes; eis as divisões: I. Os astros. II. Fogo, luz e sombra. III. A atmosphaera. IV. A agua. V. A terra. VI. As pedras. VII. Os metaes. VIII. Os vegetaes. IX. Os animaes. X. O homem e a mulher. XI. Seres sobrenaturaes. Comprehende-se que esta divisão natural é muitas vezes um leito de Procrusta para as tradições; mas o ponto essencial é, emquanto a mythologia comparada não tiver progredido, classificar os materiaes reunidos, de modo que o investigador os ache facilmente; só essa consideração desculpa taes classificações provisórias, em que submettemos os restos das crenças primitivas, ou de espiritos ingenuos, nas quaes os phenomenos da natureza inteira se transformam e assimilam aos quadros das nossas concepções scientificas! Exemplifiquemos. Ha no Minho a superstição, que provavelmente nunca levou a tentativa practica, de que, se uma virgem do nome de Maria pizer o pé sobre a cabeça de uma serpente, a mata immediatamente, sem que o reptil lhe faça mal. E' obvia a explicação d'esta crença. O christianismo aproveitou como symbolo muitos mythos antigos. O mytho do dragão ou serpente que teve um sentido primeiramente solar ou meteorico (Apollo e Python, Hercules e a hydra, Horus e Apaphis, Thor e Midgard, etc.) torna-se um symbolo da victoria de igreja sobre o diabo, o mal. A phrase de S. Paulo: «E o Deus da paz esmagará a Satanaz em breve debaixo de vossos pés» e outras semelhantes da Biblia, transformar-se-lham em imagens plasticas tanto mais facilmente quanto a inconographia pagã lhes dava apoio; assim foi representada a Virgem, calcando aos pés a serpente, o mal. O povo tomou a letra a imagem e reconstruiu um mytho sobre ella: a Virgem teria realmente esmagado o diabo sob a fórma de uma serpente. A superstição minhota é um alargamento do mytho. A imposição baptismal do nome de Maria liga-se primariamente á idea de invocação da protecção da Virgem, subsidiariamente á de communicação ao neophito de certas qualidades da Virgem. Em qual dos capitulos do livro do sr. L. de Vasconcellos collocar agora a crença minhota? E' facil de ver que sob um ponto de vista estrictamente scientifico em nenhum fica bem; fical-o-hia, sim, num

capítulo sobre as *Crenças que se ligam ao symbolismo christão*; mas um tal capítulo só caberia numa obra de outro plano, que seria prematuro tentar fazer enquanto os materiaes não estivessem reunidos e sujeitos a uma classificação provisoria.

Poder-se-hia adoptar tambem a fôrma de dictionario, o que fizeram já diversos autores; mas é preferivel, em a nossa opinião, a classificação adoptada pelo sr. L. de Vasconcellos, com uma ou outra modificação, completando a obra com um index analytico muito completo que infelizmente falta no I vol. da *Bibliotheca*, mas que provavelmente o A. tenciona fundir com os indices dos outros volumes.

Sem discutirmos mais a admissão na obra de diversas (quasi todas) especies de tradições, não podemos deixar de ver inconvenientes em o autor não ter separado ao menos, tão claramente quanto possivel, nas subdivisões essas diversas especies.

Algumas coisas deviam ser riscadas, por não pertencerem ao *folk-lore*, a não ser que façamos entrar no *folk-lore* tudo quanto existe nos nossos costumes, usos e praticas caseiros. E' preciso um limite ao *folk-lore* e é preciso muita circumspecção mesmo em relação ao que se nos afigura á primeira vista como devendo entrar na categoria de superstição, mytho, etc. «Quando ha eclipse do sol (*Sol cris*), diz-nos o A. a pag. 13, põe-se uma bacia com agua e vê-se nella o Sol a passar pela Lua (Moncorvo, etc.). Quem collocar deante dos olhos um lenço de seda sem ramos ou uma peneira, vê a nevoa que cobre o Sol. (Leça do Balio, etc.)» E numa nota: «O céu, mythicamente, é representado como um crivo». Veja-se como a mythomania pôde arrastar um escriptor que aliás em geral se nos mostra prudente, e já quasi completamente emancipado de certas tendencias phantasistas dos primeiros escriptos. Onde o sr. L. de Vasconcellos julgou vêr uma superstição, um ecco mythico, ha apenas commodas praticas caseiras, que teem por variante o vidro fumado, etc., para observar a marcha dos eclipses solares sem que os raios solares nos offusquem a vista.

Comquanto os fins do A., como nos declara, fossem apenas recolher os factos e classificá-los mais ou menos methodicamente, elle não se contenta inteiramente com isso. Cada capítulo é precedido de uma *parte historica*, se assim devemos dizer, em que o A., reúne diversas passagens dos antigos escriptores gregos e romanos, e dos autores portuguezes, concilios, legislação, etc., em que ha superstições do povo portuguez ou dos seus antecessores ethnicos. Comquanto seja facil alargar essa parte historica, não podemos deixar de a agradecer ao A., que nella da testemunha da sua erudição, assim como nas notas comparativas que accidentalmente acompanham algumas tradições. Não

percebemos, porém, o que é que motivava essas notas tão intermitentes. Com tres ou quatro obras das que o A., teve á mão, annotava elle uma parte muito consideravel dos costumes e crenças supersticiosas que reúne; bastariam simples referencias, não havendo tempo e espaço para mais; ou então o A. poderia reduzir-se a trasladar algum texto mais raro, mais fôra do caminho usual da maioria dos *folk-loristas*; ou então não dar nota nenhuma comparativa, que ninguém, com o seu programma, lhe exigia. Se essas notas não tivessem outro inconveniente além da intermittencia, a nossa observação poderia parecer um tanto hyper-critica; mas aqui e alli as notas testemunham que o A. não está ainda sufficientemente habilitado para a parte comparativa e interpretativa, caso em que a abstenção completa seria o mais prudente. Vejamos um exemplo.

Acha-se muito espalhada em Portugal e em toda a Europa românica (sem o podermos asseverar positivamente para o dominio romeno) d'onde passou para a Inglaterra e Allemanha, a superstição de que uma mão de morto (em regra d'um enforcado), preparada de certo modo, ardendo ou com uma vela accessa segura, serve aos ladrões para conservar no somno as pessoas cujas casas querem roubar. O sr. L. de Vasconcellos transcreve, sem refutação, como quem a acceita, de Cox, *The Mythology of the Aryan Nations*, uma explicação estapafurdia, no genero de muitas outras do mesmo autor, segundo a qual a *mão de gloria* (*hand of glory*), nome com que aquella mão magica é conhecida na Inglaterra, seria o *relampago que sae da nuvem tempestuosa, a luz vermelha de Jupiter, com que elle abala as sagradas cidadellas, a rubens dextera* de que falla Horacio. Cox e A. de Gubernatis, o ultimo dos quaes não passa em mythologia d'um compilador com grandes pretensões, levaram a explicação dos mythos por estes expedientes ex-machina ao abysmo do ridiculo, á beira do qual outros de maior merito a deixaram. Como é sabido, a parodia surgiu como arma contra os exageros da mythologia comparada, sciencia que exige tão largo numero de conhecimentos, quanta reserva: um jornal de Oxford provou *á evidencia*, pelo methodo Max-Muelleriano, que o sabio indianista era um puro mytho solar, e pelo mesmo methodo o glottologo americano Whitney resolveu num mytho solar da *variedade septentrional* o presidente Grant. As obras de A. de Gubernatis são hoje assaz conhecidas entre nós, por estarem traduzidas em francês e diversas publicações de cá revelam a sua influencia; Cox surge-nos numa nota do sr. Leite de Vasconcellos; torna-se pois necessario mostrar a falta de methodo d'esses AA. O sr. Consiglieri Pedroso escreveu já um artigo a respeito da mythologia de Gubernatis, com cujos topicos concordamos em parte (*Positivismo* 1, 308-317); algumas

observações bastarão por agora emquanto a Cox e á sua *theoria da hand of glory*.

É evidente que foi a palavra *glory* o ponto de partida para aquella explicação. Que pode ser uma *mão de gloria* senão alguma coisa celeste, divina, e se ella brilha, que pode ser, senão o raio, a *rubens dextera* do pae dos deuses e dos homens? Como coisa tão alta caiu na mão dos larapios e se tornou uma mão de defunto é que Cox não nos explica. O caso é mais intrincado do que fazer uma phrase pomposa e citar Horacio; para se chegar a alguma conclusão seria neste caso, era mister estudar todas as tradições que se liguem á *mão de gloria*, em todas as variantes, todos os nomes que lhe são dados, e tentar determinar pela comparação a fôrma fundamental da crença; ora, até sem ir muito longe nessa investigação, ver-se-hia que a *mão de gloria* é só chamada entre nós *mão de defunto*, de *finado*, ou ainda *mão refinada*; uma inspecção dos textos reunidos em Duncange-Henschel e no dictionario de Littré mostraria que *main-de-gloire* é uma alteração de *mandragore*, *mandragora*, por etimologia popular, como a de *mão de finado*, em *mão refinada*; e que o nome de *mandragora* foi transferido para a *mão magica de finado*; restaria então determinar, de um lado, d'onde veio a tradição da mão magica de finado, d'outro, porque motivo ella foi aproximada ou assimilada á mandragora; mas bastam estas observações para fazer cair a explicação de Cox e mostrar a superficialidade com que elle procedeu.

Estamos certos que o sr. Leite de Vasconcellos será no futuro mais cauteloso na escolha das suas auctoridades, e se porá inteiramente ao corrente dos solidos methodos em mythologia.

E' claro que o livro fica como um quadro aberto para addições, grande parte das quaes nos virão do infatigavel autor. Entre outros assumptos esperamos que elle estude de modo completo o capitulo tão interessante da linguagem infantil, para o qual nos dá algumas notas a pag. 259. As fôrmas hypocoristicas, como *Lilé*, *Beto*, foram estudadas por nós no *Boletim da Sociedade de Geographia* (2.^a serie n.º 3). O autor podia tambem mencionar a gíria das crianças (e adultos) que se fôrma por intercalação de letras (em geral p) e repetição de vogal; exemplo: éu-péu qué-pé-ró-pó, eu quero, ou por inversões; exemplo: *ut aon bases*, tu não sabes. São processos que se encontram não só em toda a peninsula, mas talvez em quasi todo o mundo. Assim os ciganos dos Pyreneus bascos, que fallam a lingua do país, intercalam o p, e dizem, por exemplo, *jau-pau-na-pa* por *jauna*, senhor. Os circassos teem uma gíria em que intercalam r. Os bazigar, tribu nomada da India, teem duas gírias, uma usada pelos cabeças, outra commum aos homens, mulheres e crianças, em que a base é o industani, e em

que ha inversão e troca de letras: assim as palavras industanis *ag*, fogo, *dum*, alento, *mas*, mez, *omr*, idade, *sona*, oiro, tornam-se na primeira giria *ga*, *mudu*, *samu*, *murvo*, *naso*; e na segunda *kag*, *num*, *nas*, *nona*.

Em summa: o livro do sr. Leite de Vasconcellos, apesar dos nossos reparos e d'outros que a critica teria o direito de lhe fazer, é muito valioso e faz-nos conceber as mais lisonjeiras esperanças sobre o futuro litterario do autor. O *Annuario*, collaborado por todos os *folkloristas* portuguezes, é um util complemento da obra principal.

APENDICE AO ARTIGO PRECEDENTE

(PARTE III, CAP. 2)

O paralelismo na poesia popular

I

A *repetição* do phenomeno é uma lei universal, e os seus tipos principaes são a *repetição vibratoria* ou *fisica*, a *repetição organica* ou *hereditaria*, a *repetição social* ou *imitação* (G. Tarde). Mas o que se repete começou por não ser repetição, por surgir como *novo*, por ser *invenção*, como nota o citado sociologo ¹. A repetição pode não ser completa, combinar-se com a *invenção* e nesse caso é uma *variação*. A lei da repetição tem como complemento a da *oposição universal*. *Repetição-oposição* dão origem ao ritmo: tempo fraco e tempo forte, *arsis* e *thesis*. O ritmo é tambem uma lei universal. Os pitagoreos falavam da harmonia das esferas. A natureza inorganica tem ritmos que se reflectem na vida organica. Tal é o ritmo *nictemeral*, a successão do dia e da noite, o ritmo *hiberno-estival*, o ritmo *estual*, fluxo e refluxo da maré. «A natureza inteira está cheia de movimentos ritmicos de toda a especie de graus e durações. Todos os movimentos é todas as funções dos seres vivos são periodicos: o crescimento e a reparação, a assimilação e a perda succedem-se alternativamente. Todos os nossos órgãos estão sujei-

¹ G. Tarde desenvolveu essas leis nos seus livros; vide principalmente *Les lois sociales*, 6.ª ed. Paris, 1910; *Les lois de l'imitation*, 6.ª ed., 1911; *La logique sociale*, 3.ª ed. 1904; *L'opposition universelle*, 1897.

tos á fadiga e exigem repouso. Todas especies de estimulantes devem ser de curta duração, sob pena de serem funestas. Dai, a vantagem da obscuridade, por isso que, então, os estimulantes da luz e do calor são parcialmente suprimidos... As plantas, como os animaes, tiram proveito do repouso nocturno, uns e outros são beneficiados igualmente pelos periodos mais longos do estio e do inverno, das estações secas ou chuvosas» ¹.

Se a variação aparece como uma opposição ao que se repete, tambem é certo que ha manifesta tendencia para opposição a que se continue a modificação iniciada, para a volta á forma, ao tipo anterior. A isso se chamou a *lei* dos fenomenos reciprocos. Pretendeu-se até que a *Natureza tem horror á variação*, apesar de todas as variações que nela se observam ².

Tarde escreveu: «Não ha instituição social que não se ligue a um órgão do corpo de que é apenas a *continuação social*. A linguagem, com seus prolongamentos antigos ou recentes, escrita, imprensa, telegrafia, telefone, é apenas o desenvolvimento do grito e do gesto, da laringe, e dos membros, em tanto que são expressivos e meios de comunicação... As *necessidades* continuam as *funções*, os pensamentos continuam as sensações, os ritmos dos versos continuam o ritmo respiratorio».

Um economista foi levado a estudar as relações entre o ritmo do trabalho e o ritmo do canto e da poesia com que nas fases primitivas e nas modernas populares, assim como no drama lirico, desde as formas mais modestas até ás mais complexas das obras d'um Wagner, aparece fundida. Os resultados desse estudo deu-no-os o referido economista, Karl Bücher num belo livro ³. A dança aparece de longe e persistentemente em ligação com a palavra cantada: de exemplo proximo serve toda a nossa peninsula. As composições de caracter popular do nosso velho *Cancioneiro* dos seculos XII a XIV eram destinadas não só a serem cantadas, mas, pelo menos em grande parte, a serem dançadas. Aristoteles distinguio triplíce especie de ritmo: a das *formas* que se manifesta nos movimentos da dança, a dos *sons*, que, com a harmonia, se exprime na canção, e a do discurso, que *tem por partes* o metro. O ritmo era para êle natural ou congenito no homem.

O paralelismo no discurso, e particularmente na poesia, é um feno-

¹ Wallace, *La place de l'homme dans l'univers*, apud Georges Bohn, *La naissance de l'intelligence* (Paris, 1910), p. 153.

² G. Bohn, *Ob. cit.*, p. 160, seg.

³ Karl Bücher, *Arbeit und Rhythmus*, 3.^{te} Auflage, Leipzig, 1902.

meno analogo ao do ritmo, o qual se encontra por toda a parte em que ha uma poesia; um filologo eminente em um livro muito notavel considera o paralelismo como uma forma primitiva da poesia, *Urform der Poesie*¹. Ha povos para os quais o canto é entoado sobre uma só palavra ou até umas silabas sem sentido. Depois as palavras cantadas formam frases, exprimem pensamentos, dispostas simetricamente, ritmadas; surge o estribilho, elemento paralelistico, aparece a repetição com variação. Os retóricos inventaram o termo *anafora* para designar as repetições retóricas e distinguiram variedades nelas.

Norden admite que as formas da poesia passem nalguns casos de povo para povo e exemplifica com factos da historia da poesia persa, antiga italica e medieval e moderna cristã. Os persas sacrificaram as suas formas originaes dos versos às arabes. Na Italia introduziram-se pelo ano 200 a. C. as formas metricas gregas, que chegaram a popularizar-se, fazendo desaparecer as antigas. A poesia dos povos modernos recebeu a rima do canto hinico latino. Mas o mesmo investigador diz que o substrato da rima é o paralelismo e que o paralelismo é talvez o mais importante «pensamento ethnico» que existe, isto é um elemento espirital comum a todos os povos, saído espontaneamente das tendencias do homem como tal, segundo o inventor da expressão (*Völkergedanke*), o etnologo alemão Adolfo Bastian.

Uma tendencia, aliás comum aos diversos povos, explicavel pela unidade fundamental do espirito humano, pode todavia tomar formas particulares a este ou áquele povo e transmitir-se em seguimento a outro ou outros povos, sendo aceite facilmente em virtude da tendencia comum.

E' absurda a explicação da comunidade de elementos, da natureza dos que se consideram aqui, por comunidade de origens ethnicas ou antropologicas dos povos em que nos aparecem, explicação de que é exemplo a chamada teoria turaniana. Nesses casos trata-se realmente de *Völkergedanken*, explicaveis sem transmissão, noutros de transmissão de povo a povo, sem mistura ou até identidade de sangue. A teoria turaniana pode aplicar-se a muita coisa, por exemplo aos *automoveis*, que encontramos na America, povoada, segundo certos cultores dessa teoria, primitivamente por turanios, e varios países da Europa, onde não é difficil demonstrar pelos processos dos ditos cultores que ha mongoloides (estes são necessariamente turanios), e se na China virmos girando automoveis o negocio é certo.

¹ Eduard Norden, *Die antike Kunstprosa vom XI. Jahrhundert v. Chr. bis in die Zeit der Renaissance* (Leipzig, 1898), pp. 810 e segg.

Para o estudo das relações das formas paralelisticas da nossa poesia popular ou de caracter popular apresento aqui exemplos diversos collidos nas minhas leituras; mas reconheço que a collecção só permite chegar a conclusões de caracter muito geral.

II

Na primeira das collecções de cantos portuguezes dos seculos XII a XIV que foi conhecida, o *Cancioneiro* chamado primeiro do *Colegio dos Nobres* e depois da *Ajuda*¹, dos locaes do seu paradeiro, havia, entre algumas composições de estrutura analoga, mas mais imperfeitas, as seguintes:

Eu sei la dona velida
que a torto foi ferida. . .
ca non ama.

Eu sei la dona loada
que a torto foi malhada. . .
ca non ama.

Ca se oj' amig' amasse,
mal aja que' na malhasse,
ca non ama.

Se se d' amigo sentisse,
mal aja que' na ferisse,
ca non ama.

Que a torto foi ferida,
nunca eu seja guarida,
ca non ama.

Que a torto foi malhada,
nunca eu seja vingada,
ca non ama.

¹ 1.ª ed.: *Fragmento de hum Cancioneiro Inedito*, etc., publicado por Carlos Stuart, Paris, 1823; 2.ª ed.: *Trovas e cantares de um codice do seculo XIV*, publicado por Francisco Adolpho Varnhagem, Madrid, 1849; 3.ª ed.: *Cancioneiro da Ajuda*, edição critica e commentada, por Carolina Michaëlis de Vasconcellos, Halle a. S., 1904.

O ultimo editor, a douta romanista D. Carolina Michaëlis de Vasconcellos, classifica essa composição de: «cantigas de refram, de contextura parallelistica» e dá uma reconstrução dela com oito estrofes de tres versos (incluindo o estribilho em cada uma).

No *Cancioneiro de D. Dinis*¹, encontraram-se cantos analogos, como os seguintes, na secção de *Cantigas d'amigo*:

1.

Bom dia vi, amigo,
pois seu mandad'hei migo,
louçana.

Bom dia vi, amado,
pois mig' hei seu mandado,
louçana.

Pois seu mandad' hei migo,
rogu'eu a Deus e digo:
louçana.
Etc.

2.

Amad' e meu amigo,
valha Deus!
Vede-la frol do pinho
e guisade d'andar.

Amigu' e meu amado,
valha Deus!
vede-la frol do ramo
e guisade d'andar.

¹ 1.^a ed.: *Cancioneiro d'El-Rei D. Diniz*, publ. pelo Dr. Caetano Lopes de Moura, Paris, 1847; *Das Liederbuch des Königes Denis von Portugal*, ed. critica por Henry R. Lang, Halle a S., 1894; *As composições de D. Diniz*, reproduzidas por Lopes de Moura, foram extraídas do grande *Cancioneiro português* da Biblioteca Vaticana, publicado integralmente por Ernesto Monaci em 1875. Lang reproduziu criticamente as composições de D. Diniz do Codice da Vaticana e juntou as do mesmo auctor do Codice da Casa Brancuti, publicado na parte que falta no *Cancioneiro do Vaticano*, por Enrico Molteni, Halle a. S. 1880.

Vede-la frol do pinho,
valha Deus!
selad'o baiozinho
e guisade d'andar.

Excertos novos do *Cancioneiro da Vaticana*, antes da publicação total deste por Monaci, como os *Canti antichi portoghesi*, do mesmo, o *Cancioneirinho de Trovas Antigas*, de Varnhagen, e depois aquella publicação mostraram que o genero da poesia que se chamou paralelistica e que em geral apresenta sabor popular ou parece imitada de tipos populares, fôra muito cultivada entre nós no primeiro periodo da nossa cultura poetica. Diez notou a semelhança dessas composições com algumas intercaladas por Gil Vicente nas suas peças teatraes ¹. Por 1873-1877 afirmou-se que esses cantos portuguezes correspondiam a um tipo generalizado na Europa meridional, mas não se tratou de demonstrar a existencia de tal tipo colhendo paradigmas. O dr. Teofilo Braga por esse tempo teve a felicidade de ler Fr. Lenormant, *Les premieres civilisations*, como eu li tambem o livro do mesmo autor *La Magie chez les Chaldéens* (Paris, 1874), onde achei um canto classificado pelo autor francês de *popular acadico*, de Babilonia, talvez entoado por occasião das sementeiras:

«Le blé qui s'élève droit, arrivera au terme de sa croissance prospère; le nombre (pour cela) nous le connaissons.

«Le blé de l'abondance, arrivera au terme de sa croissance prospère; le nombre (pour cela), nous le connaissons».

O citado autor portuguez traduziu esse canto do modo seguinte:

O trigo que direito crece
No fim dará boa messe;
O segredo, nós sabemo-lo.

O trigo que dá fartura
Daria a boa cultura;
O segredo, nós sabemo-lo.

Achou ainda o dr. Th. Braga num livro do sinologo Pauthier traducções de versos do Chi-King, que apresentam tambem analogo parale-

¹ Friedrich Diez, *Ueber die erste portugiesische Kunst- und Hofpoesie* (Bonn, 1863), p. 100. Cf. José Joaquim Nunes, *As cantigas parallelisticas em Gil Vicente* (Lisboa, 1910: *Separata da Revista Lusitana*, vol. XII).

lismo de formas. Isto basta-lhe para explicar a unidade (ainda não provada) das formas do lirismo dos povos romanicos: esse fenomeno é «uma revivescencia etnica», provem do «elemento turaniano» desses povos da Europa e da Asia. E como hoje já ninguem fala da *teoria turaniana* de Max Müller e outros, que combinada com a teoria mongoloide de Pruner-Bey, que tambem passou para o dominio da historia e como teriamos, demais, para admitir a tese do historiador da literatura portuguesa, de julgar que em longinquo, estupendamente longinquo periodo prehistorico, já havia cantos com dois versos rimados, repetições paralelas e um estribilho, relembrando essa tese de passagem, não perderemos mais tempo com ela, embora vamos talvez ministrar ao seu autor, em textos que aqui se reúnem, argumentos novos ¹.

Já em 1876, o historiador da literatura alemã Wilhelm Scherer chamara a atenção para os cantos aludidos do Chi-King, cujo genero é chamado Hing, e que ele conhecia da tradução do jesuita Lacharme e lembrou terem uma estrutura semelhante á de cantos europeus; frequentemente aparece em tres estrofes o mesmo pensamento com tres variantes ².

III

Ha quadras populares que são variantes doutras pelo processo da repetição paralelistica. Eis alguns exemplos:

1.

O' Senhor da Piedade
Na vossa capela o digo,
Não volto cá outro ano
Sem trazer o meu marido.

O' Senhor da Piedade,
Eu bem alto vo-lo digo,
Não torno lá outro ano
Sem levar amor's comigo ³.

¹ Dr. Teofilo Braga, *Parnaso portuguez moderno* (Lisboa, 1887), p. XXVIII e *Cancioneiro portuguez da Vaticana. Edição critica* (Lisboa, 1878), pp. CI e seg. Cf. do auctor do presente artigo *Notas mitologicas. O Tangro-mangro e os Turanios*, extraído de *A Renascença*, vol. I, pp. 165 a 167 (Porto, 1881).

² Cit. por H. R. Lang, *obr. cit.*, p. CXLII.

³ A. Tomás Pires, *Cantos populares portuguezes*, I (Elvas, 1902), n.ºs 303 e 304: a primeira quadra é do Alemtejo, a segundo do Doiro.

2.

Senhora do Bom-Despacho,
Senhora do Livramento,
Eu perdi o meu amor,
Trazei-m'o ao pensamento.

Senhora do Livramento
Senhora do Bom-Despacho,
Eu perdi o meu amor
Eu perdi-o, não o acho ¹.

3.

S. João se adormeceu
Nos braços de sua tia,
Acorda, João, acorda
Que amanhã é o teu dia.

S. João se adormeceu
Nas escadinhas do coro,
Deram as freiras com êle,
Depenicaram-no todo.

S. João se adormeceu
Nas escadas do collegio,
A justiça não deu com êle,
S. João tem privilegio.

S. João se adormeceu
Nas escadas do collegio
E acordou aos tres dias,
S. João tem privilegio ².

4.

S. João perdeu a capa
No caminho do jardim,
Ajuntem-se as moças todas
Façam-lhe uma de setim.

¹ Idem, *Ibidem*, n.ºs 444 e 445: ambas as quadras são do Doiro.

² Idem, *Ibidem*, n.ºs 569-572: todas do Alentejo. A terceira é a mais vulgarizada no país.

S. João perdeu a capa
No caminho do estudo,
Ajuntem-se as moças todas,
Façam-lhe uma de veludo ¹.

5.

S. João me prometeu
De me dar uma capela,
Eu também lhe prometi
Toda a vida ser donzela.

S. João me prometeu
Uma capela me dar,
Eu também lhe prometi
Ser solteira... até casar ².

6.

S. João, por ver as moças,
Fez 'ma ponte de cortiça,
As moças não vão á ponte,
S. João todo se riça.

S. João, por ver as moças,
Fez uma ponte de prata,
As moças não vão a ela,
S. João todo se mata ³.

7.

S. João, quando entrou,
Quando entrou á porta falsa,
Perguntou ao seu alferes
Se havia trigo na praça.

¹ Idem, *Ibidem* n.ºs 576 e 577: ambas do Alemtejo.

² Idem, *Ibidem*, n.ºs 580-581: ambas do Alemtejo.

³ *Ob. cit.* n.ºs 585 e 586: ambas do Alemtejo.

S. João, quando entrou
Pelas portas da Carreira,
Perguntou ao seu alferes
Se havia trigo na eira ¹.

Varios outros exemplares do paralelismo tem sido colhidos na poesia popular moderna portuguesa. Juntaremos as rimas seguintes ouvidas ha muitos annos em Coimbra, em que aparece o tema do *lirio*:

Ó do lirio branco!
Quem é mulher do coxo
E' mulher do manco.

O do lirio roxo!
Quem é mulher do manco
E' mulher do coxo.

Nos romances epicos, um tanto esquecidos pelo que respeita aos versos paralelisticos, ha alguma coisa que colher, por exemplo na *D. Silvana*:

—Mama, mama, meu menino,
Deste leite de paixão;
Amanhã por estas horas
Está tua mãe no caixão;
Mama, mama, meu menino,
Deste leite de pesar;
Amanhã por estas horas
Está tua mãe a enterrar;
Mama, mama, meu menino,
Deste leite de amargura,
Amanhã por estas horas
Está tua mãe na sepultura;
Mama, mama, meu menino,
Deste leite derramado,
Que amanhã por estas horas
Está meu corpo sepultado ².

¹ *Ob. cit.* n.ºs 592 e 593; ambas do Alemtejo. Na coleção de Tomás Pires encontram-se ainda outros exemplos do processo.

² Teófilo Braga, *Romanceiro geral português*, 2.ª ed. (Lisboa, 1906), traz muitas variantes do romance, pg. 488-556.

Cf. D. Carolina Michaëlis de Vasconcellos em *Revista Lusitana*, II, 215.

IV

Da poesia popular, propriamente dita, dos povos da antiguidade classica pouco chegou até nós, e isso explica por que quasi não pos-
samos apontar exemplos de versos paralelisticos desses povos. Percor-
rendo o que nos resta dos bucolicos sicilianos só descobrimos um exemplo
em Teocrito, no famoso idilio da sedução (n.º XXVII), v. 12-14:

DAPHNIS: Vim aqui sob os zambujeiros para te contar uma his-
toria.

PASTORA: Não quero ouvir; já uma vez me enganaste com as
tuas doces palavras.

DAPHNIS: Vim aqui sob os ulmeiros para te fazer ouvir a minlia
flauta.

Aqui temos a menção das arvores (o zambujeiro, o ulmeiro), fre-
quente na poesia popular, como mostram os exemplos que daremos
abaixo e os que podem colher-se no *Cancioneiro português* dos seculos
XII a XIV.

Em varios idilios de Peovrito e Mosco ocorre um estribilho.
Nos cantos amebaicos seria talvez frequente o paralelismo.

V

Os seguintes exemplos são da poesia popular italiana ¹.

1.

Me voglio maridar: so' maridada;
Credeva de star ben: so' sassinada;
Credeva che l'amor fusse un zoghetto,
Ma invece l'è un tormento maladetto;
Credeva che l'amor fusse un zogar,
Ma invece l'è un tormento da crepar ².

¹ Esses exemplos foram tirados da obra de Alessandro d'Ancona, *La poe-
sia popolare italiana*. Studj. Livorno, 1878.

² D'Ancona, *ob. cit.* p. 148, de Medico, *Canti del popolo veneziano*, 2.ª ed.
Venezia, 1857.

2.

In alto in alto vo' fare un palazzo,
In alto in alto sulla bella altura.
A ogni finestra vo' tendere un laccio,
A tradimento, per tradir la luna:
A tradimento, per tradir le 'stelle
Perchè restai tradito dalle belle;
A tradimento, per tradir il sole,
Perchè restai tradito dall' amore ¹.

3.

E' mi son messo a fabrica' un castello,
Credevo d'esser vero castellano:
Quando l'ho fabbricato e fatto bello,
M'hanno levato le chiave di mano.
Ed io, meschino, che l'ho fabbricato,
Con pianti e con sospiri l'ho lasciato;
Ed io, meschino, che lo fabbricai,
Con pianto e con sospiri lo lasciai ².

4.

Facciam la pace, caro bene mio,
Che questa guerra non puo più durare:
Se non la ouvi far, la farò io:
Fra me e te non ci è guerra mortale;
Fanno la pace principi e signori,
Così la posson far due amatori;
Fanno la pace principi e soldati,
Così la posson far due innamorati:
Fanno la pace principi e tenenti,
Tanto la possono far du' cor contenti ³.

¹ D'Ancona, ob. cit. p. 156, de G. Trigri, *Canti popolari Toscani*, Firenze, 1869, n.º 1128.

² *Rispetto* toscano, lição ms. apud D'Ancona, p. 158.

³ D'Ancona, p. 159, de Tigri n.º 810.

5.

— Dove sei stato, o giovenin, d'inverno,
Che bianco e rosso siete sull'estate?
— Stato sul giardin di là dell' Elmo,
Dove son quelle viole imbalsamate;
E tu sei stato sul giardin del sole,
Dov'hanno imbalsamato le viole ¹.

6.

Vado cercando, e non posso trovare
Un fiume che ribocchi alla marina;
E se lo trovo, mi ci vo' buttare,
L'acqua me menerà contro rovina;
I pesci me verranno a visitar,
E mi diranno: Povera meschina!
'Sta penitenza chi te la fa fare?
Me la fa fare un giovine crudele,
Che m'ha lasciato, e non me vuol più bene:
Un giovine crudele me la fa fare,
Che m'ha lasciato, e non me vuol più amare ².

7.

Ch'hai mecco, brutta, che me miri in torto?
Mirami dritta, tu possa accecare,
E m'hai mandato le capre nell'orto,
E l'insalata m'hai fatto mangiare.
E m'hai fatto mangiare l'insalata,
Civetta che civetti fuori e in casa.
E m'hai fatto mangiar il pitorsello,
Civetta che aveti questo e quello.
E m'hai fatto mangiare l'erba mora,
Civetta che civetti in casa e fuori ³.

¹ D'Ancona, p. 193, de Tigri, n.º 710.

² D'Ancona, p. 269, de Oreste Marcoaldi, *Canti popolari inediti umbri, liguri, piceni, piemontesi e latini* (Genova, 1855): canti piceni, n.º 77.

³ D'Ancona, p. 276, de Tigri, n.º 798.

Alessandro d'Ancona anota a essas formas de canto: «La ripresa è, dunque, forma essenziale e caratteristica del Canto popolare toscano, o *Rispetto*: e quando si rinviene in Canti di altre regioni si può ben dire che ciò provi derivazione od imitazione. Di essa può trovarsi qualche imperfetta immagine anche nella poesia dell'arte, alla quale probabilmente è passata pel tramite dei *Cantari di piazza*, e certo è forma che fa molto comodo al genere narrativo. Lo Schuchardt ne ha trovato tracce anche nell'Ariosto; e el più notevole è questo.

E fa crollar si il mirto ov'è legato
Che delle frondi intorno il piè gl'ingombra:
Crollar fa il mirto e fa cader la foglia,
Nè succede però che se ne scioglia ¹.

A observação de Alessandro d'Ancona de que as repetições se acomodam ao genero epico acha confirmação no que já foi notado relativamente ao romanceiro e num poema muito interessante *La Baronessa di Carini*, lenda historica popular siciliana do seculo XVI. Daremos só uma amostra do emprego do processo no poema. Narra-se o assassinio da infeliz Catarina, filha do barão Vincenzo di Carni, pelas mãos do proprio pai, por causa das relações amorosas secretas dela, que tinha dezoito annos, com o barão Vinzenzo Vernagallo (vv. 183-194):

Oh chi scunfortu pri dd'arma 'nfilici
Quann 'un si vitti di nuddu ajutari!
Abbauttuta circava l'amici,
Di sala in sala si vulia sarvari:
Gridava forti: *Ajutu, Carinisi!*
Ajutu, ajutu, mi voli scannari!
Dissi arraggiata: *Cani Carinisi!*
L'ultima vuci chi putissi fari;
L'ultima vuci cu l'ultimu ciatu,
Ca già lu sò curuzu è traspassatu;
L'ultima vuci e l'ultimu duluri,
Che già versi lu sangu e lu culuri ².

¹ D'Ancona, p. 303.

² Foi publicada por Salomone-Marino, 2.^a ed. Palermo, 1873. Vidè os artigos de Felix Liebrecht em *Göttingische Gelehrte Anzeigen*, 1870 pg. 1035 e segg. e em *Jahrbuch für romanische und englische Sprache und Literatur*, XIV Band (Leipzig, 1875), pag. 240 e segg.

VI

«La musica vocale zingara si compone di canzoni brevi e di stornelli. I più abili in queste composizioni sono gli Zingari di Rumenia, i quali, musicando pei rumini loro padroni, cantano in lingua zingara per dolersi, per maledire, per rallegrarsi. Ed hanno successo specialmente talune strofi, un pó scollacciate, in cui entra in scena quasi sempre un tal brigante Bonjor e che finiscono coll' invocazione alla Luna (Lado). Ad esempio:

Qui sotto alla fontana, due vergini lavano il grano.
Bonjor le tiene per mano.

Lado! lado!

Qui sotto alla fontana, due vergini lavan la lana.
Bonjor le tiene per la vita.

Lado! lado!

Negli stornelli, se la strofa è battagliera, si fa precedere l'invocazione alla foglia verde di quercia; se ditirambica, alla fogli verde di vite; se erotica, alla foglia verde di rosa; se consolatrice, alla foglia verde di nagara:

Foglia verde di quercia!

Bonjor è in campagna, etc.» ¹.

A poesia dos ciganos da Hispanha não parece em geral assentar numa base tradicional que remonte á patria indiana. Para os *Cantos flamencos* mostrou H. Schuchardt que os ciganos de Hispanha foram impregnados de elementos do meio peninsular.

A semellhança dos exemplos citados por Colocci com as composições analogas portuguesas é das mais proximas que encontramos nos paradigmas reunidos, no meio tambem de diferenças importantes que revelam adaptações diversas segundo tendencias particulares dos povos. O tema das «donzelas lavadeiras» encontra-se numa canção de D. Dinis:

Levantou-s' a velida,
levantou-s' alva
e vai lavar camisas
e-no alto.
Vai-las lavar alva.
Etc.

¹ Adriano Colocci, *Gli Zingari* (Torino, 1889), pp. 279-80.

Trata-se dum tema que se oferece com a maior facilidade á Musa popular.

O tema «lavar os cabelos» surge noutras composições antigas portuguesas do mesmo genero; como na de Pero Meogo (*Canc. da Vaticana*, n.º 794):

E-nas verdes ervas
vi andá-las cervas,
meu amigo.

E-nos verdes prados
vi os cervos bravos,
meu amigo.

E com sabor delas
lavei mias garcelas,
meu amigo.

E com sabor delas
lavei meus cabelos,
meu amigo.

O estribilho Did-Lado na poesia popular dos slavos

(Nota ministrada pelo snr. Alfredo Apel,
professor da Faculdade de Letras da Univer-
sidade de Lisboa).

O estribilho *Did-Lado*, apparece com muita frequencia na poesia popular dos slavos, e principalmente nas canções russas. Ora um estudo atento destas canções, comparadas ainda com algumas canções analogas lituanas, mostra positivamente que se trata duma divindade leto-slava. Esta era uma divindade da primavera, relacionando-se directamente com o sol, fonte de toda a fecundidade.

Assim, existe ainda p. ex. na Russia uma festa vernal com uma dança circular, acompanhada de canto coral, e na qual se invoca aquella divindade. Essa festa intitula-se *Krassnaia Gôrka*, e provem dum antigo culto pagão, que se realizava em honra do sol. *Krassnaia Gôrka*, significa «o vermelho ou brilhante monticulo», pois primitivamente, a festa do mesmo nome era celebrada, ou pelo menos, inaugurada no alto duma colina iluminada pelo sol ¹.

A referida festa vernal realiza-se no primeiro domingo depois da Páscoa, inaugurando-se assim uma serie de danças circulares (*Korovód*) e periodicas, acompanhadas de canto coral, que duram até o fim de julho. Ora já a fórma

¹ O epíteto *Krassnoe* (vermelho, bonito) acompanha constantemente, nas canções populares russas, a palavra *Sólnuiko* (solzinho).

dessas danças em roda, com o seu movimento circular, simbolizando o movimento do sol, mostram que devem a sua origem a uma festa agrícola que se realiza em honra do sol, e que tinha primitivamente uma significação religiosa. Isto vê-se p. ex. pelo conteúdo duma canção relativa áquelas danças que se conservou, e na qual se invoca *Did-Ládo* (o sol) :

E nós limpámos a roça;
 Ó, Did-Ládo, limpámo-la;
 E nós semeámos milho, semeámo-lo.
 Ó, Did-Ládo, semeámo-lo, semeámo-lo, etc.

Em muitas localidades da Russia é uso chamar-se, em Março, a primavera em canções, para ela vir; semelhantes canções denominam-se *vessnhánka* (canções da primavera, de *vessná*, a primavera). Ora em algumas dessas canções alterna o nome de Ládo com o de Deus:

Abençôa, mãe ¹,
 Ó mãe Lada ², mãe,
 Para chamarmos a primavera,
 Para acompanharmos o inverno;

Ou:

Abençôa, Deus,
 Abençôa, mãe,
 Para chamarmos a primavera,
 Para acompanharmos o inverno! etc.

Em algumas canções lituanas, *Láda* invoca-se assim:

Láda, Láda, dido musu deve: (Láda, Láda, nossa grande deusa!) Em uma dessas canções aparece o nome de *Ládo* junto com o do sol. Um pastor canta assim: «Não tenho medo de ti, ó lobo! O Deus com os caracões luminosos não ha-de deixar-te chegar. Ládo, ó sol-ládo ³. . . »

VII

Eis um *canto de moinho* de Jerusalem:

Sus, escuta o mocho,
 Ele piava e dizia:
 Dizia: O' Zmicna,
 As noites felizes passaram.

¹ Afanassief, *A maneira poetica de os slavas encararem a natureza* (Em russo), vol. III, pp. 690 e 721.

² A forma Lada, divindade feminina, encontra-se a pár de ládo.

³ W. R. S. Ralston, *The Songs of the Russian People* p. 105.

Sus, escuta o mocho,
Ele piava em a noite;
E dizia: O' Zmicna,
As noites felizes acabaram ¹.

VIII

O seguinte exemplo é um canto popular, muito espalhado na Alemanha, relativo á cultura do linho e em que o paralelismo é imposto pela designação das varias operações a que a planta é sujeita.

Wenn der Flachs gesäet ist,
So will er auch gejäet sein.
Lieber Mann,
Jäet dann,
So seh'ich meine Freude dran.
Ich kann Flachs sä'n.

Und wenn der Flachs gejäet ist,
So will er auch gerupfet sein.
Liber Mann,
Rupfet dann,
So seh'ich meine Freude dran.
Ich kann Flachs sä'n.

Und wenn der Flachs gerupfet ist,
So will er auch gebunden sein.
Liber Mann,
Bindet dann,
So seh'ich meine Freude dran
Ich kann Flachs sä'n.

Und wenn der Flachs gebunden ist,
So will er auch gerefft sein.
Lieber Mann,
Reffet dann,
So seh'och meine Freude dran,
Ich kann Flachs sä'n.

¹ De Dalman, *Palästsinischer Dwan* em Karl Bücher, *Arbeit und Rythmus*. Dritte Auflage (Leipzig, 1902), p. 69.

Und wenn der Flachs gerefft ist,
So will er auch ins wasser hinein.
Lieber Mann,
Wässert ihn dann,
So seh ich meine Freude dran,
Ich kann Flachs sä'n.

Und wenn der Flachs gewässert est,
So will er auch gewaschen sein,
Lieber Mann,
Wascht ihn dann,
So seh'ich meine Freude dran.
Ich kann Flachs sä'n ¹.

Análogo a esse canto é o da apanha e preparação do lupulo, de que reproduzimos só duas estrofes:

Und was sagte denn der Hopfen,
Kriechend aus der Erde?
Era ritamta,
Faladroti kumferta!
Wirst du mich nicht gut aufbinden,
Keim'ich auf der Erde.

Und was sagte denn der Hopfen,
Auf der Stange rankend?
Era ritamta,
Faladroti kumferta!
Wenn du mich nicht zeitig abpflückst,
Werde ich verstäuben ².

As repetições que podemos chamar cumulativas encontram-se em muitas tradições populares, como nas portuguesas: *A Carochinha*, *A formiga que prendeu o pé na neve*, *A Romanzeira do macaco*, etc. (vid. os meus *Contos populares portugueses*, 1879, n.^{os} 1 a 4); *As doze palavras retornadas*, de que publiquei variantes na *Romania*, III (1874), pp. 269-273, na *Revista Lusitana*, I, pp. 246-254, no *Boletim*

¹ Simrock, *Die deutschen Volkslieder*, nr. 265, apud Karl Bücher, *Arbeit und Rythmus* (3.^{te} Auflage; Leipzig 1902), p. 77.

² *Ob. cit.*, p. 119.

da *Sociedade de geographia*, 2.^a serie, n.º 6; o jogo *A chave do Castelo de Chuchwrumetz*, etc.

IX

Os seguintes exemplos são de cantos de sequencia dos indigenas (Navajos) do norte da America, em tradução livre inglesa:

1.

The sacred blue corn-seed I am planting,
In one night it will grow and flourish,
In one night the corn increases,
In the garden of the Home God.

The sacred white corn-seed I am planting,
In one day it will grow and ripen,
In one day the corn increases,
In its beauty it encreases.

2.

Shall I cull this fruit
Of the great corn-plant?
Shall you break it? Shall I break it?
Shall I break it? Shall you break it?
Shall I? Shall you?

Shall I cull this fruit
Of the great squash vine?
Shall you pick it up? Shall I pick it up?
Shall I pick it up? Shall you pick it up?
Shall I? Shall you?

3.

From the East
Through the middle of your field,
Your corn moves. It walks.

From the West
Through the middle of your field,
Your plants move. They walk ¹

¹ *The Journal of American Folk-lore*, vol. VII, pp. 187, 193, 194.

X

Dou na tradução alemã, para não o alterar mais por uma segunda tradução, o seguinte canto dos esquimós:

Den grossen Koonak Berg in Süden drüben,
Ich sehe ihn.
Den grossen Koonak Berg in Süden drüben,
Ich schaue ihn.
Den leuchtenden Glanz im Süden drüben,
Staune ich an.
Jenseits von Koonak
Dehnt es sich aus,
Dasselb was Koonak
Seewärts umschliesst.
Schau, wie sie (die Wolken) ins Süden
Wogen und wechseln,
Schau, wie sie im Süden
Einander verschönern;
Während er (der Gipfel) seewärts umhüllt ist
Von wandelnden Wolken
Seewärts umpüllt,
Einander verschönernd ¹.

No original esta canção como outras duas, reproduzidas pelo mesmo auctor, têm um estribilho sem sentido.

XI

Eis um canto paralelistico, como muitos dos finlandeses, em tradução inglesa:

A maiden walked along the air's edge
a girl along the nuvel' of the sky.
Along the outline of a cloud
along the heaven's boundary,

¹ Ernst Grosse, *Die Anfänge der Kunst* (Freiburg i. B. und Leipzig, 1894), p. 234 (de Rink, *Tales and Traditions of the Eskimos*, pp. 66 ss).

In stockings of a bluish hue,
in shoes with ornamental heels,
A wool-box in her hand,
under her arm a hairfilled pouch,
etc. ¹

O traductor inglês desse canto diz: Em finlandês a segunda linha duma copla é quasi sempre uma repetição, noutras palavras, da antecedente e está em opposição com ela ².

XII

Segue uma amostra do paralelismo biblico, extraída do *Evangelho* de S. Mateus, cap. VII.

v. 13-14 Intrate per angustam portam :
quia lata porta et spatiosa via
quae ducit ad perditionem,
et multi sunt qui intrant per eam.

Quam angusta porta
et arcta via
quae ducit ad vitam
et pauci sunt qui inveniunt eam.

v. 16-19 a fructibus eorum cognoscetis eos,
Numquid colligunt de spinis uvas
aut de tribulis ficus?
Sic omnis arbor bona fructus bonos facit,
mala autem arbor fructus malos facit,
Non potest arbor bona fructus malos facere,
nec arbor mala fructus bonos facere.
Omnis arbor quae non facit fructum bonum exciditur,
et in ignem mittitur.

v. 24-27 Omnis ergo qui audit verba mea haec et facit ea
assimilabitur viro sapienti,
qui aedificavit domum suam supra petram:

¹ J. Abercromby, *Magic songs of the Finns* em a *Folk-lore quarterly Review of Myth*, etc. I (London, 1890), p. 26.

² *Ob. cit.* p. 22.

et descendit pluvia
et venerunt flumina
et flaverunt venti
et inruerunt in domum illam,
et non cecidit;
fundata enim erat supra petram.
Et omnis qui audit verba mea haec et non facit ea
similis erit viro stulto,
qui aedificavit domum suam supra arenam;
et descendit pluvia
et venerunt flumina
et flaverunt venti
et inruerunt in domum illam
et fuit ruina ejus magna.

O paralelismo bíblico é sobretudo um paralelismo de pensamentos principalmente de pensamentos que se opõem (antíteses), como observa Eduard Norden, que o distingue fundamentalmente do paralelismo da prosa artística grega e latina, que é formal e a que os gregos chamavam *παρίστωσις*.¹

F. ADOLFO COELHO.

¹ Eduard Norden, *Ob. cit.*

FALAS E TRADIÇÕES

DO

DISTRITO DE VIANA-DO-CASTELO

(Vid. REVISTA LUSITANA, XIII, 72)

II

a) VOCABULARIO

apresigar — presigo — apresigo:

... «um caixão de cajú, pitanga e goiabada, golosinas que os velhos apresigavam com brãa, pesados, ao que parecia, de não poderem apresigar também um papagaio e um saquí, bichos que distraíam Angelica do trabalho. — CAMILO, *A Bruxa de Monte-Córdova*, Lisboa, s. d.; pág. 11.

E na mesma página, em nota:

«Creio que o termo *apresigar* não corre auctorisado pelos dicionaristas portugueses. *Apresigo*, nas provincias do norte, diz o mesmo que *conducto*. É boa palavra, porque tem a chancellia do mais classico povo de Portugal.» *Apresigo* ou *presigo*. Esta última forma é a mais usada por aqui.

barrela — barrelona, mulher porca. Mais raro ouvir-se *barrellão*, homem porco.

barroneira, = *varroeira* (de *varrão*). Diz-se da porca que procura o porco. (Comp. **boieira**.)

bate. Nas *Apostilas* (pág. 133, l) lê-se: «O que é singular é que *bate* seja o nome que em Caminha se dá ao *pão-de-ló*, outra locução de origem obscura»...

Efectivamente, *bate* é por aqui, por toda esta região do norte, *pão-de-ló*,

ou, mais justamente, a *rosca de pão-de-ló*.

A *rosca* é pequena, ou grande como a roda de um carro (comparação popular), e em geral não é furada no centro. Mais próprio neste caso era chamar-lhe *bôlo* que *rosca*. Mas também chamam *rosca*s a uns *folares* de pão que tem a forma de U e se usam pela Páscoa.

Bate é, a meu ver, o substantivo verbal de *bater*. O *pão-de-ló* é muito *batido*; faz-se *batendo* muito a massa de que é preparado, antes de ir ao forno.

(Comp. *bater manteiga*, *bater ovos*, etc.) De *bate de pão-de-ló*, ficou simplesmente *bate* (Comp. **pique**).

beto. Jôgo com uma *tala* e uma *bola*, etc. Pronuncia-se *bêto*.

Pelo que se vê nas *Apostilas* (pag. 144, l), em Trás-os-Montes chamam *beto* a uma espécie de meia-pá de madeira com que se joga o *loque-em-boque*.

Não sei se o jôgo será o mesmo. Aqui chama-se *beto* a um jôgo em que se usa uma *tala*. Para *tala* serve uma táboazinha estreitada numa ponta para se poder pegar nela facilmente e apropriada a arremessar longe, por pancada, uma bola que outro jogador lança verticalmente ao ar.

belfa, prosápia, bazófia. *Hei de tirar-lhe a belfa. Tem muita belfa*: frases populares.

Não sei se admirá esta acepção a «belfa» de em regra trazerem os «bazófiás» as bochechas *inchadas*, cheias, e o lábio inferior saído desdenhosamente. (De *belfo*);

Bazófia é também o que tem *bazófia*: *Aquilo é que é bazófia ou bazófiás!*¹

bico: 1) = *beijo*.

O sr. Gonçalves Viana, nas *Apostilas* (I, pág. 146), já menciona *bico* nesta acepção. Mas não é só em Caminha. É em todo o norte, e ainda em galego.

Semei na tua horta
a semente dos cuminhos,
a quem lhe deste os abraços
dá-lhe também os biquinhos.

E ao lado desta cantiga, que ouvi a uma senhora de Viana, estoutras galegas:

A estopa non é lan:
¡quen me dera ser estopa
que tantos bicos lle dan!

Dechesme un anillo de ouro
todo roído dos ratos:
A quen lle dechel-os bicos
Dalle tamen os abrazos².

Há uma poesia de R. Lopez intitulada «un bico» e cujo primeiro verso é — *ay, Maruxiña, por Díos dam, un bico*

E esta rima popular:

— Dás-me um bico?
— Não que me pico.

2) = *renda estreita, aos bicos. Vai comprar uma peça de bico.*

Há ainda outras acepções de *bico*, espalhadas pelo país:

- 3) = *aparo*
- 4) = *bôca. Cale o bico! Bico-aite!*
- 5) = *bebedor de vinho*
- 6) = *bebedeira*

Veja-se este passo:

Nos grandes do vinho o effeito
Dizem todos: — *é spleen!*
No pobre... a queixa de peito
É vinho!... Vae tudo assim!...
É *perua*... é *cabelleira*...
Carraspana... *borracheira*
Turca... *porco*... e que sei eu?...
É inda *bico*... *moafa*... — FAUSTINO
XAVIER DE NOVAIS — *Poesias*:
Pôrto, 1855, pag. 300.

E já que se fala de sinónimos de *bebedeira*, mais este passo:

«É porque o beber em tal dia, tanto agoniou o governo, e apanhar á segunda ou terça-feira um pifão de tumba e caldeirinha — não irrita os scrupulos da consciencia ministerial?» — *A Voz Publica* (Pôrto), 25-agosto-1907.

Por aqui diz-se: BÊBEDA, CAMUECA, NASSA, PIFÃO, PITEIRA, TACHADA, TURCA, CARRASPANA, PIELA, ROSCA, PERUA, TIORGA.

7) = *pessoa (como se diz «bôca», «cabeça»):*

«Parece que há já muitas inscripções para o banquete de amanhã. O preço é de 2\$500 cada bico, fóra os vinhos». — *A Luta* (Lisboa), 24-agosto-1907.

8) = *dificuldade, questão embaraçosa:*

... «com um bocadinho de boa vontade, arrumando-se na ultima categoria o *bico* da padralhada estrangeira»... —

¹ Sobre outros significados de *belfa*, vid. *Apostilas*, pag. 139, 1.

² Cantares populares de Galicia in: *Boletín de la Real Academia Gallega*, v — pag. 90 e 91.

Educação Nacional (Pôrto), 2-setembro-1911.

- 9) = «Os porcos em Mondim-da-Beira chamam-nos *bico! bico!* ou *bica! bica! bica-tô, tô, tô...*» — *Tradições*, do sr. Leite de Vasconcelos, pág. 190.

E há as expressões:

10) = *bico d'obra*

... «promete degenerar n'um serio *bico d'obra*». — *O Primeiro de Janeiro* (Pôrto), 23-novembro-1911.

«Lisboa, 26...

... embora andem preocupados (os chefes monárquicos) com o caso da successão, que tem *bico d'obra*» — *A Voz Publica* (Pôrto), 27-julho-1907.

11) = *água no bico*

«Olha que na vila já perguntaram se cá na casa estavam hóspedes, porque vinham p'ra cá muitas comidas. Que não vão elles pegar a desconfiar... Esta pergunta á moça traz água no bico. — CAMILO, *A Brasileira de Prazins* — in-Norte (Pôrto), 15-abril-1908.

12) = *Virar o bico ao prego*.

13) = *bico do peito* = mamilo.

14) = *grão de bico*.

15) = *pau de dois bicos*.

16) = *metro de bico amarelo*.

17) = *bico da rótula* (anatomia).

18) = *bico-incandescente*.

19) = *bico-de-grou* (espécie de erva), etc.

boieira, diz-se da vaca que procura o boi. (Cfr. *barroneira*).

candeia: é a flor do castanheiro, em Paredes-de-Coura.

carrela, = padiola. (Areosa)

chieira, vocábulo registado nas *Apostilas* (pág. 291, l). Quere dizer *bazo-*

fia, vaidade. Usado no Pôrto e também por aqui. Póde-se dizer que é empregado pelo povo do norte.

Vem de *chiar*. Provavelmente assim: A gente do povo ao domingo, ou em ocasião de festa, enfarpela-se o melhor que pode. Ter uns sapatos ou umas botas novas é o cúmulo da satisfação. E se êsse calçado *chia*, indício de que é novo, — a gente classifica a satisfação do proprietário do calçado pelo que nele mais sobressai: a *chieira*.

E como o nosso povo tem, como todos, a sua vaidadezinha, ela vem-lhe ao rosto e às maneiras, ao sentir o efeito da *chieira* do calçado. O vocábulo passou a designar essa *bazófia* e, depois, *bazófia* em geral.

chóninha, chóninhas, = maricas; pessoa, no geral homem, amaricada. De *joaninha*, talvez.

condesseiro, homem que faz condessas.

«*Condeceiros* — Manuel Gonçalves»... — *Almanaque de Viana e seu distrito* para 1912, pág. 100.

curador. Ouvi chamar assim ao «curandeiro», na Abelheira, perto desta cidade.

empalhador, o que *empalha*, que põe a *pathinha* nas cadeiras, canapés, etc.

«*Empalhador* — João Dias»... — *Almanaque de Viana*... para 1912, pág. 103.

esgadunhar = esgadanhlar, arranhlar. De *gadunha, gadunho*, termos com que o povo indica as unhas crescidas. *Tira lá as gadunhas! Gadunho* é usado mais no sentido de *dedos, mãos*: *está lá quieto com os gadunhas!*

espalho, substantivo verbal de *espalhar* (=distrair ou distrair-se. *Vou espalhar* = vou-me distrair. *Vou espalhar a tristeza*).

Tomar um spalho.

estardalho = estafermo. Ex: «O diabo do estardalho!».

estendal: o argaço depois de apanhado é *estendido* na praia a secar; espalham-no, em geral, numa camada de forma rectangular. A praia fica assim aqui e ali coberta de toalhas de argaço: são os *estendais*. Cada uma dessas toalhas para assim dizer — é um *estendal*.

feirão, feira pequena. A *feira* é o mercado mais importante da semana — se a *feira* for semanal como em Viana. Em alguns dias da semana há o *feirão* = feira pequena, meia-feira.

O dia em que é a *feira* chama-se o *dia-de-feira*.

[Comp. *corda* > *cordão*].

grabalho: a um meu aluno de portugueses no Liceu ouvi *grabalho* (*gravalha* aqui). É de Paredes-de-Coura (Cossourado).

mamar (termo popular e familiar) = *comer*, ou *beber*, aliando-se-lhe a ideia de *grande quantidade*, de *deleite* ou de *sofreguidão*. Devorar. Tragar.

É de uso geral.

« Se Hercules passava por hum gigante, porque a cada jantar mamava um boi inteiro » ... — JOSÉ AGOSTINHO DE MACEDO, *Motim literário* — Lisboa, 1811 — tomo II, pág. 52.

mata-bicho: *matar o bicho* é beber em jejum um pouco de aguardente, cana, genebra, ou qualquer bebida alcoólica. Por extensão, é tomar qualquer coisa, bebida ou comida, de manhã, antes do almoço.

Em Tui ouvi *matar o bicho* e *matar o becho*.

O que serve para *matar o bicho* chama-se *mata-bicho*.

Matar o bicho provém de, em jejum, o vazio do estômago se manifestar como se dentro dele estivesse um bicho que o *mata-bicho* mataria. A sensação de vacuidade do estômago também é comparada ao roer de ratos dentro daquela viscera. *Já sinto ratos no estômago. Lá me estão os ratos a roer no estômago*.

Assim, parece-me acertado dar tal ori-

gem à expressão *matar o bicho*, confirmada pela expressão popular espanhola *matar el gusano*:

« ya habia oido misa y matado el gusano com un sorbo de aguardiente y un bollo de aceite cuando el alba se acordaba de saludar al pueblo ». — ANTÓNIO FLORES — *Ayer, hoy y mañana*, Barcelona, 1893 (nueva edición ilustrada), I, pág. 186.

... « los vemos (aos « criados del coche ») antes de amanecer a la puerta de la casa tomando el aguardiente, para *matar*, como ellos dicen, *el gusano de la madrugada*, o echando la mañana que es frase de que también se valen esas gentes ». — *Ibidem*, II, pág. 365.

— Observa-me Leite de Vasconcelos que já em tempo assim explicou *matar o bicho*, — e cita-me RIEGLER, *Das Tier im Spiegel der Sprache*, p. 290

mondilho. Completando o que escrevi nesta Revista ¹ sobre *gravalha*, recebi os seguintes informes:

Em Gondomil (Paredes-de-Coura) chamam-lhe *pinho*, em Sanfins (P.-de-C.) *mondilho*.

Em Paredes-de-Coura diz-se *fasco*, e a uma folha de pinheiro seca chamam *fasqueiro* ².

Em S. Pedro-da-Torre (P.-de-Coura), chamam-lhe *cisco*.

pente-dos-bichos: é *pente fino*, *pente meúdo*, pente de tirar os *bichos*. ... « e ella, arrebitando o dedo mínimo branquinho e papudo, sulcava-lhe as répas lustrosas com o pentesinho dos bichos » ... — EÇA DE QUEIROZ — *O Mandarin* (Pôrto), 1880, pág. 5.

pique: a renda-de-bilros é feita, numa almofada cilíndrica especial, sobre uma tira de papel grosso, pintado de amarelo e que tem desenhado a tinta preta o caminho do *cordão*. Essa tira de papel é *picada*, isto é, tem muitos furos, através dos quais se espetam

¹ XIII, págs. 82-88.

² Vid. *Rev. Lus.* XIII, 89, nota 2.^a.

na almofada os alfinêtes que seguram e dirigem os pontos da renda.

Chama-se a essa tira picada — o *pique* (de *picar*. Comp. *bate*).

postoiro: é o lugar onde se esconde, se põe, ocultando-a, a chave da casa. (Perre [Viana], Venade [Caminha]).

Como na aldeia as casas teem uma só chave, combinam os que moram nelas o lugar onde a chave é *posta*, para dela se servirem sem o risco de outrem a encontrar.

réina é como o povo chama às *cadeiras*, — «flancos» ou «ilhargas» em anatomia topográfica.

Ao *rim* chama, em geral, *ril*.

... «o meu homem pediu a baixa do serviço... Foi ferido cinco vezes e ganhou doença dos réins»... — CAMILO, *A Bruxa*... Lisboa, s. d.; pág. 140.

Neste passo está *réins* como masculino: *réins*, no sentido que dissemos, é feminino. *Tenho uma dor nas réins*. Na citação que fazemos está *réins* por *rius* e, por isso, no género masculino.

revendedeira: é a *revendedora*, *revendona*. ... «achar-se-hão nella os vilissimos sentimentos de huma revendona da Praça»... JOSÉ AGOSTINHO DE MACEDO, *Motim Literário*, II, pág. 74.

Também se lhe chama *contratadeira*. Compram às *vendedeiras*, fazem *contratos* com elas, *para revender*.

robalo: êste peixe tem nomes diversos, segundo o tamanho.

De meio palmo, pouco mais ou menos, chamam-lhe *corninho*.

Quando tem um palmo, chamam-lhe *palmeiro* (de *palmo*).

Acima do *palmeiro* há o *chalço*; depois, já maior, o *robaliço*; depois, entre o *robaliço* e o *robalo*, o *meio-robalo* [Viana].

tapo: o que serve para tapar. *Pôr um tapo na pipa* (de *tapar*).

Já nesta revista (vol. 13.º, pág. 89) registei esta adivinha:

— O qui é ãa coisa, redondinho, redondo, que num teim tapo nêim betóque?
— De *tapo* > *tapulho*.

Numa pia o *tapo* é um farrapo; pode-se pôr numa garrafa um *tapo* de papel, etc.

tarôco = bocado, naco. *Taroco de pão*, por exemplo. Paralelo a *tanôco*.

tarócos são os *sócos*, tamancos.

O *Novo Dicionário* inclui *taroca*, f., que não ouvi ainda.

vinagrada — **sangria**: *vinagrada* é o *refrêsko* de vinagre.

«Existe uma grande variedade [de refrêskos], desde os refrêskos inglezes à modesta *vinagrada*». — *Jornal de Viana*, de 26-setembro-1907.

*

O *refrêsko* de vinho chama-se *sangria*: — «O vinho tinto com agua eis um bom refrigerante... chamando-se-lhe vulgarmente «sangria». — » — *Ibidem*.

venda = taberna.

... «lembrei-me com os olhos humedecidos, da minha aldêa do Minho, do seu adro assombreado de carvalheiras, a venda com um ramo de louro á porta, o alpendre do ferrador, e os ribeiros tão frescos quando verdejam os linhos»... — EÇA DE QUEIROZ, *O Mandarin*: (Pôrto), 1880, pág. 110.

vidro, frasco, garrafa pequena.

b) ADIVINHAS

5. Qui-é, qui-é,
que d'alto-istá
e d'alto mora,
todos o bêm
ningueim o adora? ¹

(Sino).

6. Qui-é ùa coisa que nace c'as mãos atadas na cabeça?

(Fênto).

7. O qui-é ùa coisa que bai fazer chorar a gente a casa? ²

(Caixão de defunto).

8. O qui-é que bai c'as tripas arrasto p'rò monte?

(As *bêrgas do carro*. *Bêrgas* [vergas] são *atíhos* de carvalho, feitos de vergas retorcidas, e que servem para atar o *tojo* nos carros).

9. O qui-é que bai co rabo p'ra diênte e a bôca p'ra tras?

(É o *forcado*. "Forcado", — diz a mulher — é uma coisa de agarrar nas *panadas* para as botar no carro. *Panadas de tojo* são montes de mato: com o *forcado* atira-se a *panada* p'ra cima do carro).

10. Cais é mais dura: é quéim na fura ou quéim na dependura?

¹ As adivinhas 5-9 foram ouvidas a uma mulher de Beiral (Ponte-do-Lima) há bastantes anos em Viana. Ela às adivinhas chama *contos*.

² A mesma adivinha ouvida a uma moça de St.ª Maria-de-Rebordões (Ponte-do-Lima): «Qui-é uma coisa que nace no monte e bêm fazer chorar a gente a casa? — São os pinheiros». Percebe-se agora bem a adivinha. Dos pinheiros fazem-se os caixões de defunto.

(Irgola [*argola*], espécie de brincos: *argolas*).

11. Qui-é uma coisa comprida como uma corda de carro e redonda como uma dorna?

(Poço). ¹

c) CANTIGAS

4.

Teinho cártá no correio,
ai, Jesus! de quem será?!
Si-é d'Antone num a quero,
si-é de José trágã cá. ²

5.

José ámo, José quero,
José trágo no sentido,
por causa de ti, José,
trago-o meu sono perdido.

6.

Antone, lindo Antone,
cabelinho aos aneis,
por causa de ti, Antone,
passo tormentos crueis.

7.

Antone, belo Antone,
tu és um belo rapaz;
hei de dar-te umas calcinhas
abêrtinhas po'detrás.

¹ As adivinhas 10 e 11 foram ouvidas a uma mãe de St.^a Maria-de-Rebordões (Ponte-do-Lima), há anos nesta cidade.

² *Traga-a cá.*

8.

Assênta-te aqui, Antone,
rapaz que bêins infadâdo,
nesta cadeirinha noba,
feita da raiz do crábo.

9.

Assênta-te aqui, Antone,
tu numa pédri-eu noutra;
aqui choraremos ambos
a nossa bentura pouca.

10.

Abaixa-te Serra d'Arga
donde o penêdo caiu;
ninguéim digò-que num sábe,
néim afirm'o que num biu.

11.

Bai-te carta f'liz boando,
que lindos olhos bais bër;
carta, põe-te de joelhos
q'ando te forem a lêr.

12.

Rapazes e raparigas,
Olhai lá porond'andais,
s'a honra é comò bidro,
cobrando num solda mais.

13.

Papagaio louro,
de bico dourádo,
leva-m'esta carta
ao meu namorado ¹.

¹ De 4 a 13, ouvidas a uma rapariga de St.ª Maria-de-Rebordões (Ponte-do-Lima).

*

14

O papagaio téim pēnas,
sõu brancas ou negras,
de bárias côres.

O' mamá,
eu béim lerazia,
qo andar de noite
era tolaria

15.

Rapazes da lialdade,
falai a berdade
aos bossos amores.

O' mamá,
eu béim lerazia,
que papas à noite
fazíum azia ¹.

16.

Assubi ò limoeiro,
cheguei ó meio, caí:
o limoeiro é-a morte,
ai de mim! que já morri.

17.

Assubi ò limoeiro,
cinco fôlhas le tirei:
cinco sentidos qu'eu tinha
todos im ti impreguei.

¹ 14 e 15, letra de um cantar do povo. Ouvi-o às raparigas de Anha, na apanha do argaço. Note-se *mamá*, que é como o povo diz, por influência de *papá*. E também *irmã*.

Os substantivos como *tolaria*, de formação popular, são frequentes: *fidalgaria*, *zelaria* (zêlos).

18.

Bai carta onde te mando,
responde, sábe falar;
os olhos que te *notarum* ¹
já-'stôu fartos de chorar.

19.

Por Antone dou a bida,
por José peixes do mar,
por Manuel a mim mesma
que num teinho mais que dar.

20.

Olibeira do Brasil,
bota-me p'ra cá um ramo;
meu amor é teimoso
dúrum-las teimas um ano.

21.

Bai de roda, bai de roda,
cada q'al sua cantiga,
eu também cânto-a minha
q'a nabilidade m'òbriga.

22.

Foi à figueir'òs figos,
corri-a toda òs ramos;
ninguém se fie nos homes,
falas deles sôu inganos ².

¹ *Notar cartas*. Expressão também popular em Espanha:

... no habrá un hombre que pueda gloriarse de tener una carta escrita por ninguna de ellas. Cierito es que sobre no saber *notarlas* (y esto era entonces una ciencia al alcance de pocos), no había en la casa más tintero que el de la escribanía»...—ANTONIO FLORES: *Ayer, Hoy y Mañana*, 1 pág. 83-84.

* Asi se lo escribió á sus padres en la primera carta que *notó* a un paisano suyo»...—*Ibidem*, pág. 283.

² 16 a 22 ouvidas a uma mulher de Beiral (Ponte-do-Lima).

23.

O anel que tu me destes
no domingo do Senhor
era-me largo no dêdo
e apertado no amor ¹.

24.

Ai! ai! ai!
eu sou comò cuco:
de di'é qu'eu cânto,
de noite trabuco ².

d) COMPARAÇÕES POPULARES

amarelo como a cera.
amargo como fel.
azêdo como rabo de gato.
bêbedo como um cacho, como um carro, como um nabo.
beber como uma esponja (= beber muito).
bom como o hom melão.
branco como a cal.
bruto como um sóco.
burro ou tapado como uma porta, como um seixo, como um tamanco.
cair como um tordo (= « cair redondo »).
caro como fogo.
chato como uma espadela ³.
comer como um lavrador, como uma frieira ⁴.
contente como um cuco.
doce como mel.
dormir como um porco (= dormir muito).
esperto ou fino como um alho, como um coral.
falar como um doutor (= falar muito bem).

¹ Viana.

² Ouvida em Darque, na festa da Senhora das Areias. De uma canção.

³ Ouvida a uma rapariga de S. João-da-Ribeira (Ponte).

⁴ Aproximação dos dois significados de *comer*.

feder como uma poupa (diz-se do que «fede que tresanda»);
 feio como um bode.
 forte como uma tôrre, como as armas.
 fulo como uma barata, como uma bicha (= muito zangado).
 gordo como um batoque, como um chino («porco-chino»), como
 um abade.
 lindo como uma flor, como um amor, como os amores, como uma
 estrêla, como um céu aberto.
 magro como um cão.
 mau como as cobras.
 molhado como um pito.
 negro como um tição.
 parir como uma bácia (= ter muitos filhos).
 pernas gordas como cepos.
 pernas magras como palitos, como cabos de faca.
 sêco como as palhas.
 suar como um boi.
 triste como a morte.
 vermelho como um tomate.

Cf. *Selec. comp. alentejanas*, do sr. A. TOMÁS PIRES.

e) RIMAS, ESTRIBILHOS E DITADOS

- Adeus, meu amor.
- Abra-me a porta quando eu lá fôr.
- ... afinal de contas...
- Linhas quebradas tudo são pontas.
- == Doutor da mula ruça, tira o chapéu e põe a carapuça.
- == A quem Deus não dá filhos, dá o diabo sobrinhos.
- == Pelo visto e pelos autos (ou altos), andam as pulgas aos saltos.
- == Chegou e disse, tirou o chapéu e foi-se ¹.

¹ Diz-se de quem larga uma sentença ou faz aviso ou admoestação com ar de enfado.

= Quem te fez que te ature.

= Adeus, Viana, que vou p'rò norte! ¹

= Quem te não conhecer que te compre.

= Bem te conheço que és de Carreço.

= És de Darque vais p'rò fundo ².

= Troque-me a porta mas não me troque o nome ³.

— Como se chama?

— *Justa* ou *sempre-assim* ou *chamo-me com a bôca*. São as respostas vulgares das raparigas.

= Com (ou por cima de) melão, vinho de tostão (= «com melão vinho muito bom»).

= Com peras vinho bebas, e tanto êle seja que nadem as peras.

= Espirram os cabritos (as cabras, os carneiros, os bodes), temos bom tempo.

= Minha rica flor do tojo, quando te vejo metes-me nojo.

= Não há carne como a do carneiro nem amor como o primeiro.

= O luar de janeiro alumeia como o candieiro.

= Depressa e bem há pouco quem.

= Muito e bem não faz ninguém.

= Falai no mau, aparelhai o pau.

= Dá-o Deus na eira e tolhe-o Maria na masseira [Ancora].

¹ Exclamação de enfado.

² Alusão à gente de Darque da qual se conta que, em certa cerimónia religiosa, foram enterrar o Senhor *na areia* (na margem do Lima), pelo que vão para *o fundo*, para o inferno.

³ Diz a pessoa a quem trocam o nome.

= Um tostão, cento e dez, nunca chega a três vinténs ¹.

= Falo eu ou chia um carro? ²



f) FRASES DO POVO

- 1) *Estar a rastos de barato.*
- 2) *Estar pelas portas da morte* (= muito caro).

... «ó mulheres, se me trazeis a ponta do nariz d'esse ladrão pago-vos duas canadas de vinho maduro, e mais elle está pelas portas da morte». CAMILO, *a Bruxa*... Lisboa, s. d., pág. 142.

- 3) *Ir à pavana a alguém* (= bater-lhe).

«Ora meu velhote, não se vá fazer fino com palavriado lá para o meio do povo, que lhe vão á pavana!» *Ibidem*, pág. 143.

- 4) *Fazer de fino, fazer fino.* (Vid. citação antecedente), o mesmo que *dar ares* ou *tomar ares*.

- 5) *Fazer alguém de fel e vinagre* (= desesperá-lo, enraivá-lo).

- 6) *Arrotar postas de pescada* (= bazofiar).

- 7) *Por ou para descargo de consciência.*

... «descarguo da minha consciencia»... (Testamento de 20-nov. 1587: mss. n.º 77 do Tombo das capelas de Viana. Fl. 381).

- 8) *Pancada de criar bicho.*

«E, afinal, com o pretexto dos bichos levaram mas foi pancadaria — de criar bicho». *Folha de Viana* (Viana-do-Castelo), de 28 nov.-911.

- 9) *Andar de costas direitas.* Andar a vadiar, sem trabalhar. Alia-se a trabalho a idea de corpo curvado.

¹ Diz-se a quem coxeia, arremedando o ritmo da claudicação.

² Diz quem fala, quando outros falam ao mesmo tempo.

g) SUPERSTIÇÕES

A respeito de *crianças*.

Em Alvarães, as mulheres não cortam o cabelo nem as unhas aos filhos antes de falarem porque, cortando-lhos, ficam *tardeiros na fala, gagos e pouco faladores*¹.

*

Há dias — diz-me um amigo de Alvarães — entrando numa casa em que estavam a lavar uma criança de uns 10 a 12 meses, observei que a mãe depois de lhe lavar o corpo bastante sujo e tendo a criança ainda posta no alguidar «começou a apanhar água na mão e a deitá-la pela boca da criança». Quis mostrar os inconvenientes daquela porcaria e a mãe atalhou: «tento deitado água na boca todas as vezes que lavo este menino e minha mãe também a nós nos fazia o mesmo e nem para mim nem para ela conheço melhor remédio para tornar as crianças *humildes*».

*

... «eu disse-lhe que aqui (em Alvarães) e para este povo só as crianças eram vítimas de três doenças: *aguar, bichas e mau ar*. No *mau ar* é compreendido: *olhaduras* de mulheres que com a vista podem fazer mal ou bem. A inveja também pode tolher as crianças; isto por elas serem bonitas ou mais gordas do que as de qualquer outra.

É muito frequente uma mãe, quando tem um filho nutrido, não o querer mostrar a ninguém, e se o mostra com facilidade, olhando-se para o braço direito da criança [é muito frequente] ver-lhe preso ao mesmo uma saquinha, ordinariamente feita de flanela vermelha, tendo dentro um bocadinho de alecrim, mirra, incenso, cera virgem, sal e um bocado de barro ou bosta do forno² e palha de alhos com esta mistela a criança está livre de tudo quanto fôr más-vistas ou invejas.

A tal saquinha, assim composta, também é ordinário ver-se pen-

¹ Nas *Tradições pop. de Portugal*, pag. 204, regista-se: «Se antes das creanças fallarem, estas se mirarem num espelho, ou se alguém lhes cortar o cabelo, ficam sem falla (Minho)».

Em Darque (Viana) não lhes cortam as unhas antes de falarem, senão nunca falam. O mesmo acontece se se olham a um espelho (Viana), ou se se lhes põe o pente na cabeça (Viana. Beiral [Ponte-do-Lima]).

² As portas dos fornos são barradas com *bosta*, ou com cinza e água.

durada ao pescoço das vacas leiteiras e isto para que as donas das outras vacas ao verem a vaca com *êste enorme aparelho* (úbere recheado de leite) não lhe façam *com a vista* secar o leite.

Se o leite seca por as vacas não trazerem a tal saca, o primeiro remédio a fazer é esfregar o corpo do animal da cabeça para o rabo com o colete do dono. Chamam a esta operação *esfregar ao repêlo*».

Apenas modifiquei a pontuação e a ortografia, e pus entre ganchos uma expressão necessária para inteligência fácil da leitura e que o informador tinha com certeza em mente, não a repetindo por estar no princípio do período.

*

Com a *criança ao peito*, não se pode passar por cima de água, senão dá-lhe a *gôta* [Beiral (Ponte do Lima)].

*

Por causa dos *maus ares*, ao toque das Trindades, cobre-se a cabeça da criança com o chapéu do pai ou com outra qualquer coisa dele (Beiral).

*

Quando uma criança *aguou*, o remédio é mandar fazer um bolinho de farinha triga ou de farinha milha à madrinha da criança para esta o comer detrás de uma porta sem que ninguém veja; assim perde a *aguiça*¹ [Alvarães].

Uma criança, que estando a morrer dá muito soluços, morrerá mais facilmente se vier o padrinho e a madrinha deitar-lhe a bênção [Alvarães].

*

Por causa da gota, as mães dão aos filhos, antes dos 7 anos, leite de mãe e filha, isto é: de uma vaca e filha, de uma ovelha e filha, etc. [Alvarães].

¹ A pessoa que me contou isto disse *aguou* e *aguiça*. Já foi estudante. Popular é *ougou* e, naturalmente, *onguice*.

Aguar no sentido em que é tomado o vocábulo por gente deixada de superstições — é *crescer água na bôca*, *aguar-se a bôca*, e diz-se principalmente das crianças (Comp. Trad. Pop. de Port., pag. 204 u).

*

Para tirar a mania do roubo às crianças, dá-se-lhes papas de farinha milha onde tenha sido cozido um rato vivo, até este se desfazer.

Segura-se o rato por um fio atado á cauda.

Desfeito o rato e cozidas as papas, tira-se o esqueleto do rato.

A criança deve comer sem ter conhecimento do rato, senão o remédio de nada vale [Alvarães].

*

Desde que nasce até ser batizada, a criança deve ficar de noite com luz acesa, porque senão vem o diabo e as feiticeiras e não querendo que a criança se batize esganam-na, antes de que o *batismo lhe faça a alma santa* [Alvarães].

*

Quando uma criança mama até grande, por ex. até aos quatro anos, é porque há de ser muito esquecida e ter pouca memória [Beiral (Ponte-do-Lima)].

*

Quando uma criança já é grande e ainda não fala, o padrinho e a madrinha metem-na num fole e vão pedir nove esmolos que dão a comer á criança.

Ao pedir, dizem:

Quem dá esmolinha á criança do *fol* que quer falar e não pode.

— (Comp. *Trad. Pop. de Port.* pag. 206-207).

*

Na pag. 112 das *Tradições Pop. de Port.*, vem noticia da passagem da criança através de um vime, para curar hérnias.

Como a tradição que colhi é um pouco diferente, vou expô-la:

Criança quebrada, no dia de S. João ao meio-dia, é levada *adonde* houver vimes, racha-se um ao meio, sem o cortar fora, na presença de três raparigas com menos de sete annos, estando elas a fiar; passa-se a criança através da abertura do vime, acompanhando a cerimónia de *resas* e *ladainhas*. Depois, une-se o vime, atando com o fio que as três raparigas, três Marias, fiaram. Se o vime soldar, a criança fica boa, e, se não soldar, repete-se a cerimónia no S. João seguinte [Alvarães].

*

A's crianças, principalmente, costuma dizer-se: *Deus te faça um santo!*

É costume geral no país, e que também nalgumas terras espanholas observei.

D. António Florez, na obra que tenho ocasião de citar várias vezes neste artigo [*Ayer, Hoy y Mañana*, t, pág. 28], diz:

«Por próxima que estoviesse al convento la casa á que iban (os frades) de visita, no se libraban de un besamanos general de cuantos chicos y mujeres les salian al paso, haciendolo también algunos hombres muy granados, con especialidad los que tenian alguna posición oficial en la corte.

—Dios te haga un santo—era la frase obligada del fraile después de dar á besar su mano».

Efectivamente, a frase de ordinário é proferida quando se dá a mão a beijar ou como resposta ao pedido de bênção. O trecho que transcrevo diz respeito aos frades em Madrid, no ano de 1800.

*

Sobre os *prodigios infantis*, já o sr. Leite de Vasconcelos falou nas *Tradições*, pág. 209.

Aí se transcrevem passos de Camões e Garcia de Resende, apontando-se crianças prodigiosas, e ainda versos do romance de «D. Silvana» e dos *Rom. pop.* do sr. L. de Vasconcelos.

O Padre Feijóo diz:

«De esta grande diferencia, que hay en la constitucion individual, vienen aquellos prodigiosos adelantamientos de algunos jovenes á quienes ordinariamente no igualan los literatos octogenarios.

Sabido es lo de Juan Pico de la Mirandula, el Escocés Jacobo Criton, el Español Fernando de Cordoba, Gaspar Scioppio, Hugo Grocio, el Españolito, que hoy se admira en Paris, y otros. Pudieramos añadir á estos vulgarizados exemplos otros muchos, no tan comunes, y no menos admirables; pero nos contentaremos con señalar dos, los mas sobresalientes. Gustavo de Helmfeld, hijo de un senador de Suecia, de diez años sabia doce Lenguas, la Sueca, la Moscovita, la Polaca, Francesa, Española, Italiana, Alemana, Flamenca, Inglesa, Latina, Griega y Hebréa: sobre esto era Filosofo, tenia alguna tintura de Theologo, y poseía algunas partes de las Mathematicas.

Pero á quanto hasta ahora se ha visto, excedió un prodigioso niño,

nacido em Lubeck el año de 1721. y muerto el de 1725. llamabase Christiano Enrico Heinecken. Copiaré lo que de él dicen los Autores de las Memorias de Trevoux en el Tomo primero de 1731. como testificado en diferentes impressos por varios Autores fidedignos de la misma Ciudad, y País. Este niño à los diez meses empezó à hablar. A los doce sabia los principales sucessos contenidos en el Pentateuco. A los trece, la Historia del Viejo testamento. A los calorze, la del Nuevo. A dos años y medio respondía oportunamente à las preguntas que se le hacian sobre la Historia Antigua, y Moderna, y sobre la Geografia. Muy luego habló con facilidad la Lengua Latina, y passaderamente la Francesa. Antes de empezar el quarto año sabia las Genealogias de las principales Casas de Europa, y explicaba con entendimiento, y juicio las sentencias, y passages de la Sagrada Escritura. Luego aprendió à escribir, no pudiendo apenas sostener la pluma. Aborrecia todo otro alimento que leche, y ese havia de ser de la propria Ama que empezó a criarle; de modo que no le destetaron hasta pocos meses antes de morir. Era de debilissima complexion, y frequentemente enfermaba. En fin murió el dia 27. de Junio del año de 1725. llenando de admiracion à todos la constancia y resignacion heroica, que mostró en todo el discurso de la enfermedad...

Yá veo que puede haver mucho de exageracion en esta Historia, pero nada de impossibilidad»... *Discurso* I, do tomo VI do «Theatro Critico Universal» — Nueva edición, Madrid, 1781.

h) PRÁTICAS RELIGIOSAS

Os «clamores»

Sobre os «clamores» na festa da Senhora das Areias (em Darque) fiz eu um artigo em 5 de agosto de 1907, que foi publicado na *Aurora do Lima* nesse ano, e reeditado no mesmo jornal de 24 de Julho de 1911.

No ano seguinte (1908) não pude assistir aos «clamores», e êsse foi o último ano em que os houve.

Registo portanto, a tal propósito, o artigo a que aludo, porque mais não consegui saber dêsses já acabados *clamores*:

«Por uma manhã fria, qual foi a de ante-ontem, lá calcámos a ponte, quasi escondida em umidíssimo nevoeiro, que se arrastava densamente por sobre o rio.

Pouco longe do termo dela, principiou de distinguir-se o maçanetar dos zabumbas, revezado com as gaitadas das filarmónicas, logo se lhe juntando o estalejar dos foguetes.

Era a procissão; em breve se confirmou o juízo de que ela fôsse, enxergando-a a recolher-se à capelazinha, através de o rarear do nevoeiro que rastejava na margem já batido pelo sol, cujo calor se coava até nós frouxamente, mas fazendo antever já a sua intensidade no passar do dia.

No sítio do arraial, quando o alcançámos, tocavam alternadamente duas músicas d'aldeia, de farpelas marciais, cercados os coretos respectivos por algumas dúzias de lavradores boquiabertos; havia uma rodinha de camponeses azevieiros, ao meio da qual três ou quatro pares bailavam animados pela harmónica, pelo cavaquinho e pandeiros; e de onde em onde alapavam-se os que ainda não haviam esvaziado o taleigo do almôço.

Era gente de várias freguesias, de além rio, pouco ataviadas as mulheres, de lenços brancos ou amarelos com ramagens vermelhas, cruzados sobre o peito; na coroa da cabeça outros de igual jaez; descalças quasi todas; chambers de chita, e saias tecidas, sem côres berantes, pelo meio da canela.

Tinham vindo para os *clamores* à Senhora das Areias, pela manhãzinha, vendo-se ainda os *mordomos-da-cruz* com as cruces envoltas nas suas opas vermelhas, como que aleitando-as.

Era-nos quasi perdida a esperança de assistir às manobras de um dêsses «clamores» — cáiram já 8 horas — quando se nos deparou um bando de aldeãos em redor do cruzeiro, erecto a algumas dezenas de metros da capela.

Um labrosca idoso, mas de aspecto rijo ainda, encapado numa opa vermelha, encaixava uma cruz numa vara metálica como ela, enquanto um moço com feitiços de *seminarista-sopeiro*, enfiada a batina, lhe sobrepunha com embaraço a *copa*.

Era um *clamor*.

O campónio da cruz, único enfeitado de opa, empunha a cruz d'irmandade e perfila-se de costas voltadas para o cruzeiro e frente para a entrada da capelazinha, ladeando-o dois outros com tocos de cera.

Rodeando o cruzeiro, ajoelham os restantes sócios do *clamor*, modulando um triste *orà prè nobis*, em resposta ao latim que o da copa mastiga num librecozinho.

Rodado pouco tempo, metem-se a caminho da capela, entoando sempre a ladaíinha, e dão umas quatro voltas em redor dela, pisando as sardinheiras e as hortênsias que juncam o terreno, — entrando

ao depois na capela, onde ainda fazem ouvir por tempos o *orã prè nóbis*, melancólicamente entoado num alongamento demoradíssimo de sílabas.

Fôra o *clamor* de Santa Leocádia: não viera quando aos outros, perdendo por isso muito em interêsse que é como quem diz em operações.

(Em parêntese, diga-se que *clamor* é não só o acto de conjuntamente orar [clamar], senão também o bando que o faz, sendo o *clamor* formado por um grupo de indivíduos da mesma freguesia, e tendo o nome desta).

Os outros *clamores* tinham chegado aí pelas 5 da manhã em carro e a pé, vindo das freguesias que tal costumam dedicar á Senhora das Areias, em grandes tocatas e cantorias, trazendo as cruzes em cestas de alvas toalhas de rendas.

Toda aquela gente, ganhando a breve carvalheira ao pé da capela, aí continuara na cantata hatendo os pandeiros com as nocas dos dedos, sacudindo as cordas da viola e desfranzindo o fole da harmónica, até que alguém deu sinal de começarem os *clamores*.

Então amontoam-se todos em roda do cruzeiro, os *mordomos-da-cruz* encadernam-se nas opas de paninho vermelho, hasteiam as cruzes flanqueados por aldeãos de velas de cera acesas.

Faz o clamor (quere dizer, é como que chefe da cerimónia), um padre, ou qualquer homem solteiro, lendo a ladainha, a que responde o povo com o monótono *orã prè nóbis*.

O fazedor do «clamor» pode ser um para cada freguesia, ou o mesmo fazer vários «clamores» a um tempo. O seminarista, ou coisa que o valha, que vimos fazer o último clamor, fizera oito conjuntamente de manhã cedo, ganhando 800 réis, pois que cada *clamor paga um tostão*.

Depois de curta demora, ladainhando ajoelhados junto ao cruzeiro, marcham para a capela em roda da qual dão algumas voltas, após do que se ajoelham todos em frente à capelazinha, onde acabam de fazer o «clamor».

Cada qual vai em seguida dar a esmola que entender à Senhora, e fazer-lhe as suas orações, findo o que, quem ainda não *fizesse ro-maria*, vai fazê-la, isto é, vai rezar dando voltas à capela.

Depois, os romeiros de cada freguesia agrupam-se em torno da respectiva cruz (em bandos distintos para cada freguesia), e, uns de joelhos outros de pé, rezam *segundo a sua devoção*. A meio destas rezas, passam de mão em mão um raminho de buxo que todos beijam. A espaços, ergue-se alguma voz *pedindo* orações que nomeia, para qualquer fim ou por alma dêste ou daquele.

Acabado isto, dispersam alegremente, não faltando quem logo vá encher de vinho o vazio deixado por tanta reza; armam danças, cantam ao desafio ou em côro, com acompanhamento dos tocadores, diferenciados dos mais romeiros por uma vassourinha de flores e manjerico na boteira; os *mordomos-da-cruz* despem as opas e nelas embrulham as cruces, trazendo-as em geral aconchegadas ao peito, em posição de pequerrucho a amamentar-se.

Estes *mordomos-da-cruz* são os que levam as cruces: são numas freguesias os casados mais antigos, de ordinário com mais de 30 anos de aliançados, e noutras os casados que primeiro tomam mão delas. Os mordomos teem de pagar um tanto de vinho a cada um da sua freguesia que vier ao clamor (para o nosso entrevistado *é do legado da freguesia* pagar um quartilho), êles, porém, pagam vinho á farta.

O nosso interlocutor, lavrador de muitas falas, mas mal se sabendo explicar, disse-nos que o vinho que lhes competia nas Areias o iam beber às Neves, onde também faziam um clamor por causa dos «milhos tardeirinhos». Faziam ainda «clamores» na Senhora da Boa Nova, *clamor que paga*, e em Bulogães, que *não paga*, isto é, em que o mordomo não é obrigado a pagar o vinho.

O aldeão contou a seguir que era crença antiga pousarem as areias na fôlha do milho, e que as freguesias daquelas bandas faziam então os *clamores* á Senhora das Areias para ela lhes livrar os milhos daquele mal. Outros dizem que è para o bicho não dar nos milharais, e diferente invocação lhe fazem os que cantam

Da minha janela rezo
à Senhora das Areias,
que me traga o meu amor
que anda por terras alheias.

*

— «São nesta conformidade os *clamores* dêstes sítios, com pequenas variantes, *havendo-os também mudos* — dizia-nos um labrosca de ar incrédulo.

— Clamores mudos?

— «*Clamores mudos*», sim senhor.

— «Beim p'r'aí em bando onde á Birgem, a que *tâmeim* chamam Senhora do Mar, e num abrem boca; é uma coisa supina...»

— E que quere dizer aquilo de beijarem um raminho de buxo?

— «Eu sei! aquilo é qualquer balda das rezas».

*

Há também *clamores* para Carreço, Afife, Âncora, Ponte, Barca, etc., sendo de maior importancia o que se faz em Afife ao S. João, com muitas freguesias, pagando multa *a cruz* que não comparecer.»

i) TEATRO

Auto da Floripes

(NAS NEVES)

O «Auto da Floripes» é uma representação popular que se faz no lugar das Neves (concelho de Viana), ao ar livre.

Últimamente o «auto» tem sido muito desfigurado, já não havendo quem o represente a preceito, à parte alguns velhotes que ainda vivem, actores apaixonados da velhíssima representação e que se esforçam por que a rapaziada desempenhe agora os seus papéis como os desaparecidos actores. *Dantes, sim!* diziam-me os aldeãos mais idosos. *Dantes é que isto era levado a primor. Agora falta F., falta C.*

E, de feito, vivem na memória daquela gente velha os homens que noutros tempos eram as personagens principais do antiquíssimo auto. Enquanto vivos, eram eles sempre que desempenhavam as mesmas figuras. Depois, os papéis foram *herdados* pelos descendentes como já eles os haviam herdado de seus ascendentes.

Vi o auto em agosto de 1910. Corri o arraial à cata dos papéis por onde se guiarium os actores: não me souberam dar razão deles, ou me enganaram. Aquela gente é desconfiada, não admitindo sombra de troça à sua tradicional peça. Mais que um ano ali tem havido rija pancada com gente da cidade que lá vai rir-se da simplicidade dos aldeãos. Mais estúpidos são êstes urbanos em levar de chalaça o «auto» do que os lavradores das Neves em levá-lo a sério.

Antes de começar a representação já os figurantes andavam pelo arraial exibindo os trajes garridos. De manhã haviam-se encorporado na procissão, fazendo trejeitos e pantomimas.

Pouco pude saber do «auto», nem mais do que soube é possível saber-se numa só assistência. Os aldeãos declamam muito artificial-

mente, de modo que se percebe muito pouco do que dizem. Ainda assim, uma velhota, à beira de quem assisti à representação, deu-me bastantes explicações.

Vão os apontamentos como os colhi na ocasião:

«Vão-se representar as *comédias*. São 5 e meia da tarde, chega o *partido christão*. Uma filarmónica, tocando uma marcha, dirige-se com os cristãos para o tablado construído no *souto das Neves*, à sombra de frondosos carvalhos.

Os *cristãos* são uns quantos velhotes, enfarpelados de cabos-de-infantaria, roupa do último modelo¹, de espingardas de carregar pela bôca, com as duas divisas muito vermelhas no azul-escuro dos braços. Vem com eles o *rei cristão* e o esforçado *Oliveiros*. O *rei cristão*, de saio e manto de côres berrantes, na cabeça um cilindro de cartão pintalgado, traz uma espada; Oliveiros, sempre em passo de dança e com traje semelhante ao do rei, traz uma lança. Veem porta-bandeiras; as bandeiras são lenços-da-cabeça, dos que para aquêles sítios usam as mulheres. Sobem o estrado, sempre ao som da marcha da música, que se vai colocar no extremo direito do largo tablado.

Vem depois o *partido mouro ou turco*. Outra música à frente a tocar com valentia. Os guerreiros, gente mais môça, trazem mantos e saios de côres vistosas e mitras cilíndricas na cabeça. Trazem espadas. Entre elles, vem, além dos porta-bandeiras, o *rei mouro* e o *Ferrabrás*.

Ao passar o *partido mouro* junto ao estrado, os cristãos dão tiros, e Oliveiros passeia a dançar o tablado, manejando a lança. Como o partido contrário, — este, antes de subir, dá uma volta ao estrado. Coloca-se no extremo da esquerda (de quem vê).

Depois os reis cantam demoradamente: não se percebe o que dizem, — esclarece-me porém uma velhota que é a exortarem os *vassallos para a batalha*. A seguir a cada rei, cantam todos os do partido em côro.

Eis uma cantiga do côro *turco*:

Meu rei, meu senhor, não tema
nem tenha mais que temer;
vamos lá para a batalha,
suceda o que succeder.

¹ De então.

Após as preguias dos dois reis, avança o *Ferrabrás* com o seu *ajudante*. A velhota diz-me que cantam o seguinte (o que não se percebe bem):

Vai Ferrabrás para o campo
e vai hem aparelhado,
para dar batalha ao turco (?),
pois que tanto tem chamado.

Ao encontro de Ferrabrás vem Oliveiros com o seu *ajudante*, que parece um polícia de revista teatral com os seus bigodes ferozes e a farda da corporação.

Ferrabrás, com a espada, e Oliveiros, com a lança, teem longa conversação. Cuido que Ferrabrás desafia o outro.

Nesta altura uma mulher (que por sinal é mãe do que faz de Ferrabrás) sobe ao estrado com uma trouxa; vai fazer a cama, onde se deitará o Ferrabrás: sai do sacco um lençol com entremeios rendilhados e uma travesseira—peças que, pelo asseio e luxo, provocam forte sussurro de pasmo e de comentação no auditório.

Estendido o lençol, e ajeitado o travesseiro, Ferrabrás depois de altos brados deita-se, e com êle o ajudante.

O *rei cristão* vem então até junto de Ferrabrás que dorme, e dá-lhe uma espadagada. O ajudante de Ferrabrás enxota o rei.

A seguir vem Oliveiros, a cantar, ter com Ferrabrás deitado.

É nesta altura que entra em cena *Brutamontes* a dar no soalho pancadas com a *cacheira* (moca) de feitio pitoresco, e enorme.

O *Brutamontes*, explica a velha, é o *gardador da fêmea* (Floripes) e é o *bobo da comédia*.

O primeiro dito de Brutamontes, que produz grande gargalhada, é: — *Mais bale tarde de que nunca!*

Brutamontes traz cartola, sobrecasaca com voltas de côr e grandes botões, calção branco, polainas de *rapão* até ao joelho, e a tiracolo um rosário de maçãs verdes para uma banda, e para a outra um sacco de palha entretécida; à cinta uma chave de pau (ou cortiça) e um espadagão de madeira. É um velhote que de vez em quando faz caretas e diz chalaças.

Oliveiros, como se ia dizendo, canta para Ferrabrás. Este senta-se na tal cama. Trava-se um diálogo cantado, como sempre, na mesma toada. Diz a velhota que estão a dizer *lindas doutrinas*, e que *é a vêr se Oliveiros converte Ferrabrás*.

Passado tempo, Oliveiros ajuda Ferrabrás a levantar-se, e dispu-

tam os dois largo tempo. [Tiram a cama. Brutamontes desce do tablado e vai buscar Floripes].

Oliveiros e Ferrabrás batem-se em duelo, ao som de um tambor. A lança de Oliveiros cai ao chão. Recomeçam os dois a conversar, passeando juntos.

Voltam a bater-se, agora Oliveiros com uma espada; Ferrabrás tira a espada a Oliveiros. Outra vez conversam os dois, — Oliveiros em tom suplicante dirige a Ferrabrás uma *oração*. Ferrabrás quer ouvir essa *oração* segunda vez. Oliveiros di-la (explicações da velhota). Passeiam os dois; Oliveiros quer *báti-car* a Ferrabrás.

Chega a Floripes com Brutamontes num carro de fraldetas, trazendo adiante uma filarmónica. Os christãos apresentam armas. Oliveiros percorre o tablado em passo de dança. Dão os recém-vindos uma volta ao tablado, depois do que sobem para êle ao som do *hino da Carta*, que a música do *partido cristão* toca.

Floripes traz uma *mantinha* na cabeça e cujas franjas lhe encobrem a cara. Saia de pano preto, chambre verde com rendas. Um chale amarelo no braço, um leque de senhora ao pescoço, e na mão um guarda-solinho de cidade. No chambre, ao peito, um broche de ouro. — E' um rapaz vestido domingueiramente, com o luxo de uma sombrinha e de um leque de *fidalg*a (senhora da cidade).

A Floripes fica no campo mouro.

Oliveiros continua as cantigas a Ferrabrás. E outra vez se batem ficando desta vez Ferrabrás preso. O ajudante de Oliveiros e este põem as pontas das espadas ao peito de Ferrabrás, que pede que o soltem.

Trava-se batalha. E Oliveiros fica preso. Passa-se com êle a mesma cena. Põem as espadas ao peito de Oliveiros, que roga que o deixem em liberdade.

Ao fim de cada cantiga, rufa o tambor, e os guerreiros dão uma volta ao preso.

Ferrabrás é levado para junto do *rei cristão*.

Dois *concubinos* (alcoviteiros) *cristãos vão aonde ao rei turco* ¹ *buscar a moça*.

A moça canta com Oliveiros, que diz a velhota, enganando-se, ser o *fêmeo* (namôro) dela.

Floripes passa para o campo cristão, a abanar-se com o leque. Há tiros. Brutamontes chora.

O *rei turco*, entre outras, canta esta cantiga:

¹ *Ir aonde a alguém* (expressão minhota) «ir aonde está alguém».

Minha filha Filoripe,
que tanto me falseaste;
deixaste'la minha lei,
meus inimigos soltaste.

Responde Floripes :

O senhor pai me perdô,
qu'isto num foi consirdado,
se le fiz algũa ofênsia
foi p'ra ser mulher casada.

Os dois reis disputam, marcham um para outro a esgrimir com as espadas mas sem que as toquem.

O tambor acompanha sempre—êste duelo a distância.

A certa altura, os reis dão um brado e veem guerreiros dum lado e de outro: os *turcos* esgrimem com as espadas e os *cristãos* dão tiros para o ar.

Esta cena repete-se umas dez vezes, enfadonhamente. É a batalha. O *rei cristão* por fim cinge com os braços o *rei mouro* e trã-lo para o campo mouro. Os *mouros* fazem roda, com as costas para os reis, e os guerreiros cristãos passeiam ao redor de êles — e repentinamente fogem.

Os reis travam duelo.

Vão agora os reis para o *campo cristão*; os cristãos, de costas para os reis, fazem roda. Os mouros passeiam em volta — e subitamente fogem.

Os reis continuam o duelo.

Veem dois guerreiros de cada campo e batem-se também; os dois mouros ficam presos.

Os reis continuam a combater.

Veem mais dois guerreiros de cada campo, pelejam, e ficam presos os mouros.

O duelo dos reis continua, e a cena aquella vai-se repetindo, sendo, dois a dois, presos todos os guerreiros mouros, que antes de se deixarem agarrar fazem momices várias, correndo e careteando.

Os reis, presos os combatentes *mouros*, agarram-se num abraço.

Avança o porta-bandeira cristão para o porta-bandeira *mouro*:

Ó porta-bandeira desgraçado,
da bandeira faz intrêga
Ou-intom morres degoládo.

Batalham os porta-bandeiras, sendo afinal preso o *mouro*.

No campo *turco* está agora o Brutamontes sòzinho.

Vem um cristão (o que faz de ajudante do seu rei) e trava-se longo diálogo entre Brutamontes e êle, fazendo aquêlê rir os espectadores com chôro, caretas e ditérios.

Parece que o cristão quiere que Brutamontes se renda e lhe entregue — diz a velhota — a chave do cárcere. Brutamontes chora e não quiere entregar a chave que mostra à cinta. Batem-se, puxando Brutamontes pela enorme espada de pau.

Oliveiros e Floripes aproximam-se e Brutamontes cai dando-lhe o *flato*.

Floripes ajuda a levantar Brutamontes e vão os dois para o campo cristão. Brutamontes retoma o papel de bobo.

Ferrabrás passeia com Oliveiros. Floripes vem de um lado a cantar; do outro lado vem Oliveiros.

Depois, cantam todos:

Nossa Senhora das Neves
é estrêla de Portugal;
já se renderam os turcos,
Vivam todos em gèral!

Nossa Senhora das Neves
é guia de toda a terra,
já se renderam os turcos,
já se acabou toda a guerra.

Há danças combinadas. O rei cristão anda entre o ajudante e Oliveiros. Floripes entre Ferrabrás e o rei mouro.

As músicas tocam juntamente. A toada dos cantares é especial, lenta, melancólica.

Êste ano não cantaram no fim esta quadra — observa a velha:

Dêmos fim a êste baile
Q'a nós assim nos conbêim;
regale-se meu senhor
até o áno que béim.

Eram 7 e 20 da tarde, quando acabou o *auto*».

*

A seguir a estas notas, vou dar a interpretação das *comédias*, para melhor entendimento do espectáculo; assim, — à falta da letra que ainda espero obter, se porventura a representação continuar a efectuar-se —, far-se há melhor idea do que é a peça teatral das Neves:

A peça diz respeito à guerra entre o imperador Carlos Magno e o almirante Balão, isto é: entre cristãos e pagãos.

De um lado, Carlos Magno com os doze pares de França, entre elles o Conde Oliveiros. De outro lado o almirante Balão (*rei mouro*) com a sua tropa e Ferrabrás, filho dele e rei da Alexandria.

Ferrabrás soube que Carlos Magno estava com o seu exército em Mormionda e para lá partiu, arrogante, fiado na sua força e coragem, a desafiar êle sózinho os doze pares de França.

No *auto*, as cantorias iniciais dos dois *partidos* dizem respeito à rivalidade e ao desejo de guerra de cristãos e pagãos.

Depois, embora a representação não siga fielmente a narrativa popular que do assunto corre, percebe-se que Ferrabrás vai desafiar os doze pares de França, deitando-se não à sombra de uma árvore mas no lençol de que nos apontamentos atrás fiz menção.

A *História do Imperador Carlos Magno e dos doze pares de França*¹ conta que Ferrabrás, não encontrando ninguém em Mormionda, começou a gritar desafiando Carlos Magno e os pares de França, — depois do que atou o seu gínete a uma árvore, tirou o elmo e se estendeu no chão, «alçando pouco depois a cabeça para ver se algum guerreiro se aproximava, não descobrindo ninguém», pelo que repetiu os brados de desafio agora aos doze pares todos juntos.

No *auto*, Oliveiros vem ter com Ferrabrás antes de êste se deitar, o que se explica, naturalmente, por a mulher da trouxa... não entrar a tempo em cena.

Oliveiros, que foi o único que se prestou a batalhar com Ferrabrás, apesar de ferido, deveria, pois, avançar quando Ferrabrás dormia já.

Segue-se a conversação de Oliveiros e Ferrabrás a quem aquêlle acordara. Ferrabrás admira-se da pequenez e aparente fraqueza do cristão, que ainda por cima está ferido. Oliveiros finge ser um guerreiro sem renome.

¹ *Biblioteca para o povo*, n.º 14. Porto, 1875 — na Tip. de António J. da Silva Teixeira; Cancela Velha, 62.

Por fim, Oliveiros ajuda Ferrabrás a levantar-se e a armar-se. E trava-se o duelo que no *auto* tem as peripécias acima notadas. Oliveiros é quem vence: «sentindo o turco... mortal ferida, e conhecendo não poder resistir mais a Oliveiros, iluminado da graça do Espírito Santo, conheceu o êrro dos pagãos e, posta a mão esquerda na ferida, disse ao cavaleiro francês: Nobre Oliveiros, rogo-te por amor do teu Deus, que me não deixes morrer até que receba o bñtismo. Tanto gñsto houve Oliveiros de ver Ferrabrás convertido, que lhe saltaram as lágri-mas dos olhos, e com grande amor lhe ligou a chaga o melhor que pôde. Então disse Ferrabrás a Oliveiros: Cumpre montes no meu cavalo, e me ponhas de ancas, porquanto se te detiveres, temo não possas levar-me, pois deixei dez mil turcos atrás daquele outeiro, os quais acudirão vendo-me vencido»¹.

Veem os *turcos*, e Oliveiros, depois de combater com êles, fica preso —tendo vindo também em auxilio dele os cristãos. Oliveiros vai para o *campo* pagão e Ferrabrás, que é encontrado pelos cristãos, é levado por êstes.

Depois, vão os embaixadores cristãos ter com o almirante Balão para que êste restitua as relíquias santas (que Ferrabrás roubara de Roma) e os cavaleiros franceses que aprisionara.

Floripes, filha do almirante e namorada do cristão Gui de Borgonha, par de França, dá liberdade aos presos de que era carcereiro Brutamontes. Entre os presos, encontram-se os embaixadores, um dos quais é Gui de Borgonha.

Os franceses com Floripes escapam-se para junto de Carlos Magno, —havendo grande batalha entre cristãos e pagãos, a qual ocupa grande parte do *auto*. Vencem os cristãos.

*

Ai fica interpretado o *auto*, como posso com as deficientes notas que consegui tomar e aproximando as cenas—dos respectivos passos da história popular de Carlos Magno.

Naturalmente, o *auto* não é todos os anos igual,—como succede nas representações populares. Não há *ponto*. Os *papéis* são decorados. Apenas uns dois ou três paisanos, solícitos, percorrem o tablado ajudando a movimentação dos actores.

Considerando o depoimento da velha, junto a quem assisti á re-

¹ Pág. 6.

apresentação, esta não é encarada com justeza, notando-se que o tempo, a necessidade de adaptação e a errada interpretação da *História de Carlos Magno* foram decerto os factores dessa perversão de sentido e de desempenho.

j) FESTAS TRADICIONAIS

O Natal

A *noite de Natal*, na véspera do dia 25 de Dezembro, é reservada à «festa da família».

Todos procuram juntar-se no lar da sua família, para *consoar*, para se reunirem na grande ceia dessa noite: a *ceia de consoada*.

Nessa refeição festiva há pratos tradicionais, como: bacalhau cozido com batatas e troços, batatas guisadas com bacalhau, pasteis de gerimu, bolinhos de bacalhau, e, quanto a pratos doces, rabanadas, mexidos e formigos. Entre os mexidos e os formigos há, em rigor culinário, a sua diferença. Os *mexidos* fazem-se com sopas de trigo, leite, ovos e açúcar. Os *formigos*, com meolo de trigo (pão de trigo) esfarelado (aos bocados pequenos), mel, ovos, leite e açúcar.

Ainda há o «vinho quente» com açúcar, ou mel, e às vezes ainda com canela.

Depois da ceia, um dos entretenimentos é o jogo dos pinhões — *par e pernao*, e o *rapa* (pitorra). Também se jogam as cartas, ou se passa o tempo fazendo adivinhas ou contando histórias. Na lareira, põe-se um *canhoto* de carvalho que arde nas três noites de Natal, Ano Novo e Reis, segundo uns, — e nas noites de Natal, Ano Novo e Páscoa, segundo outros. Este cepo, assim como o casco das pinhas que se assam na noite de Natal, tem a virtude de, posto ao fogo quando troveja, livrar do raio.

O sr. dr. Leite de Vasconcelos nas *Tradições Populares de Portugal* (pág. 64) diz: «Põe-se no lume o casco das pinhas queimadas no Natal: aonde chegar fumo não cae raio (Famalicão)».

Também o sr. dr. Leite de Vasconcelos se refere ao *cepo de Natal*, posto ao lume para afugentar a trovoada, — no livro citado, e mesma página.

NO *Positivismo* (IV ano, pág. 283), o sr. Consiglieri Pedroso, também mencionou: «As pinhas, meio queimadas na noite de Natal, deitam-se no lume quando trovão, para passar a trovoada».

Tenho noticia de que na Galiza se usa o *cepo de Navidad* [Forcadela (Tui)] para afastar os raios.

Esta tradição, portanto, é muito espalhada, — notando-se aqui e ali pequenas variantes.

Em Alvarães (Viana) e freguesias próximas, na noite de Natal, põe-se ao lume um pedaço de madeira-de carvalho desde as 6 da tarde à meia-noite. Esse canhoto tem depois a *virtude de afugentar trovões, coriscos e sarriscos* quando se queima e o fumo sobe.

[*Sarriscos* — explicou o informador — são os «riscos da faísca». Também há a palavra *sarriscar*].

Em Beiral (Ponte-do-Lima), — diz-me uma camponesa —, põe-se o *cépo* de carvalho ao lume nas três noites de consoada: Natal, Reis e Páscoa. Depois, para livrar do raio, basta queimar o *cépo*.

Pelo que aí fica dito, vê-se que, se há quem considere de consoada só a noite de Natal, também há quem considere noites de consoada as de Reis e Páscoa e, como atrás se disse, também a de Ano-Novo.

Em muitas povoações há tocatas e cantorias na noite de Natal, e fazem-se visitas.

Em S. Gregório (Melgaço) «ouvem-se *orquestras* de todas (as) espécies por toda (a) parte; depois da ceia vão visitar e dar as boas-festas aos amigos. Também se baila ao som das *orquestras*».

[Para aquêles lados, tira-se o artigo que, actualmente, quasi sempre se coloca depois de *todo*. A verdade é que *todo*, em português, ora deve ser seguido do artigo ora não, conforme o sentido].

«Os mais pobres vão cantar as suas canções usuais, denominadas *loas*, dando as boas-festas para que lhes dêem a consoada. As famílias mais abastadas fazem a *árvore do Natal*, formadas por pequenos pinheiros (ou ramos) onde dependuram brinquedos, luminárias, diversas gulodices, para entretenimento das crianças». (Valença).

A's crianças metem-lhes na cabeça que o *pai Natal*, ao cair da meia-noite, lhes traz brinquedos e bonecos.

É por ocasião do Natal que *se pede e se dá* a consoada: presente de Natal ¹.

Viana do-Castelo, Dezembro, 1911 — Janeiro, 1912.

CLÁUDIO BASTO.

¹ Em Figueira-de-Castelo-Rodrigo, as crianças ao fim da ceia vão dar os *convites* ao pobres que à porta da casa cantam as *festinhas*. Os *convites* são nozes, castanhas, maçãs, etc. (Informação).

VOCABULARIO ALENTEJANO

A

abananado, adoentado.
abocanhar, abocar.
abondar, abundar.
abraçadêra, braçadeira.
abrido, aberto.
abusamento, abuso.
açafra, safra.
acêfa, ceifa.
adenunças, denúncias.
agachís, choça pequena, que se construe para quando armam aos passaros.
Ágada, Águeda.
ajnêra, asneira.
agostinha, variedade de ameixa.
aia, haja.
á la mula, jogo de rapazes, também conhecido pelo nome de *encho*.
alavôso, aleivoso.
alcanforado, camphorado (*alco-ro alcanforado*).
al-de-menos, ao menos («Sequer *al-de-menos* dá-me *amê-tade*»).
alegrête, semi-embriagado. («Está *alegrête*...»)
alentada, arrancada, esforço. («D'uma *alentada*»).
alevante, aumento no preço de qualquer genero.

alforjêro, homem rustico.
algramassa, argamassa.
almiscre, almiscar.
alonso, parvo. («Não te me faças *alonso* ! »).
alvarilho, variedade de damasco.
alvo-rico, casta de uva branca, cuja cepa tem muita vara.
alvo-pobre, casta de uva branca, pobre de vara.
amêjas, ameijoas.
anamite, dynamite.
Anjolo, Angelo.
anninhas, maricas.
anôas, variedade de ervilhas.
antrevalló, intervalo.
apanha-gallegos, jogo de rapazes, também conhecido pelo nome de *dáu*.
aporrinhado, vexado, oprimido.
apregoar as pazes, andar devagar, a passo grave. («*Aquelle anda apregoando as pazes*»).
aragonez, casta de uva preta.
arengo, arenque.
arrecução, reprehensão.
arrelicas, reliquias.
arrepêso, arrependido, repêso.
àscanéve, ar espesso, carregado de vapores. («Está um dia *àscanéve*»).
ascordar, recordar, lembrar.

assenhorar, assenhorear.
assirfo, casta de uva branca.
augada, aguada.
autual, actual.
avargar, vergar.

B

babósa, variedade de ameixa.
bacalhoêro, amigo de bacalhau.
 («*É só munte bacalhoêro*»).

bacorinhos, variedade de figos.
badoem, homem de pouco prestimo.
báia, apupo.
balancé, dança de roda.
balba, baila. («*Trazer á balha*»).

balho, baile.
bandilibós, jogo infantil.
barquinbo, jogo infantil.
barrête de clerigo, variedade de morango.
bassôirão, aug. de vassoira.
bastimento, abastecimento.
bastinba, pouco asseada, porca.
 («*É mulher muito bastinha*»).

batoques, solavancos.
bêbras de rainha, variedade de figos.
bêjinhos, variedade de ameixa.
bél-barrete, jogo de rapazes.
berado, brado.
berando, brando.
beraza, braza.
betão, jogo de rapazes.
bical, variedade de azeitona e de limão.
bicho, jogo de rapazes.
bolusia, blusa.
bom barquêro, ou **Dom barquêro**, jogo de rapazes.
bornal, estomago.

bovetada, bofetada.
Brabacena, Barbacena.
bravito, dim. de bravo.
bretoldo, homem baixo e gordo.
brinca tudo, dança de roda.
bulrrão, burlão.
burúxa, lamparina de luz mortua. (Cfr. *bruxulear*).

búzio, brusco. («*Está hoje um dia búzio*»).

C

cachudo, casta de uva branca.
cagaçal, olival pequeno.
cagadinha, variedade de romã.
caganitas, esterco de borregos.
cagarola, medroso.
caguinchas, medroso.
caiados, caiaduras, caiadelas.
 («*Hoje é dia de caiados*»). É frequente no Sul caiaem as casas.

caiôrro, pião sem cabeça.
cairela, courella.
calavinas, clavinas.
calha-calha, jogo de rapazes.
camastralho, cama pobre, feita no chão.

campanairo, campanário.
camponezas, dança de roda.
camprichão, caprichoso.
caniço, rede de canas para secar queijos, e que se pendura do tecto das despensas.

cantaro, jogo de rapazes.
caracol, jogo de rapazes.
caranço, conchego.
carguita, dim. de carga.
caridosa, dança de roda.
caroçuda, variedade de romã.
carôna, cabeça do pião.

- carranquinhas**, amuos.
carrapachina, carraspinha, caspinha, dim. de caspa.
carrapatas, variedade de bagens.
carrasquenha hranca, variedade de azeitona.
carrasquenha tinta, variedade de azeitona.
carrasquinha, dança de roda.
carripana, carro pequeno e ordinario.
cartaxinho, homem de baixa estatura.
carvoêras, dança de roda.
castanhada, doce de castanha.
castanhos, variedade de alhos.
castellan, ou **trincadêra**, casta de uva preta.
casuco, casinholo.
catalão, variedade de pimentão.
catolco, de boa saúde. («—Que tal de saúde? — *Nam 'stô lá munto catolco*»)
catramonho, molho mal atado.
cerrandêro, panno em que se faz a barrela.
cêta, casta de uva encarnada.
cevadêra, campo semeado de cevada.
chafariz, variedade de romã.
chamarilho, chamariz.
chapotas, ramos das arvores que se chapotam (i. é, de que se cortam os ramos inúteis).
charavascal, campo inculto, chavascal.
charaviscar, farejar.
charutear, fumar charuto.
chêra-fraldas, maricas.
chica-la-fava, jogo de rapazes.
chilico, chilique.
chinico, gato pequeno.
contidade, quantidade.
chuvada, chuva forte, mas de pouca duração.
cinamôco, tropêço.
cinôra, cenoura.
ciranda, dança de roda.
ciumêra, ciúme exaggerado.
climes, climas.
cobra, jogo infantil.
cocégas, côcegas.
coldres, estomago. («Ao jantar enche-se bem os *coldres*»)
colherinha, variedade de castanha.
colhoal, variedade de ameixa.
comprir, cumprir.
com-ermão, co-irmão.
condesça, variedade de pera.
conrroncudo, carrancudo.
conserva, variedade de azeitona.
contrabandistas, jogo de rapazes.
conzestencia, consistencia.
coração de gallo, casta de uva.
coradinha, dança de roda.
corburtura, cobertura.
cordovil, variedade de azeitona.
cordovil nocal, variedade de azeitona.
corna, pequena vasilha para azeitonas, feita de corno.
cornizo de cabra, variedade de malaguêta.
corodão, cordão.
corrupô, variedade de uva.
coscuvilhice, bisbilhotice.
còsquinhas, côcegas.
cotòsinho, homem pequeno.
cremence, kermesse.

crespadinha, variedade de alface.

cúca! vae-te!

curesma, quaresma.

curralório, pequeno curral.

D

dará-s'ó caso, dar-se-ha o caso.
dávante, diante. («E assim *por dávante* »).

déca, decalitro («— Que porçam t'rá vomecê d'azête?—T'rê 'mas duzentas *décas* »).

decinqüintina, sécca, maçada.
(«Que tal 'stá a *decinqüintina*! »)

dêdo de dama, casta de uva.

Delaidinha, dança de roda.

Denildes, Leonilde.

desapear, apear.

desaranhisse, falta de geito.

desatre, desastre.

desbandar, debandar.

descaidella, descabida.

desensoffrido, insoffrido.

devaluto, devoluto.

d'i, d'ahi («— Então vossemecê está limpando o prato á saia?
— *E d'i? E d'i?* »)

dia, jogo de rapazes.

Diaba e Diabôa, «mulher do Diabo».

Diabinho, dim. de Diabo.

Diacho, Dialho, Diantre, Diantro e Diâtre: Diabo.

diazinho, dim. de dia. («Que tal está o *diazinho* hoje!»).

dinhêral, dinheirama.

disbulhar, debulhar.

Dom Solidon, dança de roda.

Dona Brites, casta de uva.

E

embérica, iberica.

empespinhar, abespinhar.

empalagozisse, rabugice.

empandinar, empanzinar.

emposturice, impostura.

encardòchado, adoentado.

encultura, agricultura.

enfranche, a parte da meia (entre os crescidos e os miates) que abriga a barriga da perna.

enfrascado, embriagado.

enfremêro, enfermeiro.

engivas, gengivas.

enjura, injuria.

enlastico, elastico.

enrédi, enredador.

enredadela, intriga.

entretengas, entretenimentos.

entrufinhado, zangado.

enzequias, exequias.

enzorcismos, exorcismos.

escalda-favaes, rapaz turbulento.

Escolata, Escholastica.

esconde-esconde, jogo de rapazes.

escondidas, jogo de rapazes.

escorchice, pedintaria. («Aquelle anda na *escorchice* »).

escrição, descrição.

escrivôa, escrivã.

escur'cer, esquecer.

esformigar, dispersar-se a multidão.

esfregados, esfregaduras. («Hoje é dia de *esfregados*» Cf. *caitados*).

esfumaçar, esfumear, desfazer-se em fumo.

esgalhada, airosa. («A rapariga não é mal *esgalhada* »).

espapaçado, balôfo.
estartalado, estatelado.
estevêra, variedade de figos.
Estevo, Estevão.
estôrazo, estoíro.

F

farfalhuda, variedade de alface.
fardulagem, tarandulagem.
farinéla, flanela.
fazer caras, fazer monetes, caratear.
fédito, fétido.
felosa, mulher muito magra.
ferade, frade.
fergidêra, frigideira.
Fernão Pires, casta de uva branca.
Fernã-quêmade e *Ferrê-quêmade*, jogo de rapazes.
ferral de Borba, casta de uva.
ferral d'Oliveança, variedade de romã.
ferral de Tamara, casta de uva.
fêxota, grande móiho (uma *fêxota* de piorno).
fiche, fixo.
folarmonica, philarmonica.
folgazão, casta de uva branca.
fondica, homem abjecto, miseravel.
fosso, jogo de rapazes.
framacia, pharmacia.
framacético, pharmaceutico.
franel, farnel.
franzelinho, franzinho.
friolento, friorento.
fura-bolos, dedo index.

G

gaivôto, ave pequena, maior que a andorinha. (Gaivão?).
gallega ou *galleguinha*, variedade de azeitona.
gallego, variedade de trigo molle.
gallinhas, jogo de rapazes.
gallo, variedade de ameixa.
gingo, dança de roda.
glosinha, variedade de azeitona.
gorsura, grossura.
gostos da vida, variedade de ameixa.
granal, seara de grão de bico.
gratúte, gratuito.
grelar, querellar.
grenha, variedade de couve.
grillo, jogo de rapazes.
guiné, lugar ventoso. («Foste atravessar aquella *guiné* e podias-te constipar».)
guisantes, variedade de ervilhas.

H

heredadita, dim. de herdade.
humildêza, humildade.

I

impados (esdruxulo), impetos.

J

joélhar, ajoelhar.
judaica, variedade de azeitona.

K

kilomis, kilometro.

L

lampos, variedade de figos.
landonas, adulações.
laranjêro, variedade de feijão.
lavados, lavagens. («Hoje é dia de lavados»). Cf. *esfregados e caiados*.
lempar, limpar.
librâme, quantidade de libras.
Lisboa, variedade de alface.
lizença, licença.
lôba, terreno junto do pé da oliveira, que tem de ser cavado por ocasião das lavouras, pois que o arado, ou charrua, não deve ali chegar. («Vou cavar as lobas»);
lojêro, que tem loja de capella.
lombarda, variedade de couve.
lombrigar, lobrigar.
lontana, lantana (arbusto).
luar, jogo de rapazes.

M

maçanilha, variedade de azeitona.
machadasa, pancada de machado.
màlacára, homem de má catadura.
malatéca, pequena herdade.
malcreadão, superlativo de malcreado.
malhão, jogo de rapazes.
malvazia grossa, casta de uva branca, de cacho grande.
malvazia meuda, idem, de cacho ordinario.
mancêbo, toro de madeira, de que dependuram as balanças de braço, nos mercados e feiras.

manchina, mão cheinha. («Uma *manchinha* de sal»);
mangralhão, homem mal vestido e grosso.
marcadoria, mercadoria.
marfina, morphina.
Marí-chorosa, choramigas.
marmorial, memorial.
marqueza, variedade de pera.
marranita, corcovado.
massêrão, grande gamella.
matizagem, matiz.
matracla, matraca.
megite, meningite.
melanconia, melancholia.
mentiradas, acervo de mentiras.
mestêro, mosteiro.
m'nina casadôra, dança de roda.
micobio, microbio.
midida, medida.
misèrinhas, sovina.
molares, variedade de nozes.
manipolio e monipolio, monopolio.
montaréco, pequeno monte.
morêto, casta de uva preta.
môrisco, casta de uva branca.
môros, jogo de rapazes.
mortalização, amortização.
moscaría, grande numero de moscas.
mosaïque, mosaico.
move, movel.
munchica, jogo de rapazes, também conhecido por jogo *da maçã*.

N

narigueta, homem de nariz grande.
negrão, variedade de azeitona.

negrilha, variedade de couve.
nominado, denominado.
notavle, notavel.

O

objéto, vegetal. (Água d'*objéto*.)
oh vendima, dança de roda.
ôi em dia, hoje em dia.
olhica, espreitador.
ombrêra, humbreira.
orgo, órgão.
orquestra, orchestra.
ôrredores, arredores.
ôtramar, ultramar.

P

padre-cura, jogo infantil.
pae-de-todos, dedo grande.
palacio contra palacio, jogo de rapazes.
panento, embaciado, empanado.
 («O vidro não ficou bem lavado, ficou *panento*».)
panzêro, amigo de pão.
pão, variedade de pera.
papa-açorda, fracação, lorpa.
papa-formigas, lorpa.
parolice, falatório.
partelêra, prateleira.
parvoa, parva. Mas dizem parvo, porque *parvoa* vem do lat. parvūla.
parvoela, pateta.
paschoa, variedade de couve.
paspalhão, dança de roda.
pásua, pausa.
pata, jogo de rapazes.
pato, jogo de rapazes.
pé-cozinho, jogo de rapazes, também conhecido por *jogo do dia*.

pé-de-pombo, variedade de pera.
pelém, magrizona.
pelôtro, menino aminado. («É o *pelôtro da casa*».)
penteadêra, cabelleireira.
pepino-choco, homem fraco, doente.
pera, variedade de melão.
peraça, praça.
perato, prato.
per'la, variedade d'uva.
peremio, premio.
permenente, permanente.
per monde, por amor de...
perrada, desfeita, pirraça.
perrum, casta de uva branca.
pescorenço, namoro. («Está primeiro o *pescorenço*, que o trabalho».)
pessegal, variedade de ameixa.
pèzinhos, piugas.
pellota, jogo de rapazes.
picão, carvão meudo, feito de chapotas.
piconêro, vendedor de picão.
pinche, jogo de rapazes, também conhecido por *jogo do papa-marcas*.
pincuinhas, homem sem prestimo; de *pincuinhas*.
pioguinha, pião pequeno.
piornal, campo de piorno.
pórros, variedade de alhos.
pomponête, pompenête, pompunhête, pumonête, jogo infantil.
pôr, sobrevir. («De q'alq'êr cōsinha *punha-se-me* d'antes d'ôr de cabeça».)
Por pés: Não se cabia lá *por pés*, estava muita gente.

pôse-o, pô-lo. (Este *pôse-o* a assar).
prescentage, percentagem.
prodoar, perdoar.
promoroso, primoroso.
propéto, perpetuo.

Q

q'és? queres?
quassa, quassia.
quatro-cantinhos, jogo infantil.

R

rahêta, rapariga experta.
rabisco, rebusco (« Andar ao *rabiscos*. Cf. Leite de Vasconcellos, *Respiços Camonianos*, I, 47 ss.).
raiadella, dor violenta, mas momentanea, nos intestinos.
ramage, ramagem.
ran, variedade de melão.
raparigagem, rancho de raparigas.
rapinança, rapinagem.
raspapés, rapapé.
rastrolhice, restolhada.
ravasca, zanga.
rê (rei), variedade de ameixa, e variedade de figos.
rebaldios, variedade de figos.
rebote, rabote.
rê-coxo, jogo de rapazes.
redanho, redenho.
redonda, variedade de malagueta.
redondil, variedade de azeitona.
refertorio, refeitorio.
regalona, variedade de ameixa.
rênação, reinado.
renguens, rengalhos.
 1. **rênól**, variedade de ameixa.
 2. **rênól preta**, idem.

repatanado, repimpado.
repeniques, repiques.
répito, rapido.
reprezarias, represalias.
repullo, repugnancia. («Tenho *repullo* nisso»!).
resonadela, acto de resonar.
retablo, retabulo.
rosada, variedade de romã.
runião, reunião.

S

sahedorença, sabedoria.
saco, variedade de cereja.
sacho-marisacho, jogo de rapazes.
saías, dança de roda.
saluçó, soluço.
San Bertholomen, jogo de rapazes.
San Guergorio, variedade de pepino.
San João, variedade de maçã.
San Martinho, jogo de rapazes.
Sant'Antonio, variedade de pera.
Santa Batuta, jogo de rapazes.
Santa Cat'rina, variedade de bagens.
sarça-parrilha, salsa-parrilha.
sarrilha, serrilha.
'scariote (escariote), velhaco.
segueredos, segredos.
seladêro, amigo de salada.
selho, sello.
sendicancia, sindicancia.
senisga, magrizella.
sergir, serzir.
seromenhos, variedade de pera.
sevilhana, variedade de azeitona.
scrápintim, rapaz aspero, mau.
semicuplo, semicupio.

sola-sapato, jogo infantil.
somana, jogo de rapazes.
somblante, semblante.
sonorento, sonolento.
soquir, alcançar, conseguir. («Não foi lá, por isso não *soqui*u vinho e doces, como eu *soqui*»).
soparar, separar.
sujêtação, sujeição.
sumítico, avarento.

T

tabacoso, lenço tabacoso: lenço de côr, que serve para limpar o pingo do rapé que cáe do nariz.
taloca, toca, buraco no tronco duma arvore, no chão, numa rocha, etc.
tal ó qué (tal ou que), regular. («Está hoje um dia *tal ó qué*».)
tamarês, casta de uva branca.
taniça, tamiça.
taniças, homem fracalhão.
tambaque, tambaca.
taranta, mulher aparvalhada.
tax, tacho.
tempradura e trempatura, temperatura.
tentelhêra, variedade d'azeitona.
tentura d'odio, tintura de iodo. Cf. F. A. Coelho, *A lingua portuguesa*, 2.^a ed., p. 58.
tinturêra, casta de uva preta.
tinta-fina, casta de uva preta.
tomba-lobos, homem muito gordo.
transauntos, transeuntes.
trapacices, trapaçaria.
tremês, variedade de trigo.
treslida, mulher sentenciosa.
trinque, trinco.

trôchada d'agua, grande agua-ceiro.
trólis-bólis, troca-tintas, trapa-lhão.
tronchuda, variedade de couve.
truque-mandruque, jogo de rapazes, também conhecido por *jogo do homem*.

U

úsios i fructus, usufructos.

V

valverde-ladrão, dança de roda.
varridos, varreduras («Sabbado é dia de *varridos*»). Cf. *esfregados*.
Vaselisa, Basilisa.
verdeaes, variedade de figos.
verdeal, variedade d'azeitona.
verdelho, ou *arinto*, casta de uva.
verдум, verdete.
veve, vive («Quem *veve* lizo, morre *leso*»; mas dizem *viver*).
virdrado, e *vidrado*, vidrado.
viuvinha, dança de roda.
vizó-verso, viceversa.
voletar, voltar.

X

xaravascal. Vid. *charavascal*.

Z

zamel das frêras, homem affeminado.
zé-piégas, pateta.

Costumes e festas populares dos seculos XV e XVI

(DOCUMENTOS)

A publicação dos setenta e nove documentos que se seguem adiante vem satisfazer nalguns pontos os desejos dos etnógrafos, offerecendo-lhes material novo e seguro com que possam fazer subir as tradições ainda existentes a alguma antiguidade. Os documentos que pertencem ao sec. XV, são em tão pequeno numero que quasi não valeria a pena mencioná-los no titulo desta compilação; todavia pareceu-me mais exacto fazer a menção. A maioria porem pertence ao sec. XVI.

Dividi os documentos em cinco grupos:

A — *Assuadas e transgressões*, 8 documentos.

B — *Festas do natal*, 5 documentos.

C — *Festas de entrudo e pascoa*, 8 documentos.

D — *Festas religiosas e romagens*, 21 documentos.

E — *Banquetes, danças, descanços, jogos, toques e touradas*, 37 documentos.

Uma divisão destas nunca póde ser completa; um documento por exemplo, que se refira a uma assuada que se deu num jogo em occasião de uma festa tem direito a pertencer a tres grupos. Por isso para uma consulta sobre determinado assunto, toda a collecção terá de ser examinada.

PEDRO DE AZEVEDO.

DOCUMENTOS

A

Assuadas e transgressões

1

Dom Sebastião etc. Faço saber que Manuel Ribeiro mancebo solteiro filho de Diogno Ribeiro já defunto morador na villa de Moforte preso na cadea de Villa Viçosa Me enviou dizer por sua



pição que elle fora preso e acusado pelo officio da Justiça por se dizer que de noyte andava pella dita villa tãgendo bozinas aos christãos novos e pondo-lhe cornos e osadas as portas e asy tãobem ferira a hũ Manuel Ribeiro çapateiro e a hũa filha de Afonso Pinto de preposito e asuada com outros... Dada na cidade de Lixboa aos xxiiijº dias do mes de Julho... de mil bº lxij annos... (Liv. 3 de Legit. de D. Seb. e D. Henrique, fl. 73 v.).

II

Dom Sebastyam etc. Faço saber que Andre Alluez morador na villa de Sousel me enujou dizer per sua petyção que elle fora acusado pela Justiça por se contra elle dizer que depois de ser tomada Residencia ao Licenciado Manuel de Lucena ouvidor que foy na dita vila lhe forão de noyte cantar camtyguas injuriosas e pôr á porta cornos e cousas çujas e por Imdicios que ounera elle suplicante tyvera allgũa cullpa no dito caso e fora condemnado per sentença da Rolação em hũ anno de degredo pera as guals cõ baraçõ e preguão pela villa e estava preso em vylla Visosa e por que elle suplicante hera de boa geração e de parentes homrados e cavaleiros e que amdavão na governança da terra etc. Dada na cidade de Lixboa aos dez dias de dezembro... de mil bº lx b anos (Liv. 15 de Legit. de D. Seb. e D. Henrique, fl. 407 v.).

III

Dom Sebastião, etc. Faço saber que Domyngos Gonçalvez laurador, morador em Almofalla termo da vylla de Castell Rodrigo me enviou dizer per sua pytição que o ouvidor que fora na dita vylla o mandara como camynheiro cõ hũa carta do pouo e moradores do lugar d'Escarigo termo da dita vylla pera mym sobre ho Insulto e ofensa que pelos crystãos nouos do dito lugar fora feyto a hũm padre pregador estando pregando na Igreja dele dia de Nosa Senhora de Março do Ano passado de j bº lx b a qual carta eu vyra e a Remetera a santa Inquisyção e os Inquisydores vemdo a pasarão provysão que o suplicante levava pera o dito ouvidor tirar deuasa sobre o dito caso como a tirara e a mãdara outro sy pelo dito suplicante a mesa do dito santo Officio como constaua das certidões que dos ditos Imquesydores apresentava pelo qual cryme e delyto em ofensa de deus feyta estauã presos quatro na dita sãta Inquesyção e por ele ser parte fez esta delygencia em serviço de noso senhor e meu e o Juiz de fora da dita vylla por ser crystão

nouo e fauorecer os crystãos nouos e dar lhe vyngança dele o prendera e fezera dele hu auto dizendo que a sua noticia vyera que ele soplicante e algũas pesoas de que não era sabedor diserão em sua ausencia sobre seu ofício que o não fazia bem etc. Dada na cidade de Lixboa a bij dias do mes dabril de mil b^c lx bj anos... (Liv. 2 de Legit. de D. Seb. e D. Henrique, fl. 76).

IV

Dom Sebastião etc. faço saber que Manoel Roiz morador na vylla do Redondo me enuiou dizer por sua pitição que ele fora preso e acusado pelo prouencial da ordem de sã Paulo por se contra ele dizer que ele e ontras pesoas se amotinarão contra a dita ordem e diserão contra ela palauras descandolo pelas quaes culpas fora cõdenado pelo Coregedor de minha corte em seis meses de degredo fora da uylla e seu termo etc. Dada na cydade de deuora aos iij^o dias do mes dabryl e feyta aos cymquo... de j b^c lxx anos (Liv. 10 de Legit. de D. Seb. e D. Henrique, fl. 73).

V

Dom Sebastião, etc. faço saber que Jeronimo Roiz, moço, menor de Idade me enuyou dizer por sua pitição que elle fora acusado pella Justiça a fallecimento de partes por se dizer que Indo o capitão da ordenamça Lopo Godinho cõ a gente della elle soplicante cõ outros se Ryão e zombarão da dita ordenança e officiaes e soldados que nella hyão e lhe apuparão e se embuçara dizendo corrydos vão pello qual caso se processarão autos pello capitão etc. Dada em Allmeyrim aos xbiij^o de abril e feyta em Lixboa aos cinco de mayo... de j b^c lxxij (Liv. 18 de Legit. de D. Seb. e D. Henrique, fl. 99).

VI

Dom Sebastião, etc. faço saber que Symão da Fomsequa, mnrador na vylla de Trancoso me enuyou dizer por sua pitição que elle fora preso e acusado pela Justiça por se dizer que elle suplicante era principall em bandos e cõpitencias que havia em a dita vylla e que cõ a muyta liança de parentes que tinha sobornaua as enleijções da Mizericordia e camara e por esta razão aver odios e deferemças na dita vylla pelas quaes cullpas por synall sentemça da alçada fora cõdenado em dez cruzados e hu anno de degredo

pera fora da dita vylla e termo os quaes dez cruzados etc. Dada em Evora a xxbij de fevereiro e feita a ij de março... de j b^e lxxij. (Liv. 20 de Legit. de D. Seb. e D. Henrique, fl. 310).

VII

Dom Sebastião, etc. faço saber que Pero Diaz, moço menor, filho de Domingos Fernandez, morador nesta cidade me enuiou dizer por sua pitição que elle fora acusado pela Justiça por se dizer ser culpado em hua deuassa que o Corregedor Ruy de Matos tirara nesta Cidade sobre se dizer que avia nela hua casa que se chamaua de Mallta em a quall casa se fazyão muitos ajuntamentos de mancebos e desordens e cõsulttos pera fazerem mal e que sendo preso saira condemnado por sentença da Rellaçam em hum anno de degredo pera hum dos lugares dafrica cõ pregã na audiencia etc. Dada em Lixboa a xix de Julho... de j b^e lxxbij... (Liv. 22 de Legit. de D. Seb. e D. Henrique, fl. 150).

VIII

Dom Sebastiam, etc. faço saber que Tomas Diaz, morador em a villa de Figueiró dos Vinhos me envyau dizer per sua petição que no mes doutubro pasado de b^e lxxij mandara vimdimar hua sua vinha por se perderem as uvas de podres e por auer na dita villa postura que não vimdinasem sem licença da camara lhe fora pelos officiaes carregada a penna que herã mill reaes da cadea pelo que fora dado em culpas ao alcajde antes de ser ouydo etc. Dada em Almeirim a xxx de março... de j b^e lxxiiij. (Liv. 17 de Legit. de D. Seb. e D. Henrique, fl. 308).

B

Festa do natal

I

Dom Sebastião etc. Faço saber que Pedro Velho melgaceiro, filho dantonio Pirez Velho, morador na villa de Viana Foz de Lyra me enujou dizer per sua petição que elle fora preso por mandado do Corregedor da comarca da dita villa em os vinte e nove dias do mes de dezembro pasado deste anno presente de j b^e lxiij por allgũas pessoas da dita villa fazerem queyxume ao dito Corregedor

delle suplicante e doutros mancebos dizendo que a noyte do natal pasado andando elle follgando como era costume solltarão allgũas pallavras oçiosas e de mancebos etc. Dada na cidade de Lixboa a xix dias do mes doutubro e feyta nella a xxij dias do dito mes doutubro.. de j b^c lxij. (Liv. 5 de Legit. de D. Seb. e D. Henrique, fl. 279) ¹.

II

Dom Sebastião, etc. Faço saber que Ruy gramaxo homem que vive per sua fazenda e lauoura, morador na villa de Laguos do Allgarve me enviou dizer per sua petição que elle fora preso e acusado pela justiça por se contra elle dizer que bespera de natal do ano de j b^c lix elle suplicante e outros andarão pela dita villa de noyte ffazendo travesuras a molheres e lamçando-lhes as portas fora do couce e fortarão hũ mato de casa de hũ João da Costa jmdo embuçados e desconhecidos e pela cullpa que se mostrou elle suplicante ter no dito caso foy condenado per sentença da Relação em dous anos de degredo pera Africa... vindo novas do cerquo de Mazaguão foi elle suplicante a socorro da dita villa no primeiro navyo que do Allguarve foy, em companhia de Francisco Porto carreyro etc. Dada nesta cidade de Lixboa aos xj dias do mes de dezembro de j b^c lxij e feyta nella aos xiiij dias do mes dagosto... de j b^c lxb... (Liv. 15 de Legit. de D. Seb. e D. Henrique, fl. 341 v.).

III

Dom Sebastyam etc. faço saber que Lazaro Memdez e Matyas Roiz, moradores na aldea de São Alleixo termo da vylla de Moura me enujaram dizer per sua petyção que amdando elles folguamdo na dita aldea cõ outros homens hũa oytava do natal do ano de setenta he hũm pera darem ordem a seu folguar pera ajuntarem hua sea como hera custume ffizerão hum presyidente como muitos fazyão em folgos hum Rey o qual elle Lazaro Mendez hera o presyidente e Matyas Roiz meyrinho e hum homem que a elles supricantes lhe queria mall denunciaram delles a aliçada dizendo que elles se fazião presyidente he meyrinho e por elles suplicantes não fazerem o

¹ No Liv. 6, fl. 406 existe outra carta de perdão àquelle individuo sobre o mesmo assumpto.

açima declarado em desprezo da justiça se não folguamdo e comemdo he bebendo e premdendo e soltando e não em desprezo porque em sua companhia amdava o pryol da dita aldea e outros padres etc. Dada em a cidade d'Evora aos xxbij dias do mes d'abril... de j bº lxxij. (Liv. 16 de Legit. de D. Seb. e D. Henrique, fl. 6 v.).

IV

Dom Sebastiam, etc. faço saber que João Ceruera me emvyou dizer per sua petição que Indo elle ouvir missa do guallo a noyte do natal este agora pasado ao mosteiro de São Francisco da cydade de Coymbra ha emtrada da ponte o premdera o Corregedor e meirinho da allçada que ora estava na dita cydade por lhe achar hua espada mais da marca e pela dita allçada fora dado a elle suplicante sua casa pro (*sic*) pryssão da qual se vyera a esta corte a pedir perdão do dito caso e amtes de o ter prendido a dita allçada sentenceara a que pagase seys mil reaes e perdesse a espada e huas callças imperiaes de crise preta etc. Dada em Euora a xbij de fevereiro... de j bº lxxij... (Liv. 17 de Legit. de D. Seb. e D. Henrique, fl. 32 v.).

V

Dom Sebastião etc. faço saber que Manuel Gomez, morador na cidade da Guarda me envyau dizer por sua petição que sendo como era esposado na villa de Trancoso Indo ver sua esposa e sogra na festa do natal passado elle soplicante alem do mais vistido que leuaua por ser mancebo esposado e que hya ver sua esposada pidira huas callças de velludo pjcadadas emperyaes os quais erã sem antre forros e hum chapeo forado de tafeta de dentro e fora a modo de agora as quais callças e chapeo lhe coutara andre Nogueira, meirinho da dita villa de Trancoso e por asy ser mancebo menor e jr ver sua esposa que se Requerya aos mancebos esposados irem louços e bem tratados pello que me pidia etc. Dada em Setuval a seis de abril e feita nella a dez delle... de j bº lxxbj... (Liv. 22 de Legit. de D. Seb. e D. Henrique, fl. 9 v.).

C

Festas de entrudo e pascoa

I

Dom Sebastiam, etc. Faço-vos saber que Belchyor filho de Francisco Fernandez sarralheiro morador na villa de villa Reali me enviou dizer por sua pytyção que dia dentrudo do ano de b^e lxi de noite sayudo hũ Joam Roiz çapateiro, morador na dita villa de sua casa a hũa travesa junto da dita sua casa certos homes lhe lançarão farelos e por ho dito João Roiz bradar com elles lhe derão hua estocada de que o matarão e por auer allguas testemunhas que dyserão que ouvyram dizer que fora elle supricante no dito insulto etc. Dada na cidade de Lixboa aos xxbij dias de Junho . . . de j b^e lxiij anos (Liv. e de Leg. de D. Seb. e D. Henrique, fl. 91).

II

Dom Sebastião etc. faço saber que Christovão Fernandez laurador morador em Monte Redondo termo da vylla de Torres Vedras me enviou dizer por sua pitição que estando a dita vylla empedida dos ares maus de que deus nos livre ele suplicante bspora de pascoa florida do presente ano de b^e lxx nã sendo sahedor do preço a que se talhava a carne de vacua na villa por ser como era Rustico e viver fora da dita villa hũa legoa etc. Dada na villa dAlmeirim a ix dias de maio . . . de j b^e lxx annos (Liv. l o de Legit. de D. Sebastião e D. Henrique, fl. 96).

III

Dom Sebastião, etc. faço saber que Gomes Pirez, morador e cacereiro do Concelho de Unhão me enviou dizer per sua petição que servindo elle o dito officio de cacereiro do dito Concelho da correccção do Porto tinha preso a hum Tomas de Moraes o qual acusava por querella que delle dera de cometer falsydade hum Gonçalo Coelho de Sequeira, morador em o mesmo Concelho e estando elle suplicante hum dia deste fevereiro pasado que hera quinta feira das comadres segundo sua llembrança em hũa camara que se fazia no forall do dito concelho por ser obrigado a yso pera fazer as delligencias que sobcediã o dito Tomas de Moraes preso lhe fogira da cadea ahonde o tinha preso e se acolhera a

hũa Irmyda de sãtylafonso onde ficara... e tinha o preso cõ huns grilhoes grosos que por outro nome ella se chamavão adubis ¹ etc. Dada em Euora primeiro de mayo... de j bº lxxij... (Liv. 17 de Legit. de D. Seb. e D. Henrique, fl. 70).

IV

Dom Sebastião, etc. faço saber que João Diaz, laurador, morador no Concelho de Vylla Pouqua me enviou dizer por sua petição que ele fora acusado per hum Fernão Gonçalvez do propio Concelho dizendo que na era de setenta e hum por ele Fernando Gonçalvez, lançar farelos a molher dele suplicante pelo tempo do entruydo que ele suplicante ouvera diso paixão e ameaçara logo ao dia seguinte depois do entruydo sayndo da Egreja aquelles o asaltarão cõ ele cõ outros tres parentes e o feriram de tres feridas etc. Dada em Euora a biiº de Julho... de j bº lxxij. (Liv. 19 de Legit. de D. Seb. e D. Henrique fl. 41).

V

Dom Sebastião etc. Faço saber que Sypryão Gonçalvez, morador no termo de Coruche me enviou dizer por sua petição que elle fora ellegido por allferez da dita villa pera leuar a bandeira della nas procissões e festas da villa e ora os Juizes fyzerã autos contra elle pera o cõdenarem em penas dizendo que não quizera jr na procissão da pascoa e na festa de sam Joam e asy que elle supplicante em ausencia dos officiaes da camara fallara pallauras de escandallo pello qual caso o Juiz o prendera em menagem e lhe dera hũa casa por prysão na dita villa etc. Dada em Allmeyrim a xxix de Janeiro... de j bº lxxiiijº (Liv. 13 de Legit. de D. Seb. e D. Henrique, fl. 164 v.)

VI

Dom Sebastião etc. Faço saber que João Pereira Cayolla morador em a villa de Campo Major me emvyou dizer per sua petição que amdando o suplicante folgando hum dia demtruido e Jugando as farelladas acertara a fazer cõ hũa tesoura hũa feridinha do tamanho de hum dedo em traues na maçã do Rosto a hũa Maria

¹ Adobes.

Franco molher de João Gonçalvez etc. Dada em Almeyrim a xxbij de março... de mil e b^e lxxiiij^o... (Liv. 17 de Legit. de D. Seb. e D. Henrique, fl. 288 v.).

VII

Dom Sebastyam, etc. faço saber que João Fernandez, morador no lugar de aldea do Allcayde, termo de Couilhã me enviou dizer por sua petição que Antonio Afonso Fevereiro no mesmo lugar morador denunciara delle dizendo que sendo quadrilheiro aco-dira hũa noyte dentrudo a hũa vollta que o supricante tinha cõ outros e dizendo lhes que estivessem quedos da minha parte o sopricante lhe chamara nomes feyos e injuriosos e lhe quebrara a vara de quadrilheiro etc. Dada em Lixboa a xxj de feureiro... de j b^e lxxbij... (Liv. 22 de Legit. de D. Seb. e D. Henrique, fl. 155 v.).

VIII

Dom Sebastião, etc. Faço saber que Filipa Mendez e Luis Allvez, filho de Diogo Allvez, morador na cidade de Bragança me enviarã dizer por sua pitição que andando folgando dia de entrudo passado sobre farelladas tiverã brygas cõ hum Pero Affonso, filho de Anrique Affonso, çapateiro de que sayra ferydo de hũa feryda na testa etc. Dada em Lixboa a xiiij de março... de j b^e lxxbiiij (Liv. 22 de Legit. de D. Seb. e D. Henrique, fl. 341).

D

Festas religiosas e romagens

I

Dom Afonso, etc. Sabede que Afonso Fernandez, escudeiro do Ifante dom fernando meu mujto preçado e amado Irmãao morador em fronteira nos enviou dizer que poderia ora aver dous anos pouco mais ou menos que hum Vasco dooliueira criado do Ifante dom Pedro hia pera Castella e levava certas cartas a dom pedro as quaees lhe foram filbadas dizendo que eram contra nosso serviço. E que esto fora em Maruom no qual elle hia em companhia do dito Vasco doliveira por quanto hia em rromaria a santa maria da estrella e o achara em caminho e que algũas pessoas que lhe bem nom queriam diserom que elle hia com elle por ho auer de

pouer em saluo etc. Dante em a dita cidade deuora xb dias do mes dabrill... ano do nascimento de noso Senhor Jhesu x.º de mjl iiij. ºlij (Liv 12 da Chancell. de D. Affonso v, fl. 45 v.).

II

Dom Affonso, etc. A todollos Juizes e Justicas etc. que Joham Gonçalvez do Freyxo, termo de Fonte Arcada nos enviou dizer que a elle era dito que Joham Affonso ferreiro Juiz e Lopo Affonso tabelliam querellarom aas nossas Justicas dizendo que poderia ora auer dous ou tres messes que hindo muytos a hum clamor que sse fazia no Julgado de Caria e vijndo ja do dito clamor dentro no dito lugar de Freixo sse levantara hum arroydo etc. Damte em a cidade de Lixboa vinte e quatro do mes dabrill... de mill e quatrocentos e cinquenta e cinco annos (Chanc. de D. Affonso v; xv, 35 v.).

III

E ao que dizees que mandastes trazer de Framdes hũa bandeira por que a outra era já Rota a quall custou quarenta e tantas corroas que ainda som por pagar. Pidindo nos por merce que mandassemos que todos tribuissem pera sse pagar.

A esto rrespondemos que por sse ora nõ dar mais opresom ao pouoo o nom entendemos fazer. E se as pessoas que pedidos nom pagam quiserem esto pagar a nos praz dello. E quando nom quiserem mandamos que se paguem pellas Rendas do concelho que Renderem pellos annos e tempos. (Capitulos de Viseu nas cortes de Lisboa de 1455, Chanc. de D. Affonso v; xv, fl. 134.).

IV

Dom Joham, etc. A quantos esta nosa carta virem fazemos saber que por parte da comfraria de sam Joham bautista do lugar dalhandara nos foy apresentado hum alvara dellrey meu Senhor e padre que deus aja de que o theor tall he:

Nos ellrey fazemos saber a uos almoxarife das nosas liziras de villa franca e a outros quaes quer a que o conhecimento desto pertemçer que a nos praz por esmola darmos licemça e lugar a comfraria de sam Joham bautista do lugar dalhandra que da feitura deste alvara em diante posa trazer em as ditas liziras atee quinze cabeças de gado vacum daquelle que lhe for dado pellos laurado-

res ou por outros quaes quer pessoas por Esmola pera a dita confraria e esto sem embargo de nosa defesa e mandado que sobre ello tenhamos dado em contrario que nen hum gado nõ posa andar nas ditas liziras soamente os dos nosos lauradores que em ellas laurarem e esto se entenda que nõ faça dano nas valas das ditas liziras e fazendo o que se tenha cõ ella aquella maneira que se teuer cõ o outro gado dos ditos nosos lauradores o que asy compri sem outro embargo. Feito em Portalegre a xxbj dias de mayo. Diogo Lopez o fez auno de iiij^o lxb.

Pidindo nos a sobre dita confraria que lhe confirmassemos o dito alvara e visto per nos seu Requerimento por lhe fazermos esmola temos por bem e confirmamos lho em carta. E asy mãdamos que se guarde e cumpra ymteiramente sem duuida nem embargo algũ por que asy he nosa mercee. Dada em Lixboa a dous dias de mayo Ruy de Pina a fez ano de iiij^o IRj e esto em quanto nosa mercee for. (Liv. 7 da Chancellaria de D. João II, fl. 55 v.)

V

Dom Sebastyam, etc. Faço saber que Gonçalo Roiz, morador na villa de Marvão me enviou dizer per sua petyção que na prjsyção que na dita villa se fizera por ha vesytação do anno presente os mãcebos ordenarão seu emperador e festa como costumauão e se forão a ella e no couçe puserão sua bamdeira e emperador e o Juiz de fora mãdara mudar a bamdeira pera diante e elles quyserão tão bem mudar cõ ella ao emperador e por ho Juiz lhe mandar que deyxassem o emperador e elles enssystyrem njso e lhe não obedecerem o Juiz prendera a elle suplicante etc. Dada nesta cidade de Lixboa aos dous dias do mes de setembro ... de mil b^o lxbj ... (Liv. 26 de Legit. de D. Seb. e D. Henrique, fl. 131).

VI

Dom Sebastião, etc. saude. Faço saber que Francisco Roiz morador na Jurdição dos Padroes me enviou dizer por sua pitição que sendo ele alcayde e casereyro na dita Jurdição ho auno presente na entrada do mes doutubro fazendo-se hũa feira na dita Jurdição que chamão de Santa Barbara e estando nela o Corregedor da comarca e Jacome Coelho, meirinho da dita correição o dito meirinho prendera a hũa Amador Dias, morador em Bringel por dizer ser Jugador de cartas e lhas acharão nalljebeira ao tempo da prisão pelo qual caso somente fora mandado a cadea e entregue

a ele etc. Dada na cidade de Lixboa a xxij de dezembro de ... j b^e bx bij ... (Liv. 24 de Legit. de D. Seb. e D. Henrique, fl. 10 v.).

VII

Dom Sebastião, etc. saude. Faço saber que Gonçalo Roiz Vyla Real e Diogo Lopes lio nooo, morador na cidade de Braga me enuyarão dizer por sua pitição que eles forão cõ suas molheres e criados em hum dos dias do mes de Junho ou de Julho deste ano de sasenta e seis tempo que na verdade fose achado em Romarja a Nosa Senhora da Graça que esta no couto de Tibaes junto do Rio do Cabado e depois de terem feyto sua Romarya não lhes lembrando que era defeso casar cõ coqua por eles e outros que hião em sua cõpanhia a levaram cõsyguo e a lançáram no Rio e matarão alguns peixes que erã myudos que todos não valyam dous vymtejs etc. Dada nesta cidade de Lixboa a xxiiij dias do mes de Janeiro ... de j b^e lx bij ... (Liv. 24 de Legit. de D. Seb. e D. Henrique, fl. 8).

VIII

Dom Sebastião, etc. faço saber que Pedro homem solteiro, lavrador nAboboreira, do cõcelho de Gouvea da comarca de Trallos Montes, orffão, filho de Pedre Annes, que deus tem, me enuion dizer per sua pitição que seruindo (sic) elle em Romagem a feyra de São Bertollameu de Campello, em o mes dagosto do anno passado, o meirinho da dita comarca lhe coutara hum gibão de Londres vermelho cõ hum mantee e dianteiras guarnecido de hũa fitinha azul pespontada a dous pespontos de seda e as ombreyras cozidas cõ seda a tres pespontos e no pe da manga junto da escava ficava a maneira de gollpe guaroecydo da mesma seda e mangas e as casas de seda e outro sy lhe contou huns callções de guardallate cõ duas barrinhas de seda por junto dos giolhos de largura de dous dedos pespontados a dous pespontos e cõ a barguyha barrada da mesma seda e pespontada etc. Dada na villa dAlmeyrim aos xxxj de Janeiro... de j b^e lxiix... (Liv. 25 de Legit. de D. Seb. e D. Henrique, fl. 285 v.).

IX

Dom Sebastião, etc. faço saber que os mordomos e confrades da cõfraria do Esprito Santo do lugar dAzinha me enviarã dizer por sua pitiã, os deste anno presente de b^c lxix, que sempre fora costume de mais de çinquenta annos e tanto tempo que a memoria dos homens nã era em contrario de fazerem na festa do pinte-coste hum vodo em omra e louuor do Espryto São pera o qual sempre se tirarã esmollas pello lugar dAzhinhagua e no campo e conforme ao dito costume o fizerã elles soplicantes este anno que tirarão esmollas pera o dito dia no qual se gastarão todos cõ muyta festa e deuocão e por que elles supricantes se temem que o pro-uedor e memposteiro dos cativos da comarca da villa de Santarem os prendão e avexem por pidirem sem terem carta mjna pera fazerem o dito pidido etc. Dada na cidade de Lixboa aos ix dias de mayo... de j b^c lxix... (Liv. 25 de Legit. de D. Seb. e D. Henrique, fl. 380 v.).

X

Dom Sebastião, etc. ffaço saber que Antonja, moça que não he casada, me enviou dizer por sua pitição que ela fora presa na cadea da cidade de Beja e acusada por a justiça por se dizer que estando por soldada cõ Cosmo Roiz, morador na dita cidade jndo elle cõ sua mulher ver hũas festas que se fazião deyxando suas portas fechadas e leuando a dita sopricante cõsyguo vendo como os ditos seus amos ficauã seguros pera tão prestes não tornarem a casa ela suplicante tornara a casa e por as portas da Rua estarem fechadas se fora por de trás e entrara dentro por hũa ganelynha que decia sobre o telhado cõ dous homens de Resgardo e Roubara muitas peças douro e prata cõ as quaes se sayra pela dita ganelynha e sendo tomada as deixara cayr no chão e erã, quatro colheres de prata e dous canudos douro cõ cymquo graos dalgofere e bũa medalha cõ hum camafeo douro e hum bohão de prata sobredourado o que tudo ualera xiiij reaes etc. Dada na cidade de Lixboa aos xbij dias do mes de Junho... de j b^c lxix... (Liv. 24 de Legit. de D. Seb. e D. Henrique, fl. 365).

XI

Dom Sebastiam, etc. faço saber que Jeronimo Martinz, morador na cidade de Braga filho de Bastiam Afonso me enviou dizer

por sua pytição que jndo ele suplicante em Romaria ao bem aventurado sam gonçalo damarante encontrando Ruy Borges meirinho da coreição, de tras os Montes no concelho de gouvea lhe coutara hum faragoylo preto por ser somente gornecido despigylha pelo cabeção e ao Rodor e asy hum gibão que trazia dolanda crua gornecido despigilha de Retroz pelo cabeção e mangas e ao Redor as quaes espigilhas asy do feregoylo como do gibão forão avalyadas em trinta reaes etc. Dada nesta cidade devora as ix de Janeiro... de j hº lxx (Liv. 10 de Legit. de D. Seb. e D. Henrique, fl. 6).

XII

Dom Sebastião, etc. faço saber que Cateryna Tates, mulher de Francisco Pires homem que vive por sua fazenda, morador na onra de Lordello me enviou dizer por sua petição que Indo ella suplicante a hũa Romaria de são Gonçalo fora na dita villa achada per Ruy Borges meirinho da correição e por elle presa por a achar cõ hum chapeo todo forrado de tafeta por dentro e fora e cõ hum Roupão de pano Roxo e debruado de velludo Roxo a hum debrun per as dianteiras, mangas, Roda e bocais, aberturas, ombros e pegamentos das mangas, collar e as meas e hum dos pegamentos cinco debruns e hum viuio de pano no pegamento das mangas cõ vinte e tres debruns de velludo e collar do dito Roupão guarnecido de dentro e de fora de velludo de largura de tres dedos e pelas dianteiras guarnecido do mesmo velludo de comprymto de hum pallmo e no çimo da guarnição de dous dedos em largo e no baixo de largura de dedo e hu gibão de velludo preto cõ dous pespontos por diante e hu feraguello de pano preto forrado pello collar e dianteiras da banda de dentro de velludo de largura de cinco dedos e da banda de fora no collar guarnecido cõ cinco espeguilhas de Retroz preto que todo fora avalliado, a saber: o chapeu em cento e quarenta reaes e o Roupão em tres cruzados e o gibão em quatro cruzados e cinquenta reaes e o ferraguello em mil e bº reaes etc. Dada na cidade de Lisboa a xix de dezembro... de mill bº lx x. (Liv. 18 de Leg. de D. Seb. e D. Henrique, fl. 14).

XIII

Dom Sabastião etc. faço saber que Pero e Bastião Joam moços solteiros moradores no concelho de Seuer me enviarão dizer per sua petição que estando muita gente em hũa Romagem de Nosa Senhora d'Agosto em Seuer se armara hũa brigua de que sairão fe-

ridos Maria Gonçalves no nariz de hũa pisadura que aiuntara sangue e eytor Gonçalves seu filho em a sombracelha do olho direito quasi nada e francisco alvez em a mão direita e dedos della etc Dada em almeirim a x do mes de Janeiro... de j b^e lxxj (Liv. 9 de Legitimações de D. Seb. e D. Henrique, fl. 334).

XIV

Dom Sebastião, etc. faço saber que Diogo Fernandez, morador na Quintãa d'Alcarya do Concelho do Couto da Irmyda me envyou dizer por sua pityção que dia de Nosa Senhora das Neves do anno de b^e lxx em hũa Romagem que se no dito fazia em a Ermyda de Nosa Senhora da Onuyda, termo da villa de Crasto Dayro o prendera Domingos Lourenço que então seruia de meirinho na dita villa dizendo que trazia hũa guarnição de seda em hũu sayo azul que trazia vistido guarnecido de serrilha de seda amarella e os botõis e casas dellas da mesma seda e guarnecido o dito sayo de tafetá preto nos bocalis e collar e dianteiras de largura de tres dedos e tendo o asy preso etc. Dada e feyta na villa d'Almeirim a xbiiij^o de março... de j b^e lxxij... (Liv. 18 de Legit. de D. Seb. e D. Henrique, fl. 80).

XV

Dom Sebastião, etc. faço saber que Maria Gonçalves moça solteira, filha de Frausto Gonçalves e de Ines Calada já defuntos moradores que forão no Lodejro, termo da vylla de são Tiago de Casem me envyou dizer por sua pitição que ela suplicante por ouuyr dizer que dia de são Bertolameu que era no termo da dita vylla se gajnhavão muitos perdoes e se fazia alardo e se ajuntava muita gente ela suplicante pedira hum saio emprestado por ho não ter por ser orfã e muito pobre e se fora cõ outras pessoas a dita fregesya a ganhar os ditos perdões e ver u dito alardo e gente muita por cousa nunca vista e levava o dito saio o qual era debruado de tafeta e por ela suplicante ser moça crjada a môte e não ter paj nem maj que aconselhasem não sabia dito debrum de tafeta era defeso etc. Dada em Lixboa a x do mes de mayo... de j b^e lxxij... (Liv. 20 de Legit. de D. Seb. e D. Henrique, fl. 45).

XVI

Dom Sebastião etc. faço saber que Gaspar Fernandez marinheiro natural da vylla de Vyana e morador em Lixboa me envyou dizer per sua petyção que este Anno veyo da Imdia na nao Bellem que elle fora em Romarya a Sanctiago e da vymda vyera por Vyana da Foz de Lima pera ver seus parentes e ymdo pela dita vylla o meirinho della o prendera por trazer no ferragoulo preto que trazia cuberto o capelo forrado por dentro de veludo e o pelote guarnecido de dentro de tafeta as diamteyras e o cabeção e chapeo cõ a copa forrada de tafeta por dentro e não mais de dous dedos da fralda do dito chapeo etc. Dada em Evora xxj de Janeiro... de j b^c lxxiij. (Liv. 17 de Legit. de D. Seb. e D. Henrique, fl. 10).

XVII

Dom Sebastião, etc. Faço saber que Diogo Garcia o Moço, meu moço da camara, morador em Lixboa me envyou dizer que ele fora preso e acusado pela Justiça por se dizer que sobre palauras que tivera cõ hum Manuel Fernandez e outros homens que estauã armãdo a Rua das Esteyras pera a festa do santo Sacramento saltara cõ eles levando cõsygo outros homens de preposyto etc. Dada em Evora a xxij de fevereiro... de j b^c lxxiij. (Liv. 20 de Legit. de D. Seb. e D. Henrique, fl. 303 v.).

XVIII

Dom Sebastião, etc. faço saber que Esteuã Mateus, morador em vylla de Guaruão me enviou dizer que ele fora preso e acusado ante o Corregedor de Portalegre por hum Bacias Nunez, alcaide da vara da dita vylla por dizer que tendo preso hum Gaspar Roiz, seu cunhado por o achar no mosteiro de Nosa Senhora da Estrella onde se fazia hũa Romagem e ser posta pena de duzentos reaes e arma perdida per postura da camara da dita vylla as pessoas dela que hy fosse achadas e ele suplicante lhe tirara do poder e lhe disera palauras Injuryosas etc. Dada em Evora a bij de março... de jb^c lxxiij (Liv. 20 de Legit. de D. Seb. e D. Henrique, fl. 323).

XIX

Dom Sebastiam, etc. faço saber que Maria Gonçalves, mulher de Gaspar Fernandez, lauradores, moradores na freiguesia de são Lourenço de Romão termo da vylla de Barcellos me envyou dizer por sua petição que indo ella dia de sancto Amaro que foy aos xb de Janeiro deste anno de lxxiiijº em Romarja ha Igreja do dito santo que esta na freiguesia de Santiago da Carreira que he de o mesmo termo hum belchior Pereira allcayde pequeno da mesma villa a achara vistyda com hum sayo alto de pano Roxo todo debruado de debrum barrado de fita de seda parda e com as manguas golpeadas da mesma maneira e o collar e diamteiras forrado de tafeta pardo e o collar de fora com muitos debruns do mesmo e bocaes e outro debrum pelo fundo das manguas forrado pelas diamteiras até baixo cõ tafeta a pardo de tres dedos em largo cõ botões do mesmo tafeta pespomte (*sic*) e hum gibão de tafeta cramesim com suas diamteiras e cabeçaõ forrado do mesmo panno de largura de tres dedos cõ botoes do mesmo pespontado de Retroz vermelho que todo poderia valler ate dez cruzados e a prendera e fezera auto da dita seda e a suplicante por ser dia de festa vestira os ditos vestidos e os não trazia em outro tempo etc. Dada em Almeyrim bj de fevereiro... de jbº lxxiiijº (Liv. 17 de Legit. de D. Seb. e D. Henrique, fl. 251 v.).

XX

Dom Sebastião, etc. faço saber que Domingos do Sabugal, bombardeiro, e sua mulher Alldonça Fernandez de Melgaço e ora preso na cadea della me enuiarão dizer por sua pitição que elle o fora por não fazer o São Jorge na dita vylla nas festas hordinarias pello qual fora condenado em quinhentos reaes e que os pagase da cadea e prendendo hum Gaspar dAmorim, allcayde e carcereiro na dita villa e elle soplicante lhe pedira que o leuase perante os Juizes que o comdenará o que não quisera fazer e por esa causa trabalhara por lhe fogir das mãos delle allcayde e o ajudara a dita sua mulher liando se ambos cõ elle e por feitos delle fogir ao quall ella chamara bebado, cagado e outras palavras desta calidade etc. Dada em Lixboa a xxb de feueiro... de jbº lxx bij... (Liv. 22º de Legit. de D. Seb. e D. Henrique, fl. 157 v.).

XXI

Dom Sebastião, faço saber que Antonio Gonçalvez, morador no Julgado de Lagomel e Margem me enviou dizer per sua pitição que no anno de b^e lxxbj no mes de Janeiro per dia de são Sebastião se fezera hum ajuntamento e vodo a onra do dito santo em a Igreja do dito Julgado em a qual Igreja e ajuntamento se fizera hũa volta e aRancamento dentro da dita Igreja aonde elle sopricante aRancara hũa espada na guarda della etc. Dada em Lixboa a iij^e de março e feyta aos xij dagosto... de jb^e lxxbij... (Liv. 22 de Legit. de D. Seb. e D. Henrique, fl. 228).

E

Banquetes, danças, descantes, jogos, toques e touradas

I

Dom Afonso, etc. A todollos Juizes e Justiças... ssaude. Sabe de que Meen dafonso criado de Johã Vaaz dAlmadaa nos enviou dizer que podia ora auer dous annos pouco mais ou menos estando em a cidade dEuora hindo hũa noute do paaço pera as poussadas elle e outros tangendo hũa violla e cantando ssayra a elle e aos outros Vicente Martinz escriptuã da poridade da Rainha minha muyto prezada e amada molher cõ quantos homeens tijnha hindo armados de beestas e escudos e lanças dizendo contra elles mata mata rapazes e que jndo elle e os outros ja açima da cassa e poussada do dito Vicente Martinz que os sseus desfecharom beestas a elles. E que veendo aquello elle e os outros parceiros sse começaram a defender a espadas que algũs delles leuauã em tall guissa que os homeens do dito Vicente Martinz sse meterom em cassa. E que hum Tristam natural de Ponball fora ferido nõ ssabia sse o ferirõ os outros homeens do dito Vicente Martinz na volta sse o ferirõ da ssua parte da quall ferida sse depois veera a finar da vida deste mundo. E que esso meesmo o dicto Martinz ouuera hũa pedrada em hũa maao. E que o dito Vicente Martinz querellara delle e dos outros dizendo que lle mataram o dito sseu homem e o feriram polla qual Razom sse elle amorara cõ temor da nossa Justiça. E ouuera carta de ssegurança pera sse por elle poer a direito da quall nõ sseguira os termos e sse fora a Frandes em a nossa naao. E da tornada sse fora a Cepta em conpanhia dAlvaro dAlmaadã. E lia esteuera com elle E ora andaua amoorado etc.

Dada em a nossa cidade de Lixboa xij dias dabrill... de mil iiij^o lb. (Chanc. de D. Affonso v; xv, 23). — A fl. 78 v. do mesmo Livro está outra carta de perdão a *Anrrique Froez*, criado de J. Vaz d'Almada por elle e outros, *tangendo em hũa violla e cantando passante das onze oras da noyte depois que o dito Johan Vaaz era no paaço*, se terem envolvido em desordem com um outro bando do qual resultou uma morte.

II

E ao que dizees que auces por enformaçom que por hordenaçã de nosos Reynos lie que quaes quer touros que quiserem correr em carro que lhe cortem os cornos sob certa pena pera a nosa chancellaria e que seja nosa mercee de nos darinos licença que os posamos (*sic*) correr cõ pontas segundo demos a Eluas e Estremoz. A esto rrespondemos que nos praz e daqui endiante nos damos licença e lugar que os possaes correr sem lhe cortardes as ditas pontas sem embargo de quall quer hordenaçom sobre ello em contrairo feito. (Capitulos de Monte-Mor-o-Novo nas cortes de Lixboa de 1455, Liv. xv da Chanc. de D. affonso v, fl. 75).

III

Dom Joham etc. Saude. Sabede que Gonçalo Andres, morador, em Mesegena do Cãpo d'Ourique nos enuyou dizer que hum Gonçalo Gomez, morador na dita vjlla querellara delle e doutro das nossas Justiças dizendo que por elle querer decepar hum touro que corriã e agarrochauã em a dita ujlle elle cõ outros forã sobre elle em asuuada e lhe derã pedradas... etc. Dada em Euora dous dias do mes doutubro... de mjlle iiij^o lxxxij. (Liv. 3 da Chanc. de D. João 2.^o fl. 64.)

IV

Dom Sebastiam, etc. Faço uos saber que Antonio Lopez me emvjou dizer per sua pytyçam que serujmdo por eleyçam em ausencia do Juiz que sajra per pelouros do dito officio em Aldea guallegua o anno passado de j b^o lix e asy o enlegryram este presente em ausencia doutro que da mesma maneyra saymdo se achara fora hacusado pela justiça que em hum aRoydo que aconteçera em as oytauas de natall pasado em hum Joguo de choqua em que sayra ferido hum Bastyam Fernandez que loguo faleçera não premdera aos

cullpados etc. Dada na cidade de Lixboa aos bj dias do mes da-brill e feyta na dita cidade aos ix dias do dito mes... de j bº lix... (Liv. 8 de Legit. de D. Seb. e D. Henrique, fl. 59 v.)

V

Dom Sehaustyam etc. Faço uos saber que Ruy Freyre dAndrade, fidalgo de mynha casa morador na cidade de Beja me enuyou dizer per sua pytyçam que no mes de Julho pasado se ordenara na dita cidade touros e canas geraees e outras festas por homra do casamento e bodas que dom Pedro de Sousa do meu conselho e alleayde mor de Beja ffazya emtão de hũa dona Miçia AmRiquez sua filha cõ Jorge Furtado de Mendoça e amtre os amyguos e parentes do dito dom Pedro amdaua o soplicante a cauallo na praça luguar pubriquo e deputado emtão pera as ditas festas e nella se costumara sempre jugar canas e selebrarem semelhantes festas e corendo a cauallo em companhia de Gomez Freyre outro si fidalgo a quem lamçarya hũa cana por cima de hũa tore allta como se fazyia no Jogo das canas cõ a fadygua que o soplicante e companheyros dauão aos caualllos o cauallo em que o soplicante corya sendo damtes muito sofrido e aRemdado se sayra desmãdado e com furya e dera grande pancada cõ a cabeça em hũa parede tam Riço que o cauallo cayra a hũa porta sem bulyr cõsiguo e elle suplicante da outra sem dar hacordo de sy e desta pancada tornou hatras o dito cavallo topara hum Moço de nove te dez anos que se atrauesara ffilho de Allvaro Gonçalvez cirjeiro e da pancada forte que lhe dera loguo morera etc. Dada na cidade de Lixboa aos xb dias de novembro de j bº lx anos e feyta na mesma cidade aos xxij dias do mes de feuerreiro... de j bº lx anos (Liv. 8 de Legit. de D. Seb. e D. Henrique, fl. 233.)

VI

Dom Sebastiam, etc. Faço-uos saber que grjgorjo moço crjado de Antonio Mendez de Castro me enviou dizer per sua pytyçã que o alleayde Marcos Lopez o prendera bespora de são Joham deste ano de bº lxj as nove oras da noyte fflora da porta de santa Catarina Imdo elle soplicante cantãdo e folguando cõ outros mãcebos sem fazerem cousa perjudicall a nynguem soamente hya em trajos de molher pareçemdn lhe não ser defeso e da prisão delle suplicante se fezera auto... não pasaua de xb anos e a ordenação no Livro 9 titulo 31 falamdo dos que se uestyam em trajos de molher

loguo exceptuaua festas e Jogos em que parecia que se devia entender a hespora e dya do bem aventurado são Joham etc. Dada nesta cidade de Lixboa aos xb dias do mes de Julho... de j b^e lxj... (Liv. 8 de Legit. de D. Seb. e D. Henrique, fl. 317).

VII

Dom Sebastião etc. Faço saber que Antonio Fernandez, çapateiro, morador em Peras Alluas, termo da villa de Monte-mor-o-Velho, me enuiou dizer por sua pitição, que em hum dos dyas do mes de Julho do anno presente de mil b^e lxj o dya e tempo que vyesse em verdade, hum Andre Gomez, porteiro do couto de Veride, lhe fora a sua casa tomar um penhor por cinquenta reaes, por dizer que não fora dançar hũa festa de Santa Isabel, como lhe fora mandado pello Juiz e vereadores do dito couto; e o dito porteiro o quisera penhorar nas tisouras de seu officio, e lhe não quisera tomar hum castiçall, por dizer que era velho e quebrado, e pello sopricante lhe lançar mão as tysouras por ter dellas neçessidade pera seu offcio, e o porteiro bradou a minha voz etc. Dada nesta cidade de Lixboa aos biiij dias do mes dagosto... de j b^e lxj anus (Liv. 4 de Legit. de D. Seb. e D. Henrique, fl. 359 v.).

VIII

Dom Sebastião etc. Faço saber que Salvador Eanes laurador e morador em Monteroso do Concelho da Llousada me enuiou dizer por sua pitição que elle andaua amorado por ser culpado em hũa deuassa que o Juiz do dito concelho tirara no mes de Janeiro pasado deste anno presente por se dizer casando elle suplicante cõ hũa orfã proue pera tomar sua casa Rogara a alguas pessoas seus parentes que o fosem omrrar e lleuar a sua casa dos quaes algũs lhe leuarão hum alqueyre de pão cada hum e outros algum binho que na dita terra chamão viadalhas e que elle suplicante lhes dera de Jantar casy outro tanto e por que era omem pobre e casara cõ orfã me pedia ouuese por bem de lhe perdoar a culpa que no dito caso tinha da maneira que dezia e Receberia merce etc. Dada em a cidade de Lixboa aos xxiiij dias do mes doutubro do ano pasado de j b^e lxj e feyta nella aos xbiij dias do mes de março deste anno presente... (Liv. 3 de Legit. de D. Seb. e D. Henrique, fl. 19.)

IX

Dom Sebastiam etc. Faço saber que Guaspar Corea morador em Villa Reall me enuiou dizer por sua pytyção que elle fora acusado pela Justiça por não ter parte que o acusase dizendo que elle cõ outros que cõsigo ajuntara em certos dias e procisõees ordenara Jogos pela dita villa cõ mascaras desfarçadas e asy de noyte dando brados e pregões em odyo e desprezo de cristãos novos Injuriando-os e desonrãdos e a jso acodira Simão Tauares ouuydor da dita villa e que lhe posera penas que taees jogos não fizesse e dyso mãdara lançar preguão e que elle não dera preito mas contynuando em seus Jogos Injuriando ao dito ouuydor e dyserão contra elle palavras Injuriosas he de noyte lhe poserão ha Janella donde elle vyvya hum cão morto ... e o dito ouuidor fizera os autos a sua vomtade por ser casado cõ hũa cristã nova etc. Dada nesta cidade de Lixboa aos xxbij dias do mes de novembro ... de j bº lx j (Liv. 8 de Legit. de D. Seb. e D. Henrique, fl. 380 v.).

X

Dom Sebastyam, etc. Faço uos saber que Pero Correa, caualeiro de mynha casa, morador na vylla de Sãta Marynha me enuyou dizer per sua pytyção que elle fora preso pela Justiça a falecimento de partes que acusar não quyserão dizendo que em xbiijº dias do mes de dezembro do ano de jbº lix tempo que na boa verdade vyese estãdo hum Pero Fernandez em hum quintall de hum Jeronimo Fernandez folguãdo cõ outros homens o suplicante o chamara e tendo-o fora da porta o injuriara chamãdo-lhe Rujm vylão Roym e outras palauras e sobre isto se arremesara a elle e o levava pelas barbas e o enchera de bofetadas e couçes etc. Dada nesta cidade de Lixboa aos ij dias do mes de Junho ... de jbº lxij annos. (Liv. 1 de Legit. de D. Seb. e D. Henrique, 115).

XI

D. Sebastião, etc. Faço saber que Jacome Diaz e Bastião Afonso e João Pirez lauradores e moradores na freguezia de Faldejaes, termo da vylla de Pomte de Lyma me enviaram dizer por sua pytição que eles estauão presos no castello da dita villa por que casando hum Ruy Pyrez cunhado dele João Pirez sopricante hũa filha eles levarã a voda cada hũa sua fogaça e cabaça de vinho pera eles comerem e por serem muito parentes da noiva não sendo pera

yso cõvidados nem Rogados da parte do dito Ruy Pirez e por que elles erão Rusticos lauradores que nem sabiam ser defeso levar as ditas fogaças e cabaças a voda etc. Dada nesta cidade de Lixboa aos xbiijº dias do mes dagosto . . . de jbº lxij anos. (Liv. 6 de Legit. de D. Seb. e D. Henrique fl. 142).

XII

D. Sebastião, etc. Faço saber que Gonçalo Aranha çapateiro morador na vylla de Aronches me enuiou dizer por sua pytição que poderia auer dez ou onze meses pouco mais ou menos o tempo que vyer em verdade andando elle suplicante e outros Jugando a pella e asy hum Francisco Marquez mancebo solteiro filho de Garcia Roiz morador na dita villa se vyerão a trauar em Rezõis e elle soplicante e o dito Francisco Marquez sobre o Jogo vyerão aRancar das espadas etc. Dada na cydade de Lixboa a biij dias do mes de feureiro e feyta nella aos xb dias do dito mes . . . de jbº lxiiij (Liv. 5 de Legit. de D. Seb. e D. Henrique, fl. 200).

XIII

Dom Sebastião, etc. Faço saber que João Fernandez morador nesta Cidade de Lixboa me enviou dizer per sua pitição que elle fora nella preso e acusado pella Justiça por se dizer que a vinte e nove de Junho do anno passado de mil bº lxij andando no terreiro do Passo da dita Cidade o allcayde Nycollao Muniz a cavallo afastando a gente pera se corer hum touro que se corya por cordas estando eu nas varandas elle soplicante lhe tirara hũa pedrada da qual lhe deribara a vara da mão e lhe tirara outra e o não açertara e por o dito allcayde saber que ao tall tempo elle soplicante não estava em seu Juizo natural lhe perdoara livremente pela qual culpa elle soplicante fora cõdenado per sentença final que com pregão na audiencia fosse degredado hum anno pera Afryca . . . elle soplicante era homem de corenta e e sete annos e mais era muito enfermo e carecido da vista . . . Dada nesta cidade de Lixboa a x dias do mes de março . . . de jbº lxiiij. (Liv. 5 de Leg. de D. Seb. e D. Henrique, fl. 210.)

XIV

Dom Sebastiam, etc. Faço saber que Amtão Gil homem pobre trabalhador morador no luguar dAllcayns termo da villa de Castello

Bráquo me enuyou dizer per sua pityção que seruyndo elle de Juiz no lugar d'Allicayns o anno passado de b^o lxiij hum Alvaro Gonçalvez e Antonio Pirez mādaráo os ditos Juizes trazer hum touro pera o correrem em dya do sātysymo Sacramento e mādaráo lançar preguão que pesoa allgũa não fferyse o dito touro nem lhe lançase guarocha e lhe fizesse nojo per allgũa maneyra soamente ho coresem per vya de desenfadamento e por fazerem festa e andando o dito touro no corro por elle suplicante lhe dar certas pancadas o dito Alluaro Gonçalvez Juiz lhe dyse que estynese quedo e não dese no dito touro e por elle suplicante não deixar de lhe dar desemdo o dito Juiz de hũa escada homde estaua pera o prender a elle suplicante escoregara e cayra no chão e quando asy cayra se lhe solltara a vara da mão e fora dar nas costas delle suplicante e tomara elle suplicante a vara e a lançara por hy halein e fogyra etc. Dada em a minha cydade de Lixboa aos xxb dias do mes de mayo e feyta nella aos xbiij^o dias do mes de setembro de jb^o lxiij anos (Liv. 1 de Legit. de D. Seb. e D. Henrique, fl. 330 v.)

XV

Dom Sebastyam etc. Faço saber que Fernão de Anes e Gaspar seu irmão homens solteiros e Domingos de Barrimão e Lamçarote Pirez todos moradores no couto de Louzada Jurdição do duque de Braguãça que vyndo elles de Guimaraes donde fforão em Romarja em hum dos dias do mes de mayo deste ano presente de lxb cõ outra muita gente do dito conto Rindo folguãdo hũs cõ outros e vyndo asy todos em festa e por muito amigos abaixo da liermida de samto Amaro que estava no dito conto se hallevantou amtre todos hum muito grande haroydo e volta em ho quall tambem amdava he acodyra hum Antonio Gonçalvez hy morador e andavam cõ espadas nuas e elles suplicantes arramcarão das suas e forão pera a parte domde estaua o dito Antonio Gonçalvez sobre elle e lhe atyrarão cotiladas e golpes de maneyra que lhe deceparão ha mão esquerda pela Jumta domde peguava no braço que loguo cayo no chão etc. Dada nesta cidade de Lixboa aos xxbiij^o dias do mes de novembro... de jb^o lxb. (Liv. 10 de Legit. de D. Seb. e D. Henriques fl. 289 v.)

XVI

Dom Sebastião, etc. Faço saber que Fernando Roiz morador na vylla de Vylla Frol da comarca da Tore de Mencoruo me enviou

dizer por sua pitiçã que sendo ele suplicante de Idade de dez annos pera doze nn Ano de j^b l^j anos estando cõ outros dez ou doze moços da dita Idade acabando todos de Jugar a choqua estando folgãdo e brinquãdo entraram todos em hum lagar velho de fazer vinho que fora de Joam de Moraes, morador na dita vylla s. hum Francisco de jdade de xij ou xij^j anos filho de Vasco Fernandez o Velho morador na dita vylla se asentara no peso da pedra do dito lagar e se aRimara ao fuso e estando o dito Francisco asy asentado e andãdo ele suplicante cõ ele e outros moços brymqũdo demtro no dito lagar ele suplicante cõ hum cajadinho que tynha na mão por andar Jugando a choqua dera symprezmente hũa pamcadyinha ou duas em hum espeque que estaua debayxo da vyga do dito lagar e cõ ha dita pamcadyinha que asy dera no espeque que estaua podre por Reção das augoas que derã nele por o lagar estar descubrtu as chuvas e o dito Francisco nysto se acostar ao fuso que estava pnsto na dita vyga corera a vyga por diante e desmentio (?) o espeque e decera a vyga pelo fuso abaixo ate dar no peso e tomara amtre o dito peso e a vyga o dito Francisco e o matara e asy dera ao dito suplicante na cabeça e por o não acolher em cheo se salvara pela qual morte se tirara devasa pelo que ele suplicante avia xiiij^o anos que andava amorado por não ter posebelydade pera se lyurar etc. Dada na cydade de Lixboa a xxbij^o dias do mes de Junho... de j^b l^j xbj... (Liv. 2 de Legit. de D. Sebastião e D. Henrique, fl. 148).

XVII

Dom Sebastyam, etc. ffaço saber que Johão Symão, morador nas Tynalhas, termo de são Vicente da Beyra me enuiou dizer per sua petyçam que elle fora preso na cadeia da dita villa por se dizer que contra mandados do Juiz o suplicante andaua de noyte cum guitarra pelo dito luguar cantando camtyguas em despreso da Justiça e Repicava os synos e em ausencia do Juiz dysera comtra elle palauras de Imjuria e que lhe cortaria hum braço etc. Dada na cidade de Lixboa aos xxiiij^o de março... de j^b l^j lxbij... (Liv. 26 de Legit. de D. Seb. e D. Henrique, fl. 241 v.).

XVIII

Dom Sebastyam, etc. Faço saber que Nuno Alluez e Francisco Pinto, moradores, em Cucanha me enviarão dizer per sua petyçam que aos xxx dias do mes de julho do ano de j^b l^j iij^o ou

o que na uerdade se achase ffazendo se festa do Santysymo Sacramento na dita villa e servimdo elle suplicante Francisco Pymto de mordomo da dita festa e de allmotaçe da dita villa andamdo mandando tapar hum aro em que se avyam de corer touros hum Rodrigo Moreyra, morador na dita villa e Juiz ordinario que servia em ausencia do Antonio Mendez, por ser lmyguo delle suplicante se vyera a tomar cõ elle em pallauras sobre os quaees o dito Juiz quysera prender a elle dito Francisco Pimto e elle ao dito Juiz e peguando hu no outro tendo ambos as varas nas mãos acodyra elle suplicante Nuno Allvez de hũa Janella etc. Dada na cidade de Lixboa aos xj dias do mes dabril... de j b^e lxbij anos. (Liv. 26 de Legit. de D. Seb. e D. Henrique, fl. 246 v.).

XIX

Dom Sebastiam etc. Faço saber que Briatiz Vaaz dona vyuuua me enviou dizer per sua petyção que hum seu filho per nome Dyoguo moço menor fflora acusado per hum Alluaro Fernandez, Juiz na villa dAlter do Chão dizendo que elle suplicante com outros moços fflora da porta do queyxoso de noyte de suada pedindo lhe sua fy-lha cantando cantyguas desonestas e que fora a outras partes ffazendo união etc. Dada na cidade de Lixboa aos xb dias do mes dabril e feyta aos xbj... de j b^e lx bij anos... (Liv. 26 de Legit. de D. Seb. e D. Henrique, fl. 251) (... Antonio de Cimas e Dyoguo Diaz, lauradores, moradores na villa dAlter do Chão me enviarão dizer per sua petyçam que elles andanão amadores por que estando presos na dita villa por andarem de noyte cantando cantyguas defamatorias e irem a porta do Juiz, pedyndo lhe sua filha e a porta doutros homens he molheres casadas... Lisboa, 14 de abril de 1567 Id. fl. 258 v.).

XX

Dom Sebastyam, etc. Façouos saber que Antonio Fernandez, seareiro, morador no Pomball, termo de Santarem, me enviou dizer per sua petiçam que Imdo elle ao luguar dAzynhagua de cuja frey-guesya elle hera pera foliar por ser folião dominguo xbij dias de Julho do ano presente e por se fazer no dito luguar prosyção solene do Santysymo Sacramento e festas he folguares e tresfoliares leuaua na cabeça hum chapeo forado por dentro da copa de tafeta e sayrya fora da dita copa dous dedos he meio que elle suplicante leuaua por festa e com elle folyar como o leuara todo de veludo

se ho achara emprestado pera homra he louvor de deus e de sua festa e o allcayde do dito lugar ho premdera cõ ho dito chapeo asy forrado de tafeta pespomtado com Retros pela borda do dito forro etc. Dada na cidade de Lixboa aos xxij dias do mes de setembro... de mill b^e lxbij... (Liv. 26 de Legit. de D. Seb. e D. Henrique, fl. 341 v.).

XXI

Dom Sebastião etc. Faço saber que Antonio Diaz, de Lamasrosa, termo da villa de Torres Nouas me enuyou dizer por sua pitição que em hum dos dias do mes de Janeiro que ora pasou que se-rya por são Sebastião pouco mais ou menos sendo Domingo depois de Jantar por aver hum desposoryo no dito lugar ouvera aly follgos e bayllos donde se Recrecera a vir ter brygas cõ elle suplicante Symão Leytão e outro seu Irmão etc. Dada na cidade de llisboa a xxij dias do feureiro... de jb^e lxbij^o... (Liv. 25 de Legit. de D. Seb. e D. Henrique, fl. 37 v.)

XXII

Dom Sebastião, etc. Faço saber que Manuel Fernandez, morador no Casall de Nogueiro, termo da villa dArouqua me enviou dizer por sua pitição que no primeiro dia doutubro deste ano presente de j b^e lxbij^o as duas oras amdadas da noite estando Susana Pirez, molher solteira sua vizinha fiando ao serão cõ outras molheres e estando outrosy hũus mãcebos cantando ele suplicante comersa de sua casa a tomar se de Rezões cõ a dita Susana Pirez, dizendo lhe que fazia tourarias e que já o touro vynha pera a vaqua. Respondendo ela que não tiuese de ver cõ Iso logo ele suplicante saira de sua casa cõ hũa chusa nas maos e se fora donde a dita Susana Pirez estaua e lhe dera cõ a dita chusa hũa pamcada na moleira da cabeça que logo dera cõ ela no chão e lhe fizera hũa ferida aberta em sangue de compridão de huu dedo de que estiuera em cura dizendo que avya de castigar putas e que o aviã de conhecer etc. Dada nesta villa de dAlmeirim aos xj dias do mes de março... de j b^e lxiix... (Liv. 24 de Legit. de D. Seb. e D. Henrique, fl. 266 v.).

XXIII

Dom Sebastião, etc. ffaço saber que Joam Toscano, mãcebo. morador em Villa Ruyua, filho de Vasco Roiz, outrosy morador

na dita vylla me enviou dizer por sua petição que em dia de Nosa Senhora d'Agosto do ano pasado fazendo se festa a omra de Nosa Senhora o suplicante cõ outros mãcebos quyserã fazer huua dança e folgar como por tall dia se costuma sempre fazer e trazendo elle suplicante huns callsões de tafeta preto callsados Jorge Martinz, alcaide da dita villa ho prendera por asy o achar cõ os ditos callsões etc. Dada nesta vylla d'Almeyrim aos xxbj dias do mes de março... de j b^e lxix... (Liv. 24 de Legit. de D. Seb. e D. Henrique, fl. 294).

XXIV

Dom Sebastião, etc. Faço saber que Manuel Diaz Moreno, morador no termo da villa de Monforte, homem que vive por sua fazemda e lavoura me enviou dizer por sua pitição que dia do Amjo Costodio do ano de jb^e lxbiijo adando ele e outros homes a cavalo por fazerem festa corendo a hum pato como se costumava na Rua d'Evora ate a Rua do Moesteiro omde comumente era costume corer acõtecera que levando ele suplicante a cabeça do pato jndo correndo pela Rua abaixo encontrara per desastre hum menynho de tres anos que hia... per nome Alvaro, filho de Domyngos Pirez, morador na dita villa que atravessara de hũa parte da Rua pera a outra cõ o estribo o ferira na cabeça da qual ferida ho dito menynho vyera a falecer dahy a hum mes etc. Dada nesta cidade de Lisboa aos xx dias do mes de mayo e feyta nella aos xxb... de j b^e lxix... (Liv. 24 de Legit. de D. Seb. e D. Henrique, fl. 335.)

XXV

Dom Sebastião etc. faço saber que Amrryque Lousado, morador no Concelho d'Atay me enviou dizer por sua pytição que ele foy preso na cadeia do dito Concelho per hum feito crime e querendo se lyvrrar da cullpa que lhe punhã de huu aRoido que se fez no dito Concelho sobre o Jogo da choqua que se Jugara pelos moradores do dito Concelho em hum dia de festa pondo-se em huua parte hũa fregesyia contra outra sobre ho que ouvera hũa volta e aRoido em o qual morerão quatro pesos e ouve algũs outros feridos etc. Dada na villa de Mõte Mor o Novo aos biij^o de novembro... de j b^e lxix... (Liv. 24 de Legit. de D. Seb. e D. Henrique, fl. 411 v.).

XXVI

Dom Sebastião etc. Faço saber que Gaspar Fernãdez, morador, na cidade de portallegre me envyrou dizer por sua petição que elle ffora preso e acusado pella Justiça da dita cidade por se dizer que nas festas do espyto santo que se na dita cidade fazião e fizerão o anno pasado elle suplicante cõ outros em desprezo das festas tomarão hum Joane omem ensensato e o despirão nu e lhe poserão em suas vergonhas huas nespras e andarão cõ elle pella cidade de que ouvera escandallo pello qual caso per sentença da Rellação saira cõdenado em hum ano de degredo pera a afryqua cõ pregão na audiencia etc. Dada na cidade devora aos xxvij dias do mes de janeiro e feyta aos trinta... de j bº lxx. (Liv. 9 de Legitimações de D. Sebastião e D. Henrique, fl. 17).

XXVII

Dom Sebastião etc. faço saber que Manoel dOliveira e Gaspar Gonçalvez e Manuel Gonçalvez moradores na villa de Mourão me enviarão dizer por sua pitição que eles forã presos e acusados pela Justiça por se dizer contra eles que despojs do sagrado cõcilio que defendeo corerem se touros em cerqua eles levarão hum touro a dita vylla e o corerão em bastidas e por yso sairão cõdenados em mjl reaes cada hum deles e em seis meses de degredo pera fora da vylla e termo cõ pregão em audiencia etc. Dada em a cidade devora aos xbj dias do mes de março... de j bº lxx. (Liv. 10 de Legit. de D. Seb. e D. Henrique, fl. 53 v.).

XXVIII

Dom Sebastião, etc. faço saber que Antonio Pirez da Nobrega, mestre pilloto, morador em Leça de Matosynhos me envyrou dizer por sua pitição que o anno de j bº lx tres que avia agora dezoyto annos sendo allmotacés no dito lugar hum Francisco Pirez e Pedro Annes e meirinho hum Jeronimo Diaz. andando pello lugar cõ danças e pello dia de Corpo de deus depois dacabar a presyção e acompanhando os ditos allmotaces e meirinho as ditas danças e Regendo as e governando as acõtecera que elle soplicante e outros que andarã cõ outras festas e danças de Leça se forão encontrar cõ os ditos allmotaces e meirinho junto da praça do dito lugar de Matosjnhos e por ser o lugar estreyto e elle soplicante e os mais de Leça andarem de diferença sobre hũa dança cõ os de Matosi-

nhos se travarão em brigas etc. Dada na cidade de Lixboa aos xxxi dia dagosto... de j bº lxxj... (Liv. 25 de Legit. de D. Seb. e D. Henrique, fl. 498 v.).

XXIX

Dom Sebastião, etc. faço saber que Johão de Varis, laurador, morador no lugar das Duas Igrejas termo da cidade de Miranda me enuiou dizer por sua pitição que elle fora cõ outros muitos ao lugar da Freixinosa termo da dita cidade em Romarya a Nosa Senhora da Madre do dito lugar por ser dia de sua festa no dito lugar e sendo já ditas as missas estando muita parte da gente que a dita Romarya forão junto ao dito lugar follgando começarão tirar hũa pedra por ver quem a deitaria a mais longe de sy como se tirar a hũa bara (?) e tendo tirado a dita pedra hum Francisco Lourenço, lavrador, morador em Villa Chã, termo da dita cidade elle suplicante fora tomar a dita pedra pera tirar cõ ella e mostrar suas forças e estando muitos homens ao Redor que vião como tiravão e fazendo seus meneyos pera deitar de sym a dita pedra disera e asy os que estavão a Roda diserão em voz alta: guarda, pera que se guardasem aos quais brados o dito Francisco Lourenço que estava fallando cõ outro homem se descvydara e se não guardara nem arredara, etc. Dada na villa dAllmeida a quatro dias do mes de fevereiro... de j bº lxxij. (Liv. 18 de Legit. de D. Seb. e D. Henrique, fl. 27 v.).

XXX

Dom Sebastiam, etc. faço saber que Baltesar Diaz Malldonado Cavaleiro, morador no coutio (*sic*) de Vall Lomgo, termo da cidade de Tavyra me enviou dizer per sua pitição que averya perto de cymquo anos que sendo ele cortanheiro no dia do espirito samto na freguezia da Cõseyção que està no dito coutio do Vall Lomgo e antre os ditos cortanheiros fora enlegido ele suplicante por mais suficiente pera ir buscar hũa vaqua pera a festa do espirito sãto e ele suplicante a fora buscar e cõprara dahy a hũa legoa que era no termo da vylla de Cacela a Domingos Lourenço, morador na dita vylla e a trouxera e a cortara entre todos o dia da festa como era costume a omra do espirito santo e por descuydo do suplicante perdera a carta de gia que era obrigado apresentar na dita vylla de Cacela onde comprara a dita vaqua e por se temer por tempos lhe peção etc. Dada em a cidade dEvora

a xxbij de março de... j b^e lxxiiij... (Liv. 19 de Legit. de D. Seb. e D. Henrique, fl. 105).

XXXI

Dom Sebastiam, etc. faço saber que Tome Cardoso, morador no lugar de Formynhão termo da cidade de Vyseu me envyou dizer per sua petyção que fazendo se este ano de lxxiiij a festa do Santysymo Sacramento no dito lugar allguns homens por homra da dita festa se hajuntarão he fazyão amtre sy bolsa de dous mill reaes pera comprarem hum boy novo com que se desemfadasem e Roguarão ha elle supricante por ser laurador e emtender dyso que o quysese jr comprar e foy e depois de com elle se terem desemfado por ho dinheiro ser de muitos se detrmjnarão de o matar pera se destrebuir amtre elles conforme ao que cada hum tynha dado e elle suplicante ho matara e estando asy partindo amtre sy acodyo gemte que a querya comprar e lhe derão da dita carne conforme o preço que a elles lhe sahya que foy a bij reaes e meo o arratel valemdo no dito lugar a bj reaes ha carne gorda e por-que se temja que allguas pessoas por lhe fazerem mal denuncia-sem etc. Dada em Allmeyrym a tres de dezembro... de j b^e lxxviij (Liv. 16 de Legit. de D. Seb. e D. Henrique, fl. 109, v.).

XXXII

Dom Sebastião etc. faço saber que Pedro, morador em Nysa, me envjou dizer por sua pitição que jndo elle soplicante cõ outra muita gente dia de são sebastião do anno passado acompanhando a bandeira do esprito santo o Juiz ordinario da dita villa o prendera a elle soplicante por hua coima de que se avião de pagar tres ou quatro tostõis de cadea e preso o entregara a Gaspar Ribeiro e a Jorge Gonçalvez que vinhão folliando no dito acompanhamento pera o averem de levar a cadea e ficando asj entregue preso aos sobreditos se chegarã outros mancebos e homens pera ver o que era e se começarão impurrar huns a outros e elle soplicante na dita envolta se soltitara delles e fogira de suas mãos etc. Dada em allmeyrym a iiij^o de março e feyta aos cinco... de j b^e lxxxiij (Liv. 13 de Legit. de D. Seb. e D. Henrique, fl. 184.).

XXXIII

Dom Sebastiam, etc. faço saber que Jeronimo de Miranda, morador em Villa de Torres Vedras me enujou dizer per sua petição que andando os moços folgãdo cõ hum gualo dya demtrudo que ora pasou de lxxiiij trazendo Rodellas espadas paaos como costumão o tall dya os moços pera matarem o guallo amdando Johão Irmãao delle suplicante na volta por não ter outra cousa que levar se não hũa bestynha de pelouro a leuaua e por não ter pelouro lhe posera huu torrão de call na corda e Imdo todos com gramde matynada de folguar pasando pela porta do mestre da gramatyca homde o dito Joham seu Irmão hapremdya chegarão outros moços doutra escolla lie aly se hajuntarão huus com outros homde tyuerão os seus pasatempos e brjmcos de brjgas sobre o guallo como sempre ouve e tendo o dito Johão a besta na mão armada elle lhe dise que tyrase ao gualo e em lhe dizendo jsto em zombarja e por Rirem tomou a besta ao dito Johão seu Irmão que tynha o dito torrão na corda e por desastre tyramdo ao guallo ha-certara de dar com elle em huu moço per nome Johão crjado de jurdão luis, barbeyro, morador na dita villa em hum beijo etc. Dado em Almeirim a xxix de março... de j b^e lxxiiij.º (Liv. 16 de Legit. de D. Seb. e D. Henrique, fl. 168.)

XXXIV

Dom Sebastiam, etc. faço saber que Domingos de Seixas, morador em Pinhel me emujou dizer per sua petição que elle fora preso e acusado pela Justiça por se dizer ter culpa de cõ outros corer huus touros contra prohibição do Juiz e outros officiaez e pelo caso fora condenado per sentença da Relação em seis meses de degredo pera fora da villa e termo etc. Dada em Almeirim aos xb dabrill... de jb^e lxxiiij.º... (Liv. 17 de Legit. de D. Seb. e D. Henrique, fl. 309).

XXXV

Dom Sebastião, etc. faço saber que Lourenço Aires Rodovalho contador e destrebujdor na cidade da Ponta Delgada da Ilha de são Miguel me enviou dizer per sua pitição que domingo xxiiij dias de majo do ano passado de lxxiiij em que se fazia na dita cidade presysão do sâtisymo sacramento solenemente ãdando ele suplicante cõ os prjncipaes da tera a cavallo pela cidade despois

de terem Jugado canas e estar... por omra da festa se forã todos a careira publica omde se costumaua corer estamdo ahy muita gente e temdo alguns de cavallo pasado a careira coubera tão bem a ele suplicante a sua ves e vyndo no meio da careira em huu cavallo muito ligeiro cõ toda a furia saira supitamente de hũa trauesa huu moço de jdade de oyto ate nove anos filho de hũ João Vaz trabalhador e atravesãdo a careira o tempo que ele suplicante emparelhaua cõ a dita travesa encontrara cõ o dito cavallo etc. Dada nesta cjdade de Lixboa aos xbj dias de Junho... de jb^o lxxiiij. (Liv. 12 de Legit. de D. Seb. e D. Henrique, fl. 36).

XXXVI

Dom Sebastyam, etc. faço saber que Antonio Fernandez, homem solteiro, morador na villa de Valldygem me enuiou dizer per sua petyção que Domingos Corea Juiz ordinario nella ho premdera andamdo com outros em hũa dança na prjsyção do samto sacramento que se fezera ho terceiro dominguo do mes de Junho deste ano por amdar com mascara semdo mandado com penas que não andasem mazcarados he premdemdo o asy ho entreguara a Gonçalo Gonçalves he Manuel Diaz ¹ quadrillieyros aos quaees elle supricante de demtro da Igreja homde estava peramte a gemte que hera muita se sahyra e lhes fogjra etc. Dada em Lixboa a bj dagosto e feyta a ix... de jb^o lxxiiij^o. (Liv. 16 de Legit. de D. Seb. e D. Henrique, fl. 261 v.).

XXXVII

Dom Sebastiam etc. faço saber que Gonçalo Gonçalves morador na vylla de Baldigem e nella quoadrylleiro me enuiou dizer por sua pitição que Domingos Corea Juz ordinario nele em hũu domingo 3.^o do mes de Junho deste ano ãdando a presysão cõ o samto sacramento arredor da Igreja premdera huu Antonio Fernandez homem mãcebo solteiro por ãdar emmazcarado cõ outros em hũa dança e tendo o asy preso o entregou a ele suplicante e a hũu Mannel Diaz tão bem quoadrylleiro e ele por a jemte ser muita lhe fugio perante a gemte e o não poderão tornar a tomar etc. Dada em Lixboa a bj dagosto e feita a xi do dito mes... de jb^o lxxiiij^o. (Liv. 12 de Legit. de D. Seb. e D. Henrique, fl. 68).

¹ Tem carta de perdão no mesmo Livro a fl. 268.

CANTIGAS DOS "SETES"

I

Génese do «SENHOR SETE» de Trindade Coelho

Esta longa serie de cantigas, onde figura o numero «7», tem, como tudo no mundo, uma historia; por que ella não deixará de ter algum interesse para os que outr'ora acompanharam as evoluções do cabalístico numero no *Reporter*, e tambem porque ao contá-la evocarei um dos vultos de maior prestigio na litteratura portugueza nos ultimos annos, — Trindade Coelho —. Vou contar essa historia:

Um dia de abril de 1896, quando menos a esperava, recebi de Trindade Coelho uma carta, onde me dizia:

«Ando agora com a mania dos 7 — dos *setes*, devo dizer para ser claro. Ando com a mania dos setes! E' um numero symbolico, um numero cabalístico, um numero... feiticeiro! Já tenho uma soffrivel collecção, mas venho pedir-lhe que m'a acrescente, pois desejo perfilar tudo isso n'um trabalho litterario. Temos, para lhe dar o lamiré:— Os 7 peccados mortaes; os 7 cães a um osso; os 7 pobres n'um palheiro e o homem dos 7 instrumentos, vizinho do outro dos 7 officios; as 7 partidas do mundo e as 7 cores do espectro; os 7 sabios da Grecia e as 7 maravilhas do mundo,—não fallando nas 7 mulheres do Gungunhana, nos 7 palmos de terra, nos 7 passos, nas 7 dôres, nas 7 pedras na mão, nos 7 dias da semana; nas 7 pyramides do Egypto; nas 7 notas da musica; nas 7 figuras da dita; nas 7 vaccas magras; nas 7 gordas; nas 7 semanas de quaresma; n'aquelles que fallam por 7; etc., etc., etc.) Ora tem a palavra. E dictados. E historias, e tudo isso. Manda? A ver vamos.»

Era tarefa urgente—e de circumstancia! E para contentar o meu amigo, emquanto não iam as cantigas e os *setes* genuinamente populares, que eram os que eu mais facilmente podia colligir, alguém, que ao meu lado estava — e que já não vive ¹, — improvisou após a lei-

¹ A poetisa D. Maria José Furtado de Mendonça.

tura da carta, e para seguirem na volta do correio, as seguintes quadras:

Recebi a sua carta
Que eu abri sem mais demoras,
Na sexta-feira de tarde,
Era já quasi 7 horas.

E como o numero sete
São agora os seus anhelos,
Lembrei-me logo da pera
Que tem 7 cotovellos.

S. João Evangelista
Viu, e não teve terror,
7 lampadas ardendo
Junto ao throno do Senhor.

Inda nos falla em mais setes
Nos seus livros, podem lê-los:
As 7 igrejas da Asia,
O livro dos 7 sellos.

Christo proferiu na agonia
7 palavras de paz;
Deu 7 quédas do horto
Até á casa de Annás.

Perdoae aos inimigos,
Se q'reis bens que Deus promette,
Não só até 7 vezes,
Mas 70 vezes 7.

7 filhos teve a santa
Felicitas, assim é;
7 mysterios a corôa,
7 gozos S. José.

7 mulheres a um homem
Dizem: «dá-me o nome teu».
7 maridos a Sara
Matou o fero Asmodeu.

Sómente 7 capitulos
Tem o livro de Michéas,
Daniel 7 e mais 7,
E outro tanto o de Oséas.

Do bom Tobias o livro
7 capit'los tem só ;
7 pragas no Egypto
Em tempo de Pharaó.

Tres vezes 7 capit'los
Tem o livro dos Juizes ;
Canonicas são 7 horas,
Os que as rezam são felizes.

Covados tres vezes 7,
Reparem com attenção,
Tinham de altura as columnas
Do templo de Salomão.

Para obter as filhas
De Labão — isto faz dó, —
7 annos e outros 7
Guardou ovelhas Jacob.

7 buracos na cara
Tem qualquer simples mortal ;
Veem-se 7 castellos
Nas armas de Portugal.
etc., etc., etc.

Immediatamente dei principio ao rebusco escrupuloso e porfiado de todas as quadras, todas as orações, romances, contos, superstições, ditados, historias, — tudo, enfim, em que houvesse allusão ao magico numero 7.

Longos meses levou a colheita, que eu ia fazendo em parcellas maiores ou menores, e que ia enviando ao seu destino. Em seguida á primeira remessa escrevia-me T. Coelho, em 11 de Maio :

«Não tenho tempo para uma carta longa, porque isto é escripto no Tribunal, enquanto fumo um cigarro para descansar da lufa-lufa dos autos; mas sempre lhe quero gabar o contingente

de *setes* que tem mandado para o meu celleiro! Sim, Senhora; eu bem sabia a que porta batia quando me dirigi á minha amiga...

As quadras, sobretudo, são admiráveis, e darão a parte decorativa do meu trabalho. Mande mais; isso deve ser inexgotável, e estou a ver que vale muito a pena continuar a agradabilíssima excavação. Algumas phrases ha que precisariam de commentario e por isso e para isso conto consigo. Valeu? E contos, e historias?... o Theophilo, traz umas quatro nos *Contos tradicionais do povo portuguez*...

..Sobre setes é d'uma pobreza franciscana outro livro d'elle que consultei. Mandeí a minha collecção para a minha terra, a ver se aquelles suggerem outros, e se alguns teem variantes, minhas conterraneas, para seguir essas de preferencia.»

Meses depois, em 23 de Dezembro — a animar-me no proseguimento da empresa, e a combater possiveis esmorecimentos, recebia eu a seguinte carta:

«Acuda-me! Veja se me manda quanto antes o commentario, ou explicação, breve, a alguns d'estes setes: — Sete é conta do mentiroso. — As 7 partidas do mundo (alguma versão popular exemplo, ou coisa semelhante) — Leitões de 7 semanas. — Os setemesinhos, ou os que nascem aos 7 meses: (que teem?) — As As setes badaladas do signal da Santa Unção (tambem ahi?) — Um bicho de 7 cabeças — Sete, diabo te espete: (Mais locuções rimadas n'este gosto, como: *Tres, conta que Deus fez*. Conhece mais?) — Agua de 7 fontes na noite de S. João: que tem? — Quem tem 7 filhas, a ultima é feiticeira; quem tem 7 filhos, o ultimo é lobishomem: (diferença entre feiticeira e lobishomem?) — Sete semanas demoram as feiticeiras na aprendizagem: — (com quem aprendem? As *lições* em que consistem? Onde são dadas? etc.) — Para ajudar a uma missa na falta do *macho* são precisas 7 virgens. — E' ao fim de 7 semanas que se apartam da mãe os leitões: (contractos de meias? Epocha? Duração? Condições?) — Pêra de sete cotovellos. — Aos meninos aos 7 meses busca-se-lhes o dente e o assento: (alguma cantiga, alguma lenga-lenga para os aguentar sentados, como: *Tem, tem, meu menino, tem tem.*) — O uso da razão vem aos 7 annos. — Sete boccas tem a Fama. — O mundo é fechado a sete cadeados. — Vinagre de 7 ladrões. — A varinha das 7 mandingas. — Feijões de 7 semanas. — Herva de 7 sangrias: (d'antes os homens não se sangravam periodicamente? Chamava-se isso...? Logar da sangria?) — Sete montes,

sete fontes, 7 pontes, 7 portellos e 7 encruzilhadas: (isto é negocio de bruxas. . .) — Fome de 7 rabos. — Rosa de 7 folhas. — O jogo dos 3 setes (de cartas? como é?) — No dominó, o jogo dos matadores: como é? — O homem dos 7 chapéus: (quem era este figurão?) — De sete que eramos só a mim levava: (d'onde é isto?) — Os 7 dormentes: (isto é da Biblia? que é isto?) — Os 7 filhos de santa Felicidade: (Nomes? A santa de que é advogada?) — As 7 irmãs de St. Quitéria: (idem!) — A carapuça dos 7 botões. — Sete juizes comeram os figados d'um enforcado: (quem me dera esta historia)! — Rainha d'Hungria não pare nem cria, teve 7 n'um dia: (que é isto?) — Fernando VII foi degredado, por namorar não é peccado. — As 7 pontas dos bois do Preste João das Indias. — Sete fadas boas e 7 fadas más. — O conto dos 7 cabellos d'ouro do diabo. — A alegria do pae que tinha 7 filhos e que quebrou 7 varas. — O conto do ladrão a quem o Papa deu de penitencia comer 7 annos com os cães. — Tenha paciencia! Já agora, ha-de me ajudar n'esta linda tarefa. O melhor é pôr cada Sete n'um *quarto* de papel, e commentar por baixo. E' como eu tenho isso: em verbetes. Tenha paciencia, mas isso á lareira, com *filhoses*, é um regalo! Um commentario simples, quatro palavras, o bastante *para não ficar calado* diante de cada coisa. Percebe? E tem gostado?»

E esclarecia em P. S.:

«Bem entendido: não é preciso vir tudo isso junto. Tres a tres e de quando em quando. De vagar que tenho pressa.»

Interessará saber, como leve pormenor d'esta veridica *historia*, que todos, ou grande parte, d'estes «setes» os ministrára eu a T. Coelho, como simples thema para elle desenvolver, absolutamente *seccos*, sem commentario, — já por ignorar a «historia» de uns, já por ser a de outros tão corrente, que suppus ninguem a desconhecesse (por exemplo, a dos 7 dormentes, a das 7 varas, etc., etc.), já, finalmente, para que Trindade Coelho não imaginasse que eu queria instalar-me nos «Echos» do *Reporter*, enxotando-o a elle. . .

Mas, como ia contando: chegou-me esta carta ás mãos na vespera do Natal de 1896.

Justamente nessa occasião andava Ch. A. Hysson ¹ envolvido em amigavel discussão com certo «abrantino», que na *Tarde* appare-

¹ Pseudonymo com que T. Coelho assignou os «Echos» no *Reporter*.

cêra também com uns *setes* glosados em verso — muito bonitos, mas litterarios em demasia para serem julgados ethnographicos, como o seu auctor pretendia, ou fingia pretender. A poetisa, a que acima alludi, para quem o improviso era coisa simples e facil, ditou-me — levada pela suggestão dos *setes* do «abrantino» — as seguintes quadrinhas, onde, como se vê, arranjou modo de esclarecer um dos *setes* que o meu correspondente desejava:

DESGARRADA

— Menina do bom cabello,
Venha-se aqui assentar;
Quero ensinar-lhe a cantar
Cantigas ao sete-estrello.

— Cantigas ás sete estrellas
Vou dizer-lh'as num instante,
Mas você é ignorante
Não poderá entende-las.

— Bem entendo o sete-estrello
E mais não sou sabichão;
Menina, o seu coração
E' tão frio como o gelo.

— Não sou fria como o gelo,
Pois aqueço-me á lareira;
Você passa a noite inteira
A olhar p'ró setestrello.

— Vão gósto de ouvir tonilhos,
Mas diga-me na verdade
Os nomes dos sete filhos
De Santa Felicidade.

— Já que assim é necessario
Vamos a ver se me engano:
Vá ouvindo: Januario,
Felix, Phillippe, Silvano.

— Conte também um Vital,
E veja com quem se mette;
Alexandre, Marcial
E aqui tem o senhor sete.

Quem quiser, pôde ver no *Reporter* de 30 de Dezembro de 1896 como Trindade Coelho ficou contente e louvou esta breve «desgarrada»—; e se ficou ou não contente com a remessa, que juntamente com essas quadras enviei, é elle que vai dizê-lo também:

«Oh, quem me dera ser agora como as feiticeiras, e voar, voar, por cima de toda a folha, para lhe ir agradecer muito o seu lindo presente de hoje! Nem sabe como eu fiquei contente;— nem sabe como eu fiquei triste, por causa d'aquellas perguntas:— *Quer? Quer?* Pois já se vê que quero! Quero tudo, quero isso tudo, quero todo esse seu espirito e da Mamã¹, n'este capitulo dos setes, cá fora, espalmado em papel, e o papel a correr por esse caminho, da Rapa até ás minhas mãos! Ouviu? Ouviram? Eu não sei nada, o Theophilo não sabe nada: a Rapa é que sabe tudo,.

«Acabei agora de fazer os *setes* para amanhã, Mas por este caminho, os *Echos* vão ser todos para o Senhor Sete, e d'aqui a dias não me chega o *Reporter* todo! Melhor! O Pereira já me disse que queria ser, no fim da ladainha (terá fim?!), o editor de tudo aquillo em volume! Vamos a elle, que os *aficionados* do genero devem estar cansados d'aquelle feitiço mazorro com que tem sido tratado o assumpto pelos intendidos, — chineses na paciencia e pouco mais!

Eu estou tentado a copiar-lhe as perguntas que hoje me faz; não vá esquecer-lhe responder a alguma. . . E' preciso? Pelas almas, minha Amiga, vamos a esse thesouro! Mas ouviu? escreva cada coisa em separado, em verbetes. Uma folha de papel dê-lhe 4 verbetes, e é melhor assim, para eu regularizar a *catalogação*. . . Estou a escrever-lhe com muita pressa, que é como eu escrevo tudo, menos o Senhor Sete. . . » etc., etc.

Como se vê, exaltava-se a pobre, mesquinha e obscura Rapa, e tratavam-se irreverentemente os «sabios». E' que Trindade Coelho era de extremos; quando queria ser amavel, não punha limites á sua

¹ [Vid. adiante, pag. 154, nota. — J. L. DE V.]

amabilidade, — e, no entusiasmo dos *setes*, quis ser amabilissimo para a minha aldeia...

Poucos dias passados, e não se lhe varrendo da ideia os receios do meu possível esquecimento, nesta carta manifestados, — recebi um *enveloppe* registado, cheio de verbetes, tendo cada um, no cimo, escripto o *sete* que eu deveria glosar. Acompanhava-os um simples bilhete de visita:

«Quería escrever-lhe, mas não tenho tempo. Já percebe: um commentariosito a cada coisa. Breve e intenso, como V. sabe.»

Muitos d'esses verbetes foram preenchidos e logo enviados; alguns d'elles, ou por eu não saber desenvolvê-los, ou por o assumpto não se poder limitar ás suas exiguas dimensões, ainda os conservo.

Respondeu a minha aldeia, por um intermedio, no que lhe tocava, conforme soube e poud... Quando ella nada tinha que dizer, por o assumpto do *sete* não ser alguma oração, superstição, etc., — fallava eu; e quando nenhum de nós sabia, franca e lealmente nos declaravamos inscientes, e *conscienciosamente* nos remettiamos ao silencio, — a minha aldeia e eu, «Inventar» ou «estropiar,» — nunca ¹.

Bem sabia eu que Ch. A. Hysson confiava em mim e na probidade com que lhe dava os esclarecimentos que, no meu escasso ambiente, podia ministrar-lhe; bem sabia elle tambem que em mim podia fiar-se... Numa carta, escripta em *papel do officio*, como elle mesmo disse (*linguados* de imprensa), assim me escreveu:

«... E que lindas coisas me mandou sobre setes! Verá agora como eu enfeito aquillo com o guarda-roupa da casa, — o que não quer dizer que fique melhor, senão que em *corpo* 8, rende mais... Aquelle conto dos 7 *testamentos de S. Matheus* é de primeira ordem! Fica para os *Contos*, quando lá chegarmos; — e os outros quero-os *por extenso*, ou ao menos em *summula que diga tudo*, e que eu cá repuxarei com o meu estylo...

Coisas em verso, tenho muitas, rebuscadas no Garrett, mas eu preferia dar versões differentes das d'elle... Isso, porém, será difficil, porque essas lindas coisas em verso custam mais a conservar de memoria do que as simples quadras, — e agora só se na Rapa

¹ Assim me dizia T. Coelho que faziam alguns sabios do genero em Portugal...

se souberem algumas. Eu indico as que fallam em sete, das que vi no Garrett, e naquella livrinho da *Bibliotheca do Povo e das escolas*. — *Helena* (Garrett, III, pag. 58); *A bella infanta*; *Romance do soldado e da namorada*; — *Xacara do soldado*; — *D. Garfos*; — *D. Lizarda*; — *D. Beltrão*; *Bernal-frances*; — *D. Gaifeiros*; — *Santo Antonio e a Princesa*; — *D. Aleixo*; — *Donzella enfeitada*; *O caçador*; — *D. Sylvana* (Romanceiro geral, pag. 30); — *Infanta de França* (Ib., pag. 26; 2 versões); — *D. Martinho d'Avisado* (sic), (Ib. pag. 8; Garrett, III, pag. 80, 4 versões); — *Prisão de Virgílios*. (Hist. da poesia portuguesa, 1.º, pg. 178); — *Xacara de D. João* (Revista do Minho, 9.º v., pg. 180, n.º 21); — *Lenda de N.ª S.ª dos Martyres* (Ib., 7.º, pg. 78); — *As sete irmãs de D. Sylvana* (Ib. v. 9.º, pg. n.º 21); — *Nau Catharineta* (Cancioneiro, Th. Braga, III, pg. 58; no folheto da *Bibliotheca do Povo*, outra); — *Lenda de Santa Helena*, (Cancioneiro, III, 127); — *Trova de Santa Iria*; — *Toureiro namorado*; — *Romance da Alma*; — *Romance da Romeira*; — *Romance do Cura*; *D. Pedro*; *D. Ausenia*.

Tenho estas; mas vejo agora que em muitas não indiquei os logares onde os li e d'onde extrahi a passagem do *sete*, o que me obrigará a repetir o trabalho, pois resolvi dar tudo: todo o texto, de cabo a rabo! Estou convencido que já não ha livro que não esteja feito: *excepto o do Senhor Sete*. E' por isso que vou faze-lo... Sobretudo o mais, ha livros! Faltava este, e enfeito-me eu com a honraria de fechar a porta.

Não se esqueça de me ir mandando as folhinhas avulsas que lhe mandei, e de reparar tambem n'aquella carta cheias de setes, pois não sei se lá estará algum que escapasse das folhinhas avulsas..

Então, Argus não tem 7 olhos?! Que me importa a mim o que dizem os sabios?! Eu n'isto dou muito mais pelo João-correio, e a esse é que eu peço que consulte, ou a outro que tal.. Tambem a Fama não tinha 7 boccas para os sabios, tinha-as para o Povo..

Olhe que o conto dos 7 lobos a comerem a abelha, é muito bonito! Eu acho-o, e aquillo ha de ter a sua philosophia. Mas como foi capaz, minha amiga, de metter tudo n'aquella follinha? Se puder fazer os outros com a mesma precisão, n'aquelle espaço, é quanto basta! E' admiravel. Nem Tacito era capaz de tal concisão e de tamanha clareza!

..E se em vez de dar as *poesias* (xacaras..) eu as descrevesse como V. fez?! Mas eu saberia fazer aquillo tão bem com V. fez na *D. Sylvana*? Que diz a isto? Descrever a xacara á sua maneira, e dar só o texto em verso na passagem onde entrasse o

Senhor Sete. Seria talvez mais pittoresco... Mas seria mais util para o livro?...»

Em 18 de Janeiro escrevia-me:

«Que rico serão, hontem á noite! Tirei o peitinho de misérias, dei-lhe um fartote de prazer como tem tido poucos! Imagine eu ao cavaco com a Mamã¹ desde as 7 1/2 até depois da meia noite! Lembrava-me dos que á mesma hora estavam em S. Carlos, e tinha dó d'elles! Pobres pelintras! Não lhe digo mais nada. — Só que não encarreirámos o *Generardo* todo! Elle como é, ó bibliothecasinha de coisas lindas? — E o conto dos *7 cabellos d'ouro do diabo*?»

— «Rainha da Hungria não pare nem cria, teve sete num dia». Isto que será?

— Também não encarreirámos com a outra: Sete fadas me fadaram. No ventre de madre seria, etc. — O jogo dos 3 setes (de cartas) como é? — E a dos *matadores* ao dominó? — Certas mêzinhas são formadas de 7 folhas de varias hervas medicinaes. E isto?» etc., etc.

Mas tudo tem fim. Em 10 de Fevereiro escrevia-me desalentado em carta, o amigo do *senhor sete*:

«... O *Senhor Sete* não tem remedio senão mudar de casa... Ah! minha amiga, como isto da imprensa é horroroso, visto por dentro! Já hoje não saíram os *Echos*, e não tornarão mais a sair em semelhante jornal... De resto, felizmente, eu tenho todos os jornaes á minha disposição, porque são todos meus amigos, e em toda a parte me receberão, e ao *Senhor Sete*, de braços abertos...»

Dera-se'o incidente que determinou a saída de T. Coelho da redacção do *Reporter*, — e nesta carta e na seguinte me fez elle um curiosissimo relato dos factos, em que nada tem a lucrar cousas e pessoas do moderno jornalismo e da litteratura; apenas extráio o seguinte tre-

¹ [Trindade Coelho refere-se a D. Maria José Furtado de Mendonça, cujo nome já acima foi citado: preclara Senhora, que com a graça e prontidão com que poetava, com essas mesmas exercia as maiores virtudes, e que dotada, além d'isso, de grande memoria, cativava quantos ouviam a sua conversação instructiva e agradável. — J. L. DE V.].

cho da sua longa carta de 14 de Fevereiro (3 grandes folhas), absten-do-me de dar publicidade a outros, bem mais interessantes, onde elle me descrevia as evoluções e cambiantes de um grande diario da capital:

«...ha males que vêm por bem: reputo-me contente e indemnizado... pelas amabilidades com que toda a imprensa cobriu a minha sahida do *Reporter*. Não me faltaram logo portas a abrirem-se deante de mim; e entre ellas as da *Tarde*, a pedido do João Franco e do Urbano de Castro. Mas disse-lhes que não podia, que antes d'elles, um collega me fallara, etc.

«E' *O Jornal*, na mesma casa do *Reporter*, e até no mesmo andar: o *Reporter* é do lado direito: *O Jornal*, do lado esquerdo. Para alli irei com o Senhor Sete, pelo menos enquanto durar este até ás ferias do verão...»

«Agora estou a arranjar o *In illo tempore*, que deve estar prompto por estes 8 dias. Depois, vou á 3.^a edição dos *Meus amores*, e depois então volto a esse *regalo d'inferno* que se chama o jornalismo diario».

Não sei se realmente o illustre escriptor passou para *O Jornal*, e lá continuou a exhibir o senhor sete. Sei que ulteriormente o continuou na *Tradição*¹, mas a esse tempo haviam já cessado as minhas relações literarias com Trindade Coelho, e perdi-o de vista e aos setes. Cousas da vida.

Que eu saiba, porém, nunca chegou a pôr em pratica essa ideia, que tão alvoraçadamente me annunciára em uma das suas primeiras cartas:

«Estão todos os livros feitos, quero eu enfeitar-me com a honraria de fechar a porta, fazendo o livro dos setes».

Eis como se formou a collecção de cantigas, que, em grupos de tres, se encontram no *Reporter* de 4 de Novembro de 1896 por diante, e dos outros setes que esmaltam o mesmo jornal, até 9 de Fevereiro de 1897.

A pedido do redactor da *Revista Lusitana* são essas cantigas aqui reeditadas; e eu entendi que devia juntar-lhes a sua veridica historia.

¹ Cfr. *Revista Lusitana*, VI, 191-192, e VII, 155.

11

Cantigas populares em que entra o numero «7»

1.

O meu amor, coitadinho,
Inda hoje não comeu nada!
Comeu sete pães á ceia,
Dois alguidares de salada!

2.

O' que ranchinho de sete,
Bem pudera ser de nove!
Bem pudera quem é rico
Repartir com quem é pobre!

3.

Jesus, Maria, José,
Muita mentira se diz!
Afogarem-se sete homens
Dentro d'um almofariz!

4.

O' vida da minha vida,
Ha sete vidas sou tua:
Não o digas a ninguem,
Nem ás pedrinhas da rua.

5.

Ha sete annos a buscar-te,
O' querida Marianinha,
Sem te poder encontrar...
Sempre foi desgraça minha!

6.

Adeus, largo da Avenida,
Rua das sete janellas;
Oh! quem fora passarinho
Que morára numa d'ellas!

7.

Mariana diz que tem
Sete lenços de assoar;
Rompe, rompe, Mariana,
Caixeirinho ha de pagar.

8.

Mariana diz que tem
Sete saias de balão,
Que lh'as deu um caixeirinho
Da gaveta do patrão.

9.

Na fonte das sete bicas
E' que eu matei minha sede,
Onde me deitaste o laço;
Mas eu não fiquei na rede!

10.

Eu casei-me c'uma velha
Que até usava de touca;
Era canêja das pernas,
Com sete palmos de boca.

11.

Eu casei-me c'uma velha
Por causa da filharada;
Lá ao fim de sete meses
Teve dez d'uma ninhada!

12

Sete vezes fui casado,
Sete mulheres conheci;
Pois, amor da minha alma,
Inda estou como nasci!

13.

Fui-me contar ás avessas
As pedras d'uma columna:
Oito, sete, seis e cinco,
Quatro, tres, duas e uma.

14.

Sete annos andei na guerra,
Muita batalha venci;
Sempre das balas ausente,
Inda estou como nasci.

15.

As grades do Limoeiro
São sete, que eu as contei;
Tres de ferro, tres de bronze
E uma d'oiro, que é do rei.

16.

Sete milhões de diabos
Eram p'ra mais, não p'ra menos,
Sem contar com batalhões
De diabitos pequenos ¹.

17.

A flor que da cinza nasce
A todo o mundo espanta:
De sete manas que eram
Só uma é que foi santa ².

18.

Correm no ceu sete nuvens,
Eu bem as vejo d'aqui:

¹ Creio ser esta quadra um fragmento de conto, ou romance popular.

² Adivinha, allusiva à quaresma e semana santa.

Não vejo o amor ha sete annos
— E inda hontem o vi! —

19.

Com tres pernadinhas d'aipo
E outras sete de *argibento*,
Faz-se mudar o amor
E conseguir o intento ¹.

20.

Eu fui a deitar de mólho
Sete pernadas de arruda
Para te dar a beber
E ver se te tenho segura ².

21.

Eu quero-te, e não t'o digo.
Bem me podes entender,
Nestes setes que te faço
O que te quero dizer.

22.

Lá te mandei um raminho
De sete rosas iguaes;
No meio ia um suspiro
De muito que me lembraes.

23.

Escrevi-te sete cartas
Com letra miuda e grave,
Para que os nossos intentos
Se aviem com brevidade.

¹ Allude-se talvez á composição de algum philtro, nesta e na seguinte cantigas. A arruda é uma das hervas mirrificas; o *argibento* é a *verbena officinalis*.

² Vide a nota anterior.

24.

Abana, casaca, abana,
Abana, não tenhas dó;
Sete casacas eu tenho
Em casa de minha avó.

25.

Eu tenho sete casacos
Todos elles de filó,
Fechados a sete chaves
Em casa de minha avó.

26.

Quatro com tres são sete,
Meu amor já sei contar;
Já me enganaste uma vez,
Não me tornas a enganar.

27.

Sete silvas em meu peito
Fizeram sociedade:
Todas sete me prenderam,
Só uma foi de vontade.

28.

Eu tenho sete lencinhos,
Todos sete são de linho,
Tambem tenho sete amores,
Só um é o meu bemzinho.

29.

Algum dia, por te ver,
Saltava sete quintaes;
Agora por te não ver,
Salto vinte, que são mais.

30.

Eu tenho sete colletes,
Todos elles bem talhados;
Tambem tenho sete amores,
E trago seis enganados.

31.

Sete e sete são quatorze,
São duas contas iguaes;
As mocinhas de servir,
São tão boas como as mais.

32.

Mariana diz que tem
Sete saias de cambraia;
Mariana mentirosa,
Que não tem nem uma saia!

33.

Mariana diz que tem
Sete saias de velludo;
Rompe, rompe, Mariana,
Que o dinheiro paga tudo.

34.

Mariana diz que tem
Sete saias de filó;
Mariana, mentirosa,
Que não tem nem uma só!

35.

Mariana diz que tem
Sete saias de setim,
Que lh'as deu um caixeirinho
A' saída d'um jardim.

36.

Sete palavras me deste,
Outras sete me queres dar;
Com ellas tu me enganaste,
Com ellas queres-me enganar.

37.

Tres vezes nove vinte e sete,
Mais amores tenho eu;
Quantos mais tenho mais quero,
Foi fado que Deus me deu.

38.

Ês sete vezes ingrato,
Ingrato e enganador;
Sete vezes me enganaste
Com palavrinhas de amor.

39.

Sete raios tem o sol,
Hei-de me lá ir sentar,
Para de lá perceber
A quem tu queres amar.

40.

Eu tenho no meu jardim
Sete rosas em botão,
Para dar ao meu amor,
Quando for ao dar da mão.

41.

Em sete portas de ceu
Hei de mandar escrever;
Só ás estrellas confio
Amizade e bem querer.

42.

A morte tem sete aneis
Que a todo o mundo brindou;
E foi sempre tão cruel
Que até a Christo matou.

43.

Fui a sete juramentos,
Sempre jurei a verdade;
Se te quero bem ou não,
Deus do ceu é quem o sabe.

44.

Não te quero para mim,
Podes d'ahi descansar;
Nem que tu des sete voltas,
Comigo has de casar.

45.

Sou a mãe de sete rosas
Que tenho no meu caixão;
Escolhe entre todas ellas,
Tens agora occasião.

46.

Sete flores de qualidades
Eu tenho no meu jardim;
A mais linda dellas todas
Tenho-a guardada p'ra ti.

47.

Sete prendas, doce encanto,
Por ti soffro o meu degredo;
Ainda que a morte venha,
Hei de te amar sem ter medo.

48.

Dizeis que não pode ser
Ter o amor repartido;
Eu bebo em sete fontes,
Só numa tenho o sentido.

49.

Quem me dera ver um bem
Trinta dias cada mês,
Sete dias na semana,
Em cada instante uma vez!

50.

Lá te mandei um raminho
De sete amoras, que é luto;
A do meio ia dizendo:
— Meu amor, quero-te muito.

51.

Sete ratos num celeiro,
Sete pobres num palheiro;
Anda cá minha menina,
Que te quero dar dinheiro.

52.

Já o ceu não tem estrelas,
Só tem sete, a um cantinho;
É a estrada do amor
Que não tem outro caminho.

53.

O setestrello vae alto,
Mais alto vae o luar;
Mais alta vae a ventura
Que Deus tem para me dar.

54.

O setestrello caiu
No espelho da viola;
Compadeca-se, menina,
Deste rapaz que a adora.

55.

O setestrello vae alto,
A lua já embarcou;
Abra-me a porta, menina,
Que ha sete horas que aqui 'stou.

56.

O setestrello vae alto,
Vae direito á Trindade;
Oh! quem dormira um soninho
No teu collo em liberdade!

57.

O setestrello nasceu
Virado para o poente;
Oh! quem dormira um soninho
Comtigo, rosa innocente!

58.

O setestrello caiu
No meio do meu regaço;
Não faças caso de mim,
Que eu de ti já o não faço.

59.

Setestrello, que rondaes
Lá por esse Douro fora,
Recolhe-te, ó setestrello,
Que eu quero rondar agora.

60.

O setestrello vae alto
Na cobertura do ceu;
Em tudo és do meu gosto,
Até no pôr do chapéu.

61.

Setestrello que rondaes
De noite, nessas alturas,
Dae-me novas do meu bem,
Que eu d'elle não sei nenhuma.

62.

O setestrello vae alto,
Vae alto, que eu bem o vi;
Quando me for desta terra,
Não me despeço de ti.

63.

Eu hei de me ir assentar
No setestrello da lua;
Ella mesma vae dizendo:
— Descansa, amor, que sou tua.

64.

O setestrello vae alto,
Menina, vá-se deitar,
Que eu vou fazer o mesmo,
Pois temos de madrugar.

65.

Setestrello vae em pino,
A lua já vae tombada;
As ovelhas de meu amo
Não querem tomar malhada.

66.

O setestrello caiu
Mesmo á beirinha do tanque,
Quem vem aqui p'ra te ver,
Já te tem amor bastante!

67.

Setestrello vae em pino,
A lua já empinou;
Diga-me, ó minha menina,
A que horas se deitou.

68.

Setestrello vae em pino,
A lua de banda em banda;
Quem me dera adivinhar
Quem no teu sentido anda!

69.

Setestrello, setestrello,
Que passeias lá no ceu;
Se me deixas, setestrello,
De paixão me mato eu.

70.

O setestrello caiu
No espelho do taboado;
Desengane o seu amor,
Não o traga enganado.

71.

O setestrello gabou-se
Que me havia de enganar,
De noite pelo escuro
Ou então pelo luar.

72.

O setestrello gabou-se
Que me enganou uma vez;
De noite, pelo escuro...
Olha o milagre que fez!

73.

Perguntae ao setestrello
Que é magano e sabe ler,
Em que pontos vae a lua
Quando quer amanhecer.

74.

Perguntae ao setestrello,
Que é magano e sabe tudo,
Em que pontos vae a lua
Quando quer fazer escuro.

75.

O setestrello tem sete,
Vós, menina, tendes duas;
Allumiam mais as vossas
Que o setestrello as suas.

76.

O setestrello caiu
Na assucena do jardim;
Compadega-se, menina,
De quem 'stá ao pé de si.

77.

O setestrello gabou-se
Que me havia de enganar;
Logo que elle me avisou,
Bem me posso acautellar.

78.

Setestrello vae em pino,
O cajado ¹ vae virando;
As ovelhinhas de Deus
A volta que vão levando !

79.

Setestrello, que rondaes
Lá para as bandas d'Hespanha,
Leva-me lá um recado,
Dize ao meu amor que venha.

80.

Setestrello que rondaes
Para as bandas do Mondego,
Dize ao meu amor que venha,
E já não é muito cedo !

81.

Setestrello que rondaes
Lá pela Villa Garcia,
Leva-me lá uma carta
A' minha mana Maria.

82.

Se o setestrello fallasse,
Elle diria o que viu,
A quantos beijos e abraços
O setestrello assistiu.

83.

O setestrello cahiu
No adro de Taboão;
Eu nunca fiz em ninguém
A firmeza que em ti faço.

¹ Constellação.

84.

O setestrello caiu
No espelho de Taboaço;
Não faças conta de mim,
Que eu de ti já a não faço.

85.

O' setestrello airoso
Cortejado de Cupido,
Perguntae áquelle ingrato
Porque não falla comigo.

86.

O setestrello caiu
Numa pedra, ficou coxo;
O lirio, com sentimento,
Logo se vestiu de roxo.

87.

Sete mil vezes te eu quero,
Setecentas eu te adoro,
Setenta mil te venero,
Setecentas por ti morro.

88.

Ha tres dias que não janto,
Ha cinco que não almoço,
Ha sete que te não fallo,
Meu amor, porque não posso.

89.

Meu anel de sete pedras,
Salta fora do meu dedo,
Que tu foste o causador
De eu ter amores tão cedo.

90.

Anel de sete pedrinhas
Ao meu dedo não ha de ir,
Que eu já ando diffamada
Das criadas de servir.

91.

Um anel de sete pedras
Ninguem o tem como eu;
Inda que meu pae me mate
Hei de amar a quem m'ó deu.

92.

Eu tenho sete colletes
Todos elles bem forrados;
Tambem tenho sete amores,
Todos sete bem formados.

93.

Eu tenho sete navios,
Todos sete com varandas;
Hei-de subir á mais alta
Para ver onde tu andas.

94.

Meu anel de sete pedras,
Meu anel de pedraria;
Onde o amor põe o ramo,
Não póde haver cobardia.

95.

Sete e sete são quatorze,
Cada junta tem dois bois;
Quem me dera uns olhos negros
Como são aquelles dois!

96.

Sete voltas dei ao mundo,
Para ir casar contigo;
Lá ao fim das sete voltas
Dei um ai, dei um suspiro.

Rapa, Dezembro — 1911.

MARIA ANGELICA FURTADO DE MENDONÇA.

MISCELLANEA

Rogério Bacon

A proposito de Rogério Bacon, o frade inglês a quem cognominaram de *doutor admiravel*, e se attribue, entre outras, a invenção da polvora, lê-se o seguinte a folh. 243 v. do codice n.º 94 da Bibliotheca Nacional de Lisboa, o mesmo donde extrahi os Milagres de Santo Antonio que se publicarão nesta *Revista* noutro lugar:

«E este geeral frey Jeronimo do conselho de muytos fraires. com-depnou e reprovou a doctrina. de frey Rogeiro Bacom de Inglaterra mestre em a samta theologia. Em na qual se continha alugũas novidades sospeitosas. Por as quaes o dito frey Rogeiro foy comdenado e reteudo em carcer mandando a todollos fraires que nom no tevesse nehũu Mais que o esquivassem asy como cousa reprovada por a ordem E ainda sobreello espreveo ¹ ao papa Nicolaaº já dito. que por a sua autoridade aquella doctrina tam pirigosa de todo em todo fosse rasgada».

J. J. NUNES.

Sôbre dois ditados que se completam um ao outro

Nas PALESTRAS FILOLÓJICAS, pág. 97-99, refere-se o sr. A. R. Gonçalves Viana a um ditado que no país corre sob formas várias, e que Bluteau citou assim:

Manhã ruiva, ou vento ou chu(i)va

É êste ditado metade de um prognóstico do tempo; a ela e à outra metade me referirei.

O sr. A. R. Gonçalves Viana menciona a previsão completa em castelhano, vasconço, inglês e francês.

¹ Entenda-se *escreveo*.

Reproduzo:

— *Arreboles de la mañana á la noche son agua, arreboles de la noche á la mañana son soles.*

— *Goiz gorriac dacarque uri, arrats gorriac eder aldi* — «manhã vermelha traz chuva; tarde vermelha, bonito tempo».

— *Red morning, sailor's warning; red night, sailor's delight* — «manhã vermelha, aviso ao marinheiro; noite vermelha, regalo do marinheiro».

— *Rouge au soir et blanc le matin, c'est la journée du pèlerin* — «o dia para o romeiro há de ser vermelho à tarde e branco de manhã».

Ajunte-se a mesma previsão em galego:

— *Arreboles de sol posto é señal de tempo enxoiro; arreboles de sol levantado é señal de tempo mollado.* [In BOLETIM DE LA REAL ACADEMIA GALLEGA, ano VI, p. 254].

Na ENCICLOPÉDIA DE APLICAÇÕES USUAIS, de João Bonança (Lisboa, 1903), pág. 464, vemos:

— *Arrebóis de manhã trazem água à noite; arrebóis à noite trazem sol de manhã.*

Neste mesmo livro, m. pág., se encontram duas variantes do ditado que no começo dêste escrito se aponta; são elas:

— *Aurora ruiva ou vento ou chuva*

— *Barra roixa em sol nascente, água em três dias não mente.*

Tenho eu apontamento estas variantes do mesmo ditado:

Vermelho ao nascente

chuva de repente. [Perre (Viana-do-Castelo)].

Nuvens ao nascente

chuva de repente. (Monção).

Ruivos ao nascente

chuva de repente. [Ancora (Caminha)].

A segunda parte da previsão é formulada noutro ditado que completa o atrás escrito, mas de uso independente.

É:

Vermelho ao mar

velhas a assoalhar. (Viana).

Vermelho ao mar

vão-se as velhas assoalhar. [Perre (Viana)].

CHRONICA

As novas Faculdades de Letras das Universidades de Coimbra e Lisboa tem as seguintes secções:

- a) Philologia classica,
- b) Philologia romanica,
- c) Philologia germanica,
- d) Sciencias historicas e geographicas,
- e) Philosophia,

e cursos anexos de sanscrito, de hebreu, e de arabe.

Os assuntos de que a *Revista Lusitana* especialmente se occupa estão representados nas Faculdades não só pelas mencionadas secções de Philologia, mas, na secção de Sciencias historicas e geographicas, pela cadeira de Ethnologia, e na secção de Philosophia pela de Esthetica.

É com a maior satisfação que se registam aqui estes factos.

*

A Senhora Doutora D. Carolina Michaëlis de Vasconcellos, que fôra nomeada professora de Philologia Germanica da Faculdade de Letras de Lisboa, foi transferida para a Faculdade de Letras de Coimbra, para ali, em comissão, reger uma cadeira de Philologia romanica. A este proposito lê-se no *Diário de Notícias* de 20 de Janeiro de 1912: «*Noticias de Coimbra*, Janeiro, 19. — O ilustre reitor da Universidade, sr. dr. Mendes dos Remedios, apresentou hoje a distinta professora sr.^a D. Carolina Michaëlis á academia, na sala dos actos grandes, onde compareceram muitos lentes e estudantes. Fizeram o elogio da referida professora os srs. drs. Mendes dos Remedios, e Garcia de Vasconcellos, director da Faculdade de Letras, a aluna sr.^a D. Regina Quintanilha, e um academico da mesma faculdade, agradecendo a sr.^a D. Carolina Michaëlis comovidamente a homenagem que lhe prestavam. Á saída da sala os academicos saudaram a ilustre professora com bravos e muitas palmas».

J. L. DE V.

BIBLIOGRAPHIA

VARIA QVAEDAM

— *Petit vocabulaire des mots de la langue française d'importation hispano-portugaise*, por A. Marre, Chalon-sur-Saône, imprensa de Bertrand, 1910, 8.º, 68 pag.

— Rennert (H. A.), *The Spanish Pastoral Romances*. (Publications of the University of Pennsylvania. Series in Romanic Languages and Literatures, Extra-Series, n.º 1). Philadelphia, 1912. 8.º, 206 pag.

— Mayo (Isa Fyvie), *Old Stories and Sayings of Southern Europe, France, Portugal, Spain, Italy, Turkey, Greece, the Balkans, etc.* London, Daniel, 1912. 12.º, 72 pag.

— A. Farinelli, *Marrano*. Florença 1911, 555 pag.

— J. Keating, *Phraseologia popular franco-portuguesa e vice-versa*. Lisboa, s. d., in-8.º peq., 80 pag.

— Ricardo Severo, *Origens da nacionalidade portuguesa*. Lisboa, 1912, in-8.º, 54 pag.

— Vergílio Correia, *Velhos teares do concelho de Coimbra*, Lisboa, 1912, 12 pag., com gravuras.

J. L. DE V.

ERRATA DO VOL. XIV DA «REVISTA LUSITANA»

Pag. 245: entre as linhas 5 e 6 da pag. 243 deveriam estar as linhas 7 a 12 da pag. 243.



Textos antigos portugueses

COUSAS NOTAVEIS E MILAGRES DE SANTO ANTONIO DE LISBOA

**Aqy sse contem alguñas coussas notavees
e milagres do bemavemturado Samto Antonio naturall
da çidade de Lixboa**

I.¹ Como Samto Antonio pregasse em Arrimyo onde morava grande Copia de hereges desputando² contra os erros delles cobicava tragerllos ao lume da verdade. Mais elles feitos asy como pedras porla austinaçom ou endureçimento Nom solamente [nom] comsentirom aas palavras de samto Antonio. Mais de todo em todo menos preçarom de ouvirlas. E samto Antonio, por espiçom de deus³ achegoussse hum dia aa foz de hum rio homde emtrava o mar. E começou em maneira de pregaçom de chamar aos peixes⁴ da parte de deus dizendo. Oo pexe(e)s do mar e do rio ouvide a palavra do senhor. Pois que os infices menospreçam de a ouvir. E logo aquella ora se ajuntarom de ante samto Antonio tamanha multidom de pexes grandes e pequenos. que numca em

¹ Embora no codice não haja numeração, e cada trecho se distinga do que o precede pelo titulo que o encima, à maneira de capitulo, — para maior facilidade da composição e das referencias que depois terei de fazer ao texto, adoptei os numeros romanos que nele figuram.

² Por lapso o copista escreveu *desputando*.

³ Em geral esta palavra é indicada pela abreviatura *dē*, mas, sempre que está escrita por inteiro, é *deus* que se encontra.

⁴ Tinha-se escrito *pexees*, depois corrigiu-se em *peixes*.

aquelas partidas foram vistos emhuum tamta multidõe de pexes. E tinham todos as cabeças em çima da agoa. E aly veriades os pexe(e)s grandes chegarse aos menores. E os menores pasar paçificamente so as aas dos grandes e estar quedos so ellas. E veria-des aly deversas Semelhanças de pexe(e)s e cada hum recorer e achegarsse aos seus semelhave[e]s. E estando asy como esta o campo hordenado e pintado com deversidade de collores e de fe-guras, que he aformosemtado maravilhosamente. E asy estavam hordenados os pexes amte a face de samto Antonyo. E veriades aly (a)as companhias dos pexes ¹ grandes asy como aazes hordenadas de cavaleiros tomar lugares pera ouvir a pregaçom. E os peixes ² meaños tomar os meos ³ lugares. E assy como emsinados de deus estar em seus lugares sem trocamento. E aly veriades grande mul-tidõe de peixes pequenos achegarsse mais acerca a Santo Amtonyio. Asy como seu defendedor que se hiam a elle asy como os pelegri-nos vão a indolgemcia. Assy que em aquela pregaçom hordenada do çeeo estavam em na agua mais baixa os pexes mais pequenos. E mais adiante contra o maar os pexes meaños. E os mayores pexes estavam mais adiante honde a agoa era mais alta. E todos estavam deamte de santo Amtonio. E elles asy ordenados come-çou santo Amtonio de pregar solepñemente Dizemdo Irmãos meus pexes muyto sodes theudos em vosa maneira de cantar e dar gra-ças a deus vosso criador, o qual vos deu por morada tam nobre elamento. Asy que tenhiades agoas doces e salgadas segundo que avedes mester. Outrossy por que vos deu muitos acolhimentos pera que fugades ⁴ aos perigoos das tempestades. Outrosy vos deu sobre todo esto, elamento claro e linpo pera que vejades cla-ramente a carreira por omde andedes e mangares ⁴ que comades. E esso meesmo o criador vos aministra viandas neçesarias por que possades viver. Outrosy vos ouvestes por beençom de deus mandamento de seer acreçemtados em no criamento do mundo. Outrosy em no deluvio totalas alimarias que estavam fora da arca pereçerom mais vos outros sem dapno e aleigom ⁴ fostes guar-dados, mais que totalas outras alimarias. Vos outros sodes afeita-

¹ Vê-se que a grafia do copista era *peves*, pois aqui, como noutras partes, está por cima da sílaba *pe-* um *i* proveniente de mão posterior.

² Neste lugar, como em muitos outros, foi o pergaminho raspado, parece, para corrigir em *peixes* a grafia costumada *peves* e também para substituir por *meaños* o que antes se escrevera, que parece ter sido *dos mediaños*.

³ Entre o *e* e o *o* ha um *i* de mão posterior.

⁴ Nestas palavras tem o *g* valor de *j*.

dos com aas e esforçados com vertude. E andades a huã parte e a outra assy como vos apraz. A vos outros foy dado mandamento de guardar a Jo(a)nas proleta do senhor. E depois do terceiro dia poello em na terra. Vos destes. aver a nosso Senhor Jesu Christo ¹ quando elle asy como pobre nom tinha domde pagasse o dinheiro do tributo. Vos amte da resurreiçom e depois fostes mangar do Rey perduravell. Por as quaaes cousas todas vos sodes muyto obrigados de louvar e bemdizer ao senhor. do quall recebestes tantos doões tam singulares sobre todas as outras alimarias. E a estas palavras e ² semelhavees amoestamentos alguũs pexes davam vozes e outros abriam as bocas e outros emcrinavam as cabeças louvando ao Senhor com os sinaaes que podiam. E a esta reverência dos pexes alegrousse samto Amtonio em no espirito. E clamando com voz mui alta. dizia Bemdito seja deus pera ³ sempre. ca mais homrra dan a deus os pexes das agoas que nom os homẽes hereges. E milhor ouvem as bestas que nom am razom a pregaçom que nom os infiees em na fee. E quanto samto Amtonio pregava mais tamto mais eregia a multídom dos pexes E nom se partiam nehũs dos lugares que aviam tomados. Do quall milagre ⁴ se ajuntou o poboo todo da çidade. e tambem os ditos hereges E foram homde estava Samto Antonio. E veemdo o milagre tam maravilhoso. e nom acostumado pongidos em no coraçom asemtaromsse todos aos pees de santo Antonio e rogaromlhe que lhes pregasse. E entam abrio sua boca samto Amtonio e pregou tam maravilhosamente da ffe catolica que converteo todollos ereges que hi estavam. E emviou aos ffees ãua fee com grande prazer e beemçam. E os pexes dada leçemça de samto Antonio como gozandosse e alegrandose com muytas graças e inclinaçam das cabeças foromsse a diverssas partes do mar. E pregamdo aly samto Amtonio por muitos dias fez muy grande fruito convertendo aos hereges e confirmandos ⁵ ãua samta fee catollica.

¹ Aqui e sempre encontra-se no original a abreviatura *jhu xpo*, como a palavra *cristão* é tambem representada por *xpão*. — Sobre o facto narrado vide S. Marcos, IX.

² Esta particula foi introduzida posteriormente.

³ O *a* de *pera* foi introduzido posteriormente; a primitiva grafia é *por*.

⁴ Talvez se deva ler: *Ao qual milagre*, como pede o sentido e tem o codice latino que diz: *ad quod miraculum*. Por descuido se escreveria *do* em vez de *ao*.

⁵ Está por *confirmando-os*. Efectivamente a pronuncia natural ou descuidada é a que representa a grafia do codice.

Como Samto Amtonio pregou hũa vez em Arminio e muytos heregees desprezandoo nom no quiserom ouvir ¹

II. O muy glorioso padre Samto Antonio de Padua hum dos escolhidos companheiros e deçipollos de sam Francisco Ao quall elle meesmo sam Francisco chamava seu bispo polla vida e por a fama da sua pregaçom. Como pregasse em Roma em no conçillio de mandamento do papa a peregrinos sem comto. que aviam hido la a Roma por indulgemcias e cousas do conçillio. Ca estavam hy gregos e latinos e françeizes. e theotonicos. E esclavos. ² E ingresses e outros de diversas linguas. E o espirito ³ samto feze a sua lingua maravilhossa. Asy como feze em outro tempo a lingua dos seus deçipollos E em tall maneira que todos os que o ouviam. e nom sem grande maravilha o emtendiam claramente. E cada hum o ouviia em sua lingua em que elle fora naçido E emtam disse Samto Amtonio em aquella pregaçom coussas tam altas E tam doce(e)s que os que o ouviam todos estavam sospenssos maravillham-dosse Por a qual cousa lhe chamou o papa arca do testamento.

Como desputou samto Antonio em as partes de Tollossa com hum herege muy perfiosso. sobre o samto sacramento do Corpo de Jesu Christo

III. Em as partes de Tollossa como desputasse o barom samto Antonio contra hum herege muy perfioso sobre o samto sacramento Saudavell do corpo de deus E avendoo vençido apenas o podia converter a fe. Depois de muitas coussas disse o herege
 * Leixemos as palavras e venhamos aos feitos. E disse ⁴ Antonyo. se tu poderes mostrar amte ⁵ todos por milagres que aquelle seja o corpo de Jesu Christo. eu me someterey ao juizo da fee leixando
 * toda heregia. E respondeo samto Amtonio com feuzza. que elle lho

¹ O que se segue encontra-se no original latino logo no começo desta narrativa ou seja antes do § I. Houve portanto aqui descuido do copista que fez figurar como § II o que devia estar sob o n.º I; vê-se isto claramente deste título que pertence ao que se acabou de contar e não ao que vai seguir-se.

² Por cima desta palavra lê-se de outra mão *e de escravidão*.

³ Em geral é este vocabulo representado pela abreviatura *spū*, mas quando por extenso, tem a forma que adoptei nesta transcrição, isto é *esprito* ou *sprito*.

⁴ Ou ao copista escapou a particula *a* depois de *disse*, ou ha aqui vocativo.

⁵ O copista escreveu *amtre* de certo por lapso.

faria. E disse-lhe ho herege Eu emçarrarey huum animal por tres dias em hũa cassa e atormentaloey com estreitura de fame. E depois de tres dias tragelloey em presemça de todos os que esteverem presentes. e porlheey de comer E tu estaras de fora com aquelle sacramento que tu afirmas seer o corpo de Jesu Christo. E se aquelle animall faminto leixar de comer e se for a presa. aaquele deus o quall tu afirmas. que deve seer adorado de toda criatura. Emtam eu crerey verdadeiramente a fe da igreja. A quall coussa outorgou logo sem tardança o barom samto. E o dia asinado ajuntoussse todo o poboo em na praça muy ancha. E veeo aquelle herege acompanhado com a companhia maa dos seus companheiros. E trouxe huum muu ¹ o qual avia atormentado com estreitura de fame e trouxe pera elle vianda convinhavell pera comer. E samto Antonio çelebrou aly missa em hũa capela. E acabada a missa trouxe em presemça do poboo o muy samto corpo de Jesu Christo. E mandou a todos que calasem. E disse ao muu ho animal. Eu te digo ãna vertude e nome do teu criador. Ao qual eu ainda que nom digno tenho em nas minhas mãos. que venhas logo aca e omildosamente lhe faças devida reveremça. Porque por esto conheça a maldade dos hereges. que toda criatura he sojeita ao seu criador. O quall a dinidade ² do sacerdote trauta cada dia ãno altar. E emtretanto pos o herege de comer ao muu faminto. E foy coussa certa de maravillar que aquele animal tam atormentado de fame. depois que ouve dito as palavras Samto Antonio. logo leixou de comer e abaixou a cabeça ataa os geollios. E pos os geolhos deaonte o sacramento. E foy grande prazer aos fiees catolicos. E confundidos os ereges e nom sem mereçimento E aquele dito herege foy feito fiell segundo que o avia prometido. E obe(e)leço aos mandamentos da igreja.

Como ãnas partes de Itallia huns ereges convindarom a samto Antonio

IV. Aconteço hũa vegada ãnas partes de Itallia que huns hereges convindarom a samto Antonyo E elle regeb[e]o seu com-

¹ Aqui e mais adiante o codice tem *muu*; advirta-se, porem, que, se às vezes, como nesta palavra, o til está a mais, falta noutras, como *huua*, *nenhuua* etc.; por isso restitui-o onde devia estar e não o escrevi, quando não era necessario.

² A palavra está raspada, parecendo que a primitiva grafia teria sido *dignidade*, pois ha espaço sufficiente para duas letras e o *-u-* parece de mão diferente.

vite. por tal que os podesse tirar de seu error por emxemplo de Jesu Christo o quall Senhor por esta razam comia com ¹ publicanos e pecadores. E por que sempre presume coussas ma[a]s a comciencia torvada do herege ². Aos quaaes hereges samto Antonio confundia espersam[en]te ãnas disputações e em nos sermoões. E pensaram maas coussas comtra elle. E poserom deamte Samto Antonio mangar de morte. e veninosso. A quall coussa em esprito foy logo revelado a samto Antonio. E como os elle reprendesse da malícia que conçeberom com piadosos e pacíficos amoestamentos. Aqueles ³ hereges mintindo e remedando ⁴ ao diabo padre da mintira. disserom que nom no aviam feito. por outra cousa Sallvo por que podessem provar por espiriencia a verdade de aquela palavra do evangelho que diz. E se beberem algũa cousa mortal nom lhes empeçera. ⁵ E pois que asy he amoestarõno que comesse o manjar que lhe aviam posto. pormetendolhe que sse lhe nom empeçesse que elles se achegariam por sempre aa fee do evangelho E que sse elle ouvese medo de tomar o mangar que julgariam comteerse falso ãnas palavras do evangelho. E samto Antonio sem nelhuum temor. fez o sinall da cruz sobre o manjar e tomou delle com suas mãos. E disselhes eu farey esto nom por temtar a deus. asy como temtador de deus. Mais asy como firme aministrador ⁶ e nom temerosso da saude da nosa ⁷ fee do evangelho. E depois que comeo o mangar ficou saão e nom semtio em no corpo coussa alguũa de empeçimento. A quall coussa veemdo os hereges foram convertidos a fe catholica.

Como samto Antonio estamdo pregando ao povoo de Alemanha foy ao coro dos fraires dizer huũa liçam que lhe fora emcomendada.

V. Quando Samto Antonio era custodio de Lenomcio ãna somana samta ãna noite da çea do senhor pregava as palavras

¹ Mão que parece diferente intercalou *os* por cima de *com*.

² As palavras *E por...* até *herege* acham-se ponteadas, signal de que estão a mais.

³ Tinha-se escrito *aqueles* mas depois o segundo *a* foi raspado.

⁴ Parece que se havia escrito *remendendo*, mas depois o *n* foi raspado.

⁵ Diz o Evangelho de S. Marcos *et si mortiferum quid biberint non eis nocebit*.

⁶ O copista escreveu *amanistrador*.

⁷ Talvez por lapso o copista escrevesse *nosa* em lugar de *vosa*. V. *Anotações*.

de vida em na igreja de sam Pedro aa ora das matinas aos po-
boos de Alemanha que estavam ahy ajuntados de quatro dias. E
os fraires menores cantavam em no convento ao Senhor os sallmos
do ofício das matinas aquella ora que elle pregava aa mea noite.
E o custodio Samto Amtonio estava hordenado em no ofício das
matinas dos fraires, pera que leesse huũa liçam. E quando os frai-
res ouverom proçedido em no ofício das matinas ataa que chegaram
a dizer a liçam. que avia de dizer samto Amtonio. Apareceo elle su-
pitamente em meeo do coro e disse soplennemente ¹ a liçam. E
todos os fraires que aly estavam presentes foram espantados e
nom sem mereçimento. por que sabiam que emtam estava elle em
na vila pregando. E em huum em esa meesma ora o fez a virtude
de deus estar com os fraires ãno coro onde leeo a liçam. E em
na igreja de sam Pedro com os poboos, aos quaaes semeava a
palavra da vida Estando presente o povoo em na igreja tamto calou
quanto tardou em leer a liçam em no coro. Em huũa leitura de
samto Antonio se lee averlhe acontecido semelhavell cousa de
aquesta que he dita em Monpirle. E leese em esta maneira. Em
no tempo que samto Antonio lia em Monpirle. Aconteçelhe ² de
pregar huũa vegada em hũa festa solene homde se ajuntava a cre-
lizia e todo o poboo que aly estava presente. E quando ele ouve
começado o sermom acordousse que o ofício. que no convento
lhe aviam dado. que por olvidamento o nom avia emcomendado
a outro E emtam era custume aly ãno convento que em nas fes-
tas mayores cantasem ³ dous fraires a aleluya ena missa do com-
vento. E emtam cayo este ofício ao servo de deus. por o qual
doendosse muito por ello cobrio a cabeça com o capello. e acos-
tousse sobre o pulpito como que quiria dormir. E em aquella ora
virom ao barom de deus camtar a aleluya em na igreja dos faires
por longo espaço Estando com o corpo em no pregadoiro damte
tanta gemte. Pois nom he duvida algũa que asy como deus todo
poderosso. quis trespassar ao seu samto doutor Ambrosio em nas
obsequias ⁴ de sam Martinho E asy com trouxe sam Framçisco ao
capitulo provincial de Relato. quando este samto Amtonio prega-
va do titollo da cruz. que asy fez maravilhosamente a este barom
demostrando que em huũa maneira era igual em inereçimentos
aaqueles meesmos santos. E comprido o ofícioo sobredito deligem-

¹ Assim escrito, contra o costume que era *solepemente*, como se viu atrás.

² Leia-se *acontece-lhe* por *aconteceo-lhe*.

³ No original lê-se *cantamsem*.

⁴ No texto *absequias*.

temente tornando logo em sy prosegurou ¹ nobremente a pregação que avia começado.

De huum milagre que fez Samto Antonio seemdo custodio de Lemosnes em huum fraire noviço

VI. Sendo Samto Antonio custodio em Lemosnes huum noviço por nome Pedro era teentado gravemente de sse sair fora da religiom. E emtonçe o barom de deus. emsinado por revelaçom de deus avemdo solícito cuidado da grey a ele emcomendada ouve compaisom emtranhavellmente daquella ovelhazinha errada. E emcemdido por espirito de deus. soprou em na boca do dito noviço e abrio-lhe a garganta com sua mão propria dizendo. Toma o espirito samto. Çertamente cousa foy de maravilhar que logo aquele manço semtio em sy espirito samto do samto padre caindo em terra sopitamente enviou o espirito. Mais como o alevantase da terra samto Antonio estando diamte os fraires que aly aviam vindo tomou o espirito como de antes E afirmou que fora rapto aas conpanhas dos angeos E como avia visto la os maravilhosos secretos de deus. E queremdo samto Antonio que o dito milagre nom fosse atrebuido ² a elle mais ao poderio de deus. mandou aquelle noviço. que nom curasse de dizer mais de aquellas coussas que lhe foram reveladas. E des emtonçe se partio de aquele fraire toda teemtaçom que tinha. Mais segundo elle dizia desde emtonçe. enquanto viveo sempre durou sem dardo de algũa tentaçom. E vistido da vistidura da virtude do muy alto aproveitando em samta conversaçom em na hordem foy feito emxemplo aos outros.

Como hũa vez foy samto Antonio a abadia de Sollemiac ³ do bispado de Lemosnes

VII. Em aquelle tempo como o preste bemavemturado fosse a abadia de Solepniaco do bispado de Lemosnes. Huum monge de

¹ Assim se lê no original, mas de certo foi lapso do escriba em vez de *proseguiu*; no latim acha-se *prosecutus*.

² Havia-se escrito *atrebuido*, mas depois o -o- foi emendado em -e- por mão que posteriormente parece ter feito varias correcções.

³ Lapso por *Solemníaco*, como se lê mais abaixo. Vide *Anotações*.

aquele moesteiro avia sofrida longa tentação do deleitamento da carne, comtra o quall trabalho da dita tentação e comtra o seu maaõ empuxamento, ainda que o dito monge quebrava o seu corpo em jejuãs ¹ e vigílias e orações nom avia refrigerio Porque deus guardava pera samto Antonio, a cura e ho remedio dele. Pois quando o dito monje ouve ouvido a santidade de samto Antonio chegou a elle e descobriolhe em confição todollos seus pecados e a dita tentação. E demandou fielmente e omildosamente a sua ajuda. E o barom samto e piadoso tirou o monge a parte e despojou a sua saia e deua aquelle monge que ² padeçia que a visstisse E tanta lhe foy emprimida a pureza da limpeza por huã força que nacia do coração e do corpo muy samto de samto Antonio que aquele esquentamento ³ de luxuria foy em tall maneira restringido que des emtonçe os movimentos da carne nom acomeciam ao dito monge segundo que elle o disse a muytos muytas vegadas.

De hum milagre que fez Santo Antonio em hũa mulher devota servidor dos fraires

VIII. Em aquella terra era huã mulher muito devota aos fraires A qual mercava algũas vegadas as cousas neçesarias pera elles. A quall mulher tinha hum marido geosso e sem devação E ella esteve longamente hũa tarde por as neçesidades dos fraires de guissa que veeo de noite a cassa E o marido doestandoa disse-lhe Agora veẽs ⁴ tu dos teus amadores E ela disse verdade he que dos fraires veenho, aos quaaes amo eu por deus. E por ocasiom delles ey tanto estado que nom vim E o marido cheeo de sanha tomou[a] por os cabellos. E tanto lhe torçeo a emcabeladura de hũa parte e da outra, que lhos arrancou todos. E vemdo ela esto colheos ⁵ todos. E alomeada com fee posse os cabelos ordenada-

¹ No original está escrito *jeuus*.

² Por cima de — que — mão diferente pôs *aquelle*.

³ Mão diferente raspoou parte da antiga palavra, que talvez fosse *escaentamento* e emendou para a que acima transcrevo.

⁴ Aqui como noutros lugares ao copista escapou pôr o til para indicar a resonancia nasal.

⁵ Leia-se: *colho-os* e *partiu-sse*, condensações estas aqui frequentemente representadas pela grafia.

mente sobros nastro¹ e pos a cabeça sobre elles. E em outro dia em na manhã emviou dizer a samto Antonio que viesse logo a ella que nom se semtia bem. E o barom samto crendo que sse quiria comfesar apresurousse de chegar a ela. E quando chegou a sua cassa. diselhe ella. O frey Antonio. vees aquy o que ey soffrido por os fraires. e recomtoulhe o que lhe fora feito. E ella diselhe. Se vos quiserdes rogar a deus por mim. eu Sey que elle me tornara os cabellos asy como os tinha de primeiro. E disse-lhe samto Antonio. Molher a esto me fezeste aca viir E partisse² della Samto Antonio. e fez chamar aos fraires e comtoulhes o que acomtecera aquella molher sua devota. E disse-lhe [o] que³ omildosamente lhe demandara. E disse Irmaãos façamos oraçom por ella. E eu espero que o senhor acatara aa sua fee. E logo orando samto Antonio os cabellos hordenados foram restituídos a cabeça daquela molher asy como de primeiro. E quando veeo o marido comtoulhe a molher o que lhe avia acomtiçido demostrandolhe a cabeça. E o marido maravillhandosse dello. e acatando a deus partiosse de todo da sospeita e dos çiumes e fezosse des emtom muyto devoto e servidor dos fraires.

Como Samto Antonio tomou ho lugar pera os fraires em Verna do bispado de Lemosnes

IX. Como Samto Antonio veesse a Verna do bispado de Lemosenes. tomou aly primeiramente lugar pera os fraires menores. E fazendo pera sy huã çela em huã cova apartado⁴ do lugar. cavava huã fonte em huã pedra a qual reçebia os estilamentos da agoa que corria de huã pena. E aly se dava a comtenplaçom solitario em grande estreitura de vida. E como ho cozinheiro nom tevesse que guisar pera cozinha pera os fraires. Emviou samto Antonio a huã dona que era a elle devota. rogandolhe que lhe emviasse de sua horta algũas ortalijas. com as quaaes requirase⁵

¹ A palavra *nastros* é de mão diferente da que escreveu primitivamente a *Cronica*, tendo-se raspado o que se achava escrito para, em vez disso, pôr o que se lê agora.

² Veja-se nota 5 da pag. anterior.

³ No texto latino (*narravit . . .*) *quod etiam suppliciter postulabat.*

⁴ Assim se lê no codice, talvez por descuido do escriba, pois o original latino diz *crypta a loco remota.*

⁵ Lapso talvez por *recriasse*, porquanto o texto latino tam *recrearet.*

aos fraires que tinha sobditos. E emtam avia muitas chuvas e chamou a dona a hũa sua servidor salamdolhe brandamente E rogoulhe que fosse a presa ao orto. e trouxesse as coussas neçesarias pera fazer cozinha aos fraires. e aquella servidor fezeo de maa mente. dizendo que chovia muyto Pero vemçida por os rogos de sua senhora. Aafim ouve de hir ao orto e colheo as coussas neçesarias pera a cozinha dos fraires E levouas ao lugar dos fraires que estava muito alongado da vila E nunca çeçou de chover. nem por espaço de huum momento. Pero ella nom se molhou em algũa parte de seu corpo nem em as vistiduras E tornamdosse com as vistiduras emxuitas. disse a sua Senhora como sempre avia chovido e chovia e que nom avia chegado a ella. E Pedro de Brina canonico de Nobilasco. filho da dita dona comtava com prazer espresamente este milagre em louvor de Santo Antonio. O qual milagre avia ouvido a sua madre.

**Como os fraires foram a Santo Antonio
dizer do mall que os homens faziam em hum campo
de hum seu amigo e do que se em ello fez**

X. Como em aquella terra hũa tarde depois de ora de con-
xpetras estevesse Santo Antonio ocupado em oraçom asy como avia
de custume. Alguũs fraires que saiam do oratorio virom hum
grande campo de huum amigo dos fraires cheo de homeẽs. os
quaaes destroiam de todo ponto aquelle campo e arrancar ¹ de
rraiz as espigas. E doendose ² os fraires do dapno de tamanho
amigo da ordem. foram correndo a pressa a ho barom de deus. E
com vozes chorosas comtaromlhe o dano que reçebia aquelle seu
muyto amigo Aos quaaes respomdeo o barom de deus leixadeos
x fraires. leixadeos e tornadevos a oraçom. que este he o nosso
aversairo. o qual se esforça. de nos dar noyte sem folgamça. E de
percomturbar os nossos corações da oraçom. E sabede firme-
[me]nte que nom se faz esta vez nehuum dano ou destorimento
em aquele canpo do nosso amigo. E obedeçemdo os fraires aos
+ amoestamentos do santo padre. esperando ataa a manhã de saber
aquella cousa. E outro dia em na manhã virom o campo a der-
rador de hũa parte e da outra e virãno asy como de primeiro.

¹ Vide *Anotações*.

² O pronome *se* é de outra mão e está entre linhas.

era nom tocado nem dapnado. Pollo qual conheçerom o engano do diabo e a samtidade do barom santo.

Como Samto Antonio pregando huã vez a muyto poboo veerom os diabos e derrubaromlhe o pulpito ¹

XI. Como pregase huã vegada ² samto Amtonio em sam Joham de bispado de Lemosnes. Ajumtouse tam gramde multi-doem de povoo que nom podia caber em na grandeza da igreja. Por o qual comveo ao barom Samto de se hir a huã praça muy ancha. com aquela muldoem de povoo. que estava ajumtada. E aparelharomlhe logar como a maneira de pregadoiro. por tal que fosse visto. E quando ouve sobido em no lugar donde avia de pregar começando o sermom disselhes Eu sey que o imigo vos ³ fara aginha torvaçom em no sermam. Mais nom vos espantedes ca a sua malícia nom danara a nehum. E daly a pouco caio o lugar onde estava samto Antonio. maravilhando-se todos. e nom fez dapno a nehum Da qual cousa animado o poboo a mayor reverencia do barom de deus Em o qual viam relozir. o sprito da samta pobreza ⁴. E correndo outra vegada o lugar ouvirom mais abtamente ⁵.

Como samto Amtonio pregou huã vez em Vitubrio e emderçou a palavra comtra o bispo

XII. Como Samto Antonio pregasse huã vegada em Vitubrio em hum ajuntamento de sinodo emderençou a palavra comtra o bispo Con fervor do esprito. diselhe A ty falo cornudo. e começou de refrear alguns viçios dos quaaes o bispo era chagado ⁶. em sua comçiência com tam grande fervor e com claros e firmes testemunhos da escriptura que o bispo começou a seer provocado a compunçom ⁷ e a lagrimas e a devaçom. a quall nom avia ataa

¹ O copista escreveu *pulpito*.

² Vê-se que se principiou a escrever *vez*, emendando-se depois para *vegada*.

³ Talvez lapso em lugar de *nos*. Vide *Anotações*.

⁴ Mão diferente sublinhou a palavra *pobreza* e escreveu por cima *proficia* em harmonia com o original.

⁵ Assim no original.

⁶ O copista escreveu *chegado* em vez de *chagado*; no latim *sauciatus*.

⁷ No original lê-se *cõpunaçõ*.

aly. E acabado o sinodo sacou a parte o bispo a samto Antonio. e descobrio-lhe a chaga da comçiencia. E des entom fezosse aos fraires mais devoto. E acopousse com mais estudo em no serviço de deus.

**Como samto Antonio estamdo hũa vez pregamdo
começaram de vir torvoões e chuva e lampados. Et cetra.**

XIII. Huũa vegada avia chamado o poboo de Lemosnes samto Antonio. Pera ouvissem ¹ a pregaçam. E tamta era a multidom do poboo que qual quer igreja era angosta pera caber em ela. E por tanto levou o povoo a huum lugar espaçosso. homde doutro tempo foram paços de pagaãos. O qual lugar he chamado Rova de Arenes. por que aly podia melhor caber o povoo. E mais cnvinhavelmente seer emformado ênas palavras celistriaaes. E pregando Samto Antonio com muy grande fervor. estava o povoo espantado com a vomtade. ouvyn do atentamente as suas palavras. E supitamente começaram de ouvyr trovoões ² e de ver relampados emçendidos. E começou de vir chuva. E os povoos começaram de se levantar dos lugares donde estavam e de se moverem ³ nos corações. com medo da chuva e da tempestade. E o barom de deus confortandoos brandamente. diselhes Nom vos movades nem ajades temor nehuum. por que eu comfo em noso Senhor que nom vos empeçera agora a chuva nem outra nehuũa tempestade. E o povoo consintio aas palavras do barom de deus o qual ata as aguas em nas nuves. E asy reteve a chuva sobrelas ⁴. que ainda que chovia avomdosamente em cada huum lugar cerca da cidade. (E) pero depois das palavras de samto Antonio. nom caia nehuũa gota dagoa sobre o povoo. E estando ouvindo as palavras de deus. E comtinuando o sermam acabo de grande espaço quando ouve feito fim. Levantaromsse todos e virom toda a terra avondosamente cheia de agoa. E o lugar donde elles aviam estado estar seco. E louvando o poderio de deus maravilhoso em no seu samto.

¹ Aqui de certo escapou ao copista escrever a particula *que* depois de *pera*, ou então pôs *ouvissem* em vez de *ouviram*; *ad praedicationem* diz o texto latino.

² No original acha-se *trovoos*.

³ Também se poderá ler *mover em*.

⁴ Parece que, por descuido e atraído pela palavra *nuves* que precede, o tradutor escreveu *sobrelas* em vez de *sob'elas*, pois o texto latino diz *super eos*.

**Como huña vez pregasse samto Amtonio levamtouse
damtre o povoo hum sandeu dando vozes**

XIV. Pregamdo huña vez samto Antonio. levantousse dantre o povoo huum Sandeu. o qual torvava a ele e aos que estavam aa sua pregaçom. E amoestando ¹ samto Amtonio docemente que calasse. O louco disilhe. que o nom faria ataa que lhe dese a sua corda. E santo Antonio deçengeosse logo e deulha. E aquelle sandeu abraçandoa e beijandoa cobrou o sisso. e o usso da rrazom. E olhamdo todos lançaromsse ² ante o samto. dandolhe graças por que o avia curado. Espertou a todo o poboo. a glorificar a deus eno seu santo.

**Como samto Antonio estamdo em Paudua
achavasse trabalhado de ouvir confisões e dar conselhos
e cobiçava de se dar aa oraçom.**

XV. Como Samto Amtonio ouvesse muito trabalhado huum tempo em Paudua em ouvir confisões e pregar e em dar boõs ³ conselhos sprituuaes. Cobiçando de sse dar aa oraçom e aa contemplaçom. espreevo ⁴ ao ministro que lhe desse leçemça. que se podesse trespasar a(o) outro lugar idonio pera esto. E quando ouve esprita ⁴ a letera ⁵ leixou ha no escriptorio ⁶ e foy ao g(r)ardiam. e rogoulhe. que lhe buscasse alguum portador da dita letera ⁵ E des que ouverom achado misegeiro. emtrou o servo de deus ao escriptorio ⁶ por a letera. E buscandoa deligentemente domde a leixara. Nunca a pode achar. E elle cuidando que por aventura nom aprazia a deus que sse ⁷ fosse daquelle lugar. e que por ello nom podia achar a letara. Mudado o proposito. disse ao gardiam. que nom curava de emviar a letera ⁵. Oo cousa maravilhosa de dizer. Comtados e compridos. os dias em que podera seer tornado o mesegeiro donde era o ministro se ala fora enviado. Reçeebo samto Amtonio carta da reposta do ministro das coussas que eram conhudas

¹ Entenda-se *amoestando*.

² Vide *Anotações*.

³ No original a palavra *boõs* está entre linhas e provém de mão diferente.

⁴ Lêase *escreveo* e *escrita*.

⁵ Ou *letra* pois o texto tem *let.a*, porem mais abaixo por inteiro *letera*.

⁶ O manuscrito neste lugar está raspado, sendo bem evidente que a palavra primitiva não era *escriptorio* por ser o espaço muito curto.

⁷ Em entrelinha está *nom*.

na carta. Convem a saber que podesse pasarsse a morar por sua consolaçom espirital aaquele lugar que demandava. Razoadamente he de creer que algum angeo ouve levada a carta de samto Antonio ao ministro em semelhança de misegeiro. por que satisfizesse a samto Antonio. e demostrassee por elle tal milagre que a sua petiçom era azeptada a deus.

agui

**Como Santo Antonio de prazimento de
Sam Framçisco foy hordenado pello capitolo geerall
com frey Adam ingrees pera hirem leer
ao estudo geral.**

XVI. Samto Antonio de prazimento de sam Framçisco foy ordenado. por o capitulo geerall com frey Adam Marisco ingres. Que foy o primeiro estudamte de theologia em na hordem. e que fossem a leer ao estudo geerall aas partes de Framça. E indo ala chegarom ao abade de samto Andres de Verçelhas. O qual era emtam avido por o mais exçelemte de todos os theologos. O quall avia treladados novamente de grego em latim. os livros de sam Dionisio. E os avia hordenados muy fermosamente. E emtam acomteçeo seer trespasado. o estudo geeral da çidade de Millam aa çidade de Verçelhas E o abade recebeos ¹ beninamente. E emtam aproveitou em elles o enlevamento espirital da vontade deles. que elle meesmo abade que era ensinador se dizia seer emsinado. dos nom emsinados. E aynda pintou reallmente as jeerarchias do çeo. em nas suas almas. E em çinquo anos. em nos quaees estiverom ² com ele em nos livros de sam Dionis vierom a tanta claridade e lume de sabedoria. que aquellas jerarchias nom solamente pareciam elles averllas apreendido. Mais ainda aveer pasado por ellas. Onde aquele homrrado abade damdo testemunho a samto Antonio. diz asy em no dito bulume em no ter(e)çeiro capitulo em huãa partezinha. que começa. *Sub litera. enim frequenter amor penetrat ubi cognitio phisica foris stat.* Quer dizer. Muitas vegadas o amor trespasa. ou penetra adonde o conhecimento da naturall çiemçia

¹ Leia-se *recebeo-os*.

² O copista escreveu *esteterom*, devendo ter posto *estudaram*, como pede o sentido e se encontra no original latino que diz: *in illis autem quinque annis quibus cum illo studuerint in libris beati Dionisii ad tantam mentis serenitatem et lumen scientiae pervenerunt ut illas hierarchias non tantum didicisse sed percurrisse viderentur.*

está de fora. Ca leemos alguns sabios bispos Nom serem emsinados em nas ciemcias naturaes. os quaaes emtendendo a mistica theologia com a agudeza da razom penetravam os çeeos. E trãscem-diam ¹ todo conhecimento de ciemcia naturall ataa viir ¹ aa muy bem aventurada trindade. O quall eu achei por esperiemcia. em frey Amtonio de Lixboa da ordem dos fraires menores estando elle com migo em companhia Ho quall como nom fosse emsinado em nas leteras sagraes. emçemdido com pureza de coraçom e com fervor da vontade. desejou ferventemente a mui santa theologia. Asy que com agudeza do sisso da alma e do emtendimento a aprendeo avomdosamente. Asy que podem dizer delle. aquello que he escrito de sam Joam Baptista. Elle era candea ardente e luzemte por que com amor ardia de demtro e luzia de fora ectra. E o barom samto Amtonio nom presumio de leer. como quer que foy rogado dos fraires senom primeiro sabida a vontade ² de sam Framçisco do qual se diz que lhe emviou ³ sam Framçisco por escrito. esta reposta que sse segue. Ao muito amado irmão meu frey Antonio. Eu frey Framçisco. Saude em Jesu Christo prazme que tu leas aos fraires a samta theologia. em tall maneira que nom afoguem por esto o esprito da samta oraçom e devaçom. segundo que em na regrã se contem. por este tal estudo. E nosso Senhor te esforce. Segundo que alguuns dizem este samto Amtonio. algum tempo foy companheiro de sam Domingos quando eram coonegos regulares. Huã vegada pregava em Paudua hum abaile dos monges negros e dizia em na pregaçam as palavras que avia escrevido sam Paulo em huã pistola a sam Dionisio. e ouvindoo pregar samto Amtonio. com as doçes palavras foy alterado e por hum grande espaço esteve rauto fora de sy.

**Como Santo Amtonio leesse theologia aos fraires
em Momprisler hum noviço partiosse da ordem
furtamdolhe hum salteiro e do que sse aly acomteço**

XVII. Como samto Amtonio leese theologia aos fraires em Monpriller. acomteço hum noviço partirsse da ordem de noite. e levar comsigo fortivellmente hum psalteiro grosado de gramde

¹ O til é de mão diferente e posterior.

² Desde *primeiro* até *vou de vontade* foi raspado o pergaminho, parece que para avivar o que se havia escrito.

³ Também em *the emviou* se raspou talvez por motivo identico.

vallor, com o quall salteiro o servo de deus samto Amtonio emsinava aos fraires. E ouvindo esto o barom de deus doeo-sse muito por elo. E pose-sse loguo em oraçom. Asy que procurando-o a vertude de deus, o diaboo saio ao caminho aaquele novicio e emcomtrou-o pasamdo per hũa ponte que hia fugindo, dizemdo-lhe com grande espanto torna ca com o salteiro ao servo de deus. Amtonio, e torna-te a tua ordem, senom em outra maueira de mandamento de deus te matarey, e te lançarey em este rio. E o novicio maravilhando-sse foy cheeo de temor. Mais registindo alguum tamto, logo a esa hora se lhe demostrou o diaboo ¹ de tam cruell gramdeza e atam espamtosa e avorrecivell queremdo-o ¹ matar, em tall guissa o espantou ² que logo o novicio foy castigado com o temor de deus, e tornou-sse a samto Amtonio dando-lhe o salteiro, conhecendo a culpa, e demandando com lagrimas que quiria aa ordem logo ² tornar.

Seguen-sse os milagres de samto Amtonio naturall da nobre çidade de Lixboa

XVIII. Como huũa vegada viesse samto Amtonio a huũa villa por caussa de pregar, tiinha hũa molher hum seu filho çerca da caldeira a cabo do fogo, que o queria lavar e correger. E ouvindo dizer que queria samto Amtonio pregar, com fervor que tiinha de ouvir a pregaçam quasy saio de seu sisso. E pensando que puinha o menão em hum berço ³ posse-o ãna caldeira. E esquecendo aly o filho foy corremdo com grande presa aa pregaçam e leixou-o aly. E ouvida a pregaçam, ella que se tornava a cassa, preguntarom-lhe as vezinhas que adomde leixara ela o filho. E ela acordou-sse que o leixara cabo do fogo E avemdo medo que seria queimado, começou de arrancar os cabellos da cabeça e de sse carpir, chamando-sse misquinha. E como veese aa cassa acompanhando-a outros muitos; achou o moço em na caldeira trebelhando com agoa que fervia e bulia. E emtam todos que aly eram presentes foram maravilhados e nom sem caussa. E com grandes vozes derom graças a deus e a samto Amtonio.

¹ O ultimo o parece de mão posterior.

² Estas palavras achão-se em entrelinha e foram acrescentadas posteriormente.

³ O original latino diz *pelvis* ou bacia de pés; talvez o copista por lapso escrevesse *berço* em lugar de *bacia*, como alias pede o sentido.

Milagre

XIX. Huũa vez entrou samto Antonio em hum logar por razom de pregar. E hũa molher devota foy a ouvir a sua pregaçom e leixou a hum seu filho em no berço. A qual tornando-sse a sua casa depois do sermom. achou o filho em na cassa morto que jazia papariba. A quall molher dorossa da morte do filho tornou-se a samto Amtonio. rogando-lhe com lagrimas. por o resuçitamento do filho. E doemdo-sse Samto Amtonio della. Disse-lhe duas vezes ou tres com feuzza. Anda vaay que deus te fara bem. a qual creemdo as palavras de samto Antonio. tornou-sse a sua casa. e achou o filho vivo. o qual ela avia leixado morto e o minino ¹ estava jugando com huñas pedrinhas as quaaes de primeiro numca ali ² tevera.

Vison que vio hum borges de samto Amtonio

XX. Como samto Amtonio hũa vez pregasse em huũa çidade deu-lhe pousada hum borges. E asinou-lhe huũa camara apartada por que se desse aly mais folgadamente ao estudo ³ e comtenplaçom. E orando samto Antonio soo ãna camara. andava descoren-do o borges per suas cassas. E parou mentes cuidadusamente ⁴ contra o lugar donde horava samto Amtonio soo. e vio escomdidamente per huũa fresta aberta hum moço em nos braços de samto Amtonio muy fermoso e alegre em figura de Christo ⁵ Ao quall samto Amtonio abraçava e beijava muitas vegadas. Comtenplando ãna cara delle. E o borges foy maravilhado e alterado da fermosura do moço. E pensava antre ssy que domde averia ⁶ aquelle moço que era tam fermosso. E aquell moço que era ho nosso Senhor Jesu Christo revellou a samto Antonio que o via aquelle borges Homde samto Amtonio depois que ouve longamente estado em

¹ O pergaminho foi raspado, e depois outra mão escreveu *minino*.

² *Ali* está entre linhas e provém doutra mão.

³ Sobre a palavra *estudo* entre linhas acha-se de mão diferente — *da oraçom* — tendo-se raspado entre *estudo* e *comtenplaçom*, e posto a copulativa *e*.

⁴ Neste adverbio a parte *cuida* é de mão diversa, saindo a sillaba *cui* fora da columna.

⁵ As palavras *em figura de Christo* foram acrescentadas.

⁶ Vide *Anotações*.

oraçom chamou aaquelle borges e defemdelhe ¹ que nom desco-
brisse aquella visom que vira emquanto ele meesimo Santo Anto-
nio fosse vivo. Empero depois da morte do samto padre revelou
aquelle borges com lagrimas santas aquela vissom sobredita.

Como huum omeem foy perdoado dos pecados pollos confessar per esprito ²

XXI. Em hũa pregaçom que samto Antonio pregava foy hum
omeem em tal maneira compongido dos pecados que por os mui-
tos gemidos, nom nos podia confessar. Ao qual disse samto Anto-
nio. Vaay e esprivy em huũa çedola todollos teus pecados de que
te acordares e trazema loguo E como aquelle homeem fizesse
aquello e trouxesse a çedula com os seus pecados esritos ³. Todos
forom destroidos e raidos da çedula que nom appareco hi nehuum.

Milagre

XXII. Pregamdo huũa vez samto Antonio em huũa igreja
em hũa solinidade. Ho ãmigo antigo, entrou dentro em na igre-
ja em semelhança deroteiro. E deu huũas leteras a hũa nobre do-
na. A qual tinha huum filho. O quall avia ãmigos mortaaes. E com-
tinha-sse em aquella letera que os seus emmigos o aviam morto em
tal lugar. E emtam Samto Antonio que nom avia ouvido coussa
alguũa com as orelhas corporaaes disse logo aquela dona. Senhora
nom temades, ca vosso filho vivo e saão he, e veera ⁴ sem dano.
E este que agora veeo a vos he o diabo, o qual fez esto por tall que
torvase a pregaçom.

Milagre

XXIII. Como samto Antonio visitase hũa vegada a huũa do-
na de Anusio que estava prenhada. E sse lhe encomendasse ela

¹ Entenda-se *defemdelhe*.

² Leia-se *escrito*.

³ Leia-se *escripti, esritos*.

⁴ Está por *virá*.

em no seu comçibimento. Depois de longa oraçom tornou a ella samto Amtonio. e disse-lhe. Ave(e) prazer e booa esperança. ca o senhor te dara hum filho. o quall sera gramde em na igreja do senhor deus E sera fraire menor e martere. E por a sua pregaçom levava muytos aa coroa do marteiro. E aquella dona pario hum filho. o quall foy chamado Phelipo. E emtrou em na hordem dos fraires menores E finalmente depois que ouve andado muy muyto aaquem do mar porlla espiraçam de deus passou alem do mar. E como a çidade de Azoto se ouvesse dada aos mouros por treição todollos christãos pouco menos de dous mill foram trazidos aas mãos dos barbaros e foram todos comdenados por Sentença a morte. E como fosse amtre eles o dito frey Felipo ganhou que fosse o pustumeiro que matassem por que ganhasse a todollos outros confortando-os em no senhor. E quando foram todos confortados por as palavras de frey Felipo. foram preguntados se quiriam escapar da morte e negar a fe. ou estamdo em na fe. sofrer tormentos de morte. E respomderom todos de hum coração que quiriam teer a carreira que escolhesse frey Phelipo. E elle fez a todos ajuntados pregaçom emsinando-os em na fee. E feita a pregaçom disse. Irmaãos muito amados estade firmes por que esta noite me revelou o Senhor. que eu com mil almas hey de entrar aa gloria do ceo por a carreira do marteiro. E confortando-os asy todus. e ouvindo a comfissom delles. responderom que de boamente escolhiam a morte pola fe de Jesu Christo. E quando degolavam aos santos barões por comfissom da fe. esforçava-os frey Felipe Pregando-lhes da fe comtinoadamente. E o soldam foy hirado contra elle. E mandou-lhe cortar pedaço e pedaço as junturas das mãos. o quall como por esto nom çesasse da pregaçom. feze-o esfolar ataa o embigo. Mais elle nom seçando por esto de confortar aos christãos. fezo-lhe o soldam cortar a sua lingua bem aventureada. E nom embargando esto. Elle emframado por fervor que se nom poderia comtar. pregou comtinoadamente ataa que todos foram acabados de degolar. E elle tirando-lhe o capello. com muy gramde devaçom foy degolado pustumeiro de todos. e levou a coroa do glorioso marteiro. E por quatro dias jazemdo todos sem sopultura. veeo o soldom ao lugar adomde jazian E achou-os nom sem gram maravilha. Sem comrrumpimento. e sem alguum fodor. Polas quaees coussas claramente parece por quanta certidoem ouve. vigor a profecia de samto Antonio ja cumprida.

Milagre

XXIV. Depois como santo Antonio fosse descaregado do officio da custodia de Lemosnes, foi-se com hum companheiro comtra Ytalia. E como pasasse por o reino de Proença em hum lugar pequeno, huã molher ouve delles compaxom, os quaaes atormentados de fame e por amor de deus, meteos ¹ demtro em sua pousada. E aquella molher coidadosa çerca delles asy como a outra Marta Pose-lhes em na mesa pam e vinho. E tomou emprestado de huã sua vezinlia hum vaso de vidro. Mais o senhor querendo fazer samta demonstraçam com a tentaçam, permitio que sacando aquella molher vinho de huã cuba pera os fraires, leixou o torno da cuba nom bem posto e foy todo o vinho vertido por o chaão. E tomando outro sy o companheiro de samto Amtonio o vasso do vinho da mesa sem sabedoria, asy que sse quebramton per meo, que quedou o pee do vasso a huã parte e a copa a outra parte. E açerca da fim do jantar, como aquella molher quisesse ilar aos fraires vinho fresco, foy ao çelleiro e achou o vinho easy todo derramado por o chaão. E tornou-sse aos fraires choramdo muy amargosamente. E muyto coitada por a perdiçam do vinho. A quall coussa como ella disesse a samto Antonio Avemdo ele della muy grande compaixom, abaixou a sua cabeça sobre a meesa antre as palmas e fez oraçam ao senhor com fervor. E como a molher lhe parasse mentes de como estava em oraçam. A quall he maravilhos-sa cousa de dizer O dito vasso de vidro que estava quehramtado em duas partes em dous lugares da mesa, por movimento de sy meesmo, ou mais verdadeiramente por empuxamento de deus se ajumtou em hum lugar. A quall coussa veemdo aquella molher foy maravilhada. E tomou a pressa o vasso e maneando-o fortemente viio que por vertude da oraçam daquelle fraire Se tornara emteiro E aquella molher vemdo que a vertude que avia feita em no vasso quebrado, que podia tornar o vinho perdido. (E) foy aginha ao çelleiro. E a cuba que deamte as portas estava meada de vinho, achou que por çima se saia por a tampa ² fervendo asy como vinho novo por a quall coussa aquella molher foy muyto maravilhada e alegrou-sse muyto. E samto Antonio quando semtio que a sua oraçam era ouvida, assy como diçipollo da verdadeira

¹ Leia-se *meteu-os*.

² No original *tapa*, isto é, sem til o que é frequente.

omildade de Jesu Christo. partio-sse de aquelle lugar. por que nom fosse homrrado dos homens.

Milagre

XXV. Estando Samto Antonio em Ytalia acupava-sse cada dia em fazer pregaçom. E ouvir confisões. E huã vegada tornam. do-sse da pregaçom hia-sse por hum caminho desviado e soo por sse desviar da multidõe dos homeẽs que hiam pera suas cassas que sse tornavam da pregaçom por fogir dos louvores delles E huã molher que andava por hum apartamento buscando a Samto Amtonio trobando muito por os lugares sem carreira. E levava em nos braços hum seu filho. o qual era comtreito desde que nãcera. Emcomtrou aly a santo Amtonio em aquelle lugar apartado E lamçou-[se] deamte delle aos seus pees rogando-lhe com gemidos lagrimosos que aveendo compaxom da madre descomsolada. tevesse por bem de bemdizer a seu filho com o sinal da cruz Ca ela tinha esperamça que se elle esto fizesse que seu filho ¹ averia perfeita saude. E o servo de Jesu Christo por a profunda omildade que tinha leixava de o fazer e escusava-se. Mais ela fazia mayores chamtos e dobrando as pregarias. dizia mais a meude com clamores. Senhor ave merçee de mim. E o barom piadosso movido com compasiom della que estava atormentada e do filho enfermo. E rogandolhe esto o conpanheiro seu que era barom famoso em bondade. bemdisse ao moço fazendo-lhe o signal da cruz em na vertude e nome de Jesu Christo. Oo coussa maravilhosa de dizer logo se aquelle moço alevamtou são E aquel o quall a madre triste avia trazido emfermo levou ² ella muy alegre pera sua casa. andando elle por sua propia vertude. E o barom santo nom atribuindo esto aos seus mereçimentos. Mais a fe da molher. (E) rrogoulhe que mentre que elle fosse vivo que nom dissesse esta coussa a nenhuum.

Milagre

XXVI. Huã moça a que chamavam Paduana avia ya quatro annos que era privada do andar. a quall Se andava arrastando por

¹ A palavra *filho* está entre linhas e provém de mão diversa.

² No original *leou* e entre linhas *u*.

terra. asy como as serpentes. E tinha outro sy emfirmidade de morbo caduco. e caya em terra e fazia escuma por a boca. e revocava-sse a meude mesquinamente por terra. E o padre da moça. a que chamavam Pedro. levava-a hũa vez em nos braços. e por acontecimento emcomtrou com samto Amtonio. Ca elle nom no hia a buscar E vinha emtomces samto Amtonio de fazer huũa pregação E rogou-lhe aquelle omeem com grande devaçam e confiança que hemdisseesse aquella sua filha com o sinal da cruz. E paramdo mentes samto Amtonio aa se limpa de aquelle homeem fez sobre aquella moça o sinal da cruz. em nome da trimdade. desde a caheça ataa os pees. E des que esto foy feito. logo aly presentou o poderio maravilhosso de deus. o qual deu firmeza de andar aaquella moça enferma. em tal maneira que andava linpamente sem ajuda de nehuum Outro sy foy logo saã da emfirmidade do morbo [ca]dico

Millagre

XXVII. Em na cidade de Padua saio samto Amtonio a pregar a hum campo a muy grande multidõe de povoo E hiia aly huũa nobre molher E aa passagem de hum prado caio aquella molher em no lodo. Ca foy empuxada por a multidõe dos que pasavam E ella veemdo manifestamente ¹ o perigo do lodo que veria ² a ella e aas vestiduras preciossas que avia de novo vestidas. Emcomendou-sse omildosamente a deus e a seu servo Santo Amtonio que a gardasse e defendesse. Ca ella avia medo que emcorreria em sanha de seu marido se tornasse a casa com as vestiduras emchujadas. E ajuda de samto Amtonio acorreo logo aquella molher e lhe ganhou o que demandava E certo esto foy coussa de maravilhar que logo saio do lodo sem sse emxujar coussa alguna. E ella foy muito alegre a ouvir a pregação. maravilhando-sse todos os que eram aly presentes que aviam vysto como cayra. e louvavam por ello a deus e ao barom samto.

Millagre

XXVIII. Outra boã molher desejava seguir a samto Amtonio que saya fora do lugar a sementar a semente da vida. E em-

¹ No texto *manifestamente*.

² *Sic* por *viria*.

tam o marido de aquella mulher estava emfermo. defemdeo-lhe que nom fosse alla. E ela quedou em cassa anojada de tristeza A quall estava contra aquella praça adomde samto Amtonio pregava em aquella ora por que se alegrasse pois all nom podia fazer. por que lhe fora defemdido que nom fose alla. E he cousa maravilhosa de dizer. que estando ela a hũa fresta olhando sospenssa em na vom-tade. Oramdo a vertude de aquel que a de costume de comprir os santos desejos. Supitamente a voz de samto Amtonio que pregava soou em nas orelhas de aquella mulher. E como ella tardasse em aquella fresta por ouvir tam grande consolaçam de aquella voz. repremdeo-a por ello o marido. E ella respondeo-lhe. eu ouvia pregar a frey Antonio. E o marido escarneçia della. Ca elle sabia que o lugar adomde pregava Samto Amtonio estava alomgado de aly duas milhas E que de duas milhas nom se poderia aly ouvir voz de homêe Pero a mulher afirma[va] esto çertamente que o ouvia pregar. E aquelle homeem esforçou-se e foy aaquella fresta pera veer aquello que lhe dizia a molhier. se era verdade. Da qual fresta por os mereçimentos da molhier fiell. ouvyo claramente com ella a voz de samto Amtonio. E elle quamdo aquello vyo deu graças a deus E ao bemaventurado samto Amtonio seu servo. E des emtam achegou-sse ao servo de deus por amizade com huum da molher E des aly nom embargou a devaçom da sua boa molher.

Milagre muy boô

XXIX. Muitas vezes acozteceo que o harom de deus samto Antonio cobiçamdo a saude das almas. dizia aos pecadores os remedios que podia por que saíssem de pecados. E ainda mais que he cousa maravilhossa apareçia de noite a muytas perssôas que dormiam chamando-as por nome segundo que elas o deziam depois aos fraires. E dizia-lhes estas cousas levanta-te. e vay a tall fraire ou a tall saçerdote. E confesa-lhe tal pecado que em tall tempo e em tall lugar foy por ty cometido. O quall pecado nom sabia outro algum senom deus E asy por esta maneira foram muitos alimpados dos pecados por o sacramento da confisom. Os quaes pecados nom ousavam os homeens por vergonça confesar em alguã maneira E acozteceo outro sy huãa vegada que huum barom de Padua que avia nome Lionardo se confessou a samto Amtonio. E amtre os outros pecados confessou que avia ferido com seu pee a sua madre. asy que a lançara em terra com huum empuxom feo A qual cousa avorreçemdo ao bārom de deos. em fervor do

sprito amtre as outras palavras de repremsom. disse-lhe esto. O(o) pee que fere o padre ou a madre devia logo seer cortado. E aquelle homeem nom no entemdeo dereitamente. E aquell barom simple[z] por a culpa sua e por a repremsom aspara de samto Antonio foy feito triste e foy-sse loguo a sua cassa e cortou logo o pee. E as novas desto forom Sabidas por toda a cidade. e vierom aas orelhas de sua madre. Aqual yudo-sse a pressa a sua cassa. achou o filho com o pee corto. E quando soube a rrazom por que avia cortado o pee. foy dando vozes adomde estavam os fraires. querelando-sse de samto Amtonio que avia morto a seu filho por esta caussa. E samto Amtonio viindo a ella e consolando-a escusou-sse ligitimamente. E veeo elle aquelle barom ¹ que cortara o pee e fazendo sua oraçom devotamente e com angustia. ajuntou-lhe o pee aa perna e feze sobrelle o sinall da cruz e untou alguum tanto com aquelas mãos samtas. E logo aquelle pee ² emxerido. asy foy soldado e affirmado com a carne da perna. que aquele homeem se alevantou logo sobre ella andando a hũa parte e a outra. Alegrando-se muyto. e dando graças a deus e ao Samto padre Amtonio.

Milagre duum tirão

XXX. Era huum barom poderosso. mais muy cruell tirano. o qual avia nome Exçelino de Roman. E fazia tirania en Padua e em nos lugares, que estavam arredor. E este tirano em no principio da sua tirania avia feito muy grande matança de homeens. E o padre samto Amtonio o[u]vimdo dizer estas cousas em huum lugar que he dito Verona. propos de yr a elle sem medo personalmente E quando o viio começou de lhê dizer estas palavras Ó emmigo de deus tirano muy cruell. e perro raivosso. E quando çesarás de derramar o sang[u]e nom empeecivell dos christãos. Sabe que a sentença de deus muy dura e espantossa verra sobre ty. E disse-lhe outras muytas cousas e muy asperas. E os salteadores e roubadores que estavam arredor com o tirano esperavam que o mandasse logo matar a samto Amtonio Segundo que elle tinha de costume mais por a ordenança de deus foy feito doutra maneira. Ca elle meesmo tirano a estas palavras do barom de deus. foy

¹ Deve ler-se *aquelle*, pois o codice latino diz: *et mox. ad ipsum perveniens*.

² No texto a palavra *aquelle* está repetida.

compungido e quitada toda crueldade de seu coração e feito asy como cordeiro muy mansso E lamçou huũa cimta ao colo e derribou-sse em terra deante o barom de deus nom sem grande maravilha dos que eram presentes. E conheç[e]o e disse omildosamente sua culpa. prometendo em todo emendar segundo que ¹ a samto Amtonio mais prouguese E depois disse o tirano aos seus companheiros que estavam desto muyto maravilhados. baroões conpanheiros. nom vos maravilhedes por esto. Ca eu vos digo verdadeiramente que eu vy hum resprandor divinal sair da cara de aqueste padre. o qual asy de todo ponto me espantou. que em vendo eu penssey supitamente seer somerjudo em no profundo do inferno E des emtonce ouve elle muy grande devaçam em samto Antonio E mentre que samto Antonio viveo refreou aquelle tirano de fazer muytos males que amtes fazia segundo que elle mesmo o comfesava. E como o barom samto pregasse espresamente com ousadia comtra as crueldades do dito tirano provam ² por emxemplo e per esperiemçia a dereitura e a justiça nom afroxada do barom de deus. (E) emviou-lhe este cavaleiro arteiramente hum presente per mãos de seus ³ servidores. Dizemdo-lhes presemtare-des esto omildosamente e devotamente da minha parte a frey Amtonio com mayor reveremcia que poderdes. E se(e) o receber matalo-edes logo Mais se elle com yndinaçom o engeitar sofreredes em paçiemçia todalas coussas que vos diser. nom lhe fazendo. alguum dapno. e tornade-vos aca. E aquelles ministros enganosos de aquele tirano apresenterom-sse diamte de samto Antonio com toda reveremcia e disserom-lhe. O teu filho Excelino de Rroman se emcomenda em tuas oraçoões. supricamdo te que recebas este domzinho que te emvia por devaçam. E que rogues ao senhor por saude de sua alma. E samto Amtonio menos preçou todo o presente. dizemdo baldoões aaqueles que lho traziam. E dizemdo outro sy. que ele nom queria tomar coussa alguũa das rapiinas dos homeens. Mais que todalas coussas delles fossem em perdiçam. E que se partissem de aly logo. porque a casa nom fosse emxugemtada por a presemça delles. E eles tornarom-sse comfondidos ao tirano. E como lhe comtassem a(a)s coussas que lhes aqueçerom com elle. dise omeem de deus he. leixade-o dizer. diga de aquy a diamte qual quer coussa que lhe aprouguer.

¹ O copista por lapso pôs o em vez de a.

² Vide Anotações.

³ O pergaminho foi raspado, e depois mão que parece diferente escreveu as palavras: *este cavaleiro até seus.*

**Do pasamento do santo padre Antonio e dos años
da sua vida quantos foram.**

XXXI. Depois como Santo Antonio ouvesse fartado o poboo de Padua com o pasto da palavra de deus por toda aquela coreesma ataa a çimquoesma por que sse achegava o tempo de segar as meses pasou-sse daly a huum lugar apartado. que he dito o campo de sam Pedro por que em aquelle tempo. emtre meo das vagaçoões se desse mais proveitosamente a oraçom e ao estudo da samta escriptura E avia aly huum amigo espiciall dos fraires. Ho qual mantinha aos fraires das suas proprias despesas. E este recebeo a samto Antonio com grande devaçom. asy como se fosse anjo enviado de deus. E a pedimento seu fez fazer tres çelas em huum lugar de montanha. de ramos de muitas arvores. Em nas quaes cellas se desse mais folga[da]mente aa oraçom. e comtenplaçom. E outros dous companheiros seus baroões muy perfeitos. s. frey Lucas e frey Rogeiro. Mais depois de pouco tempo falecerom-lhe as forças do corpo. E por emde fezolhe ¹ levar ao convemto de Padua. Mais viimdo a elle muy muyta gente o servo do senhor fogia aas taaes homrras e alegria. E por emde mudou-se de aly ao lugar dos fraires servidores em nos officios devinaaes e sacramentos das donas pobres. as quaaes ² moravam em huum moesteiro fora da cidade de Padua. E aly acrecentando-lhe a emfirmitade depois que ouve dito palavras de hedificaçom e feitos sinaaes de devaçom Aquella alma muy Samta pasou de aqieste mumdo a deus padre. E forom todollos años de sua vida em esta guisa El viveo em casa de seu padre quinze años Em no moesteiro de sam Vicente que he na çidade de Lixboa dous anos. Em no moesteiro de samta Cruz de Coimbra nove años E depois mais em na hordem de sam Francisco dez anos e muito esclareçido por milagres e por muitos sinaaes acabou bemaventuradamente.

**Como disse o abade de Vercellos em huum seu livro.
E de como se amavam anbos em deus.**

XXXII. Em aqueles dias em que santo Antonio pasou de aquesta vida O muy famoso e muy emsinado em nas escripturas

¹ Talvez lapso em vez de *sse*.

² No texto está *quaaes*.

Sabas abade de Vercelos. estava soo em sua camara ocupado e emtepto ¹ em pensamentos de deus. Ao qual abade aviiu seguido a ² samto Antonio dementre que era vivo e lhe avia muy grande amoor. E muitas vegadas o huum com outro se apaçemtavam em nas falas das samtas escripturas. Onde aquele abade em huum seu livro diz asy de samto Antonio *Frater Antonius de ordine fratrum minorum de pure theollogie sensu mistico hansit plenissime illustratus.*

Como samto Antonio quando moreo logo appareço ao abade sobredito.

XXXIII. E estamdo este abade soo em sua morada segumda que he dito Em aquella ora em que o servo do senhor Amtonio finou, emtrou soo aaquele abade adomde estava e saudarom-sse huum ao outro E depois de aquella booa sandaçam, disse o samto barom Amtonio. *Ex* senhor abade que desamparando o meu asnilho me vou a pressa a terra. E tamgeo logo ao abade em na gargamta, adomde tinha emtam muy gramde emfirmidade. e logo, foy livrado della. e saindo fora desaparece-lhe. ³ E aquele abade comsirando que elle se ya aa terra domde nacera. convem a saber a *Espanha* nom sabemdo nada de sua morte levamtu-se e saio fora. por que se al que nom que o fizesse deteer algum tanto E nom no achamdo pregumtu aos servidores do moesteiro com que emcomtrava queixosamente que adomde estava frey Amtonio. Os quaaes ⁴ lhe responderom. que nom avia aly vimdo. E que elles nom sabiam domde estava. E elle afirmou fir[me]mente que elle o avia visto emtonce. e que lhe avia dito taes e ataaes coussas. E que samto Amtonio o avia curado. e dera saão da infirmitade que tinha maravilhosamente E emviarom logo ao lugar dos fraires menores que estava aly ãna villa a saber se por vemtura o aviam elles visto E nom achamdo novas delle. O abade pensamdo em seu coraçom emtendendo ⁵ certamente que o bemaventurado padro

¹ Aqui o copista omitiu o til, devendo lerse *entento* (o p é puramente ortografico); o original latino diz *intentus*.

² Está a mais esta particula, como se vê do texto primitivo que diz: *quem (abbatem) vir sanctus dum viveret et e contra dilectione praecipua fuerat prosecutus.*

³ Leia-se *desaparecê* ou *desapareceo*.

⁴ No texto *quaaes*.

⁵ V. *Anotações*.

santo Amtonio seer ydo bemavemturadamente. ao convite da terra celestial por o partimento da morte E paramdo mentes deligentemente ao tempo que esto acomtecera achou por verdade. que aquella ora em que lhe appareço. avia pasado de aquesta vida o dito bemavemturado santo Amtonio.

**Como foy canonizado samto Amtonio pollo
bem avemturado senhor papa Gregorio nono e do
que se aly acomteceo**

XXXIV. Depois de aquelle dia em que o bemavemturado samto Amtonio pasou daquesta vida. Ho acatamento da face do Senhor deus comthinoadamente emviou os rayos da sua claridade. E começarom-sse de fazer infmdos milagres e maravilhas e sinaes de maravilhar. As quaees coussas foram levadas aas orelhas do senhor papa Gregorio nono por misegeiros solenes dos da cidade de Padua. E o senhor papa feita a examinaçom. E avido sobre elle ¹ madura delivraçam. e dia de çimquoesma com solenidade muy gramde. liidos primeiramente os milagres deamte a multidõe dos prelados. E do poboo aprovo-os ² o senhor papa. E feito o signal da cruz e em no nome da trindade spreveo ³ ao bemavemturado padre samto Amtonio. em no martrilho ³ dos santos. Des o dia de sua morte. em no mes onzeno depois que finou E depois que foi cantado alta voz o *Te deum laudamus* solenemente. Começou o papa alta voz aquela antifaa. *O doctor optime et ecclesie samte lumen*. A quall depois que foy cantada solenemente depois do versso. disse o papa muy devotamente a sua oraçom propia. E acabou a solenidade do seu canonizamento. Outro sy em aquel dia que elle foy canonizado todo o poboo da cidade de Lixboa. donde este glorioso samto Antonio era naçido. Se alegrava cora muy grande solinidade. E empero nom sabiam a causa desta tal alegria. Ca nom sabiam que em aquelle dia se fazia a cano[n]izaçom. do padre samto Amtonio E ainda o que era coussa mais de maravilhar que as campas de aquella cidade nom a(a)s tangemdo nehuum. por sy meesmas elas se tangiam. E pera que asy falle

¹ Talvez por lapso o copista escrevesse *elle* em vez de *ello*, como pede o sentido.

² Leia-se *aprovou e escreveo*

³ O original latino diz aqui *Catalogo sanctorum*, como adiante (§. LXVII) *Catalogo Beatorum*.

ellas com os seos soõs manifestavam a solenidade que se faziã do tam grande padre Santo Antõnio. E a pouco tempo foy sabido que em aquelle meesmo dia. o bemaventurado padre. fora exalçado por a graça do canonizamento. pois asy he que a sobredita cidade esclarecia com os resplandores de tantos milagres. Hedificou homrradamente ho altar mayor da igreja cathedral em onor de santo Amtonio. A festa do qual se celebra hy de cada huum anno solene por os sinaaes que se seguem etct.

Milagre que sse aconteeo em Lixboa cidade de Portugall de huum moço.

XXXV. Em aquella cidade de Lixboa. huum moço por nome chamado Parusio. O quall era da linhagem e parantesco de santo Amtonio. foy sse aa ribeira do mar com outros companheiros. E posserom-sse em huã barcazinha por maneira de espaçar. E foy logo aquella barquinha movida de huã tempestade. E com o empuxamento arrebatado dos ventos que faziam levamtou aas ¹ ondas do mar e foy somergulhada em no mar aquella barcazinha. E os outros que aviam emtrado em ela com o moço. eram de mayor hidade. E por que sabiam a arte de nadar escaparam. E soo aquelle moço Parusio asy como pedra pesada foy logo fondido em no mar. e logo afogado. E ouvindo sua madre aquello. foi-sse aa ribeira do maar dando grandes vozes e choramdo. E rogou aos pescadores com grandes rogos que lhe tirassem com (a)as redes huum filho que lhe aly afogara o maar. por tall que o vise. E fizesse soterrar. E eles lamçando a(a)s redes em no maar percalçarom-no e tiraram-no fora e deram-no a sua madre triste. que estava desejosa de o veer. E os parentes e os amigos acudirom logo aly chorosos. e levarom logo o moço a casa de sua madre. E por tall que lamçassem fora a(a)s agoas que avia bebido. alçarom-lhe as pernas pera riba e volverom-lhe a cabeça abaixo. Mais elle nom avia em sy voz nem algum sinal de vida. E como elles detriminasem comuummente de lhe dar sopultura o dia seguinte. Avemdo feuzã sua madre em no Senhor e em no bemaventurado santo Amtonio. nom no comsentia em nehuã guisa Mais chamava muy devota-

¹ Talvez lapso por *levantaram-se as ondas*. O latim diz: *illico vero gravi tempestate suborta cum ipsis navicula fluctuantium ventorum impulsu rapido est submersa.*

mente com vozes a santo Amtonio. prometendo firmimente que se seu filho resuçitasse que ella o daria aa ordem. E ao terceiro dia. veemdo todos os que eram presentes. levantou-se aquelle que era morto e reviveeo. Por o quall milagre todos derom muitos louvores a deus e a santo Amtonio. E a madre daquelle moço. nom olvidando o voto que fezera. quando o muço foy em mayor hidade livremente o deu aa hordem de sam Françisco. O quall fazendo amtre os fraires conversaçom resplamdeçemte. comtou depois aos fraires a(a)s coussas maravilhosas que deus avia a elle feito por o bemavemturado santo Amtonio

Milagre das vides sequas que derom huvas e vinho novo

XXXVI. Como huã vez falassem alguns sagraes amtre sy dus milagres dos santos. E hum delles gabava muito os milagres de santo Amtonio. E comtando alguns delles. comtou o milagre do vaso de vidro. que por hum encreeo fora lamçado de alto de huã fresta sobre huãas pedras nom se quebrando. E ouvindo esto hum de aquelles que aly estavam. tomou hum vasso de vidro em huã mão e huãas vides sequas em na outra. E dise como fazemdo escarnho. Se santo Amtonio fizesse naçer destas vides huvas e que sse emchesse este vasso de mosto dellas. esto teria eu por milagre. E emtom eu creria aquelle milagre que tu nos diseste do vasso de vidro que nom quebrara E maravilhosa coussa de dizer que supitamente aquelas vides emverdeçerom. E elas foram afeitadas logo de folhas E depois naçerom as uvas e amadureçerom ¹ e exprimido o vinho dellas (E) o vasso do vidro foy de todo ponto cheeo. O quall milagre veendo aquelles que eram escarneçedores foram feitos louvadores dando graças a deus e a santo Amtonio.

Milagre. Como huã filha del rey de Liam e de huã Rainha portuguesa resuçitou santo Amtonio.

XXXVII. A rainha de Liam avemdo gramde devaçam em santo Amtonio teemdo huã filha de onze años finou-lhe. e ella comtra vomtade del rey e dos cavaleirus teve-a tres dias finada oramdo

¹ No texto *amoderecerom*.

e dizemdo. Oo samto Amtonio. Eu foy de tua terra. da tu a mim a minha filha. E repetindo esto muytas vezes com grande devaçom. levantou-sse a filha e reprendeo a sua madre. dizemdo. Madre deus te perdooe ca como en estevesse em gloria amtre as virges. tam aficadamente rogou samto Antonio ao senhor por os vossos rogos, que tornamdomo a esta vida. me emviou a vos Mais sabede huã cousa. que o senhor me prometeo. que nom estaria comvosco mais que quinze dias.

Milagre que huum homeem foy cego. que faziia asy cego por ercarnecer do samto Antonio.

XXXVIII. Como santo Amtonio resplandeçese em Padua por muytos milagres. Alguuns hereges querendo pregar publicamente que aqueles milagres eram emfêgidos e nom verdadeiros veerom a Padua. E poserom a hum delles sobre os olhos huã tira de lenço tiingida em sangue. e atarom-lha E indo asy ao sepulcro de santo Amtonio clamavam com alta voz choramdo e dizemdo que aquele avia estado çego injustamente. E por ende que rogavam ao poboo que supricassem todos a samto Amtonio que o alomeasse. E quando ouverom estado asy por espaço de huã ora começou de chamar em alta voz aquelle que avia infingido ser çego. dizemdo. Samto Antonio me rrestetuiio a vista. E emtam foram a elle os seus companheiros. E tiraron-lhe aquella tira de lenço tingida. que tinha deamte os olhos E que ¹ diamte todo o poboo fizessem escarnho do milagre infingido. E quando lha tiraron diamte os olhos quedaromlhe anbos os olhos pegados em aquella vizma. E asy foram escarneçidos os que eram escarneçedores Por a qual cousa eles espamtados e compongidos em no ² coração confessarom publicamente o engano E depois que ouverom devotamente feita oraçom. mereçeo aquele aver de santo Amtonio o lume dos ollhos E todos o lume da fe.

Milagre de huum leprossso

XXXIX. Huum leprossso ouvindo a fama dos milagres de santo Amtonio fezosse levar a Padua E emcomtroll em no caminho a hum cavaleiro herege. o quail detraya dos milagres de

¹ e que é tradução de *ut* (=para que) latim.

² No original *non*.

Santo Antonio. E disse aaquelle leproso. Adonde vas misquinha. A tua lepra venha sobre mim. quando Antonio te poder livrar della. E o leproso posso-sse com fuzza acerca do sepulcro de santo Antonio e demandou-lhe devotamente a sua ajuda. E elle adormecendo apparece-lhe ¹ santo Antonio, dizendo-lhe, levanta-te a presa, por que ja es saõ da lepra. E vaay aquelle ² cavaleiro que escarneceo dos meos milagres e ³ leva-lhe as tuas tavoletas. Por que elle podreço com a tua lepra. E levamton-sse aquelle pobre saom. F foy-sse aaquelle cavaleiro leproso e disse-lhe. Santo Antonio me mandou que te tro[u]xesse as minhas taboletas a ty leproso. E aquelle cavaleiro foy compungido, e fez voto a santo Antonio que nunca detraeria delles e foy logo curado da sua lepra.

Milagre de hum creligo

XL. Huã vegada hums homens de Paulna esperavam em hum caminho a hum preste pera o matar. Aos quaes pareceo visivelmente santo Antonio dizendo-lhes. Pera que estades vos aquy. Partide-vos aginha. Os quaes lhe responderom. Ó boom fraire anda e vai-te por tua carreira, por que nos nom nos partiremos de aqui. E elles disserom-lhe quem eras tu que a nos mandas taes cousas. E elle disse-lhes. Eu soom santo Antonio. E eles espantados caírom logo em terra. E santo Antonio desapareceo e elles chegarom com mansidoem aaquelle seu emmigo, e disserom-lhe a visom sobredita e fizeram com elle paz em na terra. A qual cousa foy publicada por a cidade.

Milagre

XLI. Hum cavaleiro foy chagado em hum braço em huã peleja que ouve em maneira que lhe nom podiam po(o)er remedio em sua chaga nehuuns fisicos. E fazendo aquele cavaleiro voto a santo Antonio foy logo saõ. Asy como de primeiro. Mais depois

¹ Leia-se *appareceo-lhe*.

² No texto lê-se de certo por lapso *vaay aquel*, pois o latim diz: *vade ad illum militem*.

³ No texto *et*.

que foy curado. foy desagradecido da graça E pemsou que pois já era saão e gorido que se podia vingar muy bem Em essa noyte seguimte tornou-lhe samto Amtonio a emfermidade que avia. E asy o desagradecimento foy punido.

Milagre

XLII. Huum moço de Padua que avia nome Amrrique tinha inchado o pescoço em guisa que o atormentava fortemente E a madre de aquelle moço fez voto de levar ao sepulcro de samto Amtonio hum pescoço da cera e logo o moço foy gorecido. E depois a madre nom comprindo o voto que prometera inchou outra vez ao moço o pescoço E foy atormentado com muy grande door. E a madre doendo-sse em sua comciencia da sua culpa e nigri-gencia. levou a samto Amtonio hum pescoço de cera. O qual lhe avia prometido. E logo o moço foy guarecido.

Millagre

XLIII. Huum abade tinha hum servidor fiell O quall esteve surdo e mudo XXV anos E aquelle abade avendo compaxom de aquelle seu servidor, fez voto a samto Amtonio que sse elle restetuisse ¹ aquele seu servidor de scer são ² que elle lho ofereceria perpetuamente pera guardar o seu altar. E como ho ouve emviado ao seu sepulcro. logo ouve perfeita saude. E quedou aly guardamdo a igreja.

Millagre de huum sobrinho de samto Amtonio que foy resuçitado

XLIV. Em na çidade de Lixboa. huum filho de hũa irmã de samto Antonio que averia çimquo anos. indo a folgar com outros moços. aa ribeira do mar emtrando em hũa barquazinha todos trestornou-sse a barqua e[os] outros sabendo nadar sairrom-se a ribeira. E aquele moçinho nom sabia nadar que nom era de hidade

¹ No original *restenisse*.

² Corresponde ao latim do original: *si ipsum sanitati restitueret*.

pera ello e afogou-sse. E depois de tres oras foy a madre de aquelle moço e tomou o filho morto que ho aviam tirado huuns pescadores E o padre quiria(a)-o emterrar. E a madre dizia. Ou me leixade com elle. Ou me emterrade com elle. e tornando-sse ella a samto Amtonio disse-lhe. Oo irmão meu. E sse tu aos estranhos eras piadoso. por vem tura seras cruell a tua irmã. Sey tu agora piadoso a mÿ e torna-me o meu filho. Ca eu te prometo de o dar a tua hordem ao serviço de deus. E logo se o moço levamton saão e salvo. E a madre comprindo o voto. o moço perseverou e acabou samtamente em na hordem.

Millagre de huã filha da Rainha dona Tarega de Purtugall

XLV. Como huã vegada dona Aldonça filha da rrainha de Purtugall dona Tareija fosse agravada por tamanta infirmitade que desemparada ja dos fissicos. nom quedava algũa esperança da sua vida. E a rainha trabalhava sem algum remedio de consolaçom por a morte de sua filha omde tornando-sse a samto Amtonio demandava-lhe devotamente ha sua ajuda. dizendo-lhe. Acorda-te ó padre muy samto. que tu deste regno foste nacido. Roga por mym ao senhor que outorgue saude a minha filha. E a sobredita sua filha dona Aldonça dormindo hum pouco a meea noyte vyo a samto Amtonio que lhe dizia. Por ventura conheces-me. E dizendo ella que o nom conhecia. dise-lhe elle. Eu sam samto Amtonio o quall viim a ty chamado polos rogos de tua madre. Onde esculhe tu huã de duas coussas. ou pagar a divida da carne e perdoar-te o Senhor os teos pecados. E a pena que te he devida asy que seras oje commigo em parayssso. Ou se queres quedar ainda ca com tua madre Eu dar-te-ey logo saude. E ella escolheo amtes saude do corpo. E foy logo sãa E tomando em visom o cordam que trazia santo Amtonio. Começou de chamar aa madre dando vozes. e dizendo Senhora ve aqui esta(r) ¹ samto Amtonio O qual me a feito sãa. E foram dizer ² a madre. E ella hindo a vella com duas donas acharom-na sãa. E derom todos graças a deus e a samto Amtonio.

¹ Diz o texto latino, *domina ecce hic est*: pelo que se vê que o copista escreveu *estar* em vez de *está*.

² No original *diger*.

Milagre de huum homeem que desejava de aver filhos e era cassado

XLVI. Huum barom nobre ouvindo dizer os milagres que fazia santo Amtonio Como elle nom podesse aveer jeraçom foi-sse ao sepulcro de samto Amtonio E fez voto a samto Amtonio, que sse elle ganhasse de deus graça, que elle ouvesse geeraçom, que elle visitaria em cada hum ano a sua sepultura, com aquela geeraçom. E tornando-sse a sua casa, comcebeo sua molher. E pario hum filho com sande. E como o moço fosse de hidade de sete annos ouve infirmitade, e o padre leixou-o emfermo em sua casa e foy o dia de samto Amtooio a cumprir o voto que avia prometido. E emquanto elle foy a cumprir sua romaria comvaleceo o moço E aodando jugando com outros nove moços, em oo canall de huum rio. E as agoas de aquele ryo estavam reteudas em huum canall çarrado pera regar as meses. Assy que o lugar omde os moços andavaon estava sequo. E acomteceo que sse abrio o canall donde as aguas estavam represadas. E correrom as aguas coto arrevatamento, e tomarom todos os dez moços. E foram ally afogados so(o) agua. Dos quaes tam solamente foram achados dous e emterraronnos. E o dito moço com outros sete nom se poderom achar. E viimdo o padre do moço de Padua de cumprir seu voto. Saio a recebello huum seu irmão com outros seus amigos. E o padre demandou-lhe logo cõmo hia a sen filho. E elles nom no querendo anojár, diserom-lhe que seu filho andava jugando com outros moços. E des que veeo a sua cassa preguntou muitas vezes por o filho mais elles emcobriam-lhe a verdade. E elle lhes dise Eu nom comerey oye, nem beverey ataa que veja a mea filho. E elles diserom-lhe logo a verdade. E emtom o padre anojado de tristeza, jurou que nom comería oem beberia nunca. Ataa que samto Antonio lhe tornasse seu filho E ainda nom avia elle acabado, bem de dizer a(a)s palavras. Ex que chegou seu filho diamte de todos, com os outros nove moços que foram afogados com elle E por os rogos de samto Amtonio, foram resuçitados. Por a qual coussa foy aly feita grande alegria e prazer que sse nom podia contar. E derom todos graças a deus e a samto Amtonio com altas vozes.

**Millagre de huã dona portugueessa que tinha
huã moça camareira e era diaboo em fegura de molher.
e do que sse sobrelo acomteceo.**

XLVII. Foy em huum lugar de Portugall que sse chama Linhares, huã dona Senhora de aquelle lugar muy poderosa. A quall avia nome Lupa. A quall tinha huum demonio por sua camareira em semelhança de molher. A quall dona por amoestamento do diabo era muyto cruell e caya em muy desvairados crimes e pecados. Pera que falarey das maas coussas. Esta dona avia espiçiall devaçom em sam Francisco e em santo Antonio. E ouve huã emfirmidade da qual morreo. E em memtre que estava assy enferma, por a grandeza dos seus pecados estava dese[s]perada e nom curava de saude de sua alma nem se quiria confessar, ainda que lho diziam e requeriam. E como ella estevesse assy triste e desemparrada. Ex que emtraram dous fraires menores adonde ella estava confortando-a e emduzindo-a a sse confessar e a penitencia. E ella nom no quis fazer. Dizendo que avia cometidos tantos pecados, que por muita penitencia que ella fizesse, deus nom se abaixaria a aver della misericordia. E o fraire que parecia mais amigo, disse, Se vos me quizerdes confessar vossos pecados, Eu tomo sobre mim todas as carregas delles. E eu vos faço par(e)ceira¹ de todollos meus beens. E por vertude da paxom do senhor vos prometo a vida perduravell. E aquella dona ouvindo aquelas palavras, foy mudada em millhor e foy mudada a penitencia. E de loba que era foy tornada cordeira e doeo-sse dos pecados, e confessou-sse delles com muytas lagrimas. E depois ella meesma demandou com devaçom o avito dos fraires menores. E recebendo-o das mãos de aquelles fraires acabou ão Senhor bemaventuradamente e morreo. E logo desaparecerom aquelles fraires. E todos os que aly estavam, pensaron e nom sem caussa que eram, sam Francisco e santo Antonio. Dos quaes ella tanto devota era e os chamava continuoadamente, em sua ajuda. E ho seu corpo foy emterrado em no convento da Guarda. E depois de alguum tempo⁰ acomteceo huã noite que hia huum armeiro ao lugar de Linhares homde a dita dona se finara. E onvya huã voz como de molher

¹ Este lapso do copista, talvez seja devido a confusão com *parceir*, mas tambem poderá representar pronuncia popular a grafia acima: cf. *letera* (neste texto) *maramelo*, *marafim* pop. etc.

que dizia com voz e lagrimas. Oo mizquinha maaõ serviço fiz. e quatorze ¹ anos trabalhey em vaão. E o armeiro foy todo espam-tado. Mais torvou-sse em sy meesmo. e asinou-sse com o sinall da cruz e esforçado em no Senhor disse. Eu te conjuro por Jesu Christo que me digas quem eras e por[que] choras. E ella respom-deo. Eu som diabo. o qual servy quatorze ¹ años. em semelhança de molher em muitos pecados. a dona Lupa. A quall finou este outro dia. A quall eu servia por tall que depois de sua morte. por os desmerecimentos das suas culpas a levasse commigo ao inferno Mais agora ao seu finamento vierom dous emcapelados fraires me-nores aos quaaes ella de primeiro avia amado. E inclinarom-na a penitencia. E roubando sua allma de meu poderio levarom-na com-sigo aos prazeres do ceo. E esto sera sinall pera que saibas que eu te digo verdade que quando. fores em Linhares homde ella fi-nou. ouvirás clamor em no poboo e que ² huum ferreiro matou a sua molher e tomarllo-am e Emforcarllo-am E eu que foy causa de aquella morte levarey aos infernos as almas delles. tambem a da molher como a do marido. E asy que por huã alma que perdy ganhey aly duas E ouvidas estas palavras foy-sse o armeiro. e quando foy em Linhares achou emforcado o ferreiro que avia morta a sua molher. E disse elle a todos aquellas coussas que elle avia ouvido.

Nota huum milagre maravilhoso que aconteeceo em Samtarem.

XLVIII. Em no reino de Portugall em no tempo del rey dom Denis era huã molher muy pecador asonbrada do diaboo. E levavana ³ com grande devaçom, a samto Amtonio Ca era ten-tada que sse matasse E parece-lhe ⁴ a ella que ⁵ Jesu Cristo falava a ela em no seu coraçom espirando-lhe que se matasse. E que lhe dizia. O mizquinha tu fezeste comtra mim tantas maldades que se por ventura tu nom te matares nom te poderás salvar. E como o diabo a avivasse muito de demtro moestando-lhe estas

¹ No texto *quatroze*, que me não parece representar pronuncia popular, antes o tenho por lapso do copista sob influencia de *quatro*.

² *Audies rumores in populo quod* — diz o original.

³ Leia-se *levavã-na* ou *levavam-na*.

⁴ Entenda-se *pareceu-lhe*, no entanto o texto latino tem *videbatur*.

⁵ Este *que* está entre linhas.

cousas e outras semelhantes. querendo-a atormentar de fora apparece-lhe ¹ em semelhança da omanidade de Jesu Christo dizendo-lhe. Em som aquelle ao qual tu tanto offendeste. Empero se te fores ao rio que chamam Tejo. e te lançam em elle por tuas culpas satisfazer Eu te perdoarey todos teus pecados e te darey a gloria perduravell E como lhe ouvesse ditas estas coussas apparecendo-lhe espressamente. Acomteceu huã vegada que seu marido a chamou demoninhada. E ella sanhuda e escarnecida por ello. hia-sse hum dia aa ora de terça ao rio que chamam Tejo a cumprir o engano do diabo e afogar-sse em elle. E pasando por a igreja dos fraires menores entrou dentro por que sse emcomendasse a samto Amtonio. cuja festa era aquelle dia. E derribada ante o altar em na capella de santo Antonio. fez oraçom com lagrimas dizendo. O samto Amtonio eu ouve sempre feuzo em ty. soprico aa tua benidade. que tenhas por bem de me revelar se praz adeus que eu me afogue em no rio. ou se o devo deixar de todo em todo. E em mentre que ella asy orava adormeceu-sse docemente. E appareceo-lhe samto Antonio dizendo-lhe Levanta-te molher e guarda esta cedula. com a qual receberás saude. da torvaçom do diaboo. E levantou-sse a molher do sono. achou ao collo huã carta de purgaminho em na quall estava sprito ² de leteras de ouro. estas cousas que se seguem. *Ecce cruce[m] domini. fugite partes aduersae. vicit leo de tribu Juda. Radix. david. alleluia alleluia.* E des emtonce partio-sse aquella teemtaçom. E em mentre que ella teve aquella carta nom na atormentou nem comtorvo ³ o diabo. Mais el rey dom Diuis ouvindo dizer estas coussas. que as contava o marido. ouve a sobredita cedula. E logo o diaboo se levantou outra vegada contra aquella molher E o marido avendo compaxom de sua molher. como nom podesse aveer a dita cedula. rogou aos fraires menores que demandassem a el rey o trelado da dita cedula. E elles foram a el rey e deu-lhes o trelado della. E como a ⁴ derom a molher. logo foy livrada do tormento e torvaçom do diaboo. Asy como da cedula principal. E ella confessou-sse com contriçom e lagrimas devotamente e tornou-se de todo em todo ao senhor. E por vinte anos

¹ Veja-se nota 4 da pagina anterior.

² Leia-se escrito.

³ Está por *comtorvô* ou *contorvou*.

⁴ Devia estar o referido a *trelado*: se não foi lapso, deve entender-se que o copista tinha em mente a *cedula*.

viveo em samta conversaçom e acabou em paz os seus dias. E el rey dom Dinis pos aquella carta. amtre as suas reliquias, com a qual ao chamamento de samto Antonio foram feitos muitos milagres.

Milagre que aconteceo em Serpa villa de Portugall. e do que sse hi pasou.

XLIX. Em hum lugar do reino de Portugall que lie chamado Serpa avia huia mulher que sse chamava Sarra, a quall avia singular devaçom aos bemaventurados samto Antonio e sam Francisco e o marido della era esquivo e maaõ, o quall leixando sua mulher fazia sua vida com mancebas E nom solamente esto, mais ainda feria-a muitas vezes e atormentava-a de muitas guisas. Por a qual cousa tamto creçen a tristeza de sua mulher que desesperada, deliberou de acabar sua vida, e de sse emforçar pera escapar de tantas angustias, quantas lhe o marido fazia. E como huia noite nom seendo presente o marido, e dormindo ja os outros de sua cassa ella ouvesse posta a corda em sua camara E em no cabo um laço, o qual querendo lançar ao colo, Por amoestaçam do diaboõ, chegarom com grande clamor dous frades ¹ aa porta de sua cassa. Entom aquella dona escomden logo a corda e foy veer quem a chamava E quando abrio a porta vio dous fraires menores. Os quaes lhe rogarom omildosamente que os recebesse demtro em sua casa aquella nnyte por amor de deos. E a dona preguntou-lhes domde eram e comn aviam nome. Os quaaes responderom que eram de longas terras. E que a hum chamavam Francisco e a outro Antonio. E emtam disse-lhes ella emtrade por amor de samto Antonio e de sam Francisco, dos quaaes eu foy sempre devota. E posso-lhes a mesa. E em mentre que elles comiam refezerom a(a) dona com santos sermoões por os quaaes ella mudada em bom proposito, propos por reverencia delles de nom se emforçar aquella noite como tinha hordenado e lho avia conselhado o emmigo da linhagem umanall. E os fraires emtramdo a camara que lhe avia hordenada em que dormissem ella foy-sse pera sua camara. E em aquella ² ora aquelles meesmos

¹ As palavras *dous frades* estão entre linhas e foram introduzidas posteriormente. V. *Anotações*.

² O texto tem: *em a quall*; o original latino diz: *Et eadem hora* ..

fraires apparecerom em sonhos ao marido de aquella dona dizendo-lhe. Nos somos sam Francisco e santo Antonio. E somos enviados de deus a ti denociar-te.¹ que sse te nom partes da tua maa carreira e leixares as mancebas e nom te achegares a tua molher soo a qual he nossa devota. que depois de tres dias. que tu moreras e seras metido em no fogo do inferno. Ca a tua molher he atribulada por os teus trabalhos e tristuras que lhe das. E esta noyte se ouvera de enforçar se nos nom foramos a sua pfojusada. Pois vaay tu a ella E por sinall demanda-lhe a corda com a quall se quiria enforçar E o homeem espertado e espantado subitamente ouve comtriçom dos pecadas E em na manliãa levantou-sse. e veeo a sua cassa. E levantou-sse sua molher. e nom achando os fraires achou o leito asy como se nom dormirom em elle nehuũs. e estava desto maravilliada e nom sem merecimento. Ca nom podia pensar por homde aviam saídos. como todas as portas estevessem çarradas. E eintam sobrevivdo o marido salvou benignamente a sua molher. E disse-lhe. O amiga omde esta a corda. com a qual te quyseste esta noyte afogar. E ela estando mudada por aquello que lhe dizia. disse-lhe elle. Eu sey bem quamta graça fezerom a ty e a mym sam Francisco e santo Antonio. Ca livraram a ty e a mim da morte do corpo e dalma Aos quaaes tu recebeste em esta cassa. esta noyte pasada. E ela confesou-lhe logo a verdade E el descobrio-lhe logo a visom que ouvera E demandou perdom a sua molher omildosamente. E viverom depois lomgamente em toda caridade e comcordia. cheeos dos exercicios das vertudes² e davam graças a deus e a sam Francisco e a santo Antonio. por os beens que lhe aviam feitos.

De hum milagre que acomteceo em Torres Novas vila de Purtugall.

L. Em no reino de Purtugall acerca de hũa vila. que he chamada Torres Novas em no bairo d'Elbrom avia hũa molher casada E acomteceo que esta molher lia a moer trigo em na festa de ssanto Antonio com outra moça de aquelle bairo de Elbrom. a dita villa de Torres Novas. E como cheguessem já a cerca. levamtu-se hum vento rijo e dava ãno rosto a molher em tal guisa que

¹ Parece que deve ler-se: *denonciar-te*. isto è, que ao copista escapou pôr o til indicativo da nasal, o que è muito frequente.

² O copista por lapso escreveu *vertudas*.

a derribou em terra. e esso meesmo huum saquo de trigo que levava em na cabeça pera moer. caio em terra E ella cayo boca arriba. ¹ E parou-sse davante della. huum mancebo fremosso de cara. O quall arrebatando a alma de aquella molher e levamdo-a comsigo. levou-a primeiro por hũa carreira muy ancha. ataa que chegarom a huum poço. muy espantoso e trevoso muyto. do quall poço pareciam sair chamas espantosas. e sobiam ata o ceo. Outro sy saia delle fumo muy espersso negro e fedoremt E ouviam os clamores e rogidos que saiam de dentro de aquelle poço. E catou aquella molher com medo dentro no poço. E vio desvairadas maneiras de omeens. segundo os officios diverssos em que aviiam pecado. que os atormentavam desvairadamente os demoneos. E os mercadores emganossos tinham aos collos bolsas emcendidas de fogo. E os usureiros eram çevados dos demonyos com pecunia ardendo. ² E os roubadores e omecidas e os adulteros e as falssas testemunhas E todollos outros pecadores eram atormentados com as penas competentes ³ a cada huum. E emtam pregumtou ella aquele mancebo que a guiava que lugar era aquelle E elle respomdeco-lhe que era infernall. E ainda o que he coussa muy muito de maravillar. que vio alli muitos que eram ainda vivos em este mundo e estavam deputados pera aquelles lugares de penas os quaaes andavam em ua companhia dos demonyos. Os quaes eram de Lixboa e de Samtarem e nomeava-os per seos nomes. Empero que ella nom aviiã estado em aquelles lugares. E nom parecia ⁴ coussa nom de creer. se em na vissem lhe eram demostradas as cousas por viir assy como as presentes. E depois desto. foy aquella molher levada a huum lugar deleitosso e gracioso. pimtado com deversydade de fermosura de hervas e de arvores. E afeitado com todas geerações de frutos e de flores Em meo daquelle lugar vio hũa teemda posta muy branca e de maravilhosa fermosura. Da qual saiam huuns homeens muy resplandecemtes. homrradamente vistidos. e tragiam coroas em nas cabeças E andavam como em presicom ⁵ dous e dous. E emfim estava huum asy como esposo

¹ O tradutor verteu aqui por *boca arriba* o *resupinam* do original que antes (no §. XIX) traduzira por *paparriba*.

² Como o texto latino fala de *pecunia ardentis*, talvez o copista por lapso escrevesse *ardendo* em vez de *ardente*.

³ O texto tem *competentes*.

⁴ Talvez descuido do copista em vez de *pareça*, como pede o sentido e tem o original latino que diz *videatur*.

⁵ Corresponde ao latim *processionaliter*.

afeitado e afermosenitado com maravilhosso apostamento. Ao quall parecia seer dada toda homrra de aquella precissom. E o mancebo foy preguntado de aquella molher que lugar era aquelle e que homeens eram aqueles Os quaaes ella via andar con tam nobres apostamentos e com tam fermosa hordem. E respumdeo-lhe o mancebo que aquelle lugar era a folgamça das almas e que todos aquelles eram os que eram salvos. E que aquelle pustumeiro que hia com tam grande apostamento era santo Amtonio. A festa do quall omrravam aly asy como em na terra E que ãnos ceos semelhavellmente e com maior exceleencia solenizavam os santos e faziam grandes solepnidades huuns em nas festas dos outros. E disse mais o mancebo aquella molher. Sabe que por ysso eras tu ca trazida e te som demostradas estas coussas Por que te abstenhas de fazer obras e serviços ãnas festas dos santos E faças e des aos santos devida reveremcia. Mayormente leixamdo de fazer maas obras. E em mentre que aquella alma de aquella molher era asy levada, foy trazido o seu corpo por o poboo ao dito lugar de Torres Novas pera o emterrarem, ca de todo pomto parecia morto. E em mentre que aderençavam o lugar da sepultura, levantou-sse aquella molher. Vendo-o todos e maravilhosamente estavam todos espantados. E ella começou a dizer, diamte quantos hy estavam o que vira e ouvira ¹ e depois a outros muytos o disse ¹ e diamte de mym o contou ¹ que esprevi ² estas coussas. E a hordem da dita visom.

Milagre de como huuns ladrões fizeram pendemça pola pregaçom de santo Amtonio

LI. A cerca do año do senhor de mill e duzentos e oytenta e dous annos, huun omeem muy velho contou e disse a huun fraire menor que elle avia visto a santo Amtonio. E que elle avia sido ladram e roubador. E deconto ² de vinte e dous ladrões que moravam em nos montes pera roubar e esp[re]itar a quaaes quer caminheiros E que elles todos ouvindo a lama de santo Amtonio da sua pregaçom disserom todos em huun. Vaamos-nos huun dia em abito nom conhecido a ouvir a sua pregaçom. Ca elles nom podiam creer aos que lho diziam que a palavra de santo Amtonio

¹ As expressões *o que vira e ouvira o disse e o contou* são doutra mão e achão-se intercaladas.

² Deve ler-se respectivamente *escrevi, decontou*.

era de tanto aficamento que parecia arder asy como a ~~facha~~ do outro Helias. E huum dia estamdo elle pregamdo, vierom elles aly E quando ouvirom algum tanto das suas palavras, emcendidos começaram de aver comtriçom e conpunçom de seus pecados. E acabado o sermom foram compu[n]gidos dos seus pecados e traiçoës. E foram ao padre samto Amtonio que os ouvisse de confissom. E elle ouvindos ¹ per hordem, e ouvesse ² ja posto a cada huum delles penitencia saudavell disse-lhe amtre as outras cousas, que em nehuã maneira, nom tornassem a fazer os males que atee aly aviam feitos e costumado de fazer. Prometemdo aos que a ello nom tornassem os prazeres perduravees. E aos que a eles tornassem os tormentos sem comparaçom. E dizia aquelle velho, que alguns daquelles que tornaram aos males que aviam acostumado (e) que acabaram sua vida de hy a pouco em tormentos muy graves segundo que lles amtes avia dito samto Amtonio. E os outros que nom tornaram que folgarom em paz em suas cassas E dizia este velho que samto Amtonio lhe mandara a elle em penitencia que vissitasse doze vezes as moradas dos apostollicos. ³ E quando aquelle velho dizia estas coussas ao fraire, tornava ja de Roma a dozena vez E dizia estas coussas com lagrimas esperamdo de ganhar os prazeres da vida perduravell, por o curso deste tal caminho segundo o promittimento de samto Amtonio.

Milagre de huum servo das monjas de Padua

LII. Huum conversso dos monjas de Padua de hidade de vinte e cinco años desde sua naceança era surdo e mudo. E tinha huum pouco a lingua saida da garganta e muy pequena e retorcida a semelhança de vide de ⁴ A qual parecia aos que a viam que era seca e emverrugada. E foy duas vegadas emduzido por vissom espiituall, que se tornasse com todo coração a demandar a ajuda de samto Amtonio. O qual asy como era rudo e bestiall nom sabeemdo o que significava a visom buscava a samto

¹ Está por *ouvindo-os*.

² Por descuido foi omitida a particula *como* antes de *ouvesse*, parecendo que o tradutor, que principiara por traduzir por gerundio a oração latina de *cum*, se cingira por fim a esta construção.

³ Vide *Anotações*.

⁴ Vide *Anotações*.

Antonio, primeiramente por casas e depois por as praças. E a terceira vegada foy amoestado semelhavelmente por aquela visom. E veeo a igreja de santo Antonio, com a devaçom que pode. E esteve aly de noyte demandando ferventemente a ajuda do santo E depois da nona hora, subitamente foi cercado de hũa luz divinall e ouve em todo o corpo grande suor. E começou de sentir grande movimento ãna coheça, e em nos nembros E finalmente a sua lingua foy tornada a devida quantidade e recebeu o beneficio do falar e do ouvir Ca logo abriu ¹ a sua boca bendicia a deus. E ao bemaventurado santo Antonio polla (a)ajnda tam grande que lhe avia ffeita. E o que era de maravilhar que ainda que elle falava com nova lingoa e nom ensinada em alguãa linguagem, empero compridamente, o emtendiam Ca nom sabia senom alguns poucos vocabullos, que lhe foram divinalmente, inspirados pera o usso do falar as coussas necesarias. E falava e dizia o que nom avia apreendido dos homeens, maravilhando-sse todos os que (o) sabiam que era surdo e mudo de des que nacera. ² E aa novidade deste millagre vierom os omeens e as molheres do poboo naquelle maneiro que chamavam Pedro E por razom do millagre disserom que lhe chamassem Antonio.

Millagre de hum homeem de Padua a que os demonios tirarom a lingua e os olhos E o quiserom matar

LIII. Hum homeem de acerca de Padua, querendo saber por os demonios alguãas coussas escondidas poso-sse hũa noite em no cerco dos encantamentos com hum creligo, o qual sabia chamar os demonios por arte magica. E como elles estevessem demtro do cerco, E o dito creligo chamasse aos demonios veerom os demonios com grande rebolicio ³ e rogado E aquelle homeem foy espantado, e como nom soubesse que responder alguãa coussa aos demonios, Arramcarom-lhe elles supitamente a lingoa e sacaram-lhe os ollos E quando abria a garganta nom lhe parecia nehum sinall de lingoa. E em no lugar donde primeiramente soya de ter os ollos estava huãa grande cavadura e funda. E como elle

¹ Parece estar por *abrindo*.

² Parece que o tradutor querendo primeiro verter por *de nacença*, acabou por formar uma oração.

³ No texto *debolicio*.

fosse atormentado com door do coração, por a culpa e com a pena e nom podesse confessar o pecado tornou-sse de todo pomto a chamar a ajuda de santo Amtonio E como ouvesse estado orando no convento muytos dias e muytas noytes ¹ E huña vegada cantassem os fraires em na missa *Benedictus qui venit in nomine domini*. E o sacerdote alçasse o corpo do senhor, foron restituídos olhos novos aa sua cara. E ajuntarom-sse muy muytos a este millagre tam grande. E orando com elle todos de comsum, rogavam que aquell que ² por os mercimentos de santo Amtonio, lhe avia restituídos os olhos. Teveese por bem de lhe tornar a lingua E quando em no coro acabavam de cantar os fraires. *Agnus dey dona nobis. pacem.* restituiolhe logo deus a lingua e a fala, com a quall louvava a deus e grandes maravilhas do bemaventurado santo Amtonio.

Millagre de huum fra(i)de mudo o qual foy curado per santo Amtonio

LIV. Huum frade naturall de Parma que avia nome Bernaldim, esteve dous meeses mudo. E por a grande emfirmidade avia viiundo a tanta fraqueza de espirito que candeia que lhe achegavam ao sopro nom podia apagar. E ainda que por os fisicos mais sabios de Lonbardia lhe aviam posto nove vegadas huum ferro fervemte, em na garganta e huña em na cabeça por o sarem, numca dello pode aveer nehuum remedio. Mais ante lhe crecia mais a infirmitade. E veemdo parecer claramente o peligro de seu afogamento levarom-no a Padua a santo Amtonio E derribado em terra ante o seu sopulcro ³ demandava devotamente a sua ajuda. Estando aly começou logo de cospir e de ffolegar fortememte, pero ainda estava mudo. E comtinoando a oraçom com outros muytos fraires e poboos que aly estavam presentes, por razom da festa e por razom do millagre supitamente lançou huña materia e venino, e cobrou logo a falla e comprida saude. E começaram de dizer em louvor de deus e de santo Amtonio, o menistro, e outros muytos fraires, os quaes aviam viudo ao milagre com grandes vozes alegres a *salve regina*.

¹ No texto *noytas*.

² Este *que* está entre linhas e parece de mão posterior.

³ No texto *sapulcro*. Vide adiante *sapulcro* e *sepulcro*.

Milagre de huum minino que sse afogou em huã gamela dagua

LV. Huum moço de vinte messes que avia nome Thomasim o padre e a madre delle moravam em Padua a cabo da igreja de santo Antonio. foy leixado sem garda a cabo de huã bacia dagoa. E quando sua madre tornou a sua casa. veemdo os pees do menino algum tanto que se parecia fora dagua achegou-sse mais acerca. E vio a cabeça de seu filho que estava metida em na agua afogado e os pees pera riba. E ella com grandes gritos tirou-o finado e frio. E chorando e dando clamores, ajuntou-sse logo aly toda a vizinhança E vierom mnytos homeens e molheres. E ainda vierom alguns dos fraires que andavam com obreiros reparando alguãas coussas em na ygreja de santo Antonio. E veemdo o moço de todo ponto finado ouverom compaixom ¹ das lagrimas e dolores de sua madre. E a madre tornando-sse aos merecimentos de santo Antonio demandou com clamor a sua ajuda. E prometen que daria aos pobres outro tanto quanto pesasse o moço de trigo. Se santo Antonio lho resucitasse dentre os mortos. E a cabo de pouco levantou-sse o moço vivo e derom-no a sua madre. E ella e todollos outros derom graças a deus e a santo Antonio.

Milagre de huã molher emferma de huã grave emfirmidade

LVI. Huã molher do bispado de Fornelles que avia nome Beatriz avia padecida dez anos huã emfirmidade peligrosa a quall he chamada nacta ou lumbenilho tamanho como o punho. E tinha arreigada ãno cranho da cabeça. A quall molher como nom podesse achar remedio em no emgenho dos fisicos sabedores Começou a demandar muy devotamente a ajuda de santo Antonio prometendo que se ² lhe elle desse. Saude que ella cercaria o seu altar derrador de fio de prata. E em aquella meesma noyte estando

¹ A ultima parte da palavra foi raspada e sobre ella escreveram *ixom*; é provavel que a primitiva fosse *compaixom*.

² A palavra se acha-se entre linhas e parece de mão diferente.

ella dormindo aparece-lhe ¹ samto Antonio. E segundo que a ella parecia partialhe aquella inchadura em quatro partes muy mansamente, nom semtindo ella nehuã door. Mais amtes avemdo prazer em ello. E asy lhe deu comprida saude. Espois desaparece-lhe ² a vissom. Mais nom desapareceo a vertude do samto E a cabo de pouco segundo que a vissom lhe avia demostrada partio-sse a inchadura em quatro partes e saio della grande pudridom de materia. E ficou a cabeça saã e chaã. A quall dizia os milagres de samto Antonio. veeo a Padua segundo que avia prometido e cercou derador com fio de prata a sopultura de samto Antonio.

Milagre

LVII. Hnum fraire da Provençia de Romania que avia nome Canibo era trabalhado de huã quebradura ³ avorrecivell que [por] a rompedura se lhe sayam os companhões ³ abaixo E nom embargamte que tinha posto en redor hũa funda ³ de ferro, nom avia remedio. E sendo elle asy agravado veeo a Padua o dia de samto Antonio. Por que lhe demonstrasse e demandasse a ajuda sua. E empero com a multidom dos enfermos que eram aly vimdos por aver saude de suas infirmitades nom sse pode achegar aquelle fraire aas colūpnas ⁴ do sepulcro ⁵ do samto. Pero tamgen com a mão ao sepulcro. E depois chegou com a mão aos stentivos que se lhe cayam, com grande feuzza que ouve em no samto. E foy coussa de maravilhar. Ca logo os stentivos se tornaram a seu proprio lugar E aquella rompedura, por domde caiam em na quall estava nom pequena abretura, asy foy soldada e çarrada, que segundo que diz aquell fraire, que nom estava em na sua fronte parte mais firme que o lugar da dita abertura. Honde depois saltava aquelle fraire, e dizia os louvores de samto Antonio. E que nom avia muyto tempo que elle podera fazer aquelas coussas.

¹ Deve estar por *apareceo-lhe*.

² Entenda-se *desapareceo-lhe*.

³ As palavras *quebradura*, *companhões* e *funda* provem de mão diferente e parece terem substituído outras, porquanto os lugares em que se achão foram rasgados.

⁴ Sobre *colūpnas* mão posterior pôs um til no *u*.

⁵ Assim se tinha escrito primeiramente, mas depois outra mão emendou o *o* da sillaba *so* em *se*.

Milagre

LVIII. Em no aão do senhor de mill e trezemos e sasemta e sete aões. O nobre Eduarte principe de Aquitania ¹ ajuntava grande cavalaria de homeens armados em ajuda del rey dom Pedro de Castella o qual fora lamçado e corrido do regno. por dom Amrrique. nom legitimo seu irmão. E foy dado mandamento da parte do dito senhor principe a huum fissimo celurgiaão que era chamado mestre Pedro pera que fosse com o dito principe. por que sse porventura alguuns fossem chagados que os curasse. O quall mandamento por muytas coussas foy muy grave e amargosso ao dito mestre Pedro. Pero veemdo affirmada em ello a vomtade do dito principe nom ousava contradizer E como elle ouvese espiciall devaçom em samto Amtonio chegou com devaçom ao convento dos fraires menores de Bordeeos. ² E a seu rogo celebrou huum fraire misa de samto Antonio em huã capella. adonde estava emtalhada a imagem de samto Amtonio de madeiro. E como elle ouvisse aquella misa com devaçom. paramdo mentes aa ³ imagem do samto fez oraçom com fervor. que sse o dito caminho nom era proveitosso a sua alma. que samto Amtonio misericordiosamente lho destrovasse. E que sse era proveito de sua alma(a) que elle emcrinase ⁴ a ello a vomtade do orante E certamente foy coussa maravilhossa de dizer. que dizemdo elle estas coussas. paramdo mentes aa imageem. vio que ella movia a cabeça a huã parte e aa outra. a maneira de homeem que faz sinall. que nega algũa coussa. E aquelle meestre Pedro foy muyto maravilhado. E pensamdo por ventura que aquello que era verdade lhe parecia emgano E que lhe vinha pola gramde maginhaçom. e por famosidade da cabeça recolheo em sy todallas forças de dentro e aguoou ⁵ o acatamento. E mirando a ymageem firmamente tornou outra vegada a fazer a sobredita oraçom. E vemdo elle claramente a ymageem como negando algũa cousa. movida a cabeça a huã parte e aa outra. E

¹ No texto *Oquitania*, mas noutro lugar *Aquitania*.

² Parte da palavra foi raspada, vendo-se perfeitamente que a antiga grafia foi corrigida.

³ Um dos *aa* está entre linhas, e parece ser de mão diferente.

⁴ No original está escrito *emcrinase*, o que revela bem que o escriba começando a escrever *cl*; por influencia literaria, terminou pela forma acima.

⁵ Vide *Anotações*.

aquelle solirgiom depois que foy dita a missa foy-sse dalv maravi-
lhamdo-sse. nom sabemdo que coussa senificava ¹aquella tall fegura
se era proveito de sua alma de hir com aquelle principe ou quedar
E com esto foy-sse pera sua cassa. E acabo de pouco. veeo a elle
hum mesegeiro da parte do senhor princepe. pera que fosse logo
sem tardança. E elle foy logo a cassa do dito Senhor. ao qual
emcomtrou (a) o ²mariscal e disse-lhe Estades aparelhado vos. pera
hir contra Espanha. com o senhor princepe segundo que vos elle
mandou. Ao quall respondeo meestre Pedro. avendo temor. e disse.
Senhor eu aparelhado estou. pera fazer em toitalas cousas ³a vom-
tade do senhor princepe. E o mariscal respondeo-lhe. com cara
alegre sorrindo-sse. Vos bem dizedes como boom e fiell. E o Senhor
principe vos da lecemça por vossa consollaçom que nom vos mo-
vades daquy se nom receberdes delle outra coussa por manda-
memto. E o meestre Pedro alegrou-sse por ello. e foy a igreja dos
fraires menores. E fazendo graças a samto Amtonio disse diamte
de alguuns fraires as sobreditas cousas. E afirmou com juramemto.
tangendo as coussas santas que eram asy aquellas cousas verda-
deiras.

Millagre

LIX. Em no tempo que a cidade de Padua foi livrada da
maão do profiosso tirano sobredito Encelino de Roman. ⁴ damdo
fim a maão do senhor aos seus feitos cruees ho legado da igreja
cercou a dita cidade com sua cavalaria. E o guardiam dos fraires
menores de Padua frey Bertollameu de Coradino. estava de noite
a sopultura de samto Amtonio em na sua festa E elle velamdo ro-
gava com muitas lagrimas ao bemaventurado samto Amtonio. por
o livramento da dita cidade. E em essa ora sayo logo da sepultura
samto Amtonio e soou muy claramente huña tall voz frey Bertola-
meu nom ajas themor nem te emtristeças. mais esforça-te e alegra-te
ca sabe certamente que no outavairo da minha sollinidade a cidade
de Padua sera descercada e usara da liberdade acostumada. E asy

¹ *Sanificava* — diz o texto.

² Provavelmente por lapso o copista escreveu *ao* em vez de *o*, pois o latim diz: *cui obvians senescalcus (dixit)*.

³ A palavra *cousas* está entre linhas e parece de mão diferente.

⁴ Havia-se posto um til sobre o ultimo *a* que mão revisora riscou depois.

foy feito por hordenamça do senhor E muitos fraires que velavam em na igreja derom testemunho. qu'elles ouvirom verdadeiramente esta voz A qual coussa veeo depois a noticia dos cidadãos de Padua. E acordarom que fizessem em cada hum año o oytavario de samto Amtonio jeeralmente e homrradamente. asy como faziam a solinydade de sua festa. O quall estatuto elles guardarom diligentemente ataagora por a graça de deus.

Da traladaçom do bemaventurado samto Padre Amtonio

LX. Em no año da emcarnaçom do senhor de mill e duzentos e sassemta e tres años depois que prougue a deus de livrar a cidade de Padua por os merecimentos daqueste santo de sso o(o) jugo do sobredito tirano Encellino. O quall a avia despoborada. Os cidadãos della fervemdo com devaçom de demtro que aviam a samto Amtonio. fezerom-lhe huña igreja muy grande e solene. E ordenamdo de tresladar o seu corpo. Como em na outava da resureiçom cavassem aly homde elle avia estado vimte e sete annos ¹ so a terra que estava aly resemt e vermelha e fermosa como se em aquela ora elle ouvesse finado. A quall lingoa ² o homrrada barom frey Boðavemtura que era emtam ministro geeral da hordem. E foy depois cardeall e bispo albanemse que estava emtam presente aos prazeres desta treslladaçom tomo-a ³ em nas mãos com muita reverencia e regado com riio de lagrimas. Começou de falar e dizer devotamente estas palavras ho ling[oa] bemdita que sempre a deus bemdiseste E aos outros bemdizer-lhe fezeste. Agora parece manifestamente com quantos merecimentos tu estás acerca de deus. E dando-lhe doces e devotos beijos ⁴ mando-a ⁵ colocar homrradamente em hum lugar alto.

¹ *XXVII annos et amplius* — diz o texto original latino.

² Na margem ao lado lê-se — *acharom a sua lingoa*. palavras estas que efectivamente faltam na narração para completar o sentido e foram ali escritas muito mais tarde.

³ Está por *tomou-a*, como temos visto.

⁴ *beixos* — diz o texto.

⁵ Entenda-se *mandou-a*.

Huum milagre muy maravilhosso que acomteceo em Roma

LXI. Em no tempo do senhor Bonifacio papa oitavo foy re-
pairada em Roma a tribuna da igreja do Salvador em Lateram ¹
de Roma que he nomeado o bispado. E pera pintar de obrar mo-
sica ². A qual tribuna foram deputados do[u]s fraires menores muyto
sabellores e provados em aquella arte. E foram-lhe assignadas cer-
tas ymageens as quaes o papa avia mandado aly pintar. E veemdo
os fraires que ainda sobejavam lugares em que sse podessem po(o)er
outras ymagens ³ E elles de seu proprio voto ⁴, ou por ventura
por espiraçom de deus pintarom de huã parte e da outra as yma-
gens ⁵ de sam Francisco e de santo Amtonio. A quall cousa tra-
zida aa noticia do Senhor papa mandou a huuns creligos os quaaes
anociavam a elle esto com livor e emvidia e disse-lhes. Da yma-
gem de sam Francisco pois que aly esta praze-nos de comsemtir
que quede. Mais da ymagem de samto Amtonio de Padua que te-
mos nos de fazer. Pois hilde e destroide (a) aquella ⁶ sua ymagem.
E fazedo pmtar em lugar dela a ymagem de sam Gregorio. Os
quaaes creligos chegamdo a igreja e sobindo huns atras os outros
a dita tribuna confesarom elles que foram lamçados de alto em
terra de huã pessoa espamtavell que lles apparecera aly visivill-
mente ⁶. E assy tornados foram estorvados de comprir o que lles
era mandado. E segundo diziam os ditos fraires pintores que al-
guuns delles logo morrerom. E todollos outros di a pouco tempo
derom o espirito. E ouvindo estas cousas o sobredito papa man-
dou aqueles que lho disserom que leixassem estar a imagem de
aquele samto assy como a elle prazia. Ca segundo vemos clara-
mente antes poderiamos com elle perder que nom ganhar sse lha
quitasemos.

¹ No texto *Leteram*.

² Vide *Anotações*.

³ O copista escreveu *images*, como ainda se ouve ao povo.

⁴ Aliás *moto*, segundo o original latino.

⁵ No texto *destroidea aquella*.

⁶ No texto, *visilivmente*.

Milagre que acomteceo em Beja villa de Portugall

LXII. Em Beja huã villa do regno de Portugall foy hum barom por nome chamado. Pedro poderosso e rico. E avia tanto amor aa ordem. dos fraires menores que lhes deu aly lugar pera edificar convento. E lhes deu outro sy muitas coussas pera os edificios. E como estevesse enfermo muy gravemente. huã noyte estando em sua camara. velavam quatro fraires com outros muytos e esperavam o seu finamento. E o dito Pedro tinha por devaçom o avito dos fraires menores. com o quall se avia mandado emterrar. Ex que vicerom dons fraires e apparece-lhe ¹ hum a ² parte destra e outro a ² parte seestra. E disse-lhe(s) hum delles Pedro conhece(s)-nos. E elle respondeo conheço vos seer fraires menores. Mais nom ey conhecimento das persoas. E disse Eu som sam Francisco. e este outro he santo Antonio. E somos enviados a te consolar e saar de aquesta emfirmidade por a devaçom que tu ouveste sempre a nos E por os beneficios que deste aos meos fraires. aquy em este convento. E emtam aquele Pedro rogou a sam Francisco que tevesse por bem de bemdizer o avito que el tinha sobre sy. A qual cousa feita. logo lhe desaparecerom ambos E ell tam aginha comvaleceo. que todos os que estavam presentes foram maravillados. E des emtam viveo ainda doze annos. E non tragia consigo chave de alguns tesouros. Salvo a chave d'arca domde estava aquelle avito bemdito Com o quall morreo depois e foy emterrado.

Afóra esta narrativa occorrem na mesma Cronica varias referencias a Santo Antonio. Assim, a fols. 4, a proposito da morte de um frade:

LXIII. E em essa mesma ora samto Antonio de Lixboa seendo ainda canonico em no moesteiro de santa Cruz de Coimbra. o quall emtam era chamado Fernamdo Martiz em mentre que celebrava missa viio a alma daquelle meesmo frade d'Alamquer.

¹ Leia-se *apparecê* ou *appareceo*, o latim porem emprega o plural.

² Sobre o *a* está outro entre as linhas, o que parece indicar ter havido lapso da parte do copista e que por tanto se deve ler *aa*.

em semelhança de ponba que trigosamente voava passando por o purgatorio ao ceo com gloria sobindo.

A fols. 11 lê-se:

LXIV. E santo Antonino ¹ emtam era canonico em aquelle moesteiro de samta Cruz E era chamado Fernam Martinz E cobiçando e avemdo desejo de marteiro a exemplo de aquestes santos fraires ² que forom morterezados em Marrocos. emtrou em aquesta hordem dos fraires menores aos vinte e cimquo anos de sua ydade e viveo dez anos em na hordem e foy comprido de tanta samtidade e claro em doutrina e milagres ³ acabou em na hordem. Dos quaees millagres alguus se poeem o jusso que em na sua mayor leitura som escritus.

No verso da mesma folha:

LXV. Ho quaal (frei Joham Binell) feito aly menistro teve capitollo provi[n]ciall em Relato em no quall sam Francisquo appareceo estando samto Antonino pregando do titollo da cruz e emcheo os fraires ⁴ de muyta consollaçom do esprito.

A fols. 137 encontra-se o seguinte:

LXVI. Em Gerumdia ⁵ de Catalonha foy huũa molher. A quall tinha huũa filha comtreita das mãos e dos pees. Asy que se nom podia mover e apenas podia levar a viamda aa boca. E a madre seemdo ya anojada de servir a filha desejando-lhe mais a morte que a vida hum dia nom lhe levou de comer ataa a noite. da qual cousa se lhe queixou a filha. Aa quall respondeo a madre. filha por a minha vomtade ya estevesse em paraisso. porque eu sempre ey trabalhado e cansaço em te serviindo E a filha

¹ Lapso do copista por *Antonio*, como diz o texto latino aqui e no § seguinte.

² Refere-se aos martyres de Marrocos, cuja noticia, extraida do mesmo codice, se pode ler nesta *Revista*, vol. VII, 189 ss.

³ Entre linhas escreveu-se *e asy*.

⁴ Ao lado a tinta vermelha encontra-se esta nota: *como sam Francisco appareceo no aar aos frades*.

⁵ A tinta vermelha e da mesma mão corrigiu-se em *Gironda* a palavra *Gerumdia*, que foi riscada. O original latino tem *Apud Girundam*.

por esto que lhe disse a madre entrestecesse ¹ ataa morte. E por ende nom. podemdo comer de door. chorou comtinoadamente ataa os matiis. E como tangessem as matinas, a campa dos fraires menores acordou-sse a moça dos milagres do sam Framçisquo. Os quaes com fama verdadeira se manifestavam ² emtonce por todo o mundo. E por emde tornou-sse de todo a rogar a sam Framçisquo. dizendo. Oo muy santo padre Framçisquo. sse verdadeiras som as cousas que de ti dizem por todo o mundo. Eu suprico a tua benidade que eu aja espiriemia dellas. em aquesta minha emfirmidade. Asy que eu seja livrada della. E madre seja descarregada do nojo que comigo toma E supitamente lhe appareceo sam Framçisquo com santo Antonio ³ vistidos de avitos respramdecentes e cingidos com cordas E disse sam Framçisquo a santo Amtonio ouvindo a moça e veendo. frey Antonio toma-a por os pees É como o elle fizesse. tomou-a sam Framçisquo por as mãos E asy a sacarom ambos do leito e leixarom-na sãa de todo ponto E queremdo-sse elles partir de ally disse a moça a sam Framçisquo. Senhor quem sodes vos. E disse-lhe elle Eu som Francisco ao quall tu chamaste devotamente levanta-te que por os meos rogos eras sãa. E estas coussas ditas desaparecerom ambos. E a moça levantou-sse sãa e com alegria e com prazer. deu vozes em tall maneira que veeo a ella a madre e as vezinhas. E achando-a sãa (E) preguntarem-lhe como fora livrada. E ella comtoulhe como sam Framçisquo e santo Amtonio lhe aviam apparecido e como lhe aviam dado saude por a maneira suso dita. E aas novas deste milagre saïrom logo por toda a cidade. Mais os fraires pregadores díziam que sam Domingos a dera sãa. Em esto veeo o bispo da cidade e visto tamanho milagre, levou a moça com grande multidoem de poboo aa igreja dos fraires menores por fazer aly graças. E veemdo ella hy a magestade ⁴ de Sam Framçisquo. disse este he o que me feze sãa. A quall moça ouve depois marido e ouve hum filho. o qual foy depaïs fraire menor e pregou pubricamente este milagre.

¹ Parece-me que se deve ler *entrestecê* (=entresteceu)-sse e não *entrestecesse*, embora o latim diga *tristatur*.

² No texto está *mag²fastavam*.

³ Aqui ha um espaço que foi raspado mas onde se lê ainda *de*; o resto devia ser *Padua*, em harmonia com o original latino que diz *Paduano*.

⁴ O latim diz *imaginem*.

A fols. 151 sobre o mesmo santo lê-se:

LXVII. Em no año do Senhor de mill e duzentos e trimta e huum annos. O bemaventurado samto Antonio de Lixboa pasou de aquesta vida claro (em) em vertudes. O quall como respramdecese logo por muitos milagres. Em no ano seguinte de mill e de duzentos e trimta e dous. ãna çidade de Espolieto ¹ foy escripto ãno martilogio dos samtos. em no sexto ano do ponteficado do Senhor papa Gregorio nono. E logo o papa levamtou em thono ² aquella amúphana. *O doctor optime etc.*

A fols. 157 diz-se mais:

LXVIII. Seemdo outro sy o dito frey Helias geeral. foy ajuntado capitulo geeral e mostrou o dito frey Helias aos fraires muitos privilegios que avia ganhados do senhor papa pera a ordem. E muitas dispensações comtra a regra. E mayormente que os fraires podessem em caso algum receber pecunia. por pessoa. amtreposta. Acomselhando aos fraires com razões coloradas que comsemtissem as ³ taaes floxedades e relaxações. E como por ameaças e meedos e espantos que lhe poinha ouvesse inclinado a ello muytos fraires Empero duas luminarias da hordem. s. ⁴ frey Antonio de Lixboa que he agora gloriosso ãno ceeo. E frey Aram de Marisco lhe rigistiram baroilmente em sua presença de rosto a rosto. Aos quaaes seclatamente se achegaram outros muitos. Antre os quaaes foram. frey Alberto de Pisa que emtam era ministro de Ingraterra. nom queremdo sofrer decaimento tamto da regra. O quall dito frey Alberto succedeo logo a este frey Helias em no officio. Outro sy frey Joham Bonelis de Floremça ministro da provincia. O quall teve o capitollo de Relato. quamdo sam Franciscoa pareceo. aly bem dizemdo aos froires E pregamdo samto Antonio do titollo da Cruz Empero por o medo de frey Hellias nom ousava de fallar nehuum. senom os ditos frey Antonio e frey Adam. Os quaaes manifestamente

¹ *In die sancti Pentecostes* tem a mais o original latino. Vide § XXXIV.

² O copista escreveu *emthono*.

³ Talvez se deva ler *as* (por *aas*), pois o verbo *consentir* vem sempre acompanhado de complemento indirecto.

⁴ Leia-se *scilicet*, ou seja: *isto é*.

defemdiam deamte todos a verdade da regra. Comtra os quaaes se levamtou grande arroido de muitos fraires que diziam, elles seer departidores da ordem. E como os dous barões sobreditos santos e aparelhados a se meterem a tormentos dos malles por defemder a regra. Vissem seer a elles aparelhadas persecuções de suas pessoas por os companheiros e achegados de frey Helias, apelarom peramte o senhor papa. E como os quisesse prender o sobredito geeral, foram defemdidos por hum fraire generosso ¹ confesor do senhor papa com o quall fugindo damte a face de frey Hellias chegarom ao senhor papa Grigorio. Da quall cousa seemdo espamtado frey Helias enviadas letras per todas partes por os caminhos, mandamdo que logo fossem pressos. Mais defemdendo-os o senhor vierom a Roma e apresentarom-se pessoalmente amte o papa. E o senhor papa ouvidas as cousas razoave[ls] delles ajuntou amte sy em Roma o capitulo geerall. E emtom despostas as partes diamte o papa. Propos santo Antonio, como avia apelado por temor da persecuom. E que aquelle geeral procurava caymento da regra. As quaaes cousas respomdeo frey Helias. Como os fraires o costramgerom a receber o officio. E que elle respomdera que elle nom podia andar de pee nem fazer a vida comua por as suas emfirmidades. E que os fraires lhe outorgarom que cavalgasse e comesse ouro se ouro ouvesse mester. E que o cavallo requirre servidor e de comer. As quaaes cousas sem dinheiro nom podem seer avidas. Por a qual cousa me convem teer pecunia. Mais por que o podesse fazer com booa comciemcia ganhey lecemça da see apostolicall, por que tali pecunia podese tomar. Porque segundo a emtengam de sam Francisco, aprendy dele seclatamente ² podese edificar aquella igreja e acorresse aos meesteres dos fraires. E santo Amtonio respondeo-lhe em comtrario por esta maneira. Se te foy outorgado de moodo de falar, comer ouro, por necesidade. Por ventura foy-te outorgada chegar thesouro. E se per ventura te foy outorgado cavallo pera cavalgar. (E) nom te foy outorgado por isso que tevesse soledade palafrem pera criar. Nem costramgesses os fraires que fosse m trespasadores de sua regra. E emtam frey Hellias checo de sanha dise diamte o papa a santo Amtonio, tu mentes, por a qual cousa

¹ Parece tratar-se, não dum adjectivo, mas dum nome proprio; o original latino diz: *protecti sunt a quodam fratre Januensi, confessore*, etc.

² Tinha-se escrito *seclatamente*, mas depois parte do *l* foi raspada para ficar *r*.

o senhor papa torvado mandou-(o)os calar. E calando todos. O senhor papa esteve casy por meea ora que nom fallou nehuña coussa. Mais com grandes sospiros alçamdo espersamente os olhos ao ceo regado com lagrimas disse estas palavras. Tomando aquella palavra de Daniell ¹. Tu Rey começaste pensar ão teu estado ² que coussa avia de seer etc. E quando ouve declarado fermosamente aquela estatua de Daniell. começando da cabeça de ouro. E apropiamdo-a a sam Francisco ataa os pees fracos e de barro. disse logo. Quando nos fizemos a este geerall criamos que aprazeriia a ordem. Mais agora veemos que torva a ordem e a destruii manifestamente. Porem privamollo do ofício. e queremos que logo procedades aa emliçam de outro. E emtam foy emlegido frey Alberto de Pisa ministro de Anglia. E emtam o senhor papa louvou a samto Amtonio e asolveo a elle e aos que se achegavam a elle. das sentemças dadas comtra elles por frey Helias. E declarou serem vãs e nehuñas as ditas sentemças. E a samto Amtonino quitaadoo ³ de toda carga de regimento. rogou-lhe que soolamemte se desse aa comtemplaçom e aa composiçom dos seermões....Samto Amtonio morreo ão ano do senhor de mill duzentos e trimta e oito. ⁴ Do qual parece que emtom samto Amtonio nom pode seer comtra frey Hellias deamte o papa... Em no qual ano (mill e duzentos e trimta) se diz em na leenda de samto Amtonio que foy quitado de todollos ofícios por que se desse aa pregaçom e aam comtenplaçam dos sermões.

Ainda a fols. 177:

LXIX. Em Blucave jaz frey Benedito ydropico E este poi (por) huum pecado de invidia foy levado a juizo parece-lhe ⁵ que era com outros muitos dapnado. ⁶ Mais por os rogos de sam Francisco e de samto Amtonio foy livrado e retornado aa vida corpo rall. E des emtom leixada a philosophia foy mudado ⁷ em outro barom. E ouve çiemçia infusa. e foy de muy santa vida.

¹ No texto *Diniell*.

² Segundo o original latino, deve corrigir-se em *estrado*.

³ Parece-me que se deve ler *quitando-o*.

⁴ Deve corrigir-se em *um*, segundo o original latino e o que antes ficou dito.

⁵ Leia-se *parecê* ou *pareceo*.

⁶ No texto *dapno*, que pode ser abreviatura de *dapnado*.

⁷ O copista escreveu *mundado*.

A fols. 185:

LXX. O qual (frey Acurso) amtre as outras cousas como fosse enfermeiro eno dito convento de Froremça e se desse a oraçom em huã capela que he aly dos enfermos appareceo-lhe aly a bemaventurado Virgem Maria com samto Antonio de Lixboa ¹ E com outro fraire que se chamava Placido.

Finalmente a fols. 218 lê-se:

LXXI. Em no año do senhor de mill e duzentos e sasemta e trres años em nas oitavas da resureiçom do senhor foy trasladado o corpo de samto Antonio por os cidadãos de Padua a huã gramde igreja que era feita a omrra sua, seendo presente o geeral. E a sua lingua que por vimte e dous anos avia que fora soterrada. Assy foy achada rezemte e vermelha, como sse em aquella ora o muy samto padre ouvera falecido A quall o devoto geerall tomando com reverencia em suas mãos regamdo com lagrimas começou de dizer diamte de todo o poboo estas palavras. O lingoa bemdita que ao senhor sempre bemdiseste e a outros bemdizer ho fezeste Agora parece manifesta[me]ute. ² de quamto merecimento tu sejas acerca de deus dando-lhe beijos muy doces e devotos. mandou-a po(o)er em altar muy omrradamente.

J. J. NUNES.

¹ O pergaminho foi raspado para se escrever *Lixboa* em vez de *Padua*, como está no original latino.

² O original latino diz: *nunc manifeste apparet*; em vista do que julgo que o copista por descuido escreveu *manifestante* em vez de *manifestamente*. Vide o mesmo facto narrado atrás no § LX.

Investigações ethnographicas

I

Nominas

«Unas oraciones, que se suelen traer para no morir ahogados, ni de muerte subita, ni a manos de verdugo, son tambien supersticiosas, porque aunque hablen de Christo nuestro Señor, y de su Madre Santissima, las más vezes van mezcladas con palavras, y rasgos no conocidos. Y quando sean totalmente buenas, tanto que sean los mismos Evangelios sagrados, traídos con aquel fin, es supersticion peligrosissima, por atribuirles diferente virtud, y efeto, que Dios les concedió al constituirlos: porque Dios nos dió qualquier Evangelio para testimonio de su vida milagrosa, columna de nuestra Fé, y dechado de nuestras costumbres, no para que el desalmado, vicioso, y torpe crea que sin más diligencia, que llevarle escrito en una nomina, que quizá le notó el demonio, ni la pendencia le matará, ni el mar le ahogará, ni le castigará la justicia: cuyo error notan, y encarecen dilatadamente San Agustin, San Chrisostomo, y otros muchos».

(Doctor Juan Perez de Montalvan, — *Ejemplar morales humanos y divinos* — undecima impression. Lisboa. 1601. fol. 238).

II

Contra maleficios e feitiçarias

«Para curar los maleficios, y hechizarias ay virtud secreta en muchas yervas, como afirman Apuleyo, Homero, Didimo, Aristoteles, Plinio, Raimundo Lulio, Dioscorides y Celio, Rodigimo, y particularmente en la oliva, el gordolobo, la ruda, la albarrana, el alisso, la verbena, la artemissa, la valeriana, el abrotano, la salvia, el eneldo, el marrubio, el hinojo, los ajos, el hiperion, el azufre, y otras yervas de las muchas, que con agudeza, y gala Francisco de Quintana, Doctor, y doto, que en el todo es uno, pone en su Poema de Santiago el verde. Pero con más verdad en el ruido de las campanas, de quien dicen muchos que

tiemblan los demonios; y tambien segun Mardoqueo, Plinio, Crodonco, Dioscorides, y Tetel Judio, en las piedras, como en el diamante, en el jaspe, en el coral, en el azabache, en la esmeralda, y en el crisolito.

.....

Mas aunque sea cierto, que alguno de los dichos tengan fuerza contra el demonio, y que San Geronimo dá licencia para usar dellos, tiene dos peligros. El primero, que es tal la astucia del demonio, que suele con estos remedios naturales divertimos, y despegárnos de los ciertos, infalibles, seguros, y verdaderos, que tiene la Iglesia determinados en sus exorcismos, reliquias, oraciones, y Sacramentos. Y el segundo, que a buelta de los naturales suele introducir otros tan inútiles, y supersticiosos, que sirven más de irritar a Dios, que de desenojarle, como son la sangre de la hiena en la pared, la hiel de la perra negra en las brasas, la del perro negro en el aposento, el menstuo de la mujer en el umbral, el higado del camaleon al cuello, el coraçon de la corneja al pecho, la avellana de azogue en la almohada, el escremento asqueroso en la çapatilha: a que se añaden las agujas, con que se cosió la mortaja, el cordel que ahogó al delinquente, con los huessos, y dientes, que cubrió la tierra, &c.»

(*Ibidem*, fol. 239).

III

Feitiços

«Y es tanta la ceguedad de algunos hombres, y mugeres, y tanta la maña del demonio para engañarlos, que creen que lo que Dios no haze, puede hacer una hechizera, y con remedios tan supersticiosos, torpes, y sucios, que se deshaze el coraçon por los ojos, solo en pensar que aya entendimientos, que lo crean, y Christianos, que lo executen . . . Pregunto, que imperio puede tener en la voluntad libre de una persona para poder moverla a que quiera lo que aborrece, el manjo de las yervas, el zahumerso de los polvos, la mezcla de los untos, la cifra de los caracteres, la ceremonia de los conjuros, los huessos de los cimiterios, los cordeles de la horca, los pedaços de la mortaja, los sessos del murciélago, la corrupcion de los urines, la sangre del menstuo, y hasta la misma materia, que sirve a la generacion diabolicamente trocada? Y lo que peor es, si bien me causa horror el imaginarlo, la cera bendita, el Ara del Altar, el agua del Bautismo, y el Olio consagrado, sin que aya reliquia tan santa, ni Sacramento tan divino, que no aya reducido el demonio a tan infernal, y diabolico abuso. . . »:

(*Ibidem*, fol. 235).

IV

Superstições

«Y assi para conocer generalmente las supersticiones, no es menester, sino advertir, que qualquiera cosa que no se haga por el orden natural . . es hechizera, y se castiga como tal en la Inquisicion: y assi lo es tambien dar a entender, que las curas que hazen los ensalmadores, son por virtud, y gracia divina: porque lo cierto es, que curan naturalmente por primera intencion con vino y azeite de Aparicio: porque aunque las palabras que dizen sean buenas, es cierto, que aviendo de curar con ellas, fuera más a proposito a un Sacerdote. . . Y asin por esta razon el año de 1577 mandó el Senado Sumo de Francia, que los tales ensalmadores no curassen: y lo advierte el Padre Martin del Rio en sus disquisiciones magicas.

De los saludadores, se ha de dezir lo mismo, porque aunque puede ser que Dios contra tan rabioso mal proveyesse tan facil cura, a ninguno destos he visto más que soplar, y recoger dineros. Y se me replican, que suelen entrar en los hornos encendidos; respondo, que es con tal modo, que más parece artificio que gracia: porque si fuera don particular de Dios nuestro Señor, entráran en el fuego sin las condiciones, con que dizen que pueden entrar, como son, advirtiendos que el cuerpo ha de estar torcido, y no derecho, y que han de estar medio quarto de hora, y no uno entero.

.....

Dirá alguno, que el curar desta manera trae principio de Salomon, de quien cuenta Iosefo, que compuso unas oraciones breves, con que se curava todo genero de enfermedades, y assi mismo unos eficacissimos conjuros contra el demonio. A lo qual respondo. Lo primero, que dudo que Salomon hiziesse los remedios diabolicos, y encantos malditos, que Iosefo refiere. Y lo segundo, que si los hizo, creo que los consumiria, arrepentido quando abrió los ojos del entendimiento para hazer penitencia, como sienten muchos que ha hizo».

(*Ibidem*, fol. 236.)

V

Eclipse da Lua

«E que não falem pello mudo destas lingoas (desatadas) nos certificou luuenal, dizêdo dalgũas: q já conhecia no seu tẽpo:

... *Verborum tanta cadit vis,
Tot pariter pelues, ac tintinnabula dicas
Pulsari. Iam nemo tubas, nemo ara fatiget:
Una laboranti poterit succurrere Lunae*¹.

Quer dizer: Hê nestas tanta a quantidade de palauras que não há ja pera que ninguem vse de estromêtos, que fação estrondo, porque hũa só dellas hé bastante para soccorrer a Lua no seu trabalho. E pera que não fique por declarar a rezão deste encarecimento, saibão os poucos vistos nas historias antigas, que quando antigamête a Lua se eclipsaua, imaginauão os gentios que por algũa rezão se intristecia, & pera lhe aluiarem a tristeza costumauão a se ajuntar os povos todos cõ quantos estromentos podião achar, que fizessem estrondo, & traquinada, & andauão barbaramente tungendo nelles naquelle espaço que duraua o Eclipse, & todos estauão persuadidos q̃ o acabarse elle não era outra cousa senão tornarse a alegrar a Lua cõ tam brutal, & gentilica festa. E pera luuenal encarecer o rebuliço, estrondo, & furia destas lingoas desenfreadas, diz q̃ hũa só dellas pode aluiar a tristeza da Lua, que he o mesmo q̃ fazer mayores rumores, & doudices, do que fazião aquelles ignorantes com seus tachos, trombetas, & campaynhas.»

[*Casamento Perfeito*, por Diogo de Paiva d'Andrade, Lisboa, 1630, — fol. 214. — Cf. Leite de Vasconcellos, *Trad. Pop. de Portugal*, pag. 23-24, e nota 21.)

VI

«Taliasio» e costumes nos casamentos

«Os antigos inuocauão nos casamentos o nome TALASIO ... *Uti hac voce* (como Varro diz) *saepius repetita sponsam admonerent quod eius esset munus futurum*. Quer dizer: Pera q̃ cõ esta palaura tâtas veses repetida amoestassê a desposada, & lhe ensinassê qual aua de ser o seu officio. [o] costume de leuarem as molheres as rocas, & fusos no dia do recebimento, diz Alexander ab Alexandro q̃ o guardauão muitas nações ainda em seus dias, & Pierio Valeriano traz outro costume de têpos ainda mais antigos, que o dos Romanos, em que se ellas recebião assentadas sobre pelles de qualquer animal q̃ teuesse lã, & como a rudeza andou sempre em passo igual cõ a antiguidade, em

¹ [Satiras, 6.^a, vv. 440—443].

quanto não aua outros sinais, & modos mais polidos, com este dauão a entender a obrigação q̃ as casadas tinham de se guardar sempre de estar ociosas: & ajunta mais o mesmo Pierio que tambem no seu tempo se costumaua na mayor parte dos lugares d'Italia virem os parentes visitar a noia no seguinte dia do recebimento, & trazer-lhe publicamente hũs açafates com linho, roca, fuso, agulha, & tisoura, & a razão declara elle que era *quod illa muliebris haud ignara officij se nō ad delicias, & voluptates, sed ad faciendā lanam, & alia quae frugi sunt curanda venisse reminiscatur*. Quer dizer: Pera que lembrando-se ella do particular officio das molheres, entendesse que não casara pera estar ociosa em delicias, & passatêpos: senão pera estar sempre occupada em suas teas, & custuras, & no mais que pertence às molheres honradas.»

(*Ibidem*, fol. 176).

VII

Costume antigo

«E era costume antiquissimo (segundo referem autores graves) das molheres da nossa Hespanha de qualquer qualidade q̃ fossem, mostrar em certos dias publicamente os fiados, teas, custuras, & lauores, em que se tinham occupado naquella anno; & aquella que mostraua ter trabalhado mais que as outras, ficaua mais honrada, & engrandecida.»

(*Ibidem*, fol. 181).

VIII

Madrastra, O nome lhe basta

«E modo hé de fallar & muito costumado entre os Latinos chamar *odium nouercae* (que significa odio de madrastra) ao que hé mais capital, & deshumano: & às mãos crueis, & sanguinolentas, prontas a toda a vingança, & crueldade, chama Cornelio Tacito *nouercales manus*, quer dizer, mãos de madrastra. E os que primeiro disserão que o seu nome lhe bastaua: não somente se deuão fundar na experiencia do seu odio, senão tambem na ethymologia do seu nome: o qual em Latim chamamos *nouerca*...

.....

Porque Princesa, he nome de Impeño, & algũas vezes de tyrannia, & as que não acertão de ser brandas por sua virtude, ou natureza, na mesma hora se fazem tyrannas por sua paixão e crueldade».

(*Ibidem*, fol. 124).

IX

Dar as mãos

«E a rezão porque os noiuos se dão as mãos quando se recebem, não he por ser necessaria aquella cerimonia para a essencia do casamento: porque sem ella tambem ficarão casados: senão para sinificar a fé que se deuem hum ao outro, & a confiança que conuem q̃ tenham de parte a parte para conseruar a união & conformidade: porque o dar das mãos antigamēte era sinal de firmeza & lealdade, como affirma Marco Tullio, & Stochamero, & ainda entre nós he oje vulgar costume quando se fazem amizades darem as mãos em sinal de paz os que antes estauão desauindos: & quando se faz em pratica algũa promessa costumamos a pedir a mão a quem promete para cõfirmar a certeza della».

(*Ibidem*, fol. 40).

X

Conto

«Foy, segundo contão, certa mal casada queixarse a hũa sua vizinha da ruym condição de seu marido, a qual como sabia que todos seus enfadameños lhe procedião de fallar muyto, lhe deu hũa pouca d'agoa em hũa arredoma, dizendo, q̃ se o quenia ver pacifico, & seu amigo, enchesse a boca daquella agoa, quando o sentisse apaixonado, & por nenhũ caso a lançasse fora em quanto elle se não calasse, porq̃ tinha muy particular virtude pera remediar aquelle trabalho: leuou ella a agoa, & vsou logo da medecina, & em poucos dias lhe veyo dar os agradecimētos do grande bem, q̃ lhe fezera, & lhe pedio q̃ lhe tornasse a encher a sua arredoma porq̃ se não atreuia a estar hum momento sem tam necessario & approuado remedio: respondeolhe a outra desenganandoa da verdade, q̃ a virtude daquelle remedio não consistia em ter agoa na boca, senão em estar cõ ella fechada, quando seu mando pelesasse.»

(*Ibidem*, fol. 210).

XI

Cocos

De Jeronymo de Bahia, no *Romance Burlesco*, que vem a fol. 62 do tomo IV da *Fénis Renascida* (edição de 1746):

Primeyro chamar soubestes
Que o Pay vosso o Padre nosso,
Primeyro amastes coquilhos,
Do que temesseis os cocos.

XII

Coroças

«Ha uma pequena industria em Barroso de que algumas mulheres tiram seu interesse na falta de melhores recursos: dos juncos que espontaneamente nascem nos logares pantanosos, por sua natureza incapazes de outras producções, colhem grande porção pelo mez de agosto e principios de setembro, quando a sua florescencia está madura e apresenta a côr de café moído; segam-nos, e recolhendo-os em fresco os maçam esfregando, e os põem a seccar ao sol em *madras*, ou pequenos molhos, tendo cuidado de os livrar do orvalho para conservarem a côr alvadia, e assim preparado fazem d'elle as *coroças*, que é uma especie de cobertura ou casacão, que cobre todo o outro fato, e não deixa penetrar a chuva, que escorre dos juncos macerados; umas são proprias para mulheres e rapazes, quasi de formato das *capuchas*, porém mais compridas; as que os homens usam, similham uns capotes acompanhados de um capuz da mesma natureza, que resguarda a cabeça, formando as duas peças um todo uniforme. Como esta materia prima é de nenhum custo, porque os juncos apanham-se em maninhos, ou os proprietarios os cedem quasi sempre de graça, e por outro lado o artefacto é de pouco engenho, lucram ellas alguma coisa, vendendo as primeiras a 140 e 150 réis, e as segundas a 300 e 400 réis».

XIII

Curioso

«Aos vinte e sete de Janeiro de 1560 ãos falleceo margarida mĩz molher de manoei giĩz cabellos fregues desta igreja cõ receber todos os sacram.^{tos} e por estar no cãpo legoa e mea desta villa e nõ aver papel nõ tita nõ fes testam.^{to} somête de palaura requereo a manoei ferreira seu cõfessor perãte outras t.^{as} q̃ se lhe cõprissem as cousas q̃ elle logo tomou cõ hũ caruão na folha do breuiario as quaes depois declarou por sua letra cõ ho nome das testemunhas e leixou seu marido por testamenteiro e ho assinei. — Bastiã alurez».

(Liro de Baptizados, Crismados, Defunctos e Casados da Freguesia de S. Pedro d'Algalé, de Monforte, dos annos de 1552 a 1574).

XIV

Patuleias

Ter-nos-ia vindo de Hespanha este epitheto, com que os *Cartistas*, em 1836, pretenderam ferretear ignominiosamente os *Setembristas*?

No anno de 1835, na provincia de Tarragona, chamavam *Patuleas* ás companhias de voluntarios organizadas nas differentes povoações da mesma provincia para combaterem os *Carlistas*, como se vê dos seguintes trechos, extrahidos de p. p. 90-91 da obra de D. Buenaventura Hernández Sanahuja, *Historia del Real Monasterio de SS. Creus* (Tarragona, 1886):

«El día más azaroso para el Monasterio fué el 29 de diciembre de 1835, al regresar la columna expedicionaria que fué al castillo de Querol, ocupado por los carlistas, para sitiario y demolerlo. Gran parte de esta columna la formaba la legion francesa venida de Argel, quienes por pasatiempo pusieron fuego al coro de la Catedral de Santas Creus, todo de roble, e comunicandose al órgano, quedaron calcinadas las bóvedas que los cubrian. — Este fatal ejemplo no pasó por alto á las compañías movilizadas, conocidas en el país con el nombre de *patuleas*, y la del Pont de Armentera, mandada por Bautista del Pont, en una de suas primeras visitas a Santas Creus, despues de haber cometido muchos desacatos en la iglesia, se despidieron poniendo tambien fuego al altar mayor, todo de madera . .

.

«Tampoco fueron más benignos para el Monasterio los rapaces que formavam la *patulea* de Vilarodona, quienes com objeto de robar uno de los barrotes de hierro que sostenian el hermoso templete ojival que cobija el sepulcro de D. Jaime II, lo desvencijaron de tal suerte, que solo á un prodigio puede atribuirse su salvacion..

.....

«La proximidad del molino al monasterio, completamente abandonado y desierto á la sazón, y abiertas todas las puertas, facilitava á las tres niñas verificar sus juegos infantiles en los solitarios claustros góticos, en donde pasaban la mayor parte del dia, á exception de quando llegava allí *alguna de las patuleas, de las varias que cruzavan en todas direcciones la provincia de Tarragona*, porque entonces toda la familia se encerraba en el molino, por temor de algun atropello..»

XV

Companhia dos pilhantes no seculo XVIII

«Aos quatro dias do mes de novembro de mil e seiscentos e sincoenta e sete baptizey a fernando f.º legitimo de Antonio gomes cabo dos pilhantes, e de Izabel m̃z sua molher forão padrinhos Manoel Vas capitão da mesma companhia dos pilhantes; e Maria fernandes e por verdade fiz este termo q̃ asiney. O P.º João Barr.º Delgado».

(*Livro dos baptizados da Freguesia de Santa Eulalia do concelho d'Elvas, dos annos de 1644 a 1658, fol. 51*).

«Aos des dias do mes de novembro de mil e seiscentos e sincoenta e sete baptizei a catherina f.ª legitima de fernandianes pilhante e de Ines m̃z sua molher forão padrinhos João fiz e domingos m̃z e por verdade fis este termo q̃ asiney. O P.º João Barr.º Delgado.»

(*Ibidem*).

«Aos seis dias do mes de dezembro de mil e seiscentos e sesenta, falleceo hũ castelhano soldado de caualllo q̃ os pilhantes desta Villa de Barbacena matarão, o qual emterrei na Igreja da misericordia, e o asinei. O Prior G.º Gil Sardinha.»

(*Livro de defunctos da Freguesia de Barbacena do concelho d'Elvas, dos annos de 1660 a 1743, fol. 3 v.*).

XVI

Um matrimonio de ciganos no seculo XVI

«Aos 24 dias do mes de Junho 1590 anos na Santa See desta cidade d'Elvas recebi de presente por marido e molher ha Calros de Malha com Catharina Frz siganos os quais siganos por amdarẽ uagãdo de hũa parte pera otra por ho mundo he nã terẽ domicílio certo o Sor L.^{do} João Frausto prouisor neste bispado mândou a mĩ Nuno d'Azevedo Vigairo na dita See os recebece como logo recebi de presente he forão presentes por testemunhas o R.^{do} Conigo Leandro de Nobrega he o doutor Domingos Frz Mestre Escola na dita See he o L.^{do} Antonio Mendes Raposo Arçediago na dita See he Thomé Vaz morador na dita cidade he otras muitas pessoas he o dito Sor prouisor asinou aqui he por asi pasar todo na verdade fiz este termo he asinei dia ano ut sp.^{ta} L. Frausto. = N.º daz.^{do}».

(Livro de casados da Sé d'Elvas, dos annos de 1580 a 1604, fol. 815 (Arch. da Camara Ecclesiastica d'Elvas).

XVII

**Matrimonio de um soldado gitano
no seculo XVII**

«Aos desesette dias do mes de janeiro de mil e seis centos sinquoenta e seis anos nesta Cid.e de Elvas nas pouzadas do Snr Doctor Francisco de Carualho Dião na S.^{ta} Seé desta ditta Cid.e e Provisor em ella e seu Bispado, ahy o dicto Snr e tambem de licença do Snr Bispo recebeo em matrimonio na forma do Sag.^{do} Concilio Tridentino a Gaspar da Motta gitano soldado residente nesta Cid.e na Companhia de Dom João da Silva, e filho de Gabriel Frz e de Ana Frz, m.res em Veiros, com Angela Frz veuva de Fr.^{co} Frz tambem gitana, m.ra nesta Cid.e nesta freg.^a de Sam Pedro, sendo presentes per test.^{as} eu o L.^{do} Pedro Dias Cura nesta ditta freg.^a e Gregorio Vedigal da Costa soldado da Companhia de Dom Luis de Meneses n.^{al} de Monte mor o nouo, e de mandado do dicto Snr Provisor fis este termo que asinei dia sobredicto. O L.^{do} Pedro Dias.»

(Livro dos Casados da Igreja de S. Pedro d'Elvas, dos annos de 1629 a 1677, fol 93. (Archivo da Camara Ecclesiastica d'Elvas).

XVIII

Um matrimonio de ciganos no seculo XVII

«Aos catorze dias do mes de Junho de mil seis sentos e quarenta e sete eu o L.^{do} Duarte M^z Carrasco Vig.^{ro} em esta Parrochia de São Pedro de licença do S.^{or} Provizor Bento Barbosa Mendes in facie ecclesiæ na forma do Sag. Cons. Tridentino recebi em matrimonio de presente a Diogo Borralho sigano natural do Ferrão Arcebispado de Euora com Francisca Morena tambem siguana natural do reino de Castella. forão testemunhas o Padre Sebastião Delgado, Thome Rodrigues Carri-so e otras pessoas e para lembrança fiz este termo que assignei mes e dia ut. s.^a O L.^{do} Duarte M^z Carrasco.»

(*Livro de Casamentos da Freguesia de S. Pedro d'Elvas, dos annos de 1629 a 1677, fol. 63 v.*—Archivo da Camara Ecclesiastica d'Elvas).

XIX

Casamento de um escravo cativo no seculo XVII

«Aos onse dias do mes de Junho de mil e seis centos e dous annos eu Nuno d Azeuedo Vigairo nesta Sancta See de mandado do sor prouisor recebi de presente por marido e molher como manda a Santa madre Igreja ha João mendez homẽ baço escauao catiuo de Ant.^o de Crasto com Isabel roiz veuva sendo primeiro corridos os banos e feitas todas as diligencias neseçarias e notificado a ao dito Antonio de Crasto q̃ dise q̃ nã empedia o matrimonio porem que protestaua nã lhe prejudicar o poder uender o dito seu escauao João mendez pera honde lhe bem viesse / e forão testemunhas presentes Domingos Fr^z / Manoel Alz tendeiro, digo, tecelão e Domingos roiz tendeiro e Isabel M^z e otras muitas pe-soas e por asim pasar na verdade fiz este termo e o asinei dia e anno sp.^{ra}— N.^o Caz.^{do} ».

(*Livro de casados da Sé d'Elvas, dos annos de 1567 a 1646, fol. 267*—Arch. da Camara Ecclesiastica d'Elvas).

XX

Onze sangrias para curar um catarrhal

«Aos vinte e hum dia do mes de Abril de mil settecentos e setenta e oitto falleço da vida prez.^{te} Roza Joaq.^a mulher de Ant.^o Martins cabreiro no m.^{te} do Regengo termo desta Villa n.^{al} da fregz.^a do Salvador termo da Villa de Monforte Bisppado de Elvas, não fes testamento nem recebeo sacramentos por culpa do Barbeiro que tendo lhe dado honze sangrias por huma catarral a não mandou confessar contra a nossa Constituição. Jás na S.^{ta} Caza da Misericordia desta Villa. E. por verdade fis este acemto dia mes e hera ut supp. O Prior Francisco da Costa Mattos.»

{Livro para os Assentos dos defunctos da Villa de Barbacena, dos annos de 1765 a 1786, fol. 24.—Archivo da Camara Ecclesiastica d'Elvas}.

XXI

Cocos

«Porque amar a Deos a medo, he ter espirito de espantailho . . . Sò aos mininos espantão cocos. Os que já são grandes, folgão muito de comêllos.»

(Frei Antonio das Chagas, Cartas espirituaes. CARTA LXXII.)

« . . cayòsele la cabellera, y quedò monstruo la que fue prodigio, y la que auia atraído tantos Sirena, aora los ahuyentaua coco.»

(Obras de Lorenzo Gracian. Tom. 1.—El Corti-con.—Tercera Parte.—Cris. Primera.—, fol. 297.)

XXII

Uma tourada em Villa Boim

.....
«A praça é improvisada num largo, no centro da villa, atravessado pela estrada publica e interceptada a communicação por uma fileira de carros mateiros, que circumda este largo e formam uma como galleria corrida sobre a qual se vêem apinhadas quasi todas as pessoas da

terra. Neste lugar se notam principalmente as elegantes raparigas, sendo talvez nesta parte do Alemtejo onde se encontram as feições mais bellas e de uma esthetica mais harmonica, de mistura com uma robusta saude e frescura. Rapazes e mulheres, moços e velhos, tudo se mistura nestes grupos enfileirados sobre os carros, e esperam anciosos desde muito cedo, apesar do ardor do sol, o começo da corrida. Os rapazes mais animosos esperam sobre a praça; é aqui a reunião dos valentes, dos pimpões; é aqui que elles se mostram ás suas queridas, e lhes offercem os premios da corrida em homenagem ao seu amor e dedicação; é aqui, pois, que elles esperam a saída do touro, que hão de domar e vencer. Não é a fatuidade, que em gente simples não tem guarida, que os leva á praça; é o exercicio, é o conhecimento pratico destes animaes, com que diariamente lidam, que os conduz impavidos a afrontar o touro bravo, evitando com destreza costumada o ataque do animal, e empregando a força muscular, verdadeira força sem artificio, em lhe neutralizar todos os esforços. As suas aspirações são estas.

As horas passam-se e todos estão anciosos. A philarmonica da villa já se ouve ao longe: é uma valsa estridente com que chama o festeiro e lhe agradece á porta o classico chibo assado das bodas festivaes.

Começa o bulicio na praça: as raparigas levantam-se e sacodem as saias; os camponios animam-se e como que despertam do lethargo que a demora lhes causou. Aquella languidez amorosa cessou, e, num momentaneo extasi, os valentes da praça defrontam com as suas queridas, como que offertando-lhes as sortes arriscadas.

Chegou o festeiro: era o abastado lavrador José Antonio Bagulho, dono tambem do gado.

A phylarmonica toma assento em um dos carros e o seu repertorio variado começa a exhibir-se. Todos os rostos sorriem, todos se preparam, e a alegria transborda em moços e velhos.

Dá-se o signal de começo: sae um touro, e outro, e outro (correram-se 27), cada qual mais bravo, mais formoso, e ligeiros como gamos, todos. Os moços correm, picam, saltam; uns fogem, outros occultam-se debaixo dos carros; aqui cáe um, ali se levanta outro, é grande a confusão, e os gritos sobresaem ás ininterrompidas harmonias da musica, em estridor infernal! Agora se agrupam todos, saltam ás pontas, e, pendurados, fulminam o animal fremente e espumoso, que pára e cáe. De repente todos se affastam, e o bravo touro, urrando e como envergonhado, investe de novo, mas procura por fim o asylo seguro, que o recebe sem uma farpa, sem uma bandarilha, sem uma «monha».

Chovem as palmas e os «hurras» de todos os lados. As valentes rapagões vão receber em premio as fitas offercidas pelo lavrador, que mais uma vez se congratula em não haver desastre a lamentar.

Foi do carro do sr. Bagulho que presenciamos esta folgança, que se afasta de todas as corridas de touros, quer portuguesas, quer hespanholas.

Não ostentando o esplendor da verdadeira tauromachia, é interessante pela sua simplicidade, que lhe dá quasi o aspecto de uma exposição de touros bravos».

(*O Elhense*, n.º 5, de quinta-feira 8 de julho de 1880).

XXIII

Luzes sobre as sepulturas

«Em Badajoz, e crêmos que em toda a Hespanha, é costume na noite de 1 para 2 de novembro, ir cada familia ao cemiterio, em piedosa visita, depositar uma lanterna com luz sobre a sepultura dos seus parentes; e na tarde de 2 tornarem alli para recolher essas lanternas e orarem pela alma d'aquelles que lhes foram caros. Neste anno, apesar do dia estar muito chuvoso, a concorrência a esta commemoração foi numerosissima.»

(*Ibidem*, n.º 22, de 7 de novembro de 1880).

XXIV

Pescarias no dia de S. José

«No dia de S. José dá a boga na cascalheira: é axioma sabido e seguido pelos elvenses, que para a pescarem, ou com esse pretexto, correm em ranchos folgazões a passar com amigos ou com suas familias o dia nas margens do Caiola, Casa, Guadiana, e outros rios, onde em alegre refeição consomem o seu chibo assado, precedido da picante *escalda* de peixe, e esgotam a borracha do puro de Borba.

Ha individuos, chefes de familias, que não faltam a este *dever*, ainda que o tempo esteja tempestuoso. Consideram isto como uma romaria necessaria, indispensavel».

(*Ibidem*, n.º 42, de 27 de março de 1881).

A *escalda* é um picante guisado, ou antes, uma sopa de pão, em caldo de peixe; e bem apropriado é o nome que lhe dão, porque para *escaldar* e para damnar gargantas e estomagos, nada ha melhor. Eis a receita do guisado: Faz-se um polme, composto de pimentão picante,

alhos esmagados, poêjos, azeite, vinagre e sal, e leva-se ao fogo numa tigela de barro; deixa-se refogar esse polme, deitando-se-lhe agua fria a pouco e pouco; ao abrir fervura junta-se-lhe o peixe, e em este estado cozido, tira-se a tigela do lume e derrama-se o caldo numa terrina onde se teem posto em camadas fatias de pão; por cima das sopas deita-se o peixe, deixa-se aboborar um bocado, e serve-se.

XXV

**{ Altos e grados
{ Com trezentos Diabos!**

«Como se sabe, é antiquissima esta tradição popular que se attribue á Virgem Maria quando fugia com o Redemptor para Bethlem, a fim de o livrar da degolação de todos os innocentes ordenada por Herodes: passando por campos semeados de tremoços, estes, com o arruido que faziam, denunciavam a sua passagem, e, por isso, lançou-lhes a seguinte imprecação — *amaldiçoados sejaes, e nunca saciareis quem vos comer!*

Ora como antidoto, quiçá, a esta maldição, usam os nossos homens do campo, quando semeiam aquelles legumes, dizer em voz alta: *Altos e grados, com trezentos diabos!* ».

(*Ibidem*, n.º 46, de 24 de Abril de 1881).

XXVI

**Programma elaborado pela Camara
Municipal d'Elvas para a recepção de D. Pedro V,
em outubro de 1860**

«No dia da chegada de S. M. El-Rei, a camara saindo dos paços do concelho á hora apropriada, de capa e volta, e chapeos na cabeça, levando o vereador mais moço o estandarte, se dirigirá á ultima porta da cidade, da qual segue o caminho para a cidade de Olivença; ahi fará alto, e se demorará. Logo que tenha noticia da proximidade de S. M., á ultima volta que faz a estrada coberta, junto á referida porta, se dirigirá ao coche, e a pouca distancia, parando-se entregará as varas ao continuo. O presidente, adiantando-se, chegará ao dito coche, e lhe dirigirá a falla, offerecendo-lhe as chaves da cidade.

Feita esta cerimonia, e querendo S. M. entrar na cidade a pé, a

camara, dirigindo-se á porta, onde deve estar pronto um pallio de seis varas, pegará nelle, e recebendo S. R. M. assim caminhará até á Sé, vindo descoberta. O vereador que levar o estandarte tomará logar no prestito, adiante do pallio, mas junto ao mesmo e do lado esquerdo, ficando o da direita para superiormente ser occupado na fórma do costume.

Apenas S. M. entrar a porta da Sé, onde deve estar o cabido com o seu pallio, a camara entrega o seu, recebe as suas varas, e segue na rectaguarda de S. M. até ao logar do costume, onde devem estar as cadeiras para assistir ao Te-Deum; findo o qual, retirando-se S. M., a camara, fóra da porta principal, torna ás varas do pallio e a receber S. M., acompanhando-o assim até á ultima escada fóra do adro, aonde S. M., querendo, entra no coche e se dirigirá ao palacio do Bispo; porém, indo a pé, a camara o acompanhará com o pallio, debaixo do qual irá S. M.

Finda a cerimonia, a camara se recolhe aos paços do concelho, e tendo a previa licença, irá receber as ordens de S. M. El-Rei.

No caso porém que S. M. se não apêe ás portas da cidade, e faça a sua entrada a cavallo, ou em coche, não servindo o pallio, a camara, no prestito que deve vir adiante, toma o logar como já se referiu, e assim irá até chegar ás escadas da cathedral, onde estará o pallio pronto; e a camara, pegando nas varas, recebe a S. M. e o acompanha até á porta, onde deve estar o cabido, seguindo-se em quanto ao mais tudo o que escripto fica».

(*Livro das vereações da Camara Municipal d'El-Rei, do anno de 1860. — Vereação de 15 de Outubro de 1860.*)

XXVII

Os casaquinhas

«Quer saber o leitor quem eram em 1823 *os casaquinhas*? Eram os cidadãos da guarda civica: o germen do pequeno partido liberal, votado já ás persiguições anarchicas, interrompidas depois em 1826 e 1827 com a data da Carta, e extremadas de 1828 até 1834. Constituiam uma companhia pequenissima, que nunca fez serviço. Tenho sufficiente lembrança ainda do seu uniforme. Era de pano cõr de pinhão, tanto a calça como a farda, tendo esta pequeninas abas e dragonas de pano, tudo guarnecido de canutilho de prata. A parte que hoje reputariamos mais original consistia no chapéu cylindrico alto, de que usavam estes apaixonados guardas, em logar de barretina ou barrête, adornado com uma fita larga azul e branco».

(*O Elvense*, n.º 992, de 20 de Agosto de 1890).

XXVIII

«Aquelle fêz-se á Malta»

«Todas as terras da Ordem de Malta em Portugal tinham muitos privilegios. Quando algum individuo, caseiro da Ordem, era inquietado com pedidos ou serviços publicos, invocava os seus *privilegios*, e ficava logo isento. E' por isso que ainda hoje, quando alguém se exime de qualquer obrigação ou serviço, ou do pagamento de qualquer divida, sob plausivel ou futil fundamento, costumámos dizer: *aquelle chamou-se á Malta*, ou *pôs-se á Malta*, ou *fêz-se á Malta*, isto é, invocou os privilegios dos vassallos da Ordem de Malta. D'aqui o *maltês* alemtejanho?»

(O *Elvense*, n.º 1128, de 12 de novembro de 1891).

XXIX

«E' quem dá os dias santos»

«Os parochos em os Domingos darão os Santos de guarda que caírem na semana».

(*Constituições do Bispo d'Elvas*, fol. 75).

XXX

Comparações populares

Aborreces-me como cão morto.
 Amigo, como a cabra do cutello.
 Anda, como dromedario; — como sapo por alqueives.
 Assim medre meu sogro, como cão detraz do fogo.
 Bebe como um funil; — como um forneiro.
 Calado como toucinho em sacco.
 Cheio como uma colmeia.
 Como quem vai de caminho . . .
 Como saco de carvoeiro, mau por fora, peor por dentro.
 Cresces e aborreces, como o filho do asno.
 E' como os bois do João Affonso, que fogem da relva para a erva.

E' como o burro do Vicente, em cada feira vale menos.
E' como o burro de S. Bras, quem os não quer ter, não os faz.
E' como o João Gomes, foi em sella, tornou de alforges.
E' como as tourinhas, sempre cae em pé.
Falso como manta de retalhos.
Feio como um côco.
Largo e estreito, como o anno mau.
Maior é o anno que o mês.
Mão sobre mão, como mulher de escrvão.
Mente mais do que dá por amor de Deus.
Mente Martha, como sobrescripto de carta.
Mette-se como cebolinha em restea.
Poz-se á espreita, como um gato.
São como os sapateiros dos Arcos, que põem a sovela no chão.
Sei isto como as minhas mãos.
Servir como um mouro.
Só, como o espargo no monte.
Tal é o dado, como seu dono.
Tal é o demo, como sua mãe.
Tal é o servo, como o senhor.
Tem tanta graça como um carapeteiro secco.
Tanto morre o Papa, como o que não tem capa.
Tanto morrem os cordeiros, como os carneiros.
Tanto se me dá d'isso, como do chiar d'um carro.
Vá de roda como os cães.
Valente como a serpe.
Vasa-se como um odre.

XXXI

Proverbios e anexins

Quem parte e reparte, e não tira a melhor parte, ou é tolo, ou não tem arte.

Se a mulher soubesse a virtude da arruda, buscava-a de noite á lua.

Por tres dias de ralhar, ninguém deixe de casar.

Uma figa ha em Roma, para quem lhe dão e não toma.

Nem tudo é para todos, nem todos são para tudo. (*Non omnia possumus omnes*).

Mana, calçotes, que está a cevada nos potes.

Quem bem bailou, sempre o geito lhe ficou.

Cada mocho a seu coito.

Para passas é cedo, para figos é tarde.

Bem sei o que digo, quando pão *pido*.

Cada qual ajuiza conforme entende.

Grande bota, grande palmilha.

Digo-t'o nora, para que me entendas, sogra.

Não ha rainha sem vizinha.

No dia de S. José salta a boga na cascalheira (cfr. supra, pag. 249).

Na boda dos pobres tudo são vozes.

Vender e arrepender.

Por dar, dão, dizem os sinos de Santo Antão.

Quem troça também morre.

Aprendiz de Portugal, não sabe coser e quer cortar.

O que muito custa, muito vale.

Dia de S. Thomé, quem não tem porco mata a mulher; e quem não tem mulher, mata o filho mais gordo que tiver.

Em caíndo o Natal á segunda-feira, tem os lavradores de alargar a eira.

Quando te digo que a burra que é preta, olha-lhe p'r'ó cabelo.

Aprender bons officios e viver em boas terras.

Quem foge obedece.

Sopas de ganhão, de cada tres um pão.

Papas até á porta; migas até ao arado.

Mulher sem enredos, bolsa sem dinheiro.

Em tempo de guerra não se limpam armas.

Pouco vale o que pouco custa.

Casa feita, sepultura aberta.

Muito palrar, pouco pensar.

Quem não entende, não attende.

Acabada a dependencia, acaba a correspondencia.

Tende paciencia, e tereis sciencia.

Homem sem noticias, mundo ás escuras.

Caminho começado, meio andado.

XXXII

Cento e dezanove locuções portuguezas comparadas com as similares de varios paises romanicos

- 1) Abarcar o céu com as mãos ambas.

Em França: Prendre la lune avec les dents.

- 2) Achou a fôrma do seu pé (*ou* do seu sapato).

Em França: Il a trouvé chaussure à son pied. *Em Hispânia:* Hallar la horma de su zapato.

- 3) Adorar o sol nascente...

Em França: On adore plutot le soleil levant, que le soleil couchant.

- 4) Á falta de homens...

Em Hispanha: A falta de hombres buenos, hicieron á mi padre alcalde.

- 5) Agarrar a occasião pelos cabellos.

Em França: L'occasion a tous les cheveux au front. *Variante:* Il faut saisir l'occasion aux cheveux.

- 6) Amigo velho, sem caruncho.

Em França: Vieille amitié ne craint pas rouille.

- 7) A montanha pariu um rato.

Em França: La montagne a enfanté une souris. — A origem está, como é sabido, numa fabula de Phedro.

- 8) Anda o carro adiante dos bois.

Em França: Il ne faut pas mettre la charrue devant les bœufs.

- 9) Andar de Herodes para Pilatos.

Em França: Mener de Cayphe à Pilate.

- 10) Andar Séca e Méca.

Variante: Andar Séca e Méca, e olivães de Santarem. *Em Italia:* Andar dal pero al fico. *Em Hispanha:* Andar de ceca en meca. *Variante:* Andar de ceca en meca y de zoca en colodra. (*D. Quixote*).

- 11) Aquelle tem o pae alcaide...

Em Hispanha: Quien padre tiene alcalde seguro va á juicio.

- 12) Atacar com balda certa...

Em Hispanha: No hay peor burla que la verdadera.

- 13) Até as formigas tem catarrho.

Em Hispanha: Aun no ha salido del cascarron, y ya tiene presuncion. *Variantc:* Hasta los escarabajos tienen tos. *Outra:* Hasta los gatos tienen romadizo. *Outra:* Hasta los gatos quieren zapatos.

- 14) Bilha de leite por bilha de azeite.

Em França: Donner un œuf pour avoir un bœuf.

- 15) Brinca brincando...

Em Hispanha: Burla burlando...

- 16) Cacarejar e não pôr ovo.

Em Hispanha: Cacarear y no poner huevo.

- 17) Buscar agulha em palheiro.

Em França: Chercher une aiguille dans une botte de foin.

- 18) Cada um é senhor do seu nariz.

Em França: Le chat commande à sa cue (queue). (*XV^e siècle*).

- 19) Cara estanhada.

Em França: Avoir le frond d'airain.

- 20) Cartas na mesa, jogo franco.

Em França: Jouer cartes sur table.

- 21) Chegou-lhe a mostarda ao nariz.

Em França: La moutarde lui monte au nez.

22) Clamar no deserto...

Em Italia: Chi predica al deserto perde il sermone. *Em Hispanha:* Predicar en desierto, sermon perdido. *Variante:* Predicame, padre, que por un oido me entra, y por otro me sale.

23) Comprar nabos em saco.

Em França: Folie est d'accepter chat en sac. *Variante:* C'est mal achat de chat en sac. (*XVI^e siècle*).

24) Com razão, ou sem ella.

Em França: A tort ou à raison.

25) Cantar mal e aporfiar.

Em Hispanha: Cantar mal y porfiar.

26) Crescer a agua na bocca.

Em França: Celle fait venir l'eau à la bouche.

27) Curar-se em saude.

Em Hispanha: Ponerse el parche ántes de que salga el grano. *Variante:* Curar-se en salud. *Outra:* Si quieres que no te den, ántes de darte quéjate.

28) D'ahi lavo as minhas mãos.

Em França: Je m'en lave les mains.

29) Dar ás de Villa-Diogo.

Em Hispanha: Tomar las de Villadiego.

30) Dar tempo ao tempo.

Em Italia: Dá tempo al tempo.

- 31) Deitar água no mar.

Variante: Chover no molhado. *Em França:* Porter de l'eau à la mer. *Variante:* Porter de l'eau à la rivière.

- 32) Deitar poeira nos olhos.

Em França: Jeter de la poudre aux yeux.

- 33) Dois cães a um osso...

Em França: Un os à deux mastins ensemble combien qu'il soit gros, et trop peu. (*XVI^e siècle*). *Variante:* Deux chiens à un os ne s'accordent.

- 34) Dois galos num poleiro...

Em Italia: Non istanno bene due galli in un pollaio.

- 35) Dourar a pilula...

Em França: Dorer la pilule à quelqu'un.

- 36) D'uma cajadada matar dois coelhos.

Variante: De uma via, dois mandados. *Em Italia:* Fare un viaggio, e due servizzi. *Em França:* Faire d'une pierre deux coups. *Em Hispanha:* De un camino dos mandados. *Variante:* Por atun, y ver al duque.

- 37) É cão de todas as bodas.

Em Hispanha: Perrillo de muchas bodas no come en ninguna por comer en todas.

- 38) É deitar perolas a porcos.

Em França: C'est jeter des perles à un pourceau.

- 39) Ensinar o Padre-nosso ao Vigário.

Em França: Veulx tu apprendre au filz de pêcher à manger du poisson. (*XVI^e siècle*).

- 40) Entre a pera e o queijo...

Em França: Entre la poire et le fromage.

- 41) Esgotar o calix até às fezes.

Em França: Avaler le calice jusqu'à la lie.

- 42) Está o diabo atrás da porta.

Variante: Nem sempre o diabo está atrás da porta. *Em França:* Le diable n'est pas toujours à la porte.

- 43) Estão de casa e pucarinho.

Em França: Ils sont ensemble à pot et à rôti.

- 44) Estão verdes, não prestam...

Em França: Aussi dist le renard des mures, quand il n'en peult avoir: «Elles ne me sont point bonnes.» (XVI^e siècle). *Em Espanha:* Agrillas eran, dijo la zorra.

- 45) Está pelos olhos da cara. (Custa extremamente caro).

Em França: Celà coute les yeux de la tête.

- 46) Estar com a pedra no sapato.

Variante: Estar com a pulga no ouvido. *Em França:* Avoir la puce à l'oreille. *Na Espanha:* Estar con la mosca en la oreja.

- 47) Estar com o pé no estribo.

Em França: Avoir toujours le pied à l'étrier.

- 48) Estar seguro a duas amarras.

Em Italia: Tener il piede in due staffe. *Variante:* Chi tiene il piede in due staffe, spesso si trova fuora. *Em França:* Avoir plusieurs cordes à son arc.

49) Estender a linha...

Em França: Allonger la courroie.

50) Espirram os bodes, é signal de bom tempo.

Em Italia: Quando il tiempo se muta, la bestia starnuta.

51) Fazer castellos no ar.

Em França: Des chateaux en Espagne. *Em Hispanha:* Hacer castillos en el aire.

52) Fazer da necessidade virtude.

Variante: Fazer das tripas coração. *Em Italia:* Bisogna fare di necessità virtù. *Em França:* Faire de nécessité vertu. (XVI^e siècle).

53) Fazer o diabo a quatro.

Em França: Faire le diable à quatre.

54) Fazer o ninho atrás da orelha...

Em França: Jamais ne fut ny sera qu'une souris fasse son nid en l'oreille d'un chat. (XVI^e siècle).

55) Fazer ouvidos de mercador.

Em Italia: Far orecchi di mercatante. *Em Hispanha:* Hacer orejas de mercaderos.

56) Faz-me a boca em agua.

Em França: Cela fait venir l'eau à la bouche.

57) Gabo-lhe o gosto...

Em Hispanha: Alabo el gusto.

58) Ha mais Marias na terra...

Em Hispanha: Hay muchos burros de un mismo pelo.

- 59) Ir buscar lan e vir tosquiado.

Em Hispanha: Ir por lana y volver trasquilado. *Em França:* Souvent qui vient pour tondre s'en retourne tondu.

- 60) Ir no cavallo dos frades...

Em França: Aller sur la haquenée des cordeliers.

- 61) Isto salta aos olhos.

Em França: Celà crève les yeux. *Variante:* Celà saute aux yeux.

- 62) Ladrar á Lua.

Em Francez: Abboyer à la Lune. *Variante:* Dieu garde la Lune des loups.

- 63) Lá foi tudo quanta Martha fiou.

Em França: Quant Marthe file et Ambroise hable leur cas est triste et pitoyable. (*XVI^e siècle*).

- 64) Lagrimas de crocodilo.

Em França: Pleur de femme, crocodile semble.

- 65) Leva tudo á ponta da espada.

Em França: Il veut avoir les choses à la pointe de l'épée.

- 66) Levou-o á parede.

Em França: Mettre quelqu'un au pied du mur.

- 67) Matar o tempo.

Em França: Nous tuons le temp.

- 68) Medir a todos por parelho.

Em Italia: Menar la mazza tonda. *Em Hispanha:* Llevar a todos por un parejo.

69) Me melem, se isto não é assim.

Variante: Me pellem, se isto não é assim. *Em França:* Je veux qu'on me tonde.

70) Menos lobos, compadre...

Em França: On croit toujours le loup plus grand qu'il n'est. *Em Hispanha:* Achicad compadre, y llevareis la galga.

71) Muita parra, pouca uva.

Variante: Muita galinha, pouco ovo. *Em Italia:* Molto fumo e poco arrosto. *Em França:* Il y a plus de paille que de grains...

72) Muito pode o gallo em seu poleiro.

Em Hispanha: Cada gallo canta en su muladar.

73) Não é por ahi que o gato vae ás filhós.

Em França: Ce n'est pas par là que le pot s'enfuit. *Em Hispanha:* No prende ahi el arado. *Variante:* No está en eso la dificultad.

74) Não tem nem uma de cinco (*var.:* ou de xis=X).

Em França: N'avoir ni sou ni maille.

75) Não vale o pão que come.

Em França: Il ne vaut pas le pain qu'il mange.

76) Nem ata, nem desata.

Em Hispanha: Ni ata ni desata.

77) O Diabo é tendeiro, vende agulhas por dinheiro (*ou:* e arma tendas sem dinheiro).

Em Italia: Il diavolo è sottile, e fila grosso.

78) O diabo não tem sono.

Variante: O diabo não dorme. *Em França:* Le diable ne dort jamais. *Em Hispanha:* El diabo no duerme. *Variante:* El diablo no todas veces duerme.

- 79) O nariz não é feição.

Em França: Jamais long nez ne gâte beau visage.

- 80) Ou Cesar ou João Fernandes.

Em França: Roi ou rien.

- 81) Outro gallo me cantára.

Em Hispanha: Otro gallo me cantara.

- 82) Palavras ao vento.

Em França: Des mots au temps sont emportés par le vent.

- 83) Pão pão, queijo queijo.

Em Hispanha: Al pan pan, y al vino vino.

- 84) Para ti é que cantou o cuco.

Em Hispanha: Por vós cantó el cuchillo.

- 85) Perder a trasmontana (*estrella polar*).

Em França: Perdre la tramontane.

- 86) Pescador de aguas turvas...

Em França: Eau trouble, gain du pêcheur. (*XVI^e siècle*).

Variante: Il n'est que pêcher en eau trouble. (*Idem*). *Outra:* Pescher en eau trouble est gain triple ou double. (*Idem*).

- 87) Pobre é o diabo...

Em França: Le diable est pauvre, qui n'a point d'âme.

- 88) Põe palha, Maria, que faz brasa...

Em Italia: Chi di paglia fuoco fa, piglia fumo e altro non ha.

- 89) Por artes de berliques e berloques.

Em Hispanha: Por arte de birli berloque.

- 90) Por elle não metto as mãos no fogo...

Em França: J'en mettrais la main au feu.

- 91) Por fas ou por nefas.

Em Hispanha: Por ce ó por be, se salió con la suya.

- 92) Quando as gallinhas tiverem dentes.

Em França: Quand les poules auront des dents.

- 93) Quebrar lanças por alguem.

Em França: Rompre une lance pour quelqu'un.

- 94) Quem não te conhecer, que te compre.

Em Hispanha: Quien no te conoce, que te compre.

- 95) Quem pergunta quer saber.

Variante: Quem pergunta não erra. *Em Hispanha:* Quien pregunta no yerra.

- 96) Quem porá o cascavel ao gato?

Em França: Attacher le grelot.

- 97) Quem viver, verá.

Em França: Qui vivra verra.

- 98) Quero-lhe a pelle para um tambor.

Em França: Faire la peau d'un bonhomme un tambour.

- 99) Sahida de cavallo e parada de sendeiro.

Em Hispanha: Corrida de caballo y parada de borrico.

- 100) Saltar de cavallo para burro.

Em França: Devenir d'Éveque meunier.

101) São feitos da mesma massa.

Em França: Ce sont gens de même farine.

102) Se é rico, que jante duas vezes.

Em França: S'il est riche, qu'il dine deux fois.

103) Sem comê-lo, nem bebê-lo.

Em Hispanha: Sin comerlo ni beberlo.

104) Sem pés nem cabeça.

Em França: Sans queue ni tête.

105) Sonhava o cego que via...

Em Hispanha: Soñaba el ciego que veía, y soñaba lo que quería.

106) Tarde piaste...

Em França: A tart crie l'oiseau quand il est pris.

107) Tem mais olhos que barriga.

Em França: Il a plus grands yeux que grand ventre. *Variante:* Avoir plus grands yeux que grand panse. *Outra:* L'en ne doit pas avoir les yeux plus grands que le ventre.

108) Tem o coração ao pé da boca.

Em França: Avoir le cœur à la bouche.

109) Tem o diabo no corpo.

Em França: Avoir le diable au corps.

110) Tempestade num copo de água.

Em França: Faire une tempête dans un verre d'eau.

- 111) Tirar a sardinha com a mão do gato.

Em França: Faire comme le singe, tirer les marrons du feu avec la patte du chat. (XVI^e siècle).

- 112) Tomar as dores antes do parto.

Em Hispanha: No temas mal incierto.

- 113) Trabalhar para o Bispo.

Em França: Travailler pour le roi de Prusse.

- 114) Uma cabana, e o teu amor...

Em Hispanha: Contigo pan y cebolla.

- 115) Uma no papo, outra no saco.

Em Italia: Quel che no va nel mánico, va nel canestro. *Em Hispanha:* Una en el papo y otra en el saco.

- 116) Vê-lo-hemos...

Em Hispanha: Allá lo veredes, dijo Agrales. *Variante:* Todo andará bien, si la varita no se quiebra.

- 117) Vender gato por lebre.

Em Italia: Vendere lucciole per lanterne. *Variante:* Mostrar'a uno la luna nel pozzo. *Em França:* Vendre des vessies pour des lanternes. *Variante:* Me veux-tu faire accroire de vessies que ce sont lanternes? (XVI^e siècle). *Outra:* Veux-tu me faire croire que des vessies sont des lanternes? *Em Hispanha:* Vender gato por liebre.

- 118) Voltar a casaca.

Em França: Tourner casaque.

- 119) Verde é esperança...

Em Italia: La speranza é sempre verde.

(Elvas).

A. THOMÁS PIRES.

Sobre um verso de Gil Vicente ¹

I

CARTA ABERTA AO EMINENTE POETA AFONSO LOPES VIEIRA

Meu prezado amigo:

Entre as cousas que se tem accusado de intrincadas na interpretação de Gil Vicente, figura um celebre verso do *Auto da Barca do Inferno*, apresentado nas edições até hoje apparecidas sob a seguinte enigmatica forma:

Ora venha a caro a ré.

Na sua excellente adaptação, o meu caro poeta adoptou, para o tornar intelligivel, a versão proposta pela insigne romanista a sr.^a D. Carolina Michaëlis de Vasconcellos:

Ora venha Caronte a ré.

Com o devido respeito pela sabia professora, esta lição afigura-se-me absolutamente caprichosa, e, como assevera o nosso commum amigo e brilhante critico Manuel de Sousa Pinto (*A Mascara*, n.º 1, recentemente publicada), de «um descabido significado mythologico».

Para substituir esta versão, alvitra Sousa Pinto outra, que não me parece mais plausivel, indo catar ao *Cancionciro da Vaticana* a expressão *a carom* ou *acarom*, que por signal figura no *Elucidario* de Santa Rosa de Viterbo com os significados: «A' face, á vista, junto, perto, descubertamente e sem cousa alguma de permeio». Ficaria pois o verso assim transformado:

Ora venha a carom á ré.

¹ [Por serem muito dignos de ficar archivados em uma revista philologica, transcrevo aqui, do *Diario de Noticias*, onde primeiro appareceram, estes artigos. Tenho para isso devida auctorização de seus auctores. — J. L. DE V.]

E, mau grado a interpretação elucidativa do nosso prezado Sousa Pinto, não vejo que a phrase adquira por tal geito uma extrema clareza. Diz elle: «O Diabo, no citado verso, quer provavelmente apenas dizer que vem *acaró á ré* ou *acarom ré*, isto é, á prôa, pois que, para mais certeza, da situação inicial da obra se conclue que aпроou naquelle momento».

Ora em primeiro lugar, a phrase *a carom* ou *a carão*, por *defronte* ou *á face* exige para seu complemento a preposição *de* e não a preposição *a*. *A carom de ré* seria, pois, a lição devidamente alterada, querendo dizer porventura que se voltasse (quem?) para ré.

Mas, em segundo lugar, a interrogação que deixo sobre o sujeito da oração permanece no meu espirito sem resposta. O verbo está na terceira pessoa, e não permite pois supôr que o espirito das trevas se dirija ao interlocutor, cuja dignidade exclue um tratamento, apenas usado naquelles tempos, de ordinário, de inferior para superior.

A interpretação está pois longe de me satisfazer, tanto mais que de ha muito, um instante embaraçado pela manifesta infidelidade de um copista descuidado ou de um compositor insciente, me surgiu luminosamente ao espirito a glosa, da qual, salva a minha deferencia pelos doutos commentadores, será bastante difficil demoverem-me.

Quanto a mim, o desalmado copista ou typografo apenas feminizou o artigo, e, á semelhança de um grande numero de escritores e escreventes quinhentistas, desprezou o dobramento da consoante *r*, o qual na calligrafia da epoca se traduz por uma differença de caracteres. Explica-se facilmente a sua inintelligencia do texto vicentino, dado que o homem era de todo hospede em assumptos de nautica.

O verso, na minha opinião, é o seguinte:

Ora venha o carro a ré.

Assim apresentado, é possível que ao meu caro poeta elle não offereça um significado nitido. Nem o Lopes Vieira, nem o Sousa Pinto, se scandalizarão por certo, não tendo pretensão de encyclopedistas, se eu não lhes attribuir, e tambem á minha Ex.^{ma} collega D. Carolina Michaëlis, conhecimentos muito mais amplos do que os do copista em materia nautica.

Carro vem a ser termo nautico que nos dictionarios modernos figura applicado á verga de mezena, com a significação da extremidade mais grossa e inferior da mesma verga. Mais lata e exactamente, esse termo designa a parte inferior de uma antena de vela latina triangular, a qual é habitualmente virada para a prôa. Ha citações italianas e francezas da mesma palavra (*F. cart* ou *carre* neste ultimo idioma),

remontando ao século XVII, no *Glossaire Nautique* de Jal. Permitta-me o transcrever uma d'ellas, de Crescentio (*Nautica Mediterranea*, 1607):

«Il carro è la parte di proda» (dell'antenna) «chè nel far la vela quando si maniga sempre si volta al vento, et oue ataca il cantillo della vela».

Ora a barca do Inferno é uma caravela, como se vê no seguimento do texto. As suas velas triangulares envergam numa antena, cujo carro se volta para vante quando a vela está caçada. Tendo abicado a barca á praia, explica-se facilmente a manobra ordenada pelo Diabo, que mostra ser um perito arraes.

Desculpe-me o estendal de erudição marítima, que era indispensavel para perfeita comprehensão da minha glosa. Mas ocorre-me ainda uma citação frisante, a qual se acha a pag. 102 dos meus *Estudos sobre navios portugueses nos seculos XV e XVI*, em documento quinhentista que trata das medidas de uma caravela: «A Verga grande terá de comprido dezaseis bracas, fora o *carro* por respeito do virar que he latina...»

E basta de importunar os ouvidos da sua deliciosa Musa com estes prosaicos commentarios a Mestre Gil. Sirva-me de desculpa o estar persuadido, sem vaidade, de que a minha interpretação é segura e definitiva. Por muito feliz me darei se o seu luzido espirito assim a considerar.

Abraça-o o

Seu admirador e amigo obrig.mo

S/c, 22 de Janeiro de 1912.

Henrique Lopes de Mendonça.

II

a) AO REDACTOR DO «DIARIO DE NOTICIAS»

Meu prezado amigo

Desta vez não lhe peço desculpa. Pelo contrario. Exijo que me agradeça. Á minha modesta prosa deve uma colaboração inesperada: nada mais e nada menos que a da eminente romanista D. Carolina

Michaëlis de Vasconcellos. Distinguiu-me s. ex.* com a carta que remeto, e cuja publicação por meu intermedio solicita. Não tenho senão que felicitar os seus leitores.

Mas não ha medalha sem reverso. Ainda quando a minha contumacia não me induzisse á replica, não a escusa a muita e admirativa deferencia que merece a minha illustre contraditora.

Por isso, desde já lhe peço para o numero seguinte um cantinho em que possa dispôr as minhas minguadas hostes contra a poderosa fortaleza que me assoberba.

Este ultima sacrificio é que lhe agradece o

Seu admirador e amigo obrg.^{mo}

31/1/12.

Henrique Lopes de Mendonça.

*

b) EX.^{mo} SR. HENRIQUE LOPES DE MENDONÇA.

Só duas palavras muito á pressa, em replica á *Carta aberta* de v. ex.^a—que não me é dirigida, mas em que figuro. Desconheço o outro artigo publicado em «A Mascara», a que v. ex.^a se refere e que combate, mas tentarei vê-lo antes de responder *explicitamente* a ambos e ao gentilissimo e benemerito modernizador dos *Autos*, que já deverá estar sobresaltado e arrependido de me haver consultado, aceitando o meu alvitre por deferencia. O meu alvitre, ou os meus alvitres, visto que se trata da restauração de toda a quadra inicial do *Auto das Barcas*, deturpada na edição de Hamburgo, e tambem na de 1561, que lhe serviu de modelo. Para sossega-lo é que traço estas linhas provisórias de defesa. A demonstração plena da minha tese sairia longa, não cabe num *Diario*: reservo-a para a *Revista Lusitana* ou para o *Dionysos* de Coimbra.

Não é por teimosia que fico com a minha ou na *minha*, continuando a ler *Oravenha o Caron á ré!* Desde já seja dito que a modernização *Caronte*, que não aprovo, é de Afonso Lopes Vieira, e que ele a introduziu naturalmente para se tornar compreensível, visto que a forma *recla*, *nominativa*, usada de proposito pelos humanistas, a fim de distinguir bem o velho da Barca do rio Aqueronte que ele sulcava, é hoje desusada.

Rejeito decididamente tanto *acarom* — preposição composta, ainda hoje vulgar na Galiza, familiar a Gil Vicente e minha conhecida — como o *carro* que v. ex.^a propõe — *carro* do qual sei pouco; apenas o que aprendi no grande dicionário nautico, poliglota, de Bobrik, o suficiente todavia para o vocabulo figurar desde 1890 com tradução correcta no dicionário português-alemão de H. Michaëlis (minha irmã).

Fico-me na minha — porque posso apresentar provas concludentes, gerais e particulares, intrinsecas e extrinsecas, ou paleograficas e literarias — hauridas parte nas proprias obras do grande Gil, parte nas de um seu tradutor castelhano coevo, em duzias de outros textos quinhentistas — em preciosas edições ignoradas da *Barca do Inferno* e — *last not least* — nas ideias universais da Idade-media sobre os tres reinos de além tumulo, tal como elas se manifestam nas *Dansas-Macabras*, na *Divina Comedia*, nas *Cortes de la Muerte* e na demonologia dos teologos.

Reconstruam vv. ex.^{as} pela leitura da Trilogia inteira e das outras obras de devoção do fundador do teatro português a sua philosophia, e verão que curiosa mescla de ideia pagã e cristã, de elementos populares e de mitologias classicas ela é! Lembrem-se das inumeras reminiscencias greco-romanas que ha no folklore português. Para o caso da Barca servem o dinheiro metido nos caixões, verdadeiro obulo de Caronte, e as locuções *passar o rio* — *passar o vao* — *passar a barca*, etc. Lembrem-se do esplendido Charonte de Luciano, o grande satirico de Samosata e dos *Dialogos* dos seus imitadores italianos e castelhanos, muito em voga no tempo de Gil Vicente.

Persuadidos de que a ideia das *Barcas* é original do poeta português, inspirada pela actividade maritima da nação, vv. ex.^{as} não vêem que ele acolheu, como todos os escritores, as concepções e ideias do seu tempo e do seu meio; e talvez me apedrejem por não aceitar aquele dogma e por estar persuadida que o profundo braço de mar — foz de rio — lago — ou lagôa em que coloca as barcas é a *triste ribeira tartarea de Acheronte* — e que o barqueiro ou arrais que, remando, conduz as almas ao Inferno, não pode ser outra coisa senão o *Velho da Barca* — *il nocchier della livida palude*, de Dante Alighieri, cuja Divina Comedia Gil Vicente talvez (?) não conhecesse de viso, mas seguramente de fama.

Podem descansar, porém: não vou amesquinhar o meu predilecto — o genio mais inventivo que Portugal produziu. Muito pelo contrario, pretendo provar (quando tiver tempo) que ele não imitou modelos estrangeiros, a não ser nos seus principios pastoris. Mesmo aproveitando elementos preexistentes, foi criador especialmente na Trilogia das Barcas, que é a obra mais transcendental que lhe devemos.

Mas vamos ao verso *Ora venha o Caron à ré.*

Assim leio ha muitos anos. Ha vinte, ou mais, que guardo nas gavetas etimologicas um pequeno estudo, sobrescritado *Caron e Aqueronte*, em que provo que nesta peninsula, e sobretudo na occidental praia lusitana, bem pouco afeiçoada aos estudos classicos, houve confusão entre *Caronte* e *Aqueronte*, e que por isso mesmo os espiritos de selecção preferiram dar ao velho da Barca o nome *recto* e *nominativo*, reservando o obliquo para o rio que sai da lagoa da Styx, ou para ela corre. As provas que apresentarei são dez portuguezas; e outras tantas castelhanas.

Posteriormente conheci a admiravel redacção castelhana da *Barca do Inferno* — em duas edições raras por igual; e nelas vi com muita satisfação que o coevo de Gil, *que assistiu em Lisboa a uma representação do Auto*, trata o companheiro de Satanás constantemente de *Caron*; e que além disso reforçou a nota, tratando do *obulo*, dinheiro, ou *tostão* dos mortos, e do *Cão Cerbero*, etc. (transformado na boca de um Inocente, por etimologia popular, num *cão cerveiro* — papa-cervos). Eis um dos passos (do Introito) abreviado; só nas partes mais claras:

Mia fê, yo os quiero contar
no sé qué que vi en Lisboa,
que dicen que es *cosa boa*,
segun su comun hablar...
.....
no sé que navegacion
en un lago, rio ó mar...
.....
un hidalgo portuguès
venir á aqueste paraje
con gran rabo, silla, e paje
que de verlo reirés...
adonde, queriendo ó no,
embarcó, segun vi yo
com Caron y su valia
.....

E outro:

todos estos han entrado
con Caron.
.....
camino del Cancerbero.

Passo os restantes, muito significativos tambem.

Agora o principal. Posso em *fac-simile*, ou antes fotocopia, duas edições antigas da Barca. Uma é a verdadeira *editio princeps*!, impressa ainda em tempo de el-rei D. Manuel! — entre 1517 e 1521 — corrigida provavelmente pelo proprio Gil, que teve privilegio para todas as suas

obras—igual ao que Garcia de Rêsende tinha obtido para o *Cancioneiro Geral*.

Pois bem. Nesta impressão (superior á de 1561 em todos os sentidos)—a quadra inicial diz textualmente:

di. (=Diabo) Aa barca aa barca oulaa
que tenemos (*sic*) gentil maree
ora venha ho caro a ree

cõ. (=Companheiro) feyto feyto
dia, bem esta[a].

Como v. ex.^a vê: com todos os defeitos das impressões antigas—sem pontuação e sem letras maiúsculas, com um espanholismo, etc., etc.

Em outra impressão solta, posterior, mas que deriva directamente d'aquella, cortaram apenas o *h*, meteram algumas virgulas e maiúsculas, emendaram *tenemos*, cortaram alguns *aa* e *cc*.

Diabo

Aa barca, aa barca oula,
que temos gentil maré
ora venha o caro are.

Cõp. Feyto feyto. dia bem esta.

Sem destacarem a réplica do diabo.

Em ambas falta apenas o til sobre *caro* para termos o meu *Caron*.

V. ex.^a dirá que também falta apenas um *r* para o seu *carro*.

Mas francamente—eu não compreendo (olhando para as lindas gravuras de caravelas que adornam os frontispícios de ambas as impressões) como o tal *carro* pudesse *vir* de repente — e saltar *à ré!*

Páro aquí—pedindo desculpa.

Porto, 28-1-12.

De v. ex.^a

admiradora sincera

Carolina Michaëlis de Vasconcelos.

III

CARTA ABERTA Á SR.^a D. CAROLINA MICHAËLIS DE VASCONCELOS

Minha ex.^{ma} e douta colega:

Já particularmente o disse a v. ex.^a. Neste caso especial, e apenas neste, glorio-me de uma passageira vantagem sobre a sua inegável competência filológica. Essa vantagem deriva da minha profissão de marinheiro. Pessoa a quem seja familiar a tecnologia náutica, de que v. ex.^a, com louvável isenção, se confessa mediocrementemente conhecedora, não pôde duvidar um momento de que a minha interpretação seja a única plausível. Declara v. ex.^a, no fim da sua amabilíssima carta, não compreender «como o tal *carro* pudesse *vir* de repente e saltar á ré.» Esta incompreensão, num espírito singularmente lucido como o da minha erudita contraditora, provém seguramente de uma culpa minha: o não ter conseguido definir com clareza o vocabulo que leio sem sombra de duvida no debatido verso. Precisaria de certo de uma estampa elucidativa aqui mesmo. A' falta dela, porém, permita-me v. ex.^a que a convide a olhar atentamente «para as lindas gravuras de caravelas» (serão caravelas?) «que adornam os frontespícios» das edições que v. ex.^a possui.

Se são caravelas portuguesas autenticas, devem ter velas triangulares envergadas numa antena, a qual tem movimento em torno do ponto onde se achega ao mastro, como sobre um fulcro (evito quanto possível os termos técnicos, para melhor compreensão dos profanos). A parte anterior e inferior desta antena mais curta e mais grossa do que a parte posterior e superior, é que se denomina o *carro*. Este carro desloca-se para ré ou para vante, conforme a inclinação que se deseja dar á antena. Vindo para ré, aproxima mais a antena da vertical do mastro, e eleva por conseguinte a extremidade superior, o *lais*, onde se fixa o vertice da vela. É a manobra que o arrais infernal manda fazer ao companheiro, e cuja execução completa ele proprio certifica mais abaixo (verso 22), exclamando:

Verga alta, ancora a pique

e indicando assim que a caravela fica pronta a sarpar.

Portanto, não houve aparição subita, e muito menos salto do tal carro, sobre o qual se executou uma trivialíssima manobra, seguida de

outras que para bom alinhio do barco o diabo julga necessarias, como zeloso mareante que mostra ser:

...atesa aquella palanco...
Faze aquella poja lesta,
E alija aquella adriça.

Eu não poderia encontrar argumentos mais triunfais para a minha tese do que aqueles que v. ex.^a se digna fornecer-me, citando as edições anteriores do *Auto*. Efectivamente, com *h* ou sem ele, em ambas elas se acha o artigo no masculino, e na terceira pessoa o verbo, que no meu exemplar (a modesta edição de 1852) se encontra inexplicavelmente na primeira. Verdade seja que não existe duplicação do *r*. V. ex.^a sabe porém, muito melhor do que eu, que os quinhentistas a dispensavam de ordinario na escritura corrente, para evitar o *R* maiusculo, que correspondia ao nosso *r* geminado. Por conseguinte, qualquer das duas lições:

Ora venha ho caro arce

ou

Ora venha o caro are

identifica-se admiravelmente com a minha interpretação, e, com todo o respeito o digo, não fornece o mais leve argumento em favor da de v. ex.^a.

Acresce ainda a circumstancia de que a frase seguinte:

Feito, feito...

passando nessas edições para a boca do companheiro, claramente marca a execução da voz dada pelo arrais.

Tanto mais que a intervenção de Caronte, por muito que eu saiba do mistiforio pagão-cristão das obras da Idade Media e da Renascença (Vide *Lusiadas*), se me afigura—releve-me v. ex.^a o termo—importuna na transcendental (è a sua muito plausivel qualificação) Trilogia das Barcas. Nela o sentimento é todo cristão, sem mescla. Não vejo uma unica reminiscencia pagã, a não ser que se queiram assim classificar as alusões ás influencias planetarias, aventuradas pelo Onzeneiro da Barca do Inferno e pelo Tافل da Barca do Purgatorio.

Confrontando a Trilogia com as restantes obras de devoção do grande poeta, revela-se nela o meticoloso proposito de não deturpar a sua significação mistica, através dos plebeismos e dos desbragamentos inherentes á indole dos interlocutores, com a intromissão de uma personagem ou sequer de uma clara alusão mitologica.

Que a ideia da barca infernal provenha da tradição greco-romana, não o nego. Mas Gil Vicente, adoptando-a, transfigurou-a e deu-lhe o cunho cristão.

Eis o que me parece, salvo o respeito que devo á autorisadissima opinião de v. ex.^a. Lisonjeio-me por haver provocado a substanciosa lição, que, embora extemporanea, muito nos aproveita, a mim e aos leitores. Mas a minha convicção permanece inabalavel. Ha tantos anos a alimento, e tão entranhada ela se acha no meu espirito, que quasi me causou surpresa a duvida suscitada sobre a interpretação do já celebre verso. E levo a minha temeridade ao ponto de esperar que, meditando mais alguns momentos sobre o assunto, compenetrando-se do significado nautico do termo, v. ex.^a se converta ao meu parecer. Com o que honrará excepcionalmente o

De v. ex.^a adm.^o e v.^o att.^o

Lisboa, 1 de fevereiro de 1912.

Henrique Lopes de Mendonça.

IV

CARTA AO REDACTOR DO «DIARIO DE NOTICIAS»

Com a epigrafe acima, publica v. no *Diario de Noticias* de quinta feira uma carta-aberta do sr. Henrique Lopes de Mendonça ao sr. Affonso Lopes Vieira sobre a interpretação que este illustre poeta deu ao verso 3 do *Auto da Barca do Inferno*, seguindo a opinião da douta romanista D. Corolina Michaëlis de Vasconcelos.

A lição que o sr. Lopes Vieira nos apresenta, embora em nome de uma doutissima senhora que todos veneramos pelo seu alto saber, tambem não satisfaz a minha curiosidade, de simples estudioso. E embora — realmente o confesso — eu não encontrasse, na sumaria analyse que venho fazendo aos *Autos* de Gil Vicente, melhor explicação do caso, è certo porém que sempre supus que o verso se explicaria por uma ordem de manobra nautica, como outros seguintes.

A interpretação agora apresentada pelo sr. Lopes de Mendonça parece-me clara e irrefutavel. Sugerindo-me porém as seguintes observações:

Embora em todos os *Autos* de Gil Vicente haja sinais evidentes do desleixo e desatenção dos copistas, que muitas vezes se arvoravam em correctores, não me parece que no verso em questão:

ora venho a caro a ré

como se lê nas edições de Hamburgo e Lisboa (1852), haja mais que um descuido de composição, consistente na troca entre a vogal do artigo e a vogal final do verbo, facto frequente ainda hoje em provas tipográficas.

Quanto á falta de geminação ou dobramento do *r* não me parece constituir motivo para o ilustre investigador acusar o copista, ou antes, o tipógrafo que apenas comporia o que Gil Vicente escreveu.

Certas alterações que sofreram as palavras da nossa língua em determinadas épocas atravessaram os tempos, e, a par das formas cultas, veem até nós aferradas ao linguajar do povo, que é um grande mestre. Temos abundantes exemplos no proprio texto vicentino.

Caro seria pois forma popular de *carro*, no sentido apontado, porque ainda hoje a ouvimos entre os marítimos do nosso Tejo, a par das equivalentes: *cairo* e *carro*.

«Navegar a *carro*, *cairo* ou *caro* largo» é navegar com a escota folgada e verga atravessada, caçando a orça de barlavento ¹.

A voz do arrais do *Inferno*:

ora venha o caro a ré

equivale perfeitamente á que ainda hoje emprega o arrais de uma embarcação de latino triangular: «ala ou puxa o *caro* (*carro*, *cairo*) a ré» para que, quando orça, a parte da vela que está a vante do mastro, ficando num plano perpendicular á linha do vento, ao chegar ao cais, quebre ou retarde a velocidade da marcha.

Mas melhor que eu o sabe o sr. Lopes de Mendonça, esta manobra só se faz navegando, quer á chegada, quer á partida de um ponto qualquer, desde que o vento é á pôpa.

Teria a caravela do diabo abicado á praia no instante em que começa o *Auto*, como diz o sr. Lopes de Mendonça? ² Não o poderemos

¹ *Cairo* era também, no mesmo sentido, termo de velha nautica, como diz Moraes, citando a *Restauração* de Pinto Ribeiro: «navegar tanto a *cayro largo*».

² Uma embarcação de latino, chegada a um cais, preparando-se para ficar, «mete o carro dentro».

determinar bem. Os versos seguintes parecem indicar que ela se dispõe a partir:



«E atesa aquêlê palanco
.....
A' barca, à barca hu!
Asinha que se quer ir
Oh que tempo de partir!
.....
Faze aquella poja lesta
e alija aquella driça.
.....
Verga alta; ancora a pique».

Por isso me parece, com o devido respeito ao criterio do sr. Lopes Vieira, que, para harmonizar rigorosamente a encenação com o texto, deveria o Diabo dizer parte d'esta sua primeira fala, dentro da caravela ou barca, no seu posto, como bom arrais... *cacilheiro*.

O que não sofre duvida é que o verso:

«Ora venha o caro a ré»

está perfeitamente justificado como *voz* nautica que os versos seguintes autorizam, mas será bom ter-se em vista, para os efeitos da encenação, que esta *voz*, hoje e no tempo de Mestre Gil, só se dava *navegando*.

Que me perdoe este atrevimento o sr. Lopes de Mendonça, que eu muito admiro e considero

Subscrevo-me, sr. redactor, com consideração

De v. , etc.,

Oscar de Pratt.

V

a) AO REDACTOR DO «DIARIO DE NOTICIAS»

Meu prezado amigo:

A carta da sr.^a D. Carolina Michaëlis de Vasconcellos, cuja publicação s. ex.^a solicita por meu intermedio, necessita de umas explicações preliminares, que procurarei quanto possivel abreviar.

Em resposta ás minhas observações respeitantes á interpretação por mim proposta ao debatido verso de Gil Vicente, endereçara-me a

ilustre professora uma carta particular em 27 de março. Parece que ao mesmo tempo enviára uma carta destinada a publicação, a qual se extraviou. Muito mais tarde, extranhando com razão não a vêr publicada, e informada de que ela não me chegára ás mãos, resolveu reconstitui-la sobre a carta particular a que me refiro. E' esta reconstituição que lhe envio, rogando-lhe o favor de a dar a publico no seu jornal, e agradecendo a s. ex.^a uma retratação que muito me desvanece. Fica assim explicado o tardio da publicação.

Quanto ás perguntas e observações que a sr.^a D. Carolina Michaëlis se digna fazer-me, a algumas delas já particularmente respondi, ignorando que elas fizessem objecto da sua carta aberta. E, se não respondi ainda a todas, é porque não me tem sobrado tempo para arduas investigações sobre uma complicada materia como é a arqueologia naval. Lamento não ter agora á mão essas respostas para as metodizar convenientemente e para as completar quanto possivel, a fim de as entregar á publicidade, visto que s. ex.^a me coloca nessa obrigação, ampliando até a sua carta aberta com a réplica a observações minhas, feitas posteriormente á recepção da carta particular a que alludi.

Mas, atenta a complexidade do assunto e a multiplicidade das minhas occupações, reservo para mais tarde a resposta, desta vez pública, ás considerações e ás inquirições da minha eminente contraditora.

Aproveito o ensejo para agradecer por intermedio do seu jornal o valioso reforço que me prestou o sr. Oscar de Pratt, e que muito contribuiu decerto para a minha incruenta, mas gloriosa victoria.

E ao meu amigo agradeço a inserção das presentes linhas, e, em nome da sr.^a D. Carolina Michaëlis, a publicação da sua preciosa carta, que vai substituir com vantagem a minha desataviada prosa.

S/c 2-5-12.

Admirador e amigo obrigadissimo,

Henrique Lopes de Mendonça.

*

b) EX.^{mo} SR. HENRIQUE LOPES DE MENDONÇA:

Porto, 27-III-12.

A amabilissima e bem instrutiva carta particular com que v. ex.^a me honrou respondendo á que eu lhe dirigira a respeito de *Um verso de Gil Vicente* é de... 31 de janeiro!—a official, publicada no *Diario de Noticias*, é pouco posterior. E ainda não agradei nem uma nem outra!

Creia-me que, se guardei silencio durante tanto tempo, não foi, de modo algum, por falta de interesse.

E muito menos porque me repugne confessar-me *vencida* — quando a superior sabedoria e intelligencia de um contraditor me *convence* de haver errado e exorbitado, como no caso de que se trata.

Foi exclusivamente por falta de saude e de ócio que tive de adiar esta explicação.

Começando agora — nestas abençoadas férias primaveris — a pagar as dividas literarias que contrai nos ultimos dois meses (primeiros da minha actividade de lente na Universidade de Coimbra, e por isso fatigantes e absorventes), apresso-me a apresentar a v. ex.^a a expressão do meu sincero reconhecimento pela maneira gentil com que, como distinto marinheiro profissional, me elucidou sobre assuntos em que sou leiga, e mais ainda do que imaginára.

Muito mais! — porque, apesar dos esclarecimentos que v. ex.^a e o ex.^{mo} sr. Oscar de Pratt me deram — cavalheiro ao qual esta minha resposta tambem se dirige — continuo com duvidas e hesitações, não sobre o sentido do verso em questão (esse ficou bem demonstrado), mas sobre a palavra *carro-caro-cairo*, e sobre outras manobras, quer ordenadas pelo *Arrais do Inferno* ao seu tambem infernal *Companheiro*, quer indicadas por vv. ex.^{as} nos seus comentarios.

Quanto ás que ocorrem na *Trilogia das Barcas*, ignoro por ex. o que seja *çica* — vocabulo que o poeta e patriota, a que devemos a resurreição de Gil Vicente, deixou subsistir, como se o conhecesse, e não explica no seu glossariozito.

Considerando essa forma como erro de imprensa, moderno, leio com a edição princepe (manuelina)

Oo caça? oo iça, iça!

(só a pontuação é minha), lembrada de que D. Antonio de Guevara cita os dois verbos nauticos na sua curiosa *Arte de Marcar y Trabajos de la Galera*, em que tambem aprendi o que era o *ciavoga* e o *levaremo do Auto da Festa e Templo de Apollo*.

Quanto aos termos tecnicos empregados por vv. ex.^{as}, se para me explicarem a locução «navegar a *carro largo*» (resp. *caro*, *cairo*) me dizem que é *navegar com a escota folgada e verga atravessada caçando a orça de barlavento*, fico na mesma, ou peor, — envergonhada da minha ignorancia — e lamentando cada vez mais que os dictionarios comuns sejam tão omissos e tão inexactos em materia nautica, a ponto tal que nenhum estrangeiro é capaz de entender, por exemplo certas novelas de Gomes de Amorim, aliás tão dignas de serem conhecidas.

Com relação a *caro*, *carro*, *cairo* — (essa ultima forma, apontada por Oscar de Pratt como viva entre os marítimos do Tejo, é autenticada como antiga por um passo no Vocabulário de Moraes), ignoro ainda se se trata do proprio vocábulo *carro* < *carrum*, em sentido figurado —, ou se teremos de partir de *cairo*, nome indiatico das febras de coco e dos cabos delas feitos, usado por Barros, Castanheda, Goes, Correa, e sobretudo pelo dr. Garcia da Orta.

Embora foneticamente a duplicação enfática de *r*, originariamente simples, seja mais freqüente do que a substituição de *rr* por *r* — (exemplos da primeira são entre outros *borrasca* de *Boreas*, *carranca* de *cara*, *arranhar* de *arar*; da segunda não me ocorre caso algum) — duvido dessa identificação, por não perceber por que motivo o nome geral de *cordas* seria dado a vergas, feitas de pinho de Flandres, salvo erro.

Pena é não poder eu ir de fugida a Lisboa para v. ex.^a, perante algum modelo de caravela, na Sociedade de Geografia ou Museu do Arsenal, ou à vista de barcas do Tejo, me dar umas *lições praticas*, relativas ao *carro*, ao *lais*, à *poja*, à *driça*, ao acto de *caçar* e *içar*, etc.

Na impossibilidade de agora realizar esse sonho, ousou rogar a v. ex.^a duas grandes finezas:

1.º a de me fazer, com poucos traços, um ligeiro *croquis* da vela latina com as antenas, marcando a forma e o sitio do *carro*, para eu verificar, se entendi bem as explicações já dadas (como espero):

2.º a de redigir uma descrição das embarcações diversas que se vêem nas gravuras dos frontispícios das antigas edições avulsas da *Barca do Inferno* que lhe remeto registadas — autorizando-me, bem se vê, a servir-me dela nos trabalhos vicentinos que estou a elaborar.

Representam as gravuras tipos verdadeiros? determinados? ou serão apenas vagas imagens de embarcações quinhentistas?

A divergencia notavel que ha nas estampas fala a favor da segunda hipotese.

E o proprio Gil denomina a sua *Barca de Caronte* ora *caravela* e mesmo *caravelão*, ora *barca*, *batel*, *barinel*, *zambuco*, *carraca*; e mesmo *nau* e *navio*, ou simplesmente *embarcação*.

*

E o verso debatido?

Repito o que disse no principio desta carta: dou-me por *vencida*. Quanto ao teor e significado da ordem nautica.

Foi por desconhecer o termo *caro*, que eu fiz entrar nela o velho *Caron*, barqueiro de ou do Aqueronte.

Logo que a lição *Venha ora o caro á ré!* — tal qual ella está na edição-príncipe do Auto, impressa e corrigida por mandado do proprio autor, com privilegio del rei D. Manuel — dá sentido, sem que lhe alteremos outra coisa do que a grafia arcaica *ora venha ho caro arce* — e sentido que está em perfeita harmonia com os versos que se lhe seguem, é dever impreterivel deixarmo-la intacta.

A' vista das explicações combinadas de v. ex.^a e do ex.^{mo} sr. Oscar de Pratt temos de lêr dôravante:

Diabo

A' barca! á barca! houlá!
que temos gentil maré!
Venha ora o caro á ré!

Companheiro

Feito! feito!

Diabo

Bem está!

Ponhamos portanto de banda como inutil e inconsistente a minha proposta; e tambem a do ex.^{mo} sr. Alberto Leuschner.

VI

CARTA Á EX.^{MA} SR.^A D. CAROLINA MICHAËLIS DE VASCONCELLOS

Minha senhora:

Devo ainda a v. ex.^a uma resposta á sua amabilissima carta datada de 27 de março, sobre o caso do verso de Gil Vicente, em que eu apenas figuro como intruso. Creia, minha senhora, que só as minhas occupações profissionaes me teem impedido de cumprir esse gratissimo dever.

A carta de v. ex.^a no *Diario de Noticias* de 8 do corrente, dirigida ao sr. Lopes de Mendonça, carta em que v. ex.^a se digna citar o meu nome e a insignificante contribuição que prestei, obriga-me não só a uma immediata resposta, mas tambem a torná-la publica, para esclarecer e ampliar as observações com que me atrevi a meter foice em seara alheia.

Honro-me prestando a v. ex.^a a rendida homenagem da mais alta veneração pela sua erudição vastíssima aliada á superioridade de um caracter pouco vulgar.

Noto com satisfação que v. ex.^a, ponderando as razões do sr. Lopes de Mendonça e adoptando-as com renúncia do seu parecer, certamente muito valioso e digno de estudo, admite *caro*, que eu apresentei como o resultado de uma observação pratica, no sentido que ainda hoje tem entre os arrais do nosso Tejo, e explica o debatido verso como uma *voz* de manobra nautica quinhentista que tem equivalente na *voz* moderna: «aia o *caro* a ré».

Caro, carro e cairo disse eu que são formas equivalentes. Devo acrescentar, em vista de observações posteriores, que é *caro* a mais usada *entre os marítimos não ilustrados*, e foi só entre estes que fiz as minhas observações.

Velhos marítimos do Rosairinho, Seixal e Vale-do-Coína, deram-me informações que, aliadas ao meu conhecimento anterior, me habilitam a apresentar *caro* como forma mais usual. *Caro* dizem tambem os de *Agua-acima* (Ribatejo), e, segundo informação, os algarvios dos caíques que veem ao Tejo. (Creio que será digna de apreço esta ultima nota, que eu não posso apresentar já como positiva).

No emtanto — veja v. ex.^a — o sr. Lopes de Mendonça, official muito illustrado e espirito superior, julgaria talvez desusada esta forma, referindo-se apenas a *carro*, de que cita os equivalentes francês e italiano, respectivamente *cart* ou *carre* e *carro*, extraindo *carro* de um documento quinhentista português.

Carro lê-se tambem a pag. 23 do *Apparelho e Manobra de Navios* do official da armada João Bras de Oliveira: «Nos cahiques o lais inferior [da verga] chama-se *carro* e o superior *penol* ou *pena*». O *Código internacional de sinais* (vocabulario) não cita nenhuma das tres formas na acepção de que tratamos.

Devemos concluir que seja *carro* a forma mais correcta? Em minha desvaliosa opinião não o julgo assim. Tenho por meu lado o esp. moderno *car* e o velho cast. *caro* (V. *Segui*).

Observa v. ex.^a, e muito bem, que, foneticamente, é mais frequente a duplicação do *r* que a substituição de *rr* por *r*, apresentando varios exemplos de duplicação em derivadas que eu ampliarei com um exemplo minhoto de modificação do proprio vocabulo: *carrocha* por *carocha*.

Creio que, do segundo caso, haverá raríssimos exemplos que desconheço, mas devidos talvez á influencia de vocabulos similares mais usuais.

¿ Como se daria aqui a redução da vibrante de um vocabulo tão

popular em favor de um outro cuja significação se perdeu, persistindo teimosamente na linguagem marítima de hoje?

{ Pois não seria mais natural que a influencia de um vocabulo popularissimo como *carro* viesse modificar foneticamente uma forma semelhante, mas inexpressiva?

Mas v. ex.^a, duvidando da identificação de *carro* com os casos foneticos de duplicação enfática do *r*, toma a forma *cairo* como originária, parecendo-lhe inexplicavel que o nome de certa qualidade de *cordas* podesse ser dado a um pedaço de madeira.

Não seria, minha senhora, caso unico, e v. ex.^a que, com tão elevada competencia e erudição, tem estudado o character da lingua, sabe bem que este facto se dá frequentemente em casos em que ha determinadas relações de analogia ou proximidade, que não seriam difficeis de conjecturar neste ponto.

{ Porque motivo não admite v. ex.^a *cairo* como variante explicavel de *caro*, pelo menos tão explicavel como *carro*? Teria v. ex.^a apenas a duvida — se o seu lucido espirito a tivesse! — da origem de um vocabulo que não tem nem teria (?) outra acepção ¹.

Embora a expressão do *Portugal Restaurado*, citada por Moraes: «navegar a *cairo* largo» se possa relacionar, como a relacionei, com outra moderna: «navegar a *caro* largo», fica-me a duvida, porque não tenho á mão a obra a que o dicionarista se refere, se ambas exprimem a mesma manobra nautica.

{ Será *caro* um masculino anomalo de *cara*, por representar a parte de *vante* e «mais larga» da verga? (Cp. *cabêço*, *cabeça*). Nas *caranguejas*, que envergam velas latinas quadrangulares, a extremidade correspondente ao *caro* tem o nome de *boca* e a extremidade mais fina, ou *lais*, chama-se, como nas vergas de latinos triangulares, *penol* ou *pena*. Não será isto uma identificação de termos apropriados?

{ Representará o *caro* (= *cara*) a supervivencia de qualquer costume fenicio, por ex., de adomar as extremidades inferiores das vergas com simbolos ou figuras estranhas? Talvez a arqueologia naval possa dizer alguma coisa.

*

Devo ainda a v. ex.^a outras explicações e uma observação á maneira por que v. ex.^a imaginou a situação ideada por Gil Vicente no *Auto da Barca do Inferno*. Não me permite por agora mais explanações o receio de abusar da benevolencia do illustre director deste jornal,

¹ Cp. *carola* e *carôlo* = cabeça; real e figuradamente.

por isso reservo o seguimento e umas observações á carta do ilustre poeta sr. Lopes Vieira, ontem publicada, para ocasião proxima.

Permita v. ex., minha senhora, que com a mais alta consideração e elevado apreço me subscreva

De v. ex.^a, admirador e creado

C/V. ex.^a, Azinheira, 12 maio 912.

Oscar de Pratt.

VII

CARTA Á EX.^{MA} SR.^A D. CAROLINA MICHAËLIS DE VASCONCELLOS

Minha senhora:

Quando me propunha completar em nova carta as desvaliosas considerações que formulei na minha primeira de 12 de maio, li no extracto que os jornaes deram da sessão do dia 23, da Academia das Sciencias de Lisboa, que o douto romanista sr. Gonçalves Vianna «desejava fazer á Academia uma comunicação a respeito da discutida passagem de Gil Vicente «o carro á rê»; — mas não estando presente o sr. Lopes de Mendonça, guardava-a para quando o ilustre academico a pudesse ouvir».

Prevendo que, da desejada comunicação do sr. Gonçalves Vianna uma nova interpretação pudesse ser dada ao debatido verso, cumpria-me aguardar a opinião do ilustre foneticista e assistir atentamente á lição de controvérsia filológica que o caso viria suscitar tendo por importunas as minhas considerações anteriores.

No conciso relato que os jornaes de hoje trazem da sessão do dia 13 na Academia, vejo porém que o sr. Gonçalves Vianna, na sua comunicação, aceita e justifica a forma *caro* equivalente de *carro*, no sentido da interpretação que a este deu o sr. Lopes de Mendonça, «como representando a forma veneziana do vocábulo toscano *carro*».

A comunicação é importante, como se vê, porque certamente o douto romanista faria sérias considerações historicas e filológicas para demonstrar que o velho veneziano *caro* é anterior aos velhos castelhano e portuguez *caro*.

Só assim, julgo, poderia ser finalmente determinada a etimologia do nosso vocábulo, que, como v. ex.^a supõe, se não poderia talvez for-

mar dentro da nossa lingua, com redução improvável e julgo que unica da vibrante *rr*.

Sendo natural este caso fonético no veneziano, e dado que a forma neste dialecto seja anterior ás fórmulas portugueza e castelhana, como o sr. Gonçalves Vianna demonstraria, razão teem os meus velhos maritimos do Tejo preferindo uma forma que, apesar da sua *fragilidade*, vem intacta dos tempos gloriosos das primeiras conquistas.

Lamento não conhecer na integra a interessante comunicação do illustre academico, o que me priva de aproveitar os valiosos ensinamentos do seu estudo.

Embora *carro* e *caro* se equivallessem em tecnologia nautica no tempo de Gil Vicente, como hoje se equivalem, certo é que o Poeta empregou *caro*, ou por ser a mais usual ou, o que não é improvavel, ou por não conhecer outra.

Eis por que, ao ler a modelar carta que o sr. Lopes Vieira dirigiu a v. ex.^a no *Diario de Noticias* de 11 de maio, estranhei que a forma do vocábulo preferida por este illustre Poeta, em harmonia, diz, com o parecer de v. ex.^a, fosse exactamente a mais impopular, a que Gil Vicente não usou e a que v. ex.^a, em face da lição da edição-principe, como das seguintes, julga dispensável:

«ora venha o *carro* á ré».

Em vista destas razões, o sr. Lopes Vieira, um alto espirito ponderado e justo, julgará natural o meu reparo, e dir-nos-á, se assim o entender, as razões da sua preferencia.

Dispensó-me, minha senhora, de esclarecer as pequenas duvidas de v. ex.^a quanto aos termos tecnicos de que me servi na minha primeira carta, porque certamente o sr. Lopes de Mendonça, como se depreende da carta que precede a de v. ex.^a, se encarregou já de o fazer com a sua alta competencia e illustração, que em absoluto me falham.

Devo comtudo dizer a v. ex.^a, por me parecer que neste ponto a minha opinião está em desacordo com a do illustre academico, que o acto de «vir o *caro* á ré» não pode identificar-se, como v. ex.^a diz, com o que se dá com o «trolley» dos electricos, que, virando-se para qualquer dos lados, fazem, em estilo nautico, «da prôa pôpa e da pôpa prôa», quando caminham em sentido inverso.

O caso é diferente. Nas manobras nauticas de hoje a voz de «alar o *caro* a ré» pode ser interpretada de tres modos que as circunstancias de ocasião perfeitamente definem: 1.º) Como disse na minha carta de 12 de fevereiro, por se me afigurar a mais compativel com a situação scenica, o *caro* «vem a ré», i. é, puxa-se para o lado de ré,

por fóra da borda, mas sem que o *penol* ou parte superior da verga passe para vante do mastro, para que a embarcação que vem com vento de lado, ao chegar ao cais, e aproando ao vento, apresente a este perpendicularmente o plano da vela que fica para vante do mastro. Desta manobra combinada de leme e vela, que exige muita pericia, em que são mestres os *cacilheiros*, resulta que o barco perde todo o seu seguimento e acosta serenamente ao cais. 2.º) Para «navegar a caro largo» quando o vento é á pôpa, o arráis folga a escota e o *camarada*, folgando também a amura — que é o cabo que segura num olhal á prôa um dos angulos da vela, para que o caro suba, — *caça* ou puxa a orça de barlavento, i. é, o cabo que segura o caro do lado contrario á posição da escôta, fazendo-o vir, por fóra da borda até perto da enxarcia do mastro. A verga atravessa-se pois neste e a vela apresenta toda a sua superficie á linha do vento que é neste caso a da quilha. 3.º) O *caro* pode «vir a rê», ou mais propriamente, «mete-se dentro», i. é, encosta-se á parte interna do bico da prôa como ponto de apoio, quando a embarcação chega á praia, e depois de enrolada a vela, para a verga não sofrer com o balanço das aguas e para o pano se não deteriorar na amura.

Julgo que a este ultimo caso se referiu o sr. Lopes de Mendonça como interpretação mais provavel da situação scenica e da rubrica do *Auto* que diz: «põe o Autor per figura que no dito momento ellas (as almas) chegão a hum profundo braço de mar, onde *estão* dous bateis...»

Embora porém este caso pareça o mais provável porque não exigiria também artificios e maquinações engenhosas de fingida navegação, ainda que em alguns casos, como refere Rui de Pina na Crónica de D. João II, esses artificios scenicos chegassem a uma grandiosa concepção (Vid. a nau do *Triunfo do inverno*), devemos ter em vista que êle representa uma disposição de demora, «para ficar», como diz o sr. Lopes de Mendonça. Os versos seguintes, porém, afirmam o contrario. A barca prepara-se para partir, só espera «preencher a lotação», daí a impaciencia do arráis:

«A' barca, á barca, houlá!»

Tambem, minha senhora, contrariamente á opinião de v. ex.^a, eu direi que o arráis não «salta em terra». Que está no seu posto, á rê, di-lo o verbo «*venha* o caro a rê» e dizem-no vários versos seguintes, do começo ao fim do *Auto*:

«entrae que cá se dirá

«*Fid.* Parece me isso cortiço

Diabo. Porque vêdes lá de fora»

e no final:

Diabo. Entra cá e remarás

Emfi. Não he *essa* a nao qu'eu governo.»

Em nenhum dos casos apontados o Diabo poderia dar ordens de manobra a passear na praia.

O sr. Lopes Vieira, com o seu sã criterio de fino artista, bem andou porém em acomodar neste ponto o auto ás exigencias da scena moderna, dando á figura extraordinaria do Diabo, que Augusto Rosa encarnou magistralmente, o realce do primeiro plano.

Em boa verdade, minha senhora, atentas as razões expostas, confesso a minha ignorancia quanto a admitir outra situação scenica inicial que não seja a que primeiro aponte, com o arráis no seu posto até final das ordens de manobra (v. 22), visto que a segunda representa uma manobra de navegação, «ao largo», e a terceira tem os inconvenientes de representar um dispositivo de demora com que v. ex.^a não concorda e a minha nulidade não julga admissivel.

De resto, não vejo que a scena, tal como a supus, exigisse altos recursos de carpintaria teatral, dando-se apenas, com a embarcação imovel, uma rápida illusão de chegada numa movimentação facilima de velas e cabos.

O sr. Lopes de Mendonça, com a sua alta competencia tecnica e a sua vasta illustração, prometeu desenvolver os pontos essenciaes da sua carta. Terei então o prazer de, sobre este ponto, como sobre os demais, esclarecer a minha ignorancia.

Perdoe-me v. ex.^a, minha senhora, a insignificancia destas banais considerações, que terão um merito: o de representarem a elevada consideração e apreço que lhe tributa o

De v. ex.^a admirador e creado

C/V. ex.^a, Azinheira. 12 maio 912.

Oscar de Prall.

ETNOGRAFIA MINHOTA

O conjunto de factos folclóricos que hoje começo a publicar foi reunido principalmente nos concelhos de Arcos de Valdevez, Ponte de Lima e Ponte da Barca, do distrito de Viana do Castelo; poucos pertencem a outros concelhos do mesmo distrito e menos ainda a regiões a êle estranhas.

Foram na sua quasi totalidade coligidos directamente por mim, interrogando, ouvindo ou observando, e alguns os soube por informação de pessoas que me mereciam confiança, que me contaram que em tal ou tal terra se observavam tais práticas ou havia tais crenças, costumes ou tradições. Se é certo que muitos dos factos coligidos são comuns a toda a área do território a que me refiro, e ainda talvez a grande parte do país, não é menos certo que muitos outros se restringem a uma povoação em particular; e porisso não me esquecerei de citar o próprio nome da terra a que estes pertencem ou onde foram colhidos. Todas as vezes, pois, que se não cite o lugar de origem, entende-se que se trata de factos vulgares em toda a região a que êste estudo especialmente se estende.

Devo tambem declarar que só publico factos que julgo inéditos. Se alguns o não forem, é porque não conheço tudo quanto no país ha publicado sobre a especialidade, ou porque nem sempre é fácil averiguar, para cada um dos factos em particular, se êle já se encontra ou não registado em cada um dos livros ou revistas do meu conhecimento; e assim pode escapar muita coisa.

Para as variantes, citarei as obras onde elas se podem ler, e, para os que puderem entregar-se a estudos comparativos, para que me não sinto com forças, citarei uma ou outra vez as obras nacionais ou estrangeiras em que se trata de idénticos fenómenos folclóricos.

Na disposição dos materiais, em que cada capítulo fica susceptível de ulterior desenvolvimento á medida que novos factos apareçam, seguirei a ordem que mais cômoda me parecer, sem todavia me afastar muito da adoptada nas *Tradições Populares de Portugal*, do sr. J. Leite de Vasconcelos, ou na obra monumental do sr. Paul Sébillot, *Le Folk-lore de France*.

I

Os astros

§ 1.º O Sol

Além dos nomes de *Manuel*, que é o mais freqüente, e de *Luis* ¹, também dão ao sol em alguns lugares do concelho dos Arcos o nome de *Lourenço*. Quando ele nasce, dizem: «Aí vem o Lourenço!» Ao pôr do sol dizem: «Lá vai o Lourenço!»

É certamente por causa da côr loura do astro.

Quando chove e faz sol ao mesmo tempo, dizem, em S. João de Vila Chã (P. da Barca), que está a raposa a casar ².

Em dia sem sol ganha o rei uma vaca preta.

No sábado em que não houver sol ganha um carneiro o abade de Cabreiro (Arcos), ou o abade de Soajo (Barca) ³.

As sementes das hortaliças e legumes devem ser lançadas á terra enquanto vai sol; aliás não dão fruto, e só cresce a rama da planta (Ponte de Lima).

Durante um eclipse do sol os povos da Gavireira põem-se de joelhos a orar.

Ditado: A mulher e a ovelha,
C'o sol à cortelha ⁴.

§ 2.º A Lua

Quando aparece a lua nova, diz-se:

Lua nova, benza-te Deus!
Minha madrinha é a Mãe de Deus;
De tres coisas me livrará:

¹ Cf. *Trad. pop. de Portugal*, p. 7.

² Cf. *ibid.*, p. 15.

³ Cf. *ibid.*, p. 13.

⁴ Cf. *ibid.*, p. 198.

De águas correntes,
De fogos ardentes
E de línguas maldizentes ¹.

(P. N. e A. M.)

No dia da mudança da lua (fases) os cães não teem faro, não procuram a caça, ou, se a perseguem, é frouxamente, e deixam-na perder. «Andam *deslôrcados*».

O mesmo acontece em manhã de nevoeiro (Arcos).

As meadas não devem ser cozidas na fraqueza da lua, senão fica o fiado muito fraco (Riofrio, etc.).

Quando uma criança está muito magrinha e *injeridinha*, mostram-na á lua dizendo tres vezes:

Lua, luar (*apresentam*),
Deixa-me o meu menino,
que o quero criar (*retiram*) ².

(P. N. e A. M.)

(Mourisca).

Quando se lançam ovos na lua de maio, devem benzer-se com água benta, espalhando esta com um raminho de carvalho e dizendo:

Eu vos baptizo
Com êste raminho de carvalho,
Que vos não faça mal
A lua de maio. (P. de Lima).

§ 3.º As estrêlas

As tres estrêlas chamadas geralmente as *tres Marias* ou as *tres Ave-Marias* dão em algumas frêguesias do concelho de Ponte de Lima o nome de os *Tres Reis Magos*, que vão, dizem, a caminho de Belém.

As estrêlas cadentes, geralmente chamadas estrelinhas de rabo, dizem em Soajo: «O Senhor te leve ao bom lugar!»

É para a estrêla não cair no mundo, senão êste alagava-se ³.

¹ Cf. *ibid.*, p. 21 e 22, e *Rev. de Guimarães*, XXII, 69.

² Cf. *ibid.*, p. 22 e 121, nota.

³ Cf. *ibid.*, p. 31.

Em Cabração dizem a mesma coisa ao verem as estrêlas fugir,
mas julgam que são almas; ou usam tambem dest'outra exclamação:

O Senhor te guie,
Pela graça de Deus e da Virgem Maria!

Na Gavieira dizem repetidas vezes:

Minha alma ao céu,
Meu corpo á terra!

Na Mounisca:

Deus te encaminhe bem,
Deus te leve para o bom lugar!

Se a estrêla cai, arde o mundo.

II

O Fogo

Para curar o terçol faz-se uma casinha no chão com quatro paredes de pedra, ou ainda com quatro pauzinhos dispostos em quadro. No meio acende-se um pouco de estopa ou palha, e assim que está a arder grita-se repetidas vezes:

A' que del-rei fogo
Na casa do terçolho! ¹

Em alguns sítios, o rapaz ou rapanga que faz esta operação enfia uma saia branca, a modo de sobrepeliz, e depois de aceso o fogo salta em cruz repetidas vezes por sôbre a casinha gritando sempre:

A' que del-rei, fogo
Na casa do terçolho! ²

¹ Cf. *ibid.*, p. 40, e *Rev. de Guimarães*, XV, 25.

² Cf. *Ensaíos etnográficos*, II, 28.

Em Ermêlo, construída a casinha, mete-se dentro dela um archote de palha a arder e depois esbandalha-se tudo gritando :

A' del-rei contra a casa do tricó,
Que arde só!

Para curar as verrugas, entra-se pela porta duma casa onde esteja o forno aceso para cozer o pão, atira-se para dentro do forno uma peça de roupa da pessoa que tenha as verrugas e sai-se por outra porta, sempre a correr, dizendo :

Verrugas trago,
Verrugas vendo,
Aqui as deixo,
Vou correndo ¹.

Em Padroso faz-se o mesmo contra os cravos, a que lá chamam *bentas*, e dizem então:

Bentas trago,
Bentas vendo,
Deixa-me ir lá,
Que vou correndo.

Não se devem deixar ficar as trempes no lume depois de servirem, porque isso faz velha a cozinheira, ou o dono, ou a dona da casa (Arcos).

Quando se sai de noute com crianças, deve-se levar lume a acompanhar, e também roupa do pai, por causa das *meigas* (bruxas) (Soajo).

Está sempre luz acesa na casa enquanto a criança não vai a baptizar, senão veem as bruxas e lobis-homens ² (Estrêmo).

Não se deve queimar figueira verde, senão nascem *figueiras* nos animais (Mourisca), ou seca o leite das vacas ³.

¹ Cf. *ibid.*, II, 19.

² Cf. *Trad. pop. de Portug.*, 37, nota; e *Rev. de Guimarães*, VI, 196.

³ Cf. *Rev. de Guimarães*, XV, 29.

Quando uma criança toma um susto, defuma-se com o cabelo do animal que causou o susto, ou, se foi pessoa que o causou, com roupa dessa pessoa.

Quem tomar medo defuma-se com a roupa dum defunto para não ficar assombrado (Estrêmo).

Quando vêm de noute lume, dizem os da Gavieira que é sinal de morte.

Quem for pedir ao vizinho umas brasinhas para acender o seu lume, deve, depois de o acender, apartar aquelas brasas e não as juntar às da sua fogueira ¹.

Depois de deitar o pão ao forno e fechar a porta dêste, deitam-se algumas brasas em cima da padieira do forno e diz-se:

Deus te acrescente no forno,
Como Cristo pelo mundo todo,
Para pobres e ricos
E quem dêle comer ².

Tambem se diz, por graça:

Deus te acrescente no forno,
E os vizinhos que comam um corno ³.

Quando os rapazes pegam fogo a um bocado de papel, dizem ao fogo:

Deixa um bocadinho
P'ra Sant'Antôninho! (Arcos).

Não se apagar o fósforo quando se atira fora é sinal de que se tem a receber dinheiro (Ponte).

Quando se vai, de noute, deitar agua benta a um defunto e se leva luz, que se apagou ao entrar na casa do defunto, não se deve

¹ Cf. *Trad. pop. de Portug.*, p. 36, § 69.

² Cf. *ibid.*, p. 230, e *Ensaio Etnogr.*, II, 29 e 30.

³ Cf. *Ensaio etnogr.* III, 180.

tornar a acender nesta casa. Quem o fizer morre também breve ¹ (Estrêmo).

Não se deve ir buscar lume a casa dum defunto (Estrêmo) ¹.

Contra os trovões acendem em Ponte de Lima a *vela da fé*. Chama-se assim a um pedaço de mais de tres palmos de qualquer das velas que estiveram a arder no trono durante a Exposição de Quinta-feira Santa ². A quem der para esta solenidade uma esmola não inferior a 1\$000 réis ou 1\$200 é dada uma dessas velas. Houve anos de se juntarem 200\$000 réis provenientes destas esmolos.

As pinhas mansas que se debulham ao lume na noute de Natal também servem contra o trovão. Guardam-se, depois de tirados os pinhões, e deitam-se á fogueira quando o trovão ruge ³ (Arcos). E' preciso que, ao queimarem-se, façam fumo bastante, senão não teem efficácia (Ponte).

Não se deve urinar com a luz na mão, pois causa a dor da pedra (Riofrio).

III

As águas

§ 1.º A água em geral

Quando se vê água correr muito, deve-se dizer: « Assim me corra a fortuna! » (Tabaço).

Quando se vai á fonte, deve-se reparar que não vá água no fundo do cântaro, senão leva-se a fortuna para fora de casa (Arcos).

A criada que vem da fonte com o caneco da água á cabeça não deve pelo caminho entrar com elle noutra casa, senão leva, ao sair, a fortuna daquela casa. Se por acaso entrar, deve então alguém daquela casa tirar um copo de água daquele caneco (Ponte).

¹ Cf. *Trad. pop. do Portug.* p. 40 § 88.

² Cf. *ibid.*, p. 41, § 90.

³ Cf. *Ens. etnogr.*, III. 299.

Quando se lavam as crianças a primeira vez, deitam-se-lhes, antes de começar a lavá-las, tres pingas de água na cabeça, dizendo: ¹

Auguinhas a correr,
Meninos a crescer,
Para a boa fadinha
Que o Senhor les dê. (Cabração).

A primeira água de lavar as crianças é bom remédio contra o pano, que muitas mulheres teem na cara, mesmo sem estarem grávidas (Soajo).

Não é bom deitar fora da porta, à noite, a água de lavar os pés. Vai com ela a fortuna da casa.

A criança a quem tarda o falar leva-a a madrinha a beber a nove fontes, e vai depois com ela a nove casas para lhe darem esmola ² (Cabração).

Não se deve dar de mamar à criança logo que chega da igreja de baptizar. Quanto tempo estiver sem mamar, tanto tempo se conserva na água sem se afogar, caso caia à água ³.

Outra versão diz que a criança deve conservar-se o mais tempo possível na toalha em que se embrulhou no fim do baptismo na igreja. Se vier um dia a cair ao mar, a um rio ou poço, estará sem se afogar, e por conseguinte á espera de socorro, tanto tempo quanto o que esteve envolvida naquela toalha (Arcos).

Não é bom dar de mamar às crianças estando-se sôbre um rêgo ou poço de água (Choças).

Para curar a gota devem-se tomar seis gotas de água tiradas por seis meninas, de seis anos, da pia da água benta da igreja, creio que em Quinta-feira da Ascensão (Ponte).

Colher água de sete fontes na noute de S. João e lavar-se com ela faz a gente mais branca ⁴.

¹ Cf. *Trad. pop. de Portugal.*, § 149, c.

² Cf. *Trad. pop. de Portugal.*, p. 206.

³ Cf. *ibid.*, § 149, a.

⁴ Cf. *ibid.*, § 163.

Na noute de S. João, á meia noute, deita-se pelo rio abaixo uma porção de cabelo. Então o cabelo da pessoa que isto fez cresce, assim como aquêlle vai correndo pelo rio.

O que foi mordido de cão danado, se se aproximar dum poço e vir no fundo a sombra (imagem) do cão, pode contar que dana; senão, não ¹ (Soajo).

A água benzida no Sabado de Aleluia, antes de levar os santos Óleos, levam-na em Soajo para casa para espalhar nela, nas cortes, etc., por via do inimigo. Deitam-na também nas terras contra os bichos dos frutos. O mesmo se faz em Riofrio e noutras partes.

Para curar as verrugas, lavam-se estas com a água que se encontra depositada em certas pias que apparecem nos penedões, ou também nas cavidades de velhas arvores (águas das chuvas). Também se untam com uma lesma branca, ou com leite de figueira, de trovisco, etc.

A água que serviu para o *Lavabo* duma missa nova é muito procurada para curar a gota a que se supõe estarem sujeitas as crianças cujas mães beberam quando estavam a amamentá-las.

Em Arcuzelo (Ponte de Lima), na visita pascal, em todas as casas está em cima da mesa um copo cheio de água e com uma moeda de 5 réis no fundo. O rapaz da caldeira despeja nesta o copo da água com os 5 réis, torna-o a encher da agua da caldeira e deixa ficá-lo. Aquella água é benta.

Para curar a erisipela — leva-se um púcaro ou caneca com água, entra-se na oficina dum ferreiro, despeja-se a água na pia da forja, toma-se outra água da pia e sai-se por outra porta, tudo sem dizer palavra. Com esta água lava o doente as regiões atacadas. Deve usar-se êste remédio a primeira vez que dêr tal doença (Ponte de Lima).

Se na manhã de S. João, antes do sol nascido, se for colher água e com ela se amassar o pão, a massa levedará, sem ser preciso outro fermento (Tabaçô).

¹ V. Paul Sébillot, *Le Folk-lore de France*, II, 245. Cf. também *Trad. pop. de Portug.*, § 155.

§ 2.º Os rios

Certas depressões mais profundas dos leitos dos rios, produzidas pelas escavações das águas, e cujo fundo a vista não divisa, nem lá chegam as varas dos barcos por mais compridas que sejam, teem para o nosso povo sempre qualquer coisa daquele maravilhoso que povoa as trevas, os abismos, as regiões do mistério. A fantasia popular imaginou que essas cavidades não teem realmente fundo, ou que estão em comunicação, por extensos corredores subterrâneos, com certos montes (os castros), ou com antigas moradas de mouros, ou ainda com o mar. Ha a vaga tradição de uma extraordinária estiagem, em tempos remotos, em virtude da qual as águas dos rios secaram por completo, conservando-se apenas naquelas depressões, naqueles poços insondáveis, onde os camponeses dos arredores vinham trazer os seus gados a beber, porque noutra parte não havia água para isso. Para que, porém, os animais se não afogassem ao abeirarem-se do abismo, houve a precaução de cobrir ou cercar êsses boqueirões com grades de ferro, que lá se conservam ainda, segundo a crença popular.

São inúmeros os *poços com grade*, de alguns dos quais me vou ocupar, juntamente com as lendas anexas.

I. No **Rio Lima**. — *Poço do Pégo*. Fica junto ao forno da cal de S. João da Ribeira.

Tres pretos, criados de um brasileiro que os tinha trazido do Brasil, animaram-se um dia a ir examinar a profundidade do poço. Partiu o primeiro, mergulhando na profundidade das águas; mas, como se demorava muito sem voltar, os que estavam fora disseram consigo que aquela demora era por brincadeira, que era para os assustar que êle se demorava tanto lá no fundo, e resolveu então ir outro margulhar. Êste, porém, também não voltava. O terceiro, arreliado com a partida dos dous, que lhe não vinham dizer o que havia no fundo, ou qual era a fundura do poço, desceu, á cautela, por uma corda que outro criado que os acompanhara segurava cá de fora, com recomendação de puxar a corda quando o mergulhador desse sinal com uma compainha. Passado um pouco, o preto deu sinal e foi tirado para fora. Contou então ao branco que no fundo do rio havia uma grade de ferro, redonda, que servia de tampa a um poço, cujo fundo só se podia saber entrando nele. Acrescentou que viera cá fora para contar isto que vira, e que voltava outra vez para levantar a grade e fazer a descida até o fundo de tal poço. Foi; mas até hoje ainda não voltou, e ficaram lá afogados os pretos todos tres.

— *Poço do Fundelo*. E' entre o logar de Vilar, de S. Jorge (concelho dos Arcos), á margem direita, e a freguesia do Salvador (concelho da Barca), á margem esquerda. Diz-se que apparecem lá *os da barreta vermelha*¹, que teem lá afogado muita gente.

— *Poço do Caneiro*. É entre Ermêlo e Britelo. As rodas de um carro que passava num caminho por cima pelo logar de Parada Monte foram lá cair. Foi mandado um preto para as tirar. Disse que não as podia tirar, que estavam lá umas grades de ferro e lá por baixo está o diabo. Fizeram-no tornar a ir, e lá ficou. Tambem se diz que as grades foram feitas para tirar água num tempo de grande seca.

— Tenho apontado outro *poço do Fundelo*, entre Touvedo e S. Jorge, mas não sei se será o mesmo que o de idêntico nome já mencionado. Ha porém a notar o dizer-se que, quando o sol está no meio dia, se vê a grade brilhar lá no fundo.

Ha ainda no rio Lima outros poços com grade, mas sem lenda nenhuma especial; tais são, que eu saiba, o *poço do Pêgo*, entre Padreiro e Lavradas, um pouco abaixo da Fonte Santa²; um outro logo acima da Barca, junto ao sitio da Campa; outro acima de Ernêlo, etc.

Ainda relativos ao rio Lima conheço os seguintes costumes tradicionais:

Ha na Galiza, numa das margens do rio, uma capela consagrada a S. Félix, «que nós cá dizemos S. Fins»³. No dia da romaria, a que concorrem tambem muitos portugueses, trazem o santo ao rio, tiram-lhe a espada que êle tem na mão e mergulham-na na água do rio. Esta operação corta todos os males que a água tenha. Porisso, se alguém nesse dia se banhar no rio Lima, êsse banho nunca faz mal nenhum.

Por baixo do mosteiro de Ermêlo, em qualquer época do ano, levam o gado a banhar no rio Lima, que corre muito próximo, e fazem-no vadear o rio de uma margem até a outra. É por causa duma

¹ Isto é, os diabos. Nas *Trad. pop. de Portug.*, p. 312, entre muitos outros nomes do diabo menciona-se este: «O da Carapuça-vermelha».

² Nascente de águas sulfurosas, na freguesia de Padreiro. As suas reais virtudes medicinais são realçadas quando colhidas na manhã de S. João, como acontece com inúmeras outras *fontes santas*. Sobre o assunto vide *Trad. pop. de Portug.*, p. 71 e sgs.

³ Assim me explicou o meu informador, um rapazito de Soajo, dos seus 12 anos de idade. Effectivamente *Fins*, ou antes *Finz*, está por *Fiz*, proveniente do acusativo *Felicem* (de *Felix*) através de *Feiz* e *Fiiz*. A nasal de *Finz* explica-se pela influência da nasal de *Sam*, que acompanha o nome. Assim se encontra tambem *S. Prinz* por *S. Priz*.

fonte que ha por baixo do mosteiro e que tem virtude por as suas aguas virem do lado dêste.

II. No **Rio Vez**. — *Poço do Caldeirão*. Logo acima da vila dos Arcos. Comunica com o castelo de Riofrio. Neste castelo, que é um castro, havia ha anos, e não sei se ainda lá está, uma pequena pia, quási sempre cheia de água, aberta no granito de um dos enormes penedos que coroam o monte. Lembro-me de, quando estudante de instrução primária, ouvir dizer que, se alguém deitasse uma laranja nessa pia, ela vinha por baixo do chão sair cá abaixo ao poço do Caldeirão.

Uma pastora uma vez meteu a mão na referida pia, mas a mão foi-lhe agarrada, por baixo da água, por outra mão invisível. A pessoa que a agarrou, aparecendo-lhe, deu-lhe uma cesta com carvões e disse-lhe que a não descobrisse enquanto não chegasse a casa. Mas a pastora não se teve que não descobrisse a cesta e sô encontrou carvão. Se a não descobre, encontraria ouro.

— *Poço da Ola*, em Gonduriz. Comunica por um caminho subterrâneo com a casa da Aguiã, que, segundo o pensar do povo, era antiga habitação de mouros, os quais por aquêlê corredor subterrâneo levavam os seus cavalos a beber ao rio.

— Acima do lugar do Barreiro, da freguesia de Pâçô, ha outro dêstes poços. Uma vez numa lavrada o gado, tomando mêdo, deu a fugir com o arado para o rio e foi lançar-se no referido poço. Valeu-lhe ficar pendurado na grade, e assim escapou de se afogar.

— Ainda se citam outros poços com grade no mesmo rio e seus afluentes, como o poço, tambem da *Ola*, acima do lugar da Abonza, freguesia de Sabadim, o *poço da Fichoa*, no rio de Padroso, etc.; não sei porêr ainda de lendas particulares que lhes andem aderentes.

III. No **Rio Ancora**. — *O Poço Negro*. Fica perto das nascentes do rio e na base da serra de Arga, freguesia de S. Lourenço da Montaria (concelho de Viana). Tem uma grade de ouro no fundo. Comunica com o mar por uma galeria subterrânea.

É perigoso nadar naquêlê sitio do rio por causa de um violento redemoinho que a agua ali forma. Cai neste poço uma bela cascata de grande altura, quando o rio vai cheio. Quando ali passei, em setembro de 1906, o rio ia quási sêco.

IV. No **Rio Mouro**. — Junto a Tangil, freguesia do Concelho de Monção, onde este rio passa, ha tambem um poço. Diz que está no fundo uma igreja. Outros dizem que está lá uma moura encantada. Já tem lá ido gente para a desencantar.

§ 3.º As inundações

Quando, depois de muita chuva, se aproxima uma cheia do rio Lima, dizem os de Ponte: «Aí vem o juiz de Soajo!» — ou: «Está para vir o juiz de Soajo!»

Referindo-se á cheia, a que, como se vê, chamam «o juiz de Soajo», dizem que o juiz de Soajo entra numa casa sem pedir licença, isto é, a cheia entra pelas casas da vila dentro quando quer.

Se a cheia é de noute, os que despertam mais cedo e percebem que o rio está a encher, vão avisar os vizinhos batendo-lhes á porta e dizendo-lhes: «Põe-te a pé, que aí vem o juiz do Soajo!»

Nas freguesias das margens do Vez, quando ha cheia no rio, dizem: «Aí veem os de Sistelo!»

Sistelo é uma freguesia nas nascentes do rio Vez, concelho dos Arcos.

IV

Meteorologia

§ 1.º O vento

Quando sopra o vento norte destemperado e frio, diz-se que morreu algum galego, ou escomungado, ou escrivão ¹.

Quando se ergue o cereal na eira e o vento não sopra, gritam pelo vento dizendo:

Caral haz da ribeira,
Venta a eira, venta a eira! (Arcos).

Dilado:

Nunca vai mau tempo,
Senão quando vai vento.

¹ Cf. *Trad. pop. de Portugal*, p. 47.

§ 2.º O nevoeiro

O nevoeiro deve ser:

Ou no outeiro,
Ou no ribeiro. (Arcos).

Em Soajo e Ermêlo os rapazes dizem ao nevoeiro para êle desaparecer:

Neboeiro, fuge daí,
Qu'ái bem na Maria Andréa
Co'as papas na caldeira
P'ra te pôr na moleira!

Ainda em Ermêlo:

Borraceira,
Feiticeira,
Baí p'ra a costa
Da Abelheira!

Na Mourisca:

Lebanta-te, nevoeiro,
Para o côto de Mangoeiro¹,
Q'ái bem Maria Pereira
Co'as papas na caldeira
P'ra dar ao filho do juiz
Que le 'scupiú no nariz!

No Estrêmo:

Barre, barre, nevoeiro,
Lá p'ra trás daquelle outeiro,
Que lá 'stão nos teus fillinhos
A aprender a sapateiro!

Em Cabreiro:

Barre, barre, nevoeiro,
Para trás daquelle outeiro,
Que está lá teu irmão ferreiro

¹ Na freguesia vizinha de S. João de Portela.

Co'a espada na mão
Para matar o carneiro
Para dia de Janeiro¹!

§ 3.º A chuva

a—TRADIÇÕES VÁRIAS

Para a chuva passar dizem os rapazes:

Abocanha, abocanha,
Que te dou ãa castanha!
'Stinha, 'stinha,
Que te dou ãa sardinha². (Soajo).

As pingas grossas das chuvas de Maio e Junho geram sapos ao caírem à terra. No ano em que houver muitas dessas chuvas ha muitos sapos³.

Quando chove é faz sol, diz-se, ainda que não seja em Fevereiro: «Louvado seja o Senhor! É bem fevereiro!» (Cabreiro).

Chover muito em Abril é abundância; porisso diz-se:

Ainda que chova todo Abril,
Lavrador, que se dá a ti?

Ao findar o mês de Fevereiro diz-se:

Vai-te embora, fev'reinnho torto,
Co'os teus dias vinte oito;
Se durasses mais quatro,
Não deixavas cão nem gato!

E o Fevereiro responde:

Aí vem meu irmão Março,
Que de oito fará quatro! (Cabreiro).

¹ Cf. *Trad. pop. de Portugal*, p. 48 e segs.

² Cf. *ibid.*, p. 55.

³ Cf. *ibid.*, p. 142.

Ou então (Riofrio):

Aí vem meu irmão Março,
Que te ha de pôr êsse coiro num pedaço!

Em dia de chuva em que se não pode sair de casa para os trabalhos agrícolas, diz-se:

E' dia de S. Fernando,
Come o criado, arrenega o amo.

Quem rapar a panela ou a caçoila, chove-lhe na boda ¹.

Sábados a chover,
Bêbedos a beber,
Não ha que lhes fazer. (Gavieira).

Sábados a chover,
Bêbedos a beber,
Quem os ha de aturar
Ainda está para nascer. (Riofrio) ².

*

A respeito de uma procissão infantil a pedir chuva, veja-se a *Rev. Lusitana*, X, 255-257.

b—PRENÚNCIOS DE CHUVA OU BOM TEMPO PROXIMOS

Quando o corvo caminha, a cantar, em direcção ao Norte, ha vento norte; se vai para o Sul ou para a barra (Poente), ha chuva (Soajo).

Cantando muito as rãs, se é no inverno, está para vir chuva; se é no verão, temos calor ³ (Estrêmo).

Quando os milhafres adejam voltados ao Norte, temos vento norte; mas, se pairam voltados á barra, está para chover (Riofrio).

¹ V. *Le Folk-lore de France*, I, 96-97.

² Cf. *Trad. pop. de Portugal*, p. 57.

³ Cf. *Le Folk-lore de France*, III, 267.

Anunciam vento e chuva as águas vindas do lado da Peneda (Mourisca).

Quando o mocho pia, é sinal de chuva (Ruivos).

Quando o gato se lava virado ao Sul, é sinal de chuva; virado ao Norte, sol. (Gavieira).

Tocarem simultaneamente os sinos de duas freguesias, é sinal de chuva (Ponte da Barca).

Quando veem pelas portas peneireiros ou criveiros, diz-se que temos chuva ¹.

Quando ha nuvens em S. Lourenço da Armada, está para vir chuva. Dizem então os povos da planície: «Estão a cozer os fornos em S. Lourenço» (Beiral).

Quando o Castelo de Aboim ² tem touca,
Temos chuva, muita ou pouca. (Arcos e Barca).

Névoa no Pedrinho ³,
Chuva no caminho (Padroso).

Está a névoa na Cabecinha ⁴,
Não ponhas a panelinha ⁵ (Padroso).

Vem o nevoeiro a Fontela ⁶,
Não ponhas a panela (Padroso).

Os de Lordêlo de Cabreiro, quando estão na branda de Real, ao sul da qual fica o Calcado, dizem, se dêste sopra o vento:

¹ Cf. *ibid.*, p. 54, § 125.

² Aboim da Nóbrega.

³ Na serra de Soajo.

⁴ Na mesma freguesia de Padroso.

⁵ Quer dizer que vem a chuva, e por isso não é preciso preparar a comida para os trabalhadores com que se contava se estivesse bom tempo.

⁶ Ao fundo da freguesia.

Puxa a maré do Calçado:
Bota farinha ao caldo
E palha ao gado.

Quando se vêem no céu umas nuvens leves, que parecem fumo, e a que chamam *névoas rapadas*, é para os habitantes de Lordêlo sinal de chuva iminente. Porisso dizem:

Névoas rapadas,
Cabeças molhadas.

Quando alguém espirra, diz-se que temos bom tempo. Às crianças, quando espirram, diz-se: «Jesus Cristo! Espirra o cabrito!»

Em S. Martinho da Gandra dizem que é sinal de chuva roncarem as tripas.

São também sinais de chuva próxima, em um belo dia de sol, o catarem-se muito as galinhas e o murcharem as couves na horta sem ser por falta de rega.

Ditados:

Tempo que melhora á noute
E' como a mulher doutro.

Agosto, quando toma dó,
Não é por um dia só.

Uma nuvem muito extensa (*stratus*) ao poente, ao fim da tarde, nuvem a que se chama *trave de Vigo*, é também sinal de chuva próxima (Santar).

c—PRENÚNCIOS DE CHUVA OU BOM TEMPO A PRAZO MAIS LARGO

As témporas. — Chama-se *temporas*, e também em alguns lugares *arremessas*, a previsão do tempo que se faz desde o dia de S. Luzia (13 de Dezembro) até á véspera de Natal. E' conhecida esta forma de previsão, tanto no país como no estrangeiro ¹.

¹ V. por exemplo, *Ensaio etnográfico*, III, 258; *Rev. de Guimarães*, IV, 42-43; *Revue des trad. populaires*, IV, 651.

Em alguns pontos, porém, do concelho dos Arcos, começam no dia 25 de Dezembro a fazer nova previsão, mas ao inverso da primeira, de modo que o dia 25 regula para o Dezembro do ano futuro, o dia 26 para Novembro, e assim por diante até que o dia 5 de Janeiro, véspera de Reis, indicará o tempo que ha de fazer no resto do mesmo Janeiro já então corrente.

Da combinação das duas previsões é que resulta o prognóstico definitivo do tempo que fará em cada mês do ano que entra. Assim, se na primeira previsão o mês de Março, por exemplo, deve ser de bom tempo e na segunda de tempo mau, a conclusão a tirar é que nesse mês o tempo será vário, ora de chuva, ora de sol. Se em ambas as previsões um certo mês cai de ser de bom tempo, pode então contar-se com bom tempo durante esse mês, e vice-versa se ha coincidência de mau tempo.

À meia noute de 24 para 25 de Dezembro, em sítio enxuto mas acessível ao ar da noute, colocam-se por ordem doze cascos de cebola, cada um dos quais corresponde a um mês do ano seguinte, de Janeiro até Dezembro. Dentro de cada um desses cascos deita-se uma pedra de sal. Na manhã immediata vai-se verificar. Será mais chuvoso o mês do ano seguinte correspondente àquêl casco de cebola, cuja pedra de sal mais se derreteu; e será mais sêco e de melhor tempo aquêl que corresponder ao casco cuja pedra se conservou melhor, sem se derreter, ou que menos se derreteu ¹.

Também á meia noute de 24 para 25 de Dezembro se deve observar de que lado sopra o vento. Isso indicará o tempo que ha de fazer no ano seguinte. Se soprar do norte, haverá tempo sêco; se do sul, muita chuva; do poente, muito frio e aguaceiros.

Outros dizem que esta observação se deve aplicar só até ao S. João do ano seguinte, e na noute de S. João faz-se nova observação, vendo de que lado fica o vento, o que regulará para o resto do ano.

Da parte donde a primeira vez no ano ruge o trovão, é dali que fica regulando o tempo. Daí o *dilado*:

Quando o trovão *roge* ao Doiro,
Merca bois p'r'o *cãcadoiro*; ²

¹ Cf. *Le Folk-lore de France*, III, 511-512; *Zeitschrift D. Vereins f. Volkskunde*, XVIII, 449.

² Isto é, *calcadoiro*.

Quando *roge* ao Minho,
Vende bois e compra milho (Mourisca).

Em Riofrio, porém, atribuem isto às primeiras trovoadas da primavera, ou de maio, e o ditado, que evidentemente se relaciona com a fertilidade agrícola ¹, é enunciado desta forma:

Quando vem a trovoadá ao Douro,
Vende milho e compra touro:
Quando vem ao Minho,
Vende touro e compra milho.

Quando a lua nova se apresenta deitada, isto é, com os cornos para cima, é sinal de chuva durante toda a lunação, porque o cântaro tombado ou entornado não leva água.

Outros dizem o contrário, porque o cântaro, para despejar a água, é preciso tombá-lo; e então, vir a lua com as pontas para o lado é sinal de chuva. E' porém excepcional e muito restrita esta última opinião. A primeira é que prevalece. E' assim que em Caminha dizem:

«Lua deitada, marinheiro em pé», que é a tradução do *Luna djegud, marina dret*, ditado conhecido de todos os marinheiros que navegam no Mediterrâneo, por toda a bacia do qual está espalhada esta crença ².

Quando a bicha dos pinheiros faz o ninho ao sul, é sinal de inverno seco (Ao pé do Pôrto).

Chovendo em dia da Ascensão,
Até as pedras dão pão ³. (Viana).

Chega Março,
Abre a porta
Que já passo.

Dizia assim o boi quando falava.

Março amoroso,
Abril chuvioso,

¹ Cf. *Ensaios etnográficos*, III, 259.

² V. *Cosmos*, LIV, 472 (27 outubro 1906).

³ Cf. *Rev. Lusitana*, II, 131, n.º 341.

Maio ventoso,
S. João sòlhoso,
Fazem o ano lindo e formoso ¹ (Estrêmo).

§ 4.º Arco Iris

Em aparecendo o arco da velha, ainda o mundo dura quarenta anos pelo menos (Soajo).

É pecado chamar-lhe *arco Iris*. Deve-se-lhe chamar *arco de Noé*. (Mourisca).

Quantas côres apresenta o arco da velha, tantas ha de apresentar o dia de juízo (Soajo).

Quando o arco da velha está com as pernas no rio, está a bulir a água (Soajo).

Ao arco da velha dizem os moços:

Arco da velha,
Sai-te daí,
Caem os anjinhos.
Por riba de ti! (Soajo).

Também dizem:

Arco da velha,
Sai-te daí;
Moças bonitas
Não são para ti ².

Arco da velha ao nascente,
Chuva de repente.

§ 5.º O trovão

Quando dá um relâmpago e logo um baque forte de trovão, deve dizer-se em voz muito alta: «Louvado seja N. S. J. Cristo! O sangue de N. S. Jesus Cristo volva sôbre nós todos!»

¹ Cf. *ibid.*, II, 122 e 128. — *Ensaio etnográfico*, III, 74-75.

² Cf. *Trad. pop. de Portugal*, p. 60.

Até onde se ouvir esta voz, não cai faísca (Mourisca).

Contra o trovão dizem na Gavieira:

S. Jerónimo, santo, sábio e forte,
Valei-me agora e na hora da nossa morte.

A trovoada dizem, no Estrêmo, que é «*a friura a turrar com a quèntura*» ¹.

§ 6.º A Neve

Quando cai neve, diz-se:

Peneira, velha, peneira,
Que está Maria na eira,
Co'as papas na caldeira ². (Estrêmo).

Santar (Arcos de Valdevez).

P.ª CUNHA BRITO.

¹ Cf. *Trad. Pop. de Portugal*, p. 63.

² Cf. *ibid.*, p. 58.

Locuções petrificadas

Na insipidez das páginas que vão seguir-se apresento umas breves e contestáveis contribuições para o estudo dos provérbios e das locuções populares da língua portuguesa.

Julgo que não seria um estudo ocioso este. Difícil é-o, sem dúvida pela série de erros em que o observador pode cair, arrastando na queda a desasada passarola das suas fantasias.

Nenhuma espécie de estudos é mais sujeita a contraditas e decepções que esta, exposta quâse sempre no terreno falso das conjecturas que variam segundo o modo de ver de cada observador.

Foi isto o que a princípio me fez hesitar na coordenação destas imperfeitas notas, mas não me demove, já agora, do desejo de as oferecer à observação dos estudiosos o receio de errar nesta derrota em que tem errado pilotos de mais experiência e saber.

O estudo definitivo da fraseologia portuguesa não se fará ainda, nem me parece que haja já materiais suficientes para se formar um plano sintético da obra que parece causar engulhos aos cientistas. Até lá irei eu carreando pela minha parte, nestas e noutras páginas que se hão-de seguir, alguns elementos de organização que não serão por completo desaproveitáveis.

Um pau por um olho

Sobre esta expressão popular que indica o baixo preço por que se nos oferece qualquer coisa, ou ainda, e mais latamente, a conveniência vantajosa em qualquer situação, conjectura o snr. João Ribeiro ¹ que o sentido se não relaciona ao preço mas á evidência: «E' o encarecimento habitual dos que insinuam ou mercadejam; é o que *salta aos olhos e se mete pelos olhos dentro*, e de tal arte que exclui maior exame ou cuidado.»

Nas minhas desvaliosas observações ás opiniões do ilustre académico brasileiro sugeri a idéa de que a preposição neste caso exprime

¹ *Frases Feitas*, II, 115.

troca, como na expressão de sentido e construção paralelos: *um ovo por um rial*—«dar um pau em troca de um olho.»¹

O *pau* é a insignificância de um custo mínimo, como o *rial*. No *olho* está a valorização máxima que se expressa em outras fórmulas como: *custar os olhos da cara*, *dar um olho ao diabo*, etc.²

O sentido das expressões: *salta aos olhos* e *mete-se pelos olhos dentro*, relaciona-se sem dúvida à evidência de determinado facto. E' o que está tão claramente visível que absorve todos os raios visuais. No entanto, «meter um pau por um olho» não tem a mesma razão semântica, antes poderia indicar cegueira completa e lá me parece que a dedução vem assim em prejuizo do espirito da frase.

«Espetar um pau por um olho» para fazer *vêr*, foi suplicio que escapou a Torquemada e outros ilustres e pios varões dos tribunais da Fé.

O povo na sua paremiologia respeita os olhos, trata-os carinhosamente porque pensa: *com o olho e com a fé não zombarci*³. E para mostrar que nenhum corpo extranho deve penetrar nos órgãos visuais tem a expressão *deitar poeira nos olhos*, que é o ardil com que se provoca, por conveniência, uma cegueira momentânea, e o expressivo provérbio que conforta a minha dedução: *«todos veem o argueiro no olho do visinho e ninguém vê a tranca no seu.»*

Mas não basta analisar certas expressões na sua fisionomia corrente quando elas não oferecem uma segura interpretação. Muitas se adulteraram, todos o sabem, com o uso, tomando caracter e aspectos diversissimos das primitivas, quer pela influência de outros vocábulos consoantes mais usuais, quer por se ter perdido a noção do sentido originário.

Estas modificações contudo não são radicais. A expressão, muitas vezes, embora transfigurada, conserva em estado latente a feição primitiva que nem sempre se torna fácil descobrir.

O estudo conjectural, embora arriscado, é necessario á observação de muitas locuções adverbiais cujo caracter primitivo se alterou. De dedução em dedução, o observar cuidadoso consegue ás vezes restabelecer-lhes a feição originária e determinar-lhes o valor histórico.

A expressão que tratamos, tal como hoje se ouve, não é de facil interpretação. Estarão deturpados os seus elementos?

¹ «*Frazes Feitas*», pag. 9.

² O ilustre romanista sr. Gonçalves Viana que teve a amabilidade de me dar a conhecer a sua opinião sobre as minhas conjecturas diz-me que se não conforma com esta interpretação, por lhe parecer que a preposição está no sentido do *per* e não do *pro* latinos.

³ In *Adágios*, de Rolland.

Julgo que pelo menos um dêles sofreu alteração prosódica: *Olho* estará em lugar de *oiro* e a posposição do artigo, a este como ao primeiro elemento, viria pela necessidade de determinar o quantitativo abstraído da forma concreta.

No tempo em que para Portugal derivavam os mananciais de oiro do comércio e do saque das conquistas audaciosas, as exigências faustuosas da côrte e a vaidade insaciável da nobreza despejavam prodigamente nas fauces da Europa cubigosa a cornucópia aurífera das estupendas riquezas que, dos mundos longínquos vinham ao Tejo nos porões bojudos das naus do século XV.

O oiro e a glória excitavam em delírios perdulários o gênio aventureiro de uma raça irrequieta, obcecada no seu sonho de grandeza e poderio. O luxo, as pompas, o fausto de uma côrte brilhante compravam-se a *peso de oiro* e oiro corria incessantemente para os mercados da Europa, para as embaixadas de uma magnificência espantosa, para a satisfação de todas as vaidades que se pagavam por quantias avultadas.

Julgo que a expressão se formaria nesta época de delírio de grandêzas. O povo, sempre miserável e subjugado, vê os desvarios da côrte e estigmatiza-os pelo ridículo. Foi sempre a sua vingança, às vezes terrível.

O *pau* é a matéria ínfima na indústria — figuradamente, já se vê — em comparação com os metais e as matérias caras. Na linguagem popular supõe-se que é de *pau* qualquer coisa inútil, inexpressiva, sem valor: espingardas de *pau*, espadas de *pau*, perna de *pau*, boneco de *pau*.

«Dar *pau por oiro*» era o ideal dos negócios rendosos. Assim o fariam certamente os estrangeiros que vinham a Portugal, levados pela cubiga das nossas riquezas e caçando por mil artimanhas da indústria de então o oiro puro das conquistas.

Certamente isto impressionava o povo, sisudo filósofo, que presentia nestes desmandos a sua própria decadência e talvez que mais o exacerbasse a importação das madeiras caras da Europa, especialmente da Flandres.

Já um poeta do *Cancioneiro*, de Rêsende, se queixa dos desvarios do seu tempo aludindo a este facto:

•Estrangeyros partystando
levam desta nossa terra
ouro, prata,
nossas bolsas alivando
com sa paz n'fazem gerra,
que n'mata.

Levantanse as moedas
quanto mingã nossos fruytos
temporaes,
estas praticas azedas,
estes nossos males muyto[s]
sam geeraes.

Assy como vam da nao
todolos outros estantes
n' despenam,
levam ouro trazem pao,
nossos tratos mercadantes
desordenam.
Por framengos, genoeses,
frententyns, & castelhanos,
mal n' vindo,
com seus novos antremeses
dãnos trinta mil avanos,
vam se rindo».

Nem chuz nem buz

«Não dizer *chuz nem buz*» o mesmo é que «não dizer palavra; calar-se».

O snr. João Ribeiro ¹ supõe este *chuz* o antigo adverbio *chus*, do lat. *plus* = mais, como se encontra em documentos vernáculos. Quanto a *buz* — *buge* e *muz-muje* dá-os como derivados mediatos de *basium* e *bucca* (Cf. *buço*).

«Não dizer *chuz*» equivale pois a «não dizer mais, guardar silencio». *Buz* filiar-se-á no sentido de uma forma interjectiva que desconheço: *bôca!*, determinando e impondo silêncio.

Já anteriormente o snr. Gonçalves Viana ² nos explicara que este *chus* era o adverbio obsoleto e propunha dois étimos para *mus* e *bus*: «uma contracção violenta do lat. *minus*» e o *bus* = mais do dialecto dos ciganos da Espanha. Assim a locução significaria: «não dizer *mais*, nem em português, nem em cigano» ³.

Sem prejuizo desta opinião autorizada, direi que me não parece que

¹ *Frases Feitas* — 1 série — Rio, 1908 — pag. 26.

² *Apostilas aos Dicionários Portuguezes*, Lisboa, 1906 — Tomo 1, pag. 301.

³ Afirmo o snr. João Ribeiro que «é expressão antiquissima que já se encontra nos mais arcaicos documentos em prosa e nos cancioneros medievais.» *Ob. citada*, pag. 26.

com este sentido se coadune o espirito da locução, o qual traduz silêncio absoluto.

O «não dizer mais, nem em português nem em cigano», sem que de tal forma de expressão surja uma conclusão lógica e clara, implicaria sem dúvida a existência de uma razão histórica que se teria perdido, como se perderam tantas outras.

Mas aparece a expressão nos antigos documentos da lingua? Não a encontrei — talvez por falta de leitura ou desatenção — mas o snr. João Ribeiro não teria sido mais feliz porque se limita a apresentar um exemplo do emprego do advérbio *chus* = mais, extraído da *Demanda do Santo Graal*, e três excertos das obras de Chiado, Simão Machado e Camões em que *bus* aparece no sentido provável de «silêncio». O snr. Gonçalves Viana apenas exemplifica o emprego recente da locução ¹.

Na lingua espanhola, no mesmo sentido em que empregamos *nem chuz nem buz*, usam-se as frases adverbiais: «no decir *chus ni mus; ni tus ni mus.*»

Da prosódia desta ultima, e por influência das terminações em *ss* palatais, veio certamente a expressão também usual em português:

não luge nem muge

que explica a forma verbal:

não tugar nem mugir.

Não aparece as formas castelhanas o elemento *buz* da expressão portuguesa, o que de alguma forma contraria a suposição do snr. Gonçalves Viana.

Creio que *chuz* não poderá ser aqui o antigo advérbio. Dado que a locução seja relativamente moderna, como parece, creio que, na sua formação, não poderia entrar como elemento um velho vocábulo talvez já esquecido pelos quinhentistas.

Analizando outras expressões proverbiais que tem a mesma construção sintáctica e sentidos parelhos ou aproximados, exprimindo «silêncio, quietação, indiferença», tais como: *nem uma nem duas, nem sim nem não, nem mais nem menos, nem lá vou nem faço mister* ², etc., vemos

¹ Com um excerto da *Gazeta das Aldeias*, de 25 de março de 1906.

² Provavelmente por *nem faço vispere*. *Fazer vispere* é loc. pop. que significa «fugir, desaparecer.» A expressão acima aplica-se aos indolentes, aos que não procuram tornar-se úteis; como quem diz: «nem vou nem me retiro, fico na minha imobilidade cômoda.»

que a conclusão ideológica se extrai da relação entre dois elementos de sentido contrário.

Poderemos pois supôr que na expressão *nem chuz nem buz* haja também o encontro de duas idéas opostas.

No nosso velho refraneiro encontra-se um provérbio curioso: «A perro velho não digas *Buz Buz*.» Assim está no Adagiário de Rolland, a pag. 99 da edição de 1841. E na *Ulisipo*, de Jorge Ferreira:

«Vedes senhora que eu fui mancebo,
& mal pecado sei mais disto que das obras
de misericórdia e ei que las sabe las tanhe,
asno desovada de longe aventa as pegas, e
a perro velho não buz buz». — Ed 1787,
pag. 20.

Buz aqui não indica silêncio. *Buz* ou *buche* é voz com que se chamam os cães e o provérbio indica na sua sábia prudência que se não devem chamar ou azeigar os cães velhos que são sabidos e matreiros e não virão facilmente à mão de um extranho. Lá o diz também o velho adágio: «Cão velho quando ladra dá conselho.»

Chuz ou *sus*, pelo contrario impõe afastamento, quietação, como lá se diz na *Ulisipo*:

«nem pela vida abrirá depois huma
janela porque lie o pay não diga sus». —
Pag. 356.

Da mesma raiz onomatopáica *ch* que impõe «afastamento ou silêncio» são as interjeições: *chó!*, *chut!*, *chula!*, *chitom!* ¹ = *chitão!*, *chiz!* ², *chiu!* = *siu!*, *ch(i)u!* = *su!*

¹ Do fr. *chut donc!* V. *Apostilas*, I, 295.

² Como no espanhol: *chis!* E² forma antiga, como se pode ver no Cancioneiro de Garcia de Resende, nas trovas de Duarte de Brito a João Gomes da Silva:

Eram vossos tempos autos
nas festas da emperatriz,
mas agora calar chiz
não é tempo de crisautos.

(Ed. da Imp. da Unid., I, 410).

«Anda mais brauo ã touro,
& a quem fala
pregunta de chyche (a) cala,
senhores, vistesmũ mouro».

(a) Cp. *fuge*, de *tus*.

[Cf. a grafia *enchotar*]

(*Ibidem*, II, 349).

Temos pois em *chuz* e *buz* duas vozes de sentido contrário que logicamente poderiam ter sugerido a expressão popular.

Não dizer chuz!, nem buz! significará em rigor « não repelir nem chamar », — conservar-se indiferente, não dizer nada, guardar silêncio.

Matar-o-bicho = Matabicho

Matabicho é geralmente a bebida que se toma de manhã, em jejum. Este hábito de *matar-o-bicho* não passa afinal de um pretexto para matutinos beberêtes de qualquer naturêza, entre os afeiçãoados.

O *Nôvo Dicionário* no voc. *Bicho* regista: «matar o bicho (pop.), beber aguardente ou outra bebida alcoolica antes de almoço». No lugar próprio insere *matabicho* como termo brasileiro: «um gole que se toma, de qualquer bebida alcoolica».

Nos *Subsídios* ¹ regista Cortesão «*mata-bicho*: Pop. Aguardente, licor, café, etc., que se toma de madrugada, em jejum, principalmente no inverno».

Mas não se limita a isto a acepção do *matabicho*, pelo menos no centro do país. «Mata-se o bicho» com qualquer bebida ou iguaria ligeira: aguardente, café, leite, pão, frutas e ainda com um cigarro ou qualquer acontecimento matutino. Mais extensivamente *matabicho* é o primeiro serviço ou ocupação da manhã: «O meu *matabicho* é acender o lume». «Vou ao mato, para *matar o bicho*».

Ha mais: *mata-se o bicho* às vezes, pelo dia adeante, depois do almoço, ao meio dia, ou às horas em que o frio aperta, e isto serve de pretexto para bebericar.

A expressão perde por esta maneira o seu sentido próprio mas assim se tornou extensivo o *levaremo*, de *leva-remos!* que era e é a voz de comando do patrão de uma embarcação para ordenar descanso aos remadores. «Nestas pausas do remar todos bebião um *golinho* ou um *golão*» ² para reanimar.

A expressão passou do mar á terra, como tantissimas outras que atestam o génio de um povo de navegadores, e o *levaremo* veio a significar a *golada* tomada em qualquer ocasião, como vem no *Templo de Apolo*, de Gil Vicente:

¹ *Subsídios para um Dicionário Completo (historico-etymologico) da Língua Portuguesa*, por A. A. Cortesão. Coimbra, 1900.

² Informação obsequiosa da Ex.^{ma} Snr.^a D. Carolina Michaëlis de Vasconcellos.

«Aramá, como estou secco!

Aqui trago um *leva-remo* . . . »

Obras (ed. 1834), II, 388.

E no *Auto da Festa*:

«Aqui trago um *levaremo*»

(Ed. 1906, 110.)

Do mesmo genero é o *lavadente* = «beberête», que Moraes indica como termo chulo. Vem na *Ulisipo* de Jorge Ferreira de Vasconcelos:

«(Hyp.) Eu vos direi, a taverna perto
está: eis ahí hum tostão, convidai os com-
panheiros. (Buc.) Isto está de rosas. Em
hum salto tomaremos este *lavadente* . . . »
Ed. 1787. 235.

Tambem, como *matabicho*, o *lavadente* se tomava no sentido de «gorgêta ou gratificação» e daí, por ironia, passou a indicar qualquer acontecimento desagradável¹.

Entre os bebedores, a necessidade de mitigar ou *matar* a sede, como dizia a Maria Parda:

«O' rua da Mouraria
quem vos fez *matar a sede*
pela lei de Mafamede
com a triste d'agua fria?

passou a ser considerada um vício e vício era, e é, dos mais funestos. Pode ser que o *matar-o-bicho* se explique por corrupção pinturêscas da expressão *matar-o-vício*, que o mesmo era que satisfazê-lo.

Mas o fr. *tuer le ver*² abona a expressão tal como se ouve hoje. Considerava-se a sensação da fome e da sede como a mordedura de um bicho³. As expressões *matar a fome* e *matar a sede*⁴ condensaram-se apenas naquella, que indica a causa determinante.

¹ Na *Orthographia*, de Madureira Feijó, ed. 1739: — «*Lavadente* chama o vulgo á reprehensão aspera».

² = «Boire, en jeun, un verre de vin ou d'alcool» — *Larousse*.

«Boire un verre d'alcool = *tuer le ver*» — Aristide Bruant. *Dictionnaire Français = Argot*, Paris 1901.

³ V. in *Revista do Minho*, vol. III, n. 9, o artigo do snr. Dr. Leite de Vasconcellos: *Matar o bicho*.

⁴ No *Cancioneiro Geral*, de Garcia de Resende, ed. da Imprensa da Universidade, vol. I, pag. 171.

Quando foi da peste que assolou Lisboa no reinado de D. João I era o vinho abundante como se vê no *Pranto de Maria Parda* e os apreciadores encontravam a profilaxia da doença no çumo da uva. Assim o recorda a velha bêbeba:

«Eu não sei que mal foi este,
 peor cem vezes que a peste,
 que quando era o trão e o tramo
 andava eu de ramo em ramo:
 Não quero deste, mas deste.»

O álcool era o preventivo contra a peste, no conceito do povo, e a êle crê dever a saúde a velha:

«Vão por mim á Sancta Orada
 D'Atouguia e d'Abrigada,
 e a Curageira sancta,
 que me derão na garganta
 saude a peste passada.»

Evidentemente esta toponímia indica as proveniências do vinho bom e foram estas que, durante a peste, lhe «deram saude na garganta.»

Ingeria-se pois o álcool para *matar o bicho* da peste ou pestelença.

Recordo-me que, durante a peste do Porto, se recomendava entre o povo, cá pêlo sul, egual profilaxia.

Daqui! = De estalo!

Daqui! é exclamação popular usual em todo o país, quando se pretende significar que uma coisa é optima, especialmente qualquer iguaria ou bebida. A frase acompanha um gesto expressivo que consiste em apanhar levemente entre o polegar e o indicador da mão direita a polpa da orêlha.

Sabe-se que *vinho de orêlha* ainda hoje no Minho quer dizer «vinho bom»¹, contrariamente ao *vinho de duas orêlhas* que era o «vinho mau.»

Na *Ulisipo* gaba Parafito o vinho da ceia:

«Oulá *dorelha* é o vinho, por sam pisco!»

(Ed. 1787, pag. 213).

¹ V. *Aurora do Lima*, do dia 25 de Setembro de 1907.

E na *Pratica dos Compadres*, de Ribeiro Chiado:

«Pardelhas!
Vinho de *duas orelhas*
assentae que nunca é taibo»¹.

Autos, ed. 1880, pag. 120.

O P.^o José Marques no seu *Nouveau Dictionnaire des Langues Française et Portugaise (Supplement)* explica esta pinturêscas designação pelo gesto usual nos provadores que a um vinho bom inclinam a cabeça para um lado sômente e ao mau sacodem-na vivamente, fazendo estremecer as duas orelhas².

Boa ou má é esta também a explicação que dá Littré invocando de Brieux, porque em francês se diz também *vin d'une oreille* e *vin de deux oreilles*.

A designação de vinho bom por *vinho de orelha* originou certamente a pinturêscas expressão animada que dispensa a dicção e dá relevo á idéa.

Extensivamente, de vinho bom, passou a significar qualquer outra bebida, e daí, com mais liberdade, uma iguaria ou qualquer outra coisa digna de aprêço.

Assim se devem interpretar estes versos de Azevedo Tojal no *Fogueteiro*:

«Todos, cabeceando, o dito aprovão
deixando á tal razão *cair a orelha*. . .»

—Ed. 1904. pag. 11.

Numa ordem inversa de dedução ideológica temos a locução *de estalo!* que veio a significar o vinho bom, pelo ruído característico resultante do embate da língua contra o palato, gesto muito usual nos provadores de vinho, quando êle é bom.

Hoje diz-se de qualquer coisa muito boa.

Na primeira expressão a relação ideológica veio da expressão falada para o gesto; nesta veio do gesto para a expressão falada.

¹ *Taibo* = «bom». V. a este respeito: *Estudos da Língua Portuguesa*, de Julio Moreira; *Frazes feitas* — II série, de João Ribeiro.

² — Lisboa, 1758. — «*Vin d'une oreille, c'est-à-dire du bon vin, parce qu'on dit que le bon vin fait pancher la tête de celui qui le boit, d'un côté seulement, au lieu que si le vin est mauvais, on secoue la tête, & par conséquent les deux oreilles*» S. V. *Vin*.

Untar as mãos

Untar as mãos o mesmo é que «gratificar alguém á socapa, para que *feche os olhos* a um negócio geralmente ilícito», «subornar com peitas», como diz Morais. Claro que, na filosofia velhaca da expressão salva-se a moralidade, porque o *íntegro* fiscal, pretendendo apanhar a melueigra, nada consegue. Pois se ela se lhe escapa como enguia, nas *mãos untadas!*

Já lá se diz na *Arte de Furtar*:

«E tanto que lhe[s] *untão as mãos* com moeda corrente [os *saltados* aos *agarradores*] logo os deixão *escorregar* dellas . . . » — Ed. 1744. Pag. 38.

Tambem Tomás Pinto Brandão diz no *Pinto Renascido*:

«Muitos Curgidões havia
que lhe cahissem á perna,
daquelles de mãos untadas
e tambem dos de mãos cheas.»

(1732, pag. 228).

Por isso, contrariamente, se diz da pessoa honesta e incorruptível: «que tem as mãos lavadas *ou* limpas»¹.

Deste sentido de *untar* que envolve sempre um artil em proveito próprio resultam algumas expressões e frases proverbiais:

Por uma relação de idéas associadas veio a expressão popular: *dar manteiga*, i-é, «elogiar, adular, enganar com palavrinhas doces para conseguir os seus fins.» *Manteiguciro* é o adular — um figurão temível que esconde sempre uma interesseira reserva sob a calda-de-açúcar dos seus louvôres.

Desta doçura untuosa e perversa vem o dizer-se *dar mel pelos beiços* — «fazer a bôca doce» — que esconde sempre um lôgro inocente ou não.

«Vêde a labia... com que nos quer dar
com o mel pelos beiços, depois de nos pôr
o sal na moleyra.»

(*Cartas do Cav. de Oliveira*, ed.
1741 — I, 140).

¹ Como no esp. *manos limpias, manos lavadas*.

Neste sentido dizia-se *untar os beiços*, como usou Fernão Lopes na *Cronica del-rei D. Fernando*:

«E com estas e outras razões foram-lhe poendo o feito pella armada, ¹ *humtando-lhe os beiços* com doces palavras de boa esperança. . .»

Cap. CV (e. 1805, vol II, 160)

Meliante é o intrujão com fina lábia e astúcia persuassiva. Destes se dizia que enganavam os simples «melando-lhes o corpo e expondo-o às moscas» (V. Morais). Daí o *fazer-se mel* referido aos ingênuos ou tansos que, para agradarem pelas acções e pelas palavras, se deixam cair no laço que os espertalhões lhes armam.

Lá se diz na *Ulisipo*:

«Por me fazer mal me comeram as moscas».

(EJ. 1787, pag. 65).

Tambem se dizia antigamente *untar o carro* no mesmo sentido de *untar as mãos* ². Explica-o Sá de Miranda:

«(fig. y fam.) gratificar á alguno para conseguir lo que se desea».

(Dic. Comp. de la Leng. Cast. Rodríguez-Navas-Madrid, 1907).

¹ O sr. João Ribeiro — *Frases Feitas*, II, pag. 297 — supõe que neste caso armada esteja em vez de *rama* ou *ramada*. Evidentemente o illustre academico refere-se ao sentido da frase *pôr pela rama*, i-é, «superficialmente». Creio porém que *armada* é aqui termo de caça, empregado figuradamente. *Armada* era um estratagemma de que se serviam os couteiros para levarem as feras ao ponto em que estavam os caçadores: vid. *Textos Archaicos*, ed. 1808, pag. 125 em que o Dr. Leite de Vasconcelos cita o *Diccionario da Academia*.

Na mesma *Chronica*, cap. XCIX, vem o voc. como termo de caça:

«Quando a companhia foi toda junta, fez-se muito tarde, porque vinham de longe, e depois que o infante partiu [= *distribuiu*] as *armadas* ficou elle com uma d'ellas e mandou pôr os cães a achar. . .»

«Tenho-me eu co'o dadivoso
que *unta o carro*, andam as rodas. . .»

(*Ecloga Basto*)

² Como no esp.: *untar el carro* =

No Adagiário de Rolland vem a expressão assim definida:— *diz-se de quem dá, para facilitar o negócio com que anda*. Pela mesma razão diz o refraneiro antigo: *quem unta amolenta*.

De tantas *unturas* é natural uma consequência, na lógica dos factos e das idéas.: a *pingadeira*. *Pingadeira* são os lucros eventuais e ilícitos de um negócio. Camilo empregou o termo na *Brazileira de Pratinas*:

«É oiro! Começa a *pingadeira*! Vés?»

(Ed. 1898, — pag. 79.)

Dai o popular *escorrer*: «O ordenado é pequeno mas com o que *escorre* por fora... vive á grande!» O que «*escorre* por fora» vem a «*escorrer* para dentro» do bolso do patusco.

No velho refraneiro encontra-se a expressão *untar as barbas*, i-é, «comer á farta, lautamente». Assim vem na *Aulegrafia*:

«Ora leva remo, i-vos comer e *untar* vossas barbas.»

— Pag. 90.

E na *Ulisipo*:

«*Untarei as barbas* no banquete»

— Pag. 101.

Ás vezes certos rascões, simulando largas tenças, *untavam as barbas* a finjar de fartos, como o tal que, cheirando a alho, «arrotava postas de pescada».

Simulação convizinha persiste num proverbio popular minhoto: «Osso da *suã* || *barba untada* barriga em vão».

Nem sempre a *barba untada* indica «barriga cheia», dai o logro dos que se fiam em aparências.

ÓSCAR DE PRATT.

CONTOS POPULARES DE ÉVORA

.. por me refocilar do trabalho de
outros studos mais pesados..

(Duarte Nunez do Lillo, *Origem da
língua portuguesa*, Lisboa, 1906.
Dedicatória).

1

Guimar e o infante

Noutro tempo havia o costume que era, quando havia guerra entre dois reinos, o rei que ficava vencido tinha de dar um filho para ir servir para casa do rei que ganhava a guerra; e era sempre êsse o costume.

Ora aconteceu que havia um rei. E êste rei ganhou uma guerra a outro rei doutro reino que teve de lhe mandar um filho. Veio o infante para palácio servir para casa do rei e o rei mandou-o para ajuda do jardineiro. E o rei tinha duas filhas e a mais velha chamava-se Maria e a mais môça Guimar. E era costume as infantas, todas as manhãs, irem ao jardim, e o jardineiro arranjava sempre dois raminhos de flores para elas. O jardineiro, assim que viu o infante, disse-lhe assim:

—ôlha que amanhã, pela manhãzinha logo, as senhoras infantas «veem ao jardim» e então tu tens de arranjar um ramilhete de flores para cada uma; agora vê lá o que fazes.

O infante, já se vê, foi logo arranjar dois raminhos de flores para as infantas. Quando elas vieram ao jardim, vai êle e deu um ramilhete a cada uma; deu um muito bonito à Maria mas o outro que ainda era mais bonito deu-o à Guimar. Ora a Maria, assim que viu isto, ficou logo com muita enveja e disse lá para consigo:

—ãh sim, tu gostas mais da Guimar? pois deixa estar que eu te direi.

E foi logo dali ter com o pai e disse-lhe:

—{sabe, pai, o que disse o infante? que o nosso jardim era muito mais feio que o da casa do pai dele, e que êle era capaz de formar um jardim com mais qualidades de flores, e isto tudo até amanhã, e que se não que o mandasse matar.

—¿o quê, o infante disse isso? mandem-no lá chamar.

Mas a Guimar tinha uma varinha de condão, e ninguém sabia, e já andava à escuta, e assim que ouviu isto foi logo a correr:

—ò infante, ôlha que se o meu pai te preguntar se tu dissesse que eras capaz de formar um jardim com mais qualidades de flôres, e isto até amanhã, e se não que te mandasse matar, tu diz-lhe que sim; e logo pega num sacho e põe-te assim a finjir que andas a cavar, e deixa, não te dê fezes.

O infante foi chamado à presença do rei:

—¿então tu dissesse que eras capaz de formar um jardim com mais qualidades de flôres, e isto tudo até amanhã, e se não que te mandasse matar?

—eu tal não disse mas vossa majestade diz está bem dito.

—bem, pois então amanhã hás-de ter o tal jardim pronto, senão vais a morrer.

O infante foi muito triste, mas fez tudo que Guimar lhe tinha dito. A Maria via-o andar com um sachinho a cavar e dizia:

—ôlha lá ô! vai adeantado o jardim; deixa, has-de ir a morrer.

No outro dia, pela manhãzinha, a Guimar pega na varinha de condão e disse assim:

—varinha de condão, pela condão que Deus te deu, forma-me já aqui um jardim com mais qualidades de flôres que possa haver.

Ora, formou-se logo um jardim que não havia jardim mais rico no mundo.

A Maria vai a chegar à janela, e nisto quando ela vê aquele jardim... Ora, ficou passada; foi logo chamar o pai:

—ò pai quiere ver o que fez o infante?

Ora veio o rei, veio a côrte toda e tudo ficou admirado dum jardim tam bonito. Bem, desta escapou o infante.

Como era o costume, as infantas vieram ao jardim, e vai êle e deu outra vez um ramilhete a cada uma, mas deu o mais bonito à Guimar. Ora a Maria ficou outra vez com muita enveja e disse lá para consigo:

—deixa estar que tu escapaste da outra, mas deixa que eu te direi.

E vai e foi logo dali ter com o pai e disse-lhe:

—¿sabe, pai, o que disse o infante? que era capaz de no meio do jardim fazer uma tôrre, tam alta, tam alta, que se avistasse lá de cima o reino do pai dele, e isto até amanhã, e que se não que o mandasse matar.

—¿o quê, o infante disse isso? mandem-no lá chamar.

A Guimar que andava sempre à escuta, foi logo a correr:

—ô infante, ôlha que se o meu pai te preguntar se tu disseste que eras capaz de fazer uma tôrre no meio no jardim, tam alta, tam alta que se visse o reino do teu pai, e isto até amanhã, e que se não que te mandasse matar, tu diz-lhe que sim; e logo arranja assim umas pedrinhas, e põe-te a finjir que estás a principiar a fazer a tôrre, e deixa, não te dê fezes.

O infante foi chamado à presença do rei:

—¿então tu disseste que eras capaz de fazer uma tôrre tam alta, tam alta, que se visse o reino do teu pai, e isto tudo até amanhã, e que se não que te mandasse matar?

—eu tal não disse mas vossa majestade diz está bem dito.

—bem, pois então amanhã hás-de ter a tôrre pronta, vê lá como te amanhas.

A Maria via-o andar a arranjar umas pedrinhas e dizia:

—ôlha lá ô! vai adeantada a tôrre; deixa, desta vez é que vais a morrer.

No outro dia pela manhãzinha a Guimar pega na varinha de condão e disse assim:

—varinha de condão, pela condão que Deus te deu, forma-me já aqui uma tôrre tam alta, tam alta que se veja o reino do pai do infante.

Ora aquilo formou-se logo uma tôrre, aí mas que grande tôrre...

A Maria vai a chegar à janela, e quando ela vê aquela grande tôrre no meio do jardim... Ora, ficou passada; foi logo chamar o pai:

—ô pai, quere ver o que fêz o infante?

Ora veio o rei, veio a côrte toda, e tudo ficou admirado duma tôrre tam alta. Mas a Maria, que se queria vingar do infante, disse logo:

—pois sim, mas agora vamos lá a ver se sempre se vê o reino do pai dele.

Subiram todos pela escada acima e puseram-se com os óculos d'alcançar a ver se se via o reino do pai do infante. Ora, viram logo o reino do pai do infante. Bem, desta ainda escapou.

Como era o costume, as infantas vieram ao jardim e vai êle e deu um ramilhete muito bonito à Guimar, e à Maria deu-lhe um ramo muito mal feito. Ora a Maria ainda ficou com mais enveja e disse lá para consigo:

—deixa estar que m'as hás-de pagar; tu tens escapado das outras vezes, mas desta talvez não escapes.

E vai e foi logo dali ter com o pai e disse-lhe:

—¿sabe, pai, o que disse o infante? que era capaz de subir à tôrre com um copo de água, cheinho a tresbordar, na testa e que não entornava nem uma pinguinha, e que se não fôsse capaz, que o mandasse matar.

—ço quê, o infante disse isso? mandem-no lá chamar.

A Guimar, que andava sempre à escuta, fuiu logo a correr:

—ò infante, ôlha que se o meu pai te perguntar se tu dissesse que eras capaz de subir à torre com um copo d'água na testa, sem deixar cair nem uma pinguinha, e que se não que te mandasse matar, tu diz-lhe que sim, e deixa, não te dê fezes.

O infante foi chamado à presença do rei:

—¿então tu dissesse que eras capaz de subir à torre com um copo d'água na testa, sem entornares nem uma pinguinha, e que se não que te mandasse matar?

—eu tal não disse mas vossa majestade diz está bem dito.

—bem, pois então amanhã hás-de subir à torre e vamos a ver como te amanhas.

O infante coitado, foi muito triste:

—agora desta é que eu não escapo.

No outro dia a Guimar pega na varinha de condão e disse:

—varinha de condão, pelo condão que Deus te deu, que o infante quando suba à torre não entorne nem uma pinguinha d'água.

Assim foi, veio a côrte toda para ver o infante a subir à torre. A Maria é que quis logo encher o copo; ora, aquilo encheu-o o mais que pôde. Bem, o infante pôs o copo d'água na testa e começou a subir as escadas. Atrás ia a Maria, com sete olhos, com uma toalha aberta na mão que era para se caísse alguma pinguinha ver-se logo. Ao depois ia o rei e a côrte toda. O infante foi subindo, subindo, e quando já ia mesmo a chegar lá a cima, ia a suar muito, e nisto cai-lhe uma pinga de suor da testa.

A Maria, assim que viu uma pinga na toalha ficou muito contente, e começa a gritar:

— cá está uma pinga de água; já caiu uma pinga de água.

Mas logo todos viram que tinha sido suor e todos da côrte disseram:

— não senhora, foi uma pinga de suor.

A Maria bem quis atear, mas o rei disse que não era água de maneira que o infante ainda escapou desta.

A Guimar assim que pôde foi ter com o infante e disse-lhe assim:

—ôlha, infante, a minha irmã tantas há-de fazer que há-de arranjar que o meu pai te mande matar; então para não andarmos nesta matação, não arme ela alguma que eu te não possa valer, então o melhor é nós fugirmos para casa do teu pai; ôlha, vai à cavalaria, e hás-de lá encontrar dois cavalos, um grande e muito gordo, êsse tem as patas entapadas, e outro magro e mais pequeno; tu traz o mais magro, não tragas o outro porque mesmo com as patas entapadas

ouvem-se-lhe as patadas sete léguas; e arranja tres canudos, um enche-o com cinza, o outro com areia e o outro com sal; não te esqueças, arranja tudo bem que nós amanhã de madrugada abalamos.

Assim foi. No outro dia pela manhãzinha muito cedo êle foi à cavalaria, lá viu os cavalos como ela lhe tinha dito, trouxe o mais magro, arranjou tudo e aqui vão êles.

Ora, cá o rei deu logo por falta de Guimar:

—¿que é dela a Guimar? ¿onde está ela a Guimar?

Não aparecia a Guimar.

A Maria lembrou-se logo de ir procurar o infante:

—que é dele o infante? onde está êle o infante?

E nada de aparecer o infante.

Ora, aquilo foi um lavarinto em palácio. O rei vai à cavalaria, quando êle vê que estava só o cavalo das patas entapadas. Viu logo que tinham fujido. Monta-a cavalo, e aqui vai êle a ver se os apanhava.

Cá o infante e a Guimar iam sempre andando; nisto quando ela ouve as patadas do cavalo:

—ai infante, que aí vem o meu pai; já vem a sete léguas, que eu já ouço as patadas do cavalo; deita o canudo de areia, mas para trás.

O infante deitou o canudo de areia. Ora, aquilo formou-se um areal que era uma imensidade. E êles sempre para diante.

Cá o rei, quando êle vê aquele grande areal. O cavalo nem para trás nem para diante. O rei já estava farto, mas tanto tanto e lá venceu o areal.

Cá o infante e a Guimar iam sempre andando; nisto quando ela ouve outra vez as patadas do cavalo:

—ai infante, que aí vem o meu pai; já vem a sete léguas, já passou o areal; deita o canudo de cinza, para trás.

O infante deitou o canudo de cinza. Ora, aquilo formou-se logo um nevoeiro, que era uma imensidade. E êles sempre para diante.

Cá o rei começa-se-lhe a formar aquele grande nevoeiro. O cavalo nem para trás nem para diante. O rei já estava farto, mas tanto tanto lá venceu o nevoeiro.

Cá o infante e a Guimar iam sempre andando, nisto quando ela ouve outra vez as patadas do cavalo:

—ai infante, que aí vem o meu pai; já passou o nevoeiro; deita o canudo de sal.

O infante assim fez. Ora aquilo formou-se logo um braço de mar, mas que grande braço de mar... E êles sempre para diante.

Cá o rei, quando êle vê aquele grande braço de mar. Meteu o cavalo á água mas aquilo nem para trás nem para diante. O rei a arremeter já estava até para se vir embora, mas tanto tanto e lá passou o braço de mar.

Cá o infante e a Guimar iam sempre andando, nisto quando ela ouve outra vez as patadas:

—ai infante que aí vem o meu pai; já passou o braço de mar; agora é que nós estamos perdidos.

Aparearam-se. Diz-lhe a Guimar:

—ôlha, nós não podemos já fugir, e então eu vou formar aqui um palácio, e deixa não te dê fezes.

E pega na varinha de condão e disse:

—varinha de condão, pelo condão que Deus te deu, forma-me já aqui um palácio, por fora a cair aos bocados, e por dentro tam rico, quanto mais não possa ser.

Ora formou-se logo um palácio, por fora todo escalamocado, e por dentro não lhe faltava nada.

Andava por ali um pastor e vai ela e diz-lhe assim:

—ô pastor, se vier por aí alguém a perguntar se tu viste um rapaz e uma rapariga a cavalo, tu diz-lhe que sim que passaram por aqui quando se andava a fazer êste palácio.

Ao depois a Guimar e o infante meteram-se dentro do palácio.

Cá o rei, sempre a correr, a ver se os apanhava, passa por ali, e quando êle vê aquele pastor e perguntou-lhe:

—ô pastor, tu não viste passar por aqui um rapaz e uma rapariga num cavalo?

Diz-lhe o pastor:

—saiba vocemecê que sim; ôlhe passaram por aqui quando se andava a fazer êste palácio.

O rei olha para o palácio, viu que êle estava a cair aos bocados, disse lá para consigo:

—ôlha lá! onde irão êles a estas horas, já o palácio está neste estado; há quanto tempo então êles aqui passaram.

E perdeu as esperanças de os apanhar e pronto veio-se embora para trás.

O infante, assim que viu que o rei se tinha ido embora, disse à Guimar que queria ir dizer ao pai dele para a vir buscar com o seu estado. Diz-lhe a Guimar:

—bem, tu vai, mas agora vê lá se te esqueces de mim; tu nunca te deixes beijar, ôlha que se alguém te der um beijo, nunca mais te lembras de mim.

O infante prometeu-lhe muito que nunca havia de se esquecer dela, e que a vinha logo buscar, e lá abalou.

Assim que chegou a casa do pai dele, ora aquilo foram logo grandes festejos, touradas, cavallhadas... O pai muito contente, a mãe muitos abraços mas êle disse logo que não o beijassem. Mas nisto vem a avó,

e assim que o viu agarra-se a êle e vai e deu-lhe um beijo. Pronto, o infante esqueceu-se logo da Guimar.

Cá a Guimar à espera do infante, no palácio e o infante nada de aparecer. Ora ela viu logo que o infante se tinha esquecido dela.

Bem, estava ela à janela, nisto quando passa por ali uma grande manada de touros que iam para a tourada que havia no reino do pai do infante, ainda para os festejos. Ela pega logo na varinha de condão:

—varinha de condão, pelo condão que Deus te deu, que os touros se tresmalhem todos, e que não queiram passar aqui dêste sitio.

Ora os touros começaram logo cada um a correr para o seu lado, e os campinos não havia maneira de os meter a caminho. Ela chega à janela:

—¿mas o que é isto? ¿então os touros não querem andar?

—ai, senhora, que temos de levar o gado para a tourada do reino de tal, está tudo lá à nossa espera e os touros não há maneira de d'aqui quererem sair.

Diz-lhe ela assim:

—se me prometem uma cousa, eu faço os touros irem já a caminho.

—ò senhora, peça o que quiser.

—bem, então ôlhem, quando os touros entrarem, vocemecês hão-de passar por debaixo da tribuna onde está o rei e a côrte toda; quando passarem mesmo dehaixo gritem todos:

— andem, andem,
não se esqueçam de andar,
assim como o infante
se esqueceu de Guimar.

Pega na varinha de condão e disse:

—varinha de condão, pelo condão que Deus te deu, que os touros vão já para o reino do pai do infante, o mais depressa que possa ser.

Ora aquilo os touros, foi logo, chegaram lá num instante.

Estava tudo já à espera dos touros quando entra tudo a correr. Quando os campinos passaram por baixo da tribuna tiraram os barretes e gritaram todos:

andem, andem,
não se esqueçam de andar,
assim como o infante
se esqueceu de Guimar.

O rei perguntou:

—o que é que eles dizem?

Passaram outra vez e gritaram todos:

andem, andem,
não se esqueçam de andar,
assim como o infante
se esqueceu de Guimar.

O infante, assim que ouviu isto, nem já quis assistir á tourada. Contou logo tudo ao pai; ora o pai mais a côrte toda foram logo buscar a Guimar lá ao palácio, com um grande estado, preparou-se logo tudo para as bodas e pronto, casaram-se e ainda lá estão hoje e bendito louvado está o conto acabado.

Colhido em Évora (agosto, 1911).

BERNARDINO BARBOSA.



Vocabularios de varios concelhos do districto de Vila Real

O material que publicamos agora, foi colhido pelos anos de 1898-1900 da boca de alunos do Collegio de N. S. do Rosario e de outros da *Escola Normal*, de Vila Real.

Ultiormemente no Porto, chegamos a obter de alunos transmontanos que frequentavam o liceu grande cópia de tradições e de vocabulos que adicionámos ao peculio primitivo. Daria um volume regular para cada um dos concelhos de Chaves, Valpaços e Mesão-frio; para os outros concelhos do districto havia menos.

Porem todos estes novos materiais se perderam numa mudança de papeis.

Vai pois só o nucleo primitivo, menos a parte relativa ao concelho de Murça, que já foi publicada na *Rev. Lusitana*, XIV, 85-87.

I

ALIJO

aboucar, ferir, espancar; levar castigo.

abronceiro, espinheiro.

acilrar, acirrar (*os cães*).

agaiar, arraposar, não ir á escola.

ajolhar, ajoelhar.

alcacia, acacia.

aldeagante, vadio.

alicleu, licreu, lacraio, escorpião.

alinterna, lanterna.

almotriga, almotolia.

amanhê, amanhã.

Anible, Anibal.

Antónho, Antonio.

arancú, pirilampo.

arólas, 1.º mentiras, 2.º pessoa que as diz.

arrincar, arrancar. (E' vulgar no Minho).

arrigar, arrancar. (E' vulgar no Minho).

asquêlles, e **asquêllas**, aquêles e aquêlas.

avem-maria, ave-maria.

bagôcho, rapaz pequeno.

balho, galo na testa.

balôr, bolor.
bichano, gato.
bornal, saco, saquitel.
cachóla, ou **cachôlo**, nome dum jogo.
calondro, abóbora.
camurra, pessoa de poucas falas.
carrascana, carraspana, bebedeira.
caruja, chuva meúda.
chanato, chinella.
chapéu, céu, véu, e não chapêu etc.
chaquiçar, aguçar um pau.
chiadoiro, vida, existencia. Acabar com o *chiadoiro* a alguém.
cobérto, casa de abrigar lenha; part. do verbo *cobrir*.
cocharra, colher de pau.
codear, levar castigo. Em Barcelos, significa o mesmo.
códo, gelo duro.
comilôna, e semelhantemente os do mesmo suffixo.
ctofêlo, cotovêlo.
demónho, demonio.
Deniel, Daniel.
desarado, desarranjado, desageitado.
dósa, cossa, tarefa.
engrampar, enganar.
escaleira, escada.
escasso, economico, poupado, avarento.
escava-terra, toupeira.
espigueiro, casa onde guardam as espigas.
estropiar, tropiar, fazer barulho.
fanico, perda momentanea dos sentidos.
fieitos, fetos.

gacho, cacho.
Gallicia, Galiza.
gallifato, garôto.
gallo, tumor na testa resultante duma pancada.
gastalho, cegonha, guindaste, aparelho de tirar agua.
gôgo, pedra roliça.
ilhapim, olhapim, larapio.
intoirir, inchar.
jólho, e **jólho**, Joelho.
jonguer, jungir.
jonguir, jungir.
laidra, ladra.
lambefe, bofetada.
lamparina, bofetada.
lampeiro, (adj.) desembaraçado e algum tanto atrevido.
laparôto, rapaz gordo.
larpeiro, comilão.
lascarim, gaiato, travêso.
lambaças,
lamegão, } comilão.
lategão, }
lebrão, macho da lebre.
lôstra, bofetada.
manápola, mão.
marrã, cabeça de porco morto.
meadeira, dobadoira de fazer meadas.
medrança, bicho que se cria na pelle dos bois.
mico, gato.
milhentos, mil, muitos.
minhafre, milhafre. (Tambem dizem *tanha* por talha).
miscro, cogumelo, frade.
missoilo, fornada pequena.
mixuto, rapaz pequeno que come muito.
mora, ou *amora*, fruto da amoreira e tambem das silvas.

- mosquêto**, bofetada.
muro, gato.
mnrinho, gatinho.
naifa, canivete.
nouca, nuca.
odrada, pancada com o ventre ou costas.
ónha mãe, ó senhora mãe.
ónho pai, ó senhor pai.
orelhada, bofetada.
paquêto, creado pequeno de recados.
pascaró, pastel, homem inutil.
pascovio, pacovio, palerma.
panasio, bofetada.
peneira, fome.
pilatas, garôto.
pingüêlo, rapaz ou rapariga apalermada.
pióna, zaróna.
pirúm, Perú.
pisca, beata ou ponta de cigarro.
pôitas, mãos (ouvida a uma pessoa da *Pesqueira*).
polvorinho, redemoinho.
pôsma, pateta.
pote, homem baixo.
queijato (o grande), Ursa maior, constelação.
rahanada, lufada de vento.
range-range, instrumento infantil.
raposar, arraposar, agaiar, não ir á escola.
ratoqueira, escava-terra, toupeira.
reanhas, pessoa importuna e ruim de aturar.
rengo, erva parasita que nasce no meio das vinhas.
resulho, a parte solida do caldo.
roca, aparelho de colher a fruta sem a pisar. Em Amarante e Lixa chamam-lhe *laima*.
salamantiga, salamandra.
sapadôiro, tampa da panela.
scamhrar, aclarar ou aliviar o tempo.
scano, banco á beira do lar.
sincelo, caramêlo pendente das arvores, quando está nevoeiro e gea.
sôlto, souto ou soito.
stémago, estomago.
strelique, fanico, chelique.
tahaqueiras, ventas, faces.
talabarte, (não sei o sentido desta palavra).
tareco, gato.
tarreco, pessoa baixa.
Tónho, Antonio.
trépa, tareia.
trevoada, bebedeira; chapéu alto.
unhas, avarento.
vicente, côrvo.
vungar, fungar ou zongar, atirar uma pedra de modo que produza som.
xeringar, seringar.
zaróna, pião pequeno.
zarêlho, pião pequeno.
zoar, soar.
zôga, raiz seca das arvores; móca.
zôgada, pancada com *zôga*.
zongão, zangão.

II

BOTICAS

- abesoiro**, besoiro.
abespra, vêspra.
abocanhar, aclarar (o tempo).
abogão, besoiro.
adêlha, quêlha (do moinho).
ade-maria, ave-maria.
adinterna, lanterna.
agrões, agriões.
ajolhar, ajoelhar.
alicanço ou **alicréu**, cobra venenosa.
alinterna, lanterna.
alvezes, às vezes.
ameixeiras, ameixoeiras.
amontaria, almotolia.
arancú, pirilampo.
arrate ou **arratie**, pl. *arrates* somente.
azoutar, açoutar.
azoute, açoute.
bezeira, rebanho de cabras e ovelhas, multidão de gente, de rapazes, etc.
bocanho, clareira de bom tempo.
bois do moinho, o rolête, o rôlo de madeira sobre o qual rola a mó do moinho.
botêlha, abobora, calondro.
cabeçalho e **cabeçalha**, a vara do carro que vai prender no jugo.
cacho, e não *gacho* (como o povo diz geralmente no Norte).
cajato, cajado.
calhe ou **calheiro**, cal de madeira que leva a agua dum ponto alto até bater nas penas do rodizio (nos moinhos que não tem *cubo* ou deposito d'agua).
calondro, abóbora.
canhôto, a (adj.), fulto dum braço; que é esquerdo ou trabalha com a mão esquerda adiante da direita.
caruja, chuva miuda.
carujar, chuveiscar.
carujeiro, o mesmo que *caruja*.
chapêu, *cêu*, *vên*, e não *chapêu*, etc.
cobérto, casa de abrigar lenha e part. do verbo *cobrir*.
cobradôiro, talhadoiro d'agua.
codêços ou **codêços**.
colheita, acolheita (dos peixes).
côrte, curral do gado.
cortêlho, pequena côrte.
cotofêlo e **c'tofêlo**, cotovêlo.
Delovina, Ludovina.
engrampar, enganar.
escava-terra, toupeira (mas esta palavra tambem se usa).
fentos, fetos (planta).
frade, cogumelo miudo e branco.
franga, meia galinha, galinha nova.
fritidos (ovos), fritos.
gôgo, pedra roliça dos rios.
Guiteria, Quiteria.
jôlho, joelho.
jonguir, jungir (os bois).
larica, erva que nasce entre o centeio.
larôta, fome.
latada, bofetada e pancada.

lostrada, pancada.
maçã, pl. *maças*.
manhê, manhã.
maquieiro, saquito, -saco pequeno.
matrucada, topada.
meloal, lugar plantado de melancias, melões e pepinos.
Methildes, Matilde, n. proprio.
minhafre, milhafre.
missoilo, saco pequeno de farinha, *maquieiro*.
molhêlha, chumaço que cerca os chifres dos bois.
môna (cabra), sem chifres.
montaria, almotolia.
mosquête, bofetada.
niscro, especie de cogumelo.
parréco, pato.
pavia, especie de pêssego.
politico (adj.), ilustrado, polido.
politica, cortesia, boa educação.
porco bravo, javali.
prosa, basofia.

pinalho, cabeçalho.
pita, galinha.
quinteiro, cerrado para os animais junto á casa. (Vocabulo do Minho).
rabudo (niscro), especie de cogumelo azul e venenoso.
raparigo, rapaz.
reixa, odio.
sáfele, facil (metatese fonetica de *facele*).
stadulho, fuciro.
sobar, acirrar (os cães). Está por *açobar*.
tanha, talha.
taramêlo, pau pendente da *adêlha* ou quelha, agitado constantemente pela *andadçira*.
trapalhóna ou **trapalhóna**; e assim nas palavras do mesmo suffixo.
tremónha, moêga, caixa ou deposito superior do moinho, onde se deita o grão.

III

CHAVES

abêbora, abebra ou bebera (figo temporão).
aboucar, fazer barulho, atormentar os ouvidos.
açobar, acirrar, açular (os cães).
açudre, açude.
almatlia, almotolia.
almuntaria, o mesmo.
alustro, relampago.
alvidar-se, esquecer-se.
amieiros, tamancos, socos.
arujo, argueiro.

azibó, especie de cogumelo.
bôcha, bolha no calcanhar produzida pelo calçado.
bodrêlho, pedrinha de jogar, pedra miuda.
borne (adj.), môrno, a.
bouba, ferida.
boubella, poupa (ave).
boura, pancada.
carôlo, bocado de pão. Em Loivos, perto de Vidago, dizem « carólo ».

carpins, meias de omem.

céba, porco de engorda. No Minho *céba*.

chicharro, chicharo.

dianho, diabo.

diascro, dialho, diabo.

eixe, eixo.

embócha, bôcha ou bôlha produzida pelo calçado.

esparger, espargir.

figádo, figado. Em Paradella.

gallarispo, rapaz brincalhão.

gallo, inchaço na testa em resultado duma pancada.

garfanhôto, gafanhoto, milhafre.

gôgo, doença do gado mear e das galinhas.

ingaliar, pegar-se com alguém, brigar.

ivecas ou **eivecas**, pegadoiros do arado ao lado da rabiça.

jólho, joelho.

lapouço, bruto, estúpido.

lôstras, pancadas.

maco, dinheiro, bago, bagalhoça.

mêra, resina.

mexirôto (adj.), buligoso, que está sempre a *mexer*.

molêgo, pão trigo.

molhidas, molhelhas, especie de chumaço que cerca os chifres e cobre parte do pescoço dos bois.

molhidos, o mesmo.

noria, nora, engenho de tirar agua.

níscarro, especie de cogumelo.

níscro, o mesmo.

ougar, vir agua á boca, desejar ardentemente um objecto qualquer.

pavía, fruto da pavieira.

pavieira, especie de pessegueiro.

percebêlho, persevejo.

pêto, mealheiro, caixa de dinheiro.

picopau, ave que faz uma abertura ou cavidade nas arvores para lá esconder o ninho. E' o *pêto real* do Minho.

pinalho, cabeçalha do carro.

pitar, crivar, fender, traçar. Ex.: a roupa está *pitada* da traça.

raça (de sol), sôlheira, camada de sol.

raparigo, rapaz.

repólga, cogumelo que nasce nos castanheiros.

rêbos, pedras miudas.

rosaireira, mulher que vende rosarios.

sancha, especie de cogumelo.

saltão, gafanhôto.

scravanada, carga de chuva mandada com vento.

sôuga, sôga.

spoldrar, limpar as vides, podar a vinha.

starrinco, trovão.

sumiterio, cemiterio.

tamaninho, pedacito, bocadito.

tanha (subst.), talha.

tantinho, o mesmo do antecetoar, tropejar.

toeira, o bordão da viola dente.

treitoiras, peças de madeira que arrastam ou impelem o eixo do carro. O mesmo que *conçdes* no Minho.

ullo, **ulla**, elle, ella. Ex.: *que é dullo?*

Vigádo, Vidágo (metathese fonética muito vulgar nalgumas freguesias).

IV

MESÃOFRIO

- abelar**, murchar.
abilhão, **abisôiro**, } besouro, insecto.
acipreste, cipreste, arvore.
albernó, casaco.
alicleu, e **alicanço**, escorpião.
agurantes, ha pouco.
alinterna, lanterna.
almotriga, almotolia.
altôr, altura.
amascos, damascos.
Antónho, Antonio.
apresigo, presigo, conduto, o que se come com o pão.
arancú, pirilampo.
arraposar-se, não ir à escola.
avocar, levar pancada.
arraís, o que comanda o barco do Doiro; e ás vezes o dono.
barboleta, borbolêta.
belancia, melancia.
belancial, campo de melancias, e ás vezes só de melões.
bornal, sacola.
Calros, Carlos, n. proprio.
celoiras, cereiças.
Cristovio, Christovão.
chúa!, interj. de chamar as galinhas.
chuviscar, cair chuva miúda. Não dizem *carujar*.
cotofêlo, cotovêlo.
Delovina, Ludovina, n. proprio.
dianho, dialho, diabo.
eiteiro e **oiteiro**, outeiro.
estampilha, bofetada.
fazido, feito. (Ouve-se em *Barqueiros*, e tambem ás vezes *fazudo*, que parece importado de *Mosleirô*, povoação tambem das margens do Doiro).
fero, forte, valente, robusto.
foinas, **fonas** e **foniscas**, faúlhas.
fruito, fruto.
gacho (d'uvas), cacho.
gomitar, vomitar.
gómito, vômito.
Ijabel, Isabel. (Tambem dizem *rejestir*, *cajaco*, *Mijãoefrio*).
inhe, minha: *inhe mãe*.
jonguêr, jungir (os bois). Na vila, porque em Barqueiros dizem *jonguir*.
lamparina, bofetada, tabefe.
laróta, fome.
Lisbúa, Lisboa.
lôstra, bofetada.
lua, lua.
lusca-fuz, lusco-fusco.
manhã, **minhã**, **manhê** e **manhia**: todas se ouvem.
marranica, corcunda.
milhentos, mil, muitos.
minhafre, milhafre.
molinhar, chuviscar.
mosquête, bofetada.
mostrador, administrador.
muanha, agulha dos pinheiros.
nhôr, **nhôra**, senhor, senhora: *nhôr pai*, *nhôra mãe*.
pacovio, palerma.
parrecos, patos.

peneireiro, milhafre.
percebêlhos, persevejos.
pessêgo, pêssego.
piasca, piôna } pião pequeno.
piorra }
pita, galinha pequena.
queijado, cajado.
rabaceiro, amigo de fruta.
rabanada, lufada de vento.
reco, porco. Só se ouve na vila
 (e poucas vezes).
rengro, erva parasita que nasce
 nas vinhas. Em Alijó dizem
rengo.
riles, rins.

saibo e saibro, mau sabôr, mau
 gosto.
sardanisca, lagartixa.
salamantiga, salamandra.
sape! interj. de escorraçar os ga-
 tos.
sapêga! interj. de acirrar os cães.
scano, scaninho, canto, angulo.
samessuga, sangue-suga.
sorruptão, escorpião.
spadela, leme de navio.
té, tó! interj. de chamar os cães e
 os porcos.
unhas, homem agarradinho, ava-
 rento.

V

MONDIM DE BASTO

abocanhar, aclarar, aliviar (fa-
 lando do tempo).
agrões, agríões (planta).
algadôr, regador. Também dizem
augador, mas menos vezes.
apresigo, presigo, conduto.
arancú, pirilampo.
ásperas, as penas do moinho.
astrever-se, atrever-se.
bacorinho, leitão.
balota, bolota.
belancia, melancia.
belancial, melancial.
botéfa, calondro, abobora.
cacho (d'uvas), não dizem *gacho*.
cajato, cajado.
canastro, espigueiro (onde se
 guardam as espigas).
cantadoiras, couções (do Mi-
 nho), paus encravados nas ché-

das, entre os quais roda o
 eixo.
chavelhão, peça de madeira que
 prende a cabeçalha ao jugo.
chedeiro, carro.
chô! chô! interj. de chamar os
 porcos.
chumaço, peça de madeira pre-
 gada às chêdas e que assenta
 sobre o eixo.
cubo, prêsa d'agua junto ao moi-
 nho.
cubêrto, (subst.), casa de lavoura
 para abrigar lenha ou guardar
 instrumentos.
cubêrto, part. do verbo *cobrir*.
c'tofêlo, cotovêlo.
eiteiro, iteiro, oiteiro, gu-
 teiro.
fento, feto (planta).

inferno, o cavouco do moinho, onde trabalha o rodizio.

Jabel, Isabel. (Tambem dizem *rodijo*, *ajeitona*).

jonguer, jungir (os bois).

laidra: mulher que rouba; vara rachada na ponta para roubar cachos d'uvas.

montaria, almotolia.

mosquête, bofetada.

munho, moinho. Dos termos proprios das peças do moinho só pude colher os seguintes: *tramêlo*, *segurêlha*, *rodijo*, *patênas* ou *asperas*, *aguilhão*, *pejadoiro*, *cubo*, *inferno*.

nádua, nodua.

nhôr, **nhôra**: senhor, senhora.

larica, fome.

linterna, lanterna.

patênas, as penas do moinho.

pejadoiro, tabua de pejar ou parar o moinho.

pocinheira, pau com uma maçanêta na extremidade para tapar o ôlho das peças.

reco, porco.

rêquinho, bacorinho, leitão.

scalambrar, abocanhar, aclarar o tempo.

scaleiras, escadas tanto de pedra como de madeira.

tainque, tanque.

tramêlo, pau pendente do *quêlho* do moinho e agitado constantemente pela roda ou andadeira.

zênha, engenho no rio.

zicho, a extremidade da câleira que espirra a agua sobre as penas ou *patenas* do moinho.

VI

PENAGUIÃO (S.^{ta} Marta de)

abêlha brava, vêspera.

abespra, vêspera (pouco usado).

abesoiro, besouro.

abobora, calondro de forma redonda: quando é sobre o comprido chama-se propriamente *calondro*, e quando é pequena *chila*.

abronceiro, espinheiro.

abrótigas, especie de espadanas que se apanham para os porcos.

acando, quando.

açuda, açude.

áde-maria, ave-maria.

adêga, adêga.

alicreu, escorpião.

alinterna, lanterna.

aliscrâncero ou **aliscâncero**, cobra pequena e venenosa. Ha até um ditado: «mordedura de *aliscrâncero* não tem ora nem descanso».

almotriga, almotolia.

alvêzes, ás vezes.

amasco, damasco (fruto).

arancú, pirlampo.

arólas: mentiras; e pessoa mentirosa.

arratle, pl. **arrates**, arratel, -eis.

- Pôr alguém aos *arrates* = des-creditá-lo, dizer mal d'elle.
- azoutar**, açoutar.
- azoutes**, açoutes.
- bacafiz**, bacamarte.
- bidogue**, bigode.
- bocanho**, aberta de bom tempo.
- bornaceira**, calor abafado.
- cadête**, homem aperaltado.
- cajata**, cajado.
- calondro**: vede *abobora*.
- canhôto** (adj.), sem um braço, a quem falta um braço.
- capar a agua**, atirar uma pedra a saltitar pela superfície da mesma, atravessando-a.
- caruja**, chuva miuda.
- castanhólas**, batatas.
- cava-terra**, toupeira.
- chantão**, tanchão.
- chapéu, céu, véu**, e não chapéu, etc.
- chiasco**, aragem fina e fria.
- chila**: vede *abobora*.
- cobérto**, casa de abrigar lenha e part. do verbo *cobrir*.
- colheita**, acolheita.
- cõrtilho**, quartilho.
- cova dos ladrões**, cova ao descer da cabeça na parte posterior (*occiput*). Chama-se no Minho *cova da raposa*.
- croça**, coroa, capa feita de junco usada pela pastores.
- Delovina**, Ludovina.
- eiró**, terra batida e calcada, semeilhante a uma eira.
- escouçar**, tirar o resto do vinho do fundo da vasilha, apanhar o que fica atrás, andar o próprio dono ao rebusco.
- escouço**, o resto, o fundo, o final.
- fento**, feto (planta).
- fero**, forte, robusto.
- frade**, cogumelo que tem uma especie de gravata na cinta do pé.
- fritas**, rabanadas.
- gachas**, respigos ou cachos pequenos que ficam na vinha e se dão aos pobres.
- gacho**, cacho.
- gelmendes**, especie de pêssego.
- irol**, femia da enguia.
- jôlho**, joelho.
- jongnêr**, jungir os bois.
- lambefe**, bofetada.
- larica**, erva parasita do centeio.
- laróta**, fome.
- latada**, bofetada.
- leirão**, rato d'agua.
- maçã**, pl. **maças**, e não «mações».
- majangra**, rapaz *preguiçoso*, vagaroso, indolente.
- manhê**, manhã.
- matrucadela**, topada com o dedo pollegar do pé.
- matruçar**, esmagar.
- matúla**, homem de cabeça grande.
- mendinho** (dedo), mínimo. Os nomes dos dedos são: *mendinho*, *seu vizinho*, *pede-pão*, *vai-buscá-lo* ou *fura-bôlos*, *matruca-piolhos*.
- minhafre**, milhafre.
- miscro**, miscaro.
- missôilo**, saco de farinha; rapaz pequeno.
- moinho** e não *munho*. Das peças do moinho ouvi as seguintes: *tremónha*, *tramêla*, *rodijo*, *gorante*, *calcão*, *cubo*.
- môna** (cabra), sem chifres.

- olharapo**, certo ser fantástico.
orelhas de abade, especie de cogumelo muito tenro.
ospantão, depois antão, depois.
panasio, bofetada.
parreco, pato.
pepinal, lugar de pepinos.
pessêgo, pêssago (que também se ouve).
picarnel, moinho de verão feito à pressa nos rios.
pita, galinha.
polaina, cobertura de couro ou pano para a perna.
rabanada, lufada de vento.
raparigo, rapaz.
rapazóta, rapariga brincalhona.
rebusco, colheita feita pelos pobres do que escapa na vinha depois de vindimada, ou no olival.
reinólas, tuberculos ou nabos comestiveis que aparecem nos soutos.
rengo, erva parasita.
repieiros, tanchões ainda com ramos.
sangrar a agua, deixar cair uma pedra a direito sobre a agua.
sapoílo (Perdi o significado desta palavra).
tanha, talha.
temporões, figos lampos ou do cedo, para contrapor aos *vendimos*.
tomata, tomate.
tomatada, especie de tempero feito de tomates, que se conserva todo o ano.
taralhêta, onem que sabe de tudo e fala muito.

VII

REGUA

- adéga**, toja do vinho.
albonó, casaco (var. de *alber-nó*).
alinterna, lanterna.
almonje, monge.
almotriga, almotolia.
amanhê, { amanhã.
amanhia, {
Antónho, Antonio.
azoute, açoute.
barol, bolôr.
bidogue, bigode.
bolina, bonina.
botêlha, abóbora, calondro.
burrista, burlista, onem de burlas.
cachicha!
carriba! } int. de nãjo.
caticha! }
cadête, janota, peralta.
caganapo, cágado.
calçonipo, calça curta.
camueca, hebedeira.
canhóta, mão esquerda; pau com prido para mexer o lume.
capindó, capa comprida.
casibeque, casaco curto.
causo, caso. « Não fazer *causo* ».

carunjo, carujo, neveiro.
castanholas, batatas.
chacho, sachô.
chaes, chaes.
chanca, tamanca.
chicha, carne.
confita (*á certa*), por conseguinte.
cotofêlo, cotovelo.
churriscar: 1.º mexer o lume,
 2.º estorrar-se a comida.
demónho, demonio.
demonstres, inimigo.
despois, depois.
enxalmo, pessoa fraca.
enxuto, enxuto.
escaleira, escada.
escava-terra, toupeira.
escontra, contra, em face.
estorgia, dor de cabeça.
falacha, bôlo feito de massa de
 castanhas.
fatiga, fátia.
fentos, fetos.
fieitos, fetos.
frade, cogumelo.
gadanha, colher.
gaiôto, gaio-macho.
gaiata, pessoa buliçosa.
galhêto, galheteiro (das mesas
 de jantar).
gasalho, especie de cogumelo.
hiboteca, hipoteca.

joilho, joelho.
ladrôa, ladrôna, ladra.
lambefe, bofetada.
lambônas, pessoa suja e imunda.
lamegão, comilão.
lamparina, bofetada.
largato, lagarto.
lostra, bofetada.
Metrano, Beltrano.
mil reles, mil reis.
manhia, manhã.
missoïlo, saco pequeno de farinha.
mocho, sem chifres.
naufragio, desastre na via ferrea.
parauta, peralta.
Piares, Poiars, n. de um povo.
pichorra, cantara, infusa.
pirum, Perú.
pitos, pintainhos.
porrão, vasilha de barro para vinagre.
Reuga, Regoa.
sertãï, sertã.
sedico, velho, retardado.
Sanoane, Sanhoane, n. de uma freguesia.
taina, côssa, tarefa.
tracalheiro, mentiroso, trapalhão.
vogar, importar, ter valor.

VIII

RIBEIRA DE PENA

abêspra, vespa.
abocanhar, aclarar o tempo.
abogão, abesoiro ou besouro.

agrões, agriões.
ajolhar, ajoelhar.
alicroú, escorpião.

alinterna, lanterna.
alvêzes, às vezes.
amasco, damasco (fruta).
amontaria, e **montaria**, almofolia.
arancú, pirilampo.
arratle, **arratles**, arratel, arrateis.
azoutes, açoutes.
bizeira, rebanho de ovelhas ou cabras.
bornal, sacola.
botefa, abobora.
caruja, chuva miúda.
carujar, chuveisar.
chibança, basofia, brio, orgulho.
Chico, Francisco.
colheita, acolheita, esconderijo dos peixes.
côrte, casa onde se guarda o gado.
cotovêlo, não *ctofêlo*.
Delovina, Ludovina.
despois, depois.
escava terra, toupeira.
fento, fêto (planta).
frade, cogumelo, tortulho.
franga, galinha nova.
Guiteria, Quiteria.
homemzarão, omemzarrão.
ingalinhar, brigar.
Isabel, Isabel.
Jaquim, Joaquim.
ladra, ou **laidra**, mulher que rouba.

larica } fome.
larota }
latada, bofetada.
le, les, lhe, lhes.
lôstra, bofetada.
maças, pl. de « maçã ».
matrucadela, topada.
môna (cabra), sem chifres.
munho, moinho. Ouvi os nomes das seguintes peças: *cubo* ou *cãeira*, *tremónha*, *calheira* ou *adelha* (o quêlho), *tramêlo*, *mó* (andadeira), *pouso* (pedra de baixo), *caixa do tremonhado*, *calcão* (pau de calcar a farinha nos foles ou sacos), *rodizio*, *penas*, *ovo* ou *aguilhão*.
niscro, niscaro, tortulho.
olhapim, larapio.
parrico, pato. Não dizem *par-rêco*.
pita, galinha.
quinteiro, lugar fechado para os animais junto á casa. (É' vocabulo do Minho).
rabôto, omem pequeno.
raparigo, rapaz.
reco, porco.
serdeira (ou *cerdeira*), cerejeira.
sôlheiro, lugar exposto ao sol.
somana, semana.
uveira, arvore com vides.
Zé, José.

IX

SABROSA

abespra, vêspra.
abesoiro, besoiro.

aceibar, entornar.
acipreste, cipreste.

- acoleitrar**, compôr, arranjar.
adêga, loja do vinho.
adromecer, adormecer.
alferge, alferes.
Alfredo, Alfredo.
alicreu, escorpião.
almario, armario.
almazem, armazem.
almotriga, almotolia.
amanhê, amanhã.
Antônio, Antonio.
aperzigo, qualquer iguaria que se come com o pão.
aradeira, era, planta (Lixa, *idem*).
arraposar, faltar á escola.
arratle, arratel.
asconder, esconder.
ascordar, acordar.
astrevimento, atrevimento.
atrogalhado, mal vestido.
azemel, pessoa doente, pelém.
azoutar, açoutar.
azoute, açoute.
barôlo, bolar.
bejaldro, casaco.
bespra, vêspra.
bizeira, rebanho.
bocarela, pessoa que fala muito.
bojêga, bôlha nos pés, produzida pelo calçado.
borleca, castanha chôcha.
borracha, o mesmo que *bojêga*.
buzera, pansa, estomago.
cadêlo, cachorro.
camueca, bebedeira.
canastro, espigueiro.
caniço, grade de vergas sobre o lar para secar a castanha.
caqueirada, pancada.
caquiar, despachar.
carpenta, mulher feia.
- cástima**, casta.
chica, burra.
ciloiras, ceroulas.
cobérto, casa de abrigar lenha ou utensilios de lavoura; e participio do verbo *cobrir*.
comilóna, — e assim nos da mesma desinencia.
corropía, coisa pequena.
cosminar, pensar.
cotofêlo, cotovêlo.
cutrifó, pessoa má.
desinfeliz, infeliz.
dinuvio, diluvio.
eido, logar.
emprêgado, entrevado.
encomôdo, cómodo.
enxumbrar, secar, enxugar.
êrvedo, medronheiro.
escanjornado, cansado, estafado.
escochar, quebrar.
estifação, satisfação.
estropiar, fazer barulho.
faldra, fralda (é vulgar no Minho).
fanchonaça, mulher gorda.
fento, feto (planta).
ferronha, frônha.
fôila, faúla.
fresquilandeira, velha muito conservada.
garnacha, bebedeira.
garrote, barroto.
gata, bebedeira.
gola, garganta.
ingaliar, brigar.
ingreja, igreja.
joana, burra.
jôlho, joelho.
labita, casaca de omem.
labrosta, ignorante.

lupes, nupcias.
malangro, matandro.
maribundo, moribundo.
marranica, corcunda.
marrão, corcunda.
meias: só as de mulher.
meiotes, meias de omem.
menores, ceroulas.
mermelho, vermelho.
merongo, pessoa que nada vale.
moina, preguiça.
morcão, pessoa que nada vale.
moreira, amoreira.
òs pois, ao depois.
osservar, observar.
palhito, palito (dos dentes).
palito, fósforo.
parolar, mentir.
peinar, pentear.
pelicanas, argolas, brincos, arrecadas.
piela, bebedeira, embriaguez.
pirofêdes, pessoa engraçada.
pito, pintainho (o mesmo sentido no Minho).
pôcha, -o, cachorra, cachorro.
poldras, passadeiras dos regatos.
prêto, perto.
reixêlo, bode.

req'rênta, pessoa faladeira.
Riqueta, Henriqueta.
rochête, colarinho.
sáfele, fácil.
samarra, corcunda.
sancristão, sacristão.
sandalhas, sendalias.
sapadoira, tampo, têsto.
scano, escabelo, banco de encosto.
serigaitas, mulher esperta.
selamantiga, salamandra.
selamôrda, pessoa de poucas falas.
selapins, sinapismos.
tachada, bebedeira.
tamborête, cadeira.
tarrêlo, panela pequena.
tôrda, bebedeira.
trampejar, ir á trampa.
tnrca, bebedeira.
uviar, uivar (é forma vulgar no Minho).
vicentes (lê de **viçantes**), sócos.
virote, pessoa que se agasta por qualquer coisa.
zaragata, barulho.
zògada, pancada.
zongão, zangão.

X

VALPAÇOS

abiácas, aivecas do arado.
abondar, dar.
acirrar, açular (os cães).
albernó, casaco.
alicroenço, lacrau.
almontaria, almotolia.
alustre, relampago.

alvêzes, ás vezes.
avidar, esquecer, olvidar.
barda, posta de silvas a tapar um portêlo.
bardar, tapar com barda, deitar barda em cima das paredes por causa do gado.

bestigo, cobra, serpente.

boubela, poupa (ave).

bogalha, bogalhêta, bogalho pequeno.

cadêlo, cão.

cadête (adj.), sabedor, conhecedor, experimentado, certo, seguro. Ex. «estou muito cadête neste caminho» = sei-o aos palmos.

canifrêcho, espingarda velha.

caróla, bocado de pão.

carólo, bocado de pão.

cortinheiro, pedaço de terra junto da casa, eirado.

desenarcada, sem arcos (a pipa).

el, elle.

eis, elles.

entreado, enteado.

estarrinco, trovão.

estadulho, fúeiro.

forcada, forcado, instrumento de lavoira.

fraqueira, fraqueza.

gemelgo, gémeo.

inauga, anagoa, saia interior.

ingaliar, brigar com alguém.

irvideiro, medronheiro. Cfr. *êrvedo*.

jógo, pedra roliça dos rios.

mario, armario.

mera, resina.

mexirôto (adj.), buliçoso.

missoilo, pequeno volume.

muxilo, saco pequeno.

molago, pão trigo dividido em quatro quartos.

parpalhaça, codorniz.

préto, perto.

préixego, pêssego.

pôcho, cadêlo, cão pequeno, cachorro.

pôcha, cachorra.

reco, porco.

raça, camada de sol, sôlheira.

raparugo, criança pequena.

sartão, sertã ou certã, frigideira.

scravanada, carga de chuva mandada com vento.

scano, banco do lar.

soudado, soldado.

spoldrar, podar a vinha.

tamanino, um pouco.

tanha, talha (do azeite).

XI

VILA POUCA DE AGUIAR

abéspra, véspra.

abocanhar, aliviar (o tempo), deixando de chover.

aboucar, levar pancada.

adéga, loja do vinho.

alinterna, lanterna.

alicanço, cobra venenosa.

almontaria, almontolia.

amontolia, almontolia.

Antónho, Antonio.

arremeniscar, assear.

arvela, pessoa magra (de *arvéloa*, nome d'ave).

ascordar, acordar.

asquélles, **asquéllas**, aqueles, aquelas.

atrougalhado, grosseiro.

atroujado, mal vestido.

avocar, matar.

azemel, pessoa debil.

azoutes, açoutes.

badofia, pessoa chic, janota.

banzos, paus ao alto que fazem a guarda das varandas.

bestia, jaquêta.

bezeira, rebanho de cabras e ovêlhas.

biênha, bainha.

bocanho, clareira, espaço de bom tempo em dias de chuva.

bocarela, pessoa que fala muito.

borleca, castanha chôcha (talvez por *foleca*, cf. esta palavra).

bornal, saco.

bostela, ferida.

botefa, calandro, abobora.

cadoucho, novêlo pequeno (tem o mesmo sentido em Fafe e na Lixa).

calatrão, pessoa de má índole.

cantadeiras, peças de madeira pregadas na parte inferior dos couções e que assentam sobre o eixo.

capilóta, tarefa, tunda.

caquear, despachar.

carpanta, bebedeira.

chainas, faúlas (sobretudo de urze).

choramigas, choringas.

cobérto, casa para abrigar utensílios de lavoura; participio do verbo *cobrir*.

cochía (*estar á*), estar á espreita, espreitar.

cocos, ovos.

codêços, ou **cadêços**.

corropfia, criança, menina de pouca idade.

cortiça (*ir á*), zangar-se.

cotofêlo, cotovêlo.

cotrenhas, noduas de lama nos vestidos.

couções, peças de madeira pregadas na parte inferior das chedas.

crambeio, gêlo (por *caramêlo*).

crambola, mentira.

cutripó, pessoa de mau genio.

desmanzelado, desmazelado, descuidado.

eixe, eixo.

embeloutado, enlameado.

emboutar, sujar.

encatrafiair, enfiar.

engascado, endividado.

escalambrar, aliviar (o tempo), *abocanhar*.

escaleira, escada.

escanjornado, enfadado, cansado.

escongeminar, imaginar, pensar.

espirrichar, fazer saltar a água.

estropear, tropear, fazer ruído.

ete! interj. de tanger o gado.

facha, archote.

facho, avental.

fato, gado grávido (bois, cavalos, cabras etc).

ferra, instrumento de ferro para despegar a massa da masseira (no Minho é *ferrca*).

finfar, bater.

foila, faula.

foleca, castanha chôcha.

fresquilandeira, pessoa bem vestida.

fusto, feixe, mólho de lenha.

galelo, cacho que fica na vinha depois de vendimada.

goja, cabra.

gojo (nome colectivo), animais miúdos (coelhos, galinhas, pombas.)

gomitar, vomitar.

grojeira, colarinho (por *gorjeira* de gorja).

grojer, chorar, gemer, soltar a voz; rugir.

inhantes, antes (é vulgar no Minho.)

labrosta, ignorante, estúpido.

lacaio, lacrau, escorpião.

ladrenhos (não sei o sentido desta palavra).

lapardão, estúpido.

largato, lagarto.

larica, fome; preguiça.

loreta, mulher de mau proceder.

manaplas, mãos.

marrã, corcunda.

marranica, corcunda.

masmorra, sono.

meão, miúdo (peça da roda).

merongo, pessoa envergonhada.

meuforinheiro, belforinheiro.

miclas, pessoa doente.

milheira, nome duma ave.

mioca, minhoca.

molhelha, aparelho de couro à roda da cabeça dos bois.

moina, preguiça.

morcanho, pessoa sem prestimo, *marcão*.

mostrengo, pessoa gorda.

nhar, nhara, senhor, senhora.

paroubela, ventania.

peita, presente.

pelicanas, argolas, arrecadas.

perda, e não *perca*.

pirofédés, pessoa engraçada.

portelo, portal.

raparigos, rapazes.

ratoqueira, toupeira.

redadeiro, derradeiro.

req'renta, pessoa que se intromete em tudo.

reaste, rodilha.

rezão, recado.

salmaganta, salamandra.

scambrar, o mesmo que *escalambrear*.

serigaita, pessoa esbelta.

songa-monga, pessoa de poucas falas, pessoa concentrada.

tabefe, bofetada.

tanha, talha.

tombear, cair.

topar, achar, encontrar.

tracalheiro, -a (adj.) intriguista.

treitoiras, peças do carro entre as quais se volve o eixo.

trofa, croça, capa de junco.

tundia, tunda, tarefa.

virote, pessoa que se agasta facilmente.

zuca, bebado, embriagado.

MISCELLANEA

Sôbre dois ditados que se completam um ao outro

II

(Vid. *Rev. Lusit.*, xv, 173-174)

Completando o que ficou exposto nas pag. 173-174 da *Rev. Lus.*,
xv, direi o seguinte:

Em galego, além do já citado provérbio, há:

— *Arreboles ao sol posto, mañan andarás enxoito,*

— *Rubias ao sol posto, pigorciro andarás enjoito,*

com a variante:

— *Rubias á sol-posto, pigorciro mañan andarás enjoito,*

— *Roibeccs á sol posto, mañan andarás enjoito,*

e os ditados complementares:

— *Rubias ao sol nado, pigorciro, andarás mollado,*

com a variante:

— *Rubias á sol nado, pigorcircño andarás mollado,*

e

— *Roibeccs ao mar, galas a sollar.*

E ainda:

— *Ceo encarnado, vendabal ao rabo.*

A informação dêstes ditados devo-a à extrêma amabilidade do
ex.^{mo} sr. D. Eugénio Carré Aldao, ilustre Secretario da *Real Academia*
Gallega, e a quem mais uma vez testemunho os meus agradecimentos.

*

Nas *Trad. Pop. de Portugal* já o sr. Dr. Leite de Vasconcelos
registara (pág. 53):

Ruivos ao Nascente
Chuva de repente.

(Famalicão).

Ruibas ao Nascente
Desappõe e vêm-te (vem-te embora).

(H.)

Quando estão as ruivas ao mar
Pega nos bois e vai laurar.

(H.)

E, a par destes ditados, o espanhol:

Aurora rubia
Ó viento ó lluvia.

Podem pôr-se em confronto com os dois ultimos provérbios portugueses citados, estoutros galegos:

— *Arco ponente, colle o boi e vente.*
 — *Arco rayante, ci boi, pra adiante.*

Colhi mais estas variantes dos dois ditados-complementos:

Vermelho é o nascer
chuva de repente

(Santa Marta-de-Portuzelo, Viana).

Vermelho é o mar
velhas a assoalhar.

(Ibidem).

Vê-se que em galego e em português, pelo menos, além de ditados que exprimem completamente o prognóstico meteorológico de que se trata, outros há que exprimem em separado as metades desse prognóstico e que são de uso independente.

*

Cfr. ainda as rimas que se encontram nos seguintes versos colhidos pelo sr. Dr. Leite de Vasconcelos em Cabeceiras-de-Basto (*Trad. Pop. de Portugal*, pág. 171):

Sobe gato ao forno,
Lava-se para o Nascente,
Chuiva de repente;
Lava-se para o mar,
Velhas a assoalhar.

Viana-do-Castelo, julho de 1912.

CLÁUDIO BASTO.

Falar português do Brasil

DIALECTO CAIPIRA

(A propósito de um livro de versos)

Eu não conheço o sr. Cornélio Pires, que me acaba de enviar de Botucatu' o seu livro de poesias; não o conheço pessoalmente, porém só de nome, e agora também pelo retrato, que acompanha o volume, ou que o volume acompanha. — Foram dois proveitos num saco só; e eu os agradeço ao amável poeta, que há-de ser moço, se a fotografia não mente ou não é velha.

Se não é velha, parece! porquanto o nêdio vate mesmo diz (lá pelas alturas da página 77) que vai indo «Já em meio da jornada da existência». — Um zeníte, pois, à maneira de Dante! Mas nem se perdeu numa «selva escura», nem cantou «uma só Beatriz: — como confessa, na página 85, êle já teve três amores. O primeiro «foi sonho de criança»... precoce; o segundo floriu «em plena mocidade»; e o terceiro, «apenas um capricho»... Deu o tangromangro nas duas afeições extremas, e logo todos os extremos do cantor se concentraram na do meio: «in medio, virtus...»

A parte mais interessante do livro não é essa, porém, dos *Versos Velhos*, senão revelhos, pela essência e pela forma (uma, cediga; e a outra, incorrecta e mal-cuidada): o que dá ao sr. Cornélio Pires um lugar de muita honra em nossas letras provincianas é a direcção final, definitiva, e assisada, de seu espirito para as scenas e paisagens da nossa terra. Tal o bom caminho objectivo por onde parece haver entrado, e que só aplausos pode inspirar a uma critica superior e amiga.

Louvando-o de pleno coração, por semelhante respeito, eu subcrevo toda a justiça e autoridade das palavras de Silvio Romero: «Aprecei imensamente o chiste, a côr local, a graça, a espontaneidade

de suas produções, que, além do seu valor intrínseco, são um ótimo documento para o estudo dos brasileirismos da nossa linguagem. V. S. saiu-se perfeitamente bem da empresa, porque o gênero que cultivava é, muito ao contrário do que geralmente se pensa, cheio de grandes dificuldades».

E, como pano de amostra, aqui vai o soneto sobre

A ORIGEM DO HOMEM

— O senhor por acaso não descende
dos bugres que moravam por aqui?
— Hom'eu num sei dizê, vancê comprende
que essa gente intê hoje nunca vi.

Mais porém o Bernardo diz — que intende
que os moradô antigo do Brasi
gerava de macaco!... intê me ofende
vê um véio cumo êle, ansim, minti.

Dôtra feita, um cabocro — ai um caçara —
diz — que nascium de dois e intê de três,
quano estralava um gomo de taquara!

Nóis num temo parente portugueis,
nem mico, nem coati, nem capivara...
Semo fio de Deus cumo vanceis!



Leia-se ainda o

IDEAL DO CABOCLO

Ai, seu moço, eu só quiria,
p'ra minha filicidade,
um bão fandango por dia
e uma pala de qualidade.

Pórva, espingarda e cotia,
um facão fala-verdade,
e ua ¹ viola de harmonia
p'ra chorá minha sòdade.

Um rancho na bêra d'água,
vara de anzó, pôca mágoa,
pinga boa e bão café.

Fumo forte, de sobejo...
Pr'a compretá meu desejo,
cavalo bão... e muiê...

¹ [Ou *ũa*? Mas cfr. *uma* no v. 4. — J. L. DE V.].

Da leitura atenta que fiz dos versos do sr. Cornélio Pires conclui que o nosso dialecto caipira é caracterizado pelos seguintes factos capitais: redução dos ditongos *eí* e *ou* a *ê* e *ô*, segundo os exemplos de «parcêro» e «pôco», por «parceiro» e «pouco»; redução do *lh* a *l*: «páia» por «palha»; redução de *nd* a «*n*»: «passeano», «por passeando»; apócope do *r* e do *i*: «pará» e «papê», em vez de «parar» e «papel». O ditongo *ão* átono também se reduz a *um*: «num» e «contarum», por «nã» e «contaram»; e, ainda, *i* e *o*, em sílabas distintas, ditongam-se em *iu*, dizendo-se «tiu» e «riu», por «tio» e «rio». O *z* final é pronunciado *is*: «fais» e «feis», por «faz» e «fêz». O *s* tende para *r* antes de *m*: «mermo», «torrermo» e «dermentir», por «mesmo», «torresmo» e «desmentir». São aféreses frequentes: «tá», «rancar», «lazão», «lãzão», «strodia», «garrar», por: «está», «arrancar», «alazão», «alaridão» (de alarido), «est'outro dia» e «agarrar». Nota-se, a cada passo, a síncope de «para» em «p'ra», e metáteses como «purcissão», «porvocar» e «percisar». Mantêm-se a forma arcaica «somana», onde o *e*, por atracção da labial «m», se convizinhou da labial *u*. Sabe-se, mais, de outros muitos arcaismos, como: «jinella», «conte», «corenta», «rezão», «menhã», «imposã», além da nasalção absoleta de «lua» e «luar». A dificuldade e confusão indigena da articulação do *r* e do *l* guturalizado (posposto à vogal) leva a pronunciar-se «arto» e «barcão», em lugar de «alto» e «balcão». Por influência de «causa», ouve-se «cuuso», em vez de «caso»; mas em algumas palavras, como «Paulo» e «Paulista», o ditongo «au» já se tem transformado em *ô* e «ó», à guisa de «pobre», latim «pauperem». A preguiça faz o caipira, mais que qualquer outro, suprimir os esdrúxulos: «fósforo», para êle, é «fósfro», e «fósfre»; «pólvora», «pórva». Ocorrem «ansim» e «inté», por «assim» e «até». «Ruim» é proferido em uma só sílaba. A lei do menor esforço torna mais raros os metaplasmos de aumento; mas os caipiras pernósticos e espevitados não dispensam a paragoge adverbial, como em «certamentes», com «s», por «certamente»; há prótese só em certas formas antiquadas e tradicionais, como «avoar» por «voar». A indicação do plural depende mais do determinativo flexionado que do substantivo, comumente invariável; e assim se diz «as menina», por «as meninas». A forma proclítica e fraca de «minba», e que de quando em quando aparece, é «mea». Das partículas, chamam a nossa atenção as interjeições duplicadas: «ai ai», «hãhã»; «ota», «eta»... Conheço também «iche!» negativa enfática.

Do vocabulário elucidativo que o sr. Cornélio Pires juntou ao fim do volume, separo a palavra *mamparra*, que êle acertadamente define por *mangação*. O visconde de Beaurepaire-Rohan já a tinha registado, mas na flexão do plural, explicando-a por — «subterfúgios e eva-

sivas», com o exemplo: «Executa as minhas ordens, e deixa-te de mamparras». Cândido de Figueiredo deu-a como também corrente em Portugal, porém com a significação diferente de — «súcia ou camaradagem de pândegos e vadios». O que falta explicar é a lexeogenia do nome. Ora, como está na *Revista Lusitana* (vol. 12, pág. 114), «parrana» é da linguagem de Vila Rial, e vale o mesmo que «preguiça». Ex.: «fazer parrana», isto é, trabalhar com pouca vontade e cuidado. Admitindo-se que «parrana» seja um derivado de «perra» (com a modificação do **e** pelo **r**), teríamos em «mamparra» um composto de «mão» «perra»; do mesmo modo que outros casos semelhantes, quais — «mancheia» e «mamposta».

Por seu lado, «mangação» vem de «mangar», a que, com idêntico sentido de «trabalhar pouco e mal» corresponde o verbo «morangar» da linguagem de Atalaia (*Rev. Lus.*, vol. 11, pág. 159). — Procede êste de «mora» (cfr. «moroso»), com o sufixo pejorativo «-anga», que é outra forma de «-anca», segundo vemos em «pelanga» e «pelanca», «varanga», «tranca» (de «trave»), por «travanca» (A. Coelho), etc.

Encontro ainda no vocabulário o adjectivo «impalamado», já recolhido por Aulete, e que o sr. Cornélio Pires dá como sinónimo de pálido. Achei-o também na linguagem de Atalaia, escrito «empalamado», e aplicado «ao doente que não está de cama, porém que apresenta má côr». E o sr. Carlos Monteiro do Amaral deriva a palavra de «pelêm», que, em Trás-os-Montes, é o «achacoso, que não presta para nada» (*Rev. Lus.*, vol. 5, págs. 44 e 100).

Com vagar tratarei de outros pontos; mas basta o que fica para mostrar que certos pretendidos brasileirismos já vieram de nossa antiga metrópole. Tal é o substantivo «fazenda», voz extremenha que designa uma propriedade rural (J. Leite de Vasconcelos, *Lições de Filologia*, pág. 276).

Por hoje aqui me cerro, cumprimentando o sr. Cornélio Pires, por nos haver dado, em um só livro, além dos versos, alguma coisa genuinamente nacional e útil...

SILVIO DE ALMEIDA.

(D' O Estado de S. Paulo, n.º 12-327, de 16 de Setembro de 1912).

A lingua portuguesa no parlamento

«Lê-se na mesa o seguinte artigo adicional proposto pelo Sr. Carvalho Mourão :

Artigo. Junto do Ministério da Instrução Pública e Belas Artes funcionará um Conselho da Língua Nacional.

§ 1.º Este Conselho será composto dos professores das cadeiras de filologia e de pessoas de comprovada e reconhecida competência em assuntos lingüísticos.

§ 2.º Incumbe ao Conselho da Língua Nacional :

- 1.º Elaborar um dicionário completo da lingua portuguesa ;
- 2.º O estudo da dialectologia portuguesa ;
- 3.º A revisão da ortografia official, quando o progresso e novas aquisições da sciência filológica o exigirem ;
- 4.º A publicação de edições, criticas, comentadas e populares, dos nossos melhores escritores ;
- 5.º O estudo do onomástico e da toponímia do nosso país ;
- 6.º A propaganda da lingua nacional e a reivindicação da sua vernaculidade ;
- 7.º Elaborar uma gramática histórica da lingua portuguesa ;
- 8.º Organizar um plano geral de estudos de filologia portuguesa ;
- 9.º Elaborar programas de concurso para a publicação de obras sobre a lingua portuguesa ;
- 10.º Dar parecer sobre todos os assuntos referentes à lingua portuguesa ;
- 11.º O estudo de todas as questões que se relacionem com a filologia portuguesa ;
- 12.º Dar parecer sobre todos os livros destinados ao ensino.

§ 3.º Um regulamento especial determinará o modo por que deverá funcionar o Conselho, o número de sessões mensais, a gratificação respectiva a cada um dos seus membros e bem assim o número destes, além dos professores das cadeiras de filologia.

Sala das Sessões da Câmara dos Deputados, em 20 de Novembro de 1912. = *Carvalho Mourão.*

Foi admitida.

O Sr. JOÃO BARREIRA :— Declara que a comissão está de acôrdo com o principio da proposta do Sr. Carvalho Mourão, mas julga-a desnecessária, tanto mais que já se eliminou o § 2.º

O Sr. MINISTRO DO INTERIOR (Duarte Leite) :— Explica que propôs a eliminação do § 2.º por estar incompleto. Sobre a proposta do

Sr. Carvalho Mourão, não lhe parece que seja necessária, porque isso é regulamentar.

O Sr. CARVALHO MOURÃO:— Não concorda em que o conselho que propôs seja mais próprio para um decreto regulamentar, e está mesmo convencido de que, ficando para um regulamento, esse conselho nunca se criará.

Em nome dos sagrados interesses da sociedade portuguesa, pede que a sua proposta seja aprovada.

O Sr. JOÃO BARREIRA:— Em espírito está de acôrdo com a proposta do Sr. Carvalho Mourão, mas entende que já existe um órgão oficial a quem compete velar pela pureza da nossa língua. É a Academia das Sciências que compete exercer a função preconizada na proposta de S. Ex.^a.

O Sr. BRITO CAMACHO:— Entra no debate da proposta do Sr. Carvalho Mourão, porque a considera importante, pois trata-se da conservação e pureza da língua.

Está inteiramente de acôrdo com a proposta de S. Ex.^a, mas no fundo está também inteiramente de acôrdo com o Sr. João Barreira.

O Sr. João Barreira diz que já existe um órgão destinado a manter a pureza da língua, o Sr. Carvalho Mourão diz que esse órgão não existe. Existe, mas não tem sabido desempenhar-se da sua função. Por isso o Sr. Carvalho Mourão propõe junto do novo Ministério a criação desse órgão. O Sr. João Barreira sustenta que as funções do órgão proposto competem à Academia das Sciências, à qual incumbe vigiar pela pureza da língua nacional. A pureza da língua deve preocupar todas as nacionalidades, pois ela é um dos seus elementos constitutivos. Neste momento é uma das preocupações da Bélgica, como é a preocupação constante da França.

Se, como diz o Sr. Carvalho Mourão, não existe um órgão destinado a fiscalizar a pureza da língua portuguesa, é preciso criá-lo.

Há tempo, num concurso, ouviu dizer que qualquer monumento de secundária importância servira melhor do que o poema de Camões para fixar a nossa linguagem. É esta uma barbañdade que só se admite, como tese, num concurso, quando não há outra cousa que defender, e é necessário apresentar-se qualquer doutrina para controvérsia.

É posta à votação a proposta do Sr. Carvalho Mourão, sendo rejeitada.

O Sr. CARVALHO MOURÃO:— Requer a contraprova. *Procede-se à contraprova, dando o mesmo resultado.*

Mais palavras do tipo de « Sua Torre »

(Rev. Lus., XII, 137)

Sossino ou *So-sino*, nome de campo junto á igreja de Midões (Barcelos).

Sovinhas, nome de campo na mesma frêguesia de Midões.

Sopaço, no concelho de Guimarães.

Soagua.

Sorribas.

Sorraia.

Estes tres ultimos exemplos só os conheço do vol. VI da *Corografia Moderna* de João Maria Batista.

Barcelos-Midões, 28-VIII-1912.

A. GOMES PEREIRA.

A palavra « escrivanhina »

Deve vir de *escrivania*, que coexiste com ella; o *n* nasalou o *i*, desenvolvendo-se depois *nh*; cfr. *nio*, *não*, *ninho*. O hesp. tem *escribania* « papelera ».

J. L. DE V.

O verbo « desgostar »

Além da significação usual, tem a de « deixar de gostar », « perder ou largar o gosto », como consta d'esta trova popular de Baião:

— Só em star ao pé de ti,
Nisso faço grande gosto.

||| — Nisso fazeis grande gosto...
Desgostai por vida vossa.

J. L. DE V.

BIBLIOGRAPHIA

I

PERIODICOS

— *Bulletin Hispanique*, XIV, 103-104: artigo de G. Cirot acerca da Collecção de mss. publicada pela Bibliotheca do Porto.

— *Modern Language Notes*, Janeiro de 1912, pag. 11: artigo de Blondheim acerca da etymologia do portug. *civa*: Março de 1911, pg. 78, artigo do mesmo acerca do port. *ciranda*. — Quanto ao último vocabulo, cf. os meus *Ensaio Ethnographicos*, III, 373, nota.

— *Zeitschrift für romanische Philologie*, XXXV, 436, ss.: num artigo de Leo Wiener: etymologias das palavras portuguezas *afastar* e *safa*: allusão á expressão latina dos docc. portug. medievaeis *voces mittere*; explicação do latim *campana*, e do lat. vulg. *squilla*: tambem allude ao lat. vulg. *clocca*.

— *Bulletin de Dialectologie Romane*, IV, n.º 2 (1912). — A pag. 68 o nosso collaborador o sr. Paul Barbier propõe para *mocho* não o etymo *mutilus*, mas *marculus*, diminutivo de *murcus*, que em Ammiano Marcellino (sec. IV) tem a significação de «pessoa que para não seguir a vida da milicia amputava o pollegar». — O mesmo A., a p. 71-72, dá uma noticia do meu opusculo *Sete medalhas da Guerra Peninsular*, e discute o etymo que eu propusera para *Rôriça*, isto é, **roboricia*, de *robur*. O A., notando as mesmas difficuldades que eu notára, pergunta se na formação d'esta palavra não entrará o suffixo *-aricia*, e acrescenta: «Et le radical? Celui de *roio*?». Se se admitisse o suffixo *-aricia*¹, teriamos **roboraricia*, que por dissimilação ia ter a **Rouariça*, forma que eu já deduzira de **roboricia*. Quanto a *roio*: o que é *roio*? O desaparecimento do *b*, depois da sua mudança em *v*, terá um paralelo em *Aller*, de Abeliterii.

J. L. DE V.

¹ Cf. port. *Vaccariça*.

II

LIVROS

Textos Archaicos. — Para uso da aula de philologia portugueza estabelecida na Bibliotheca Nacional de Lisboa, coordenados, annotados e providos de um glossario pelo dr. J. Leite de Vasconcellos. — (2.^a ed., Lisboa; Livraria Classica Editora, 1908).

Dou o título por extenso, porque elle me dispensa de explicar mais longamente o intuito desta obra utilissima. Referindo-se a ella, diz modestamente o autor (pag. 86): « Tal como está, creio que talvez sirva, » sem prejuizo de outras chrestomathias, para as primeiras necessidades » de ensino do português antigo ». Pois confesso que não conheço nenhuma chrestomathia que possa ser comparada com o presente livrinho pelas qualidades que são essenciaes num trabalho deste genero: a escolha dos textos sempre authenticos, a fidelidade com que na sua edição a linguagem antiga é conservada, dando-se conta exacta das alterações graphicas introduzidas para facilitar a leitura; a erudição revelada nas notas e no glossario, erudição tão vasta quanto digna de toda a confiança. E seja dito entre parentese que nunca se procura occultar a fonte de que foi tirada alguma informação, dando-se assim prova de uma honestidade literaria e scientifica que entre nós infelizmente não é ainda tão vulgar como era de desejar.

Os *Textos Archaicos* abrangem um periodo de mais de seiscentos annos, sendo o mais antigo documento uma carta de doação do anno de 874, e os textos mais recentes uma « cantiga » e um « vilancete » de Francisco de Sá e Miranda, o poeta com quem termina, na literatura portugueza, a época medieval, iniciando-se, sob o duplo influxo da Antiguidade classica e da Renascença, o periodo moderno.

O conteudo do nosso livro é bastante variado. Aos documentos publicos redigidos em latim barbaro seguem-se outros em portuguez, os mais antigos dos quaes são de fins do seculo XII. Contemporaneos destes são duas d'entre as poesias lyricas escolhidas pelo autor no vasto cabedal que nos legou a literatura trovadoresca. Encontramos aqui cantigas d'el-rei D. Sancho I, de seu filho natural D. Gil Sanchez, e d'el-rei D. Denis, — para não falarmos de outros trovadores menos altamente collocados na escala social. Em seguida ha um trecho dos mais legiveis do antigo tratado de poetica conservado no *Cancioneiro* Colocci-Brancuti e um extracto do direito consuetudinario da cidade de Evora, particularmente interessante, porque pelo seu rico vocabulario relativo

à criação de gado vaccum, lanigero e suino podemos julgar do grande desenvolvimento que no seculo XIII esta industria tinha tomado na provincia portuguesa do Alemtejo: desenvolvimento sem duvida devido á dominação arabe que terminara pouco antes, pois é transparente a origem oriental de varios dêsses termos. Darei aqui, para os meus leitores poderem verificar se qualquer delles por ventura sobrevive no Brasil, uma lista de todos aquelles termos que designavam os feitores e pastores do gado, de funcções e dignidades differentes. São os seguintes, na ordem provavel de sua posição hierarchica: o *maiordomo*, o *almo-couvar*, o *alcaname*, o *maioral de gados*, o *rabadan* (que parece era o maioral das ovelhas), o *alfeireiro*, o *conhocedor*, o *pousadeiro* e o *porcariço*; alem dos que se chamavam indiscriminadamente «mancebos», isto é, criados, ou talvez, de accordo com a significação do lat. *mancipium*, escravos. Porém, qual não devia ser a importancia dos rebanhos que necessitavam semelhante hierarchia de guardas! E chegaremos a identica conclusão, quando lermos um artigo dêsse regulamento, que se refere aos rebanhos de porcos novos que andavam pastando nas matas: determina-se ahi que de cada quinhentas cabeças seria perdoada aos pastores a perda de vinte, mas que dos outros todos elles tinham de dar «recado» (isto é, conta) a seus senhores ¹.

Depois dêste documento de legislação pastoril encontramos trechos de antigas chronicas, romances e tratados moraes ou outros, entre cujos autores figuram novamente varios reis de Portugal, e poesias lyricas dos seculos XIV e XV. É interessante ver que ainda na segunda metade do seculo XIV um dos vencidos de Aljubarrota, o fidalgo castelhano Pero González de Mendoza, compôs cantigas em gallego-português, que ainda não deixára então de ser o idioma lyrico da Peninsula.

Remata esta parte do livro com um dialogo tirado dum dos autos de Gil Vicente, e os versos já mencionados de Sá de Miranda, seguindo-se em appendice uns textos gallegos, que nos permitem observar como este dialecto, a principio identico ao português, se foi afastando d'elle cada vez mais, á medida que a separação e o antagonismo politico afrouxavam os laços que tinham unido povos tão estreitamente aparentados.

Uma parte dos seus textos, o autor copiou-a dos proprios manuscritos medievaes, ao passo que tirou outros de edições criticas reconhecidamente boas, taes como o *Cancioneiro de D. Denis*, publicado por H. Lang, e o *Cancioneiro da Ajuda*, publicado por Carolina Micaëlis de Vasconcellos. Nestes ultimos textos elle costuma seguir a lição ado-

¹ A fôrma antiga de *recado* é *recabedo*. Leite de Vasconcellos a traduz por «recibo», significado que, ao meu ver, o contexto ahi não admite.

ptada por seus predecessores, pelo que as mais das vezes merece applauso. Todavia, algumas emendas poderiam ter sido introduzidas ahi sem medo de errar. Assim (*Text. Arch.*, pag. 24) uma das cantigas de D. Denis começa, segundo a lição de Lang :

Oi oj'eu cantar d'amor
em um fremoso virgeu
unha fremosa pastor,

onde era preciso substituir «Oi» por «Vi»; pois «Vy» se lê no codice, e «Oi» (=ouvi) destruiria o metro. Os trovadores empregavam frequentemente o verbo «ver» com o sentido de «ouvir», como se pôde verificar na propria edição de Lang (verso 1309), onde o rei amoroso diz á sua «senhora» amada :

Senhor fremosa, vejo-vos queixar —

isto é, ouço que vos queixaes.

Por apresentar um interesse especial, mencionarei ainda a cantiga d'el-rei D. Sancho I, uma das duas mais antigas que existem em lingua portuguesa. É um «cantar d'amigo» de cunho popular, que, na forma que nos foi transmittida pelo codice e anda impressa nas edições de Carolina Michaëlis e Leite de Vasconcellos (*Textos Arch.*, pag. 17) apresenta versos muito irregulares. Seja-me licito restituir a cantiga aqui (como já a restitui em outra parte) á sua forma verdadeira, o que se consegue facilmente, dividindo os versos de modo differente. É a amante do rei que fala :

Ay eu coitada,
como vivo eu gran cuidado
Por meu amigo
que ei alongado!
Muito me tarda
o meu amigo na Guarda!

Ay eu coitada,
como vivo eu gran desejo
Por meu amigo
que tarda e non vejo!
Muito me tarda
o meu amigo na Guarda!

Para melhor entendimento dêstes versos singelos e graciosos, convém accrescentar o seguinte. A Guarda ahi mencionada deve ser (como o demonstrou Carolina Michaëlis) a cidade da Beira Baixa que D. Sancho I povoou e fortificou nos annos 1194-1199. As palavras *que ei* (i. é, tenho) *alongado* equivalem a «que está longe de mim». Observarei ainda que, de acordo com as antigas regras metricas, esse *que* forma hiato com a palavra seguinte; e ver-se-á que, por differente que

seja a antiga metrificacão da moderna, não se pôde negar àquelles versos uma cadencia melodiosa e agradável ao ouvido.

As Annotações e o Glossario, de que o autor enriqueceu o seu volume, não obedecem ao intuito de explicar tudo; bastarão, porém, para aplainar as principaes difficuldades que possam encontrar os leitores. Poderiam fazer-se alguns additamentos; o que se vae ler talvez não seja sem interesse.

Na pag. 29, linhas 8 e 9, encontram-se as preposições compostas *a so* e *de so*, que significam «abaixo de». A preposição simples *so* vem citada no Glossario, e deriva do lat. *sub*; as compostas estão formadas como de *pos* (do lat. *post*) se formaram *de pos* e *a pos*, que são frequentes nos antigos Cancioneiros. Todas estas preposições desapareceram cedo da lingua corrente: *após* é palavra erudita, e o moderno latinismo *sob* tem uma existencia toda artificial, tanto que a cada passo é confundido (e não sómente pelos illetrados) com o seu antonymo *sobre*. A expressão — emprestimo sob *hypotheca* —, por exemplo, contém um verdadeiro contrasenso, visto como o vocabulo grego *hypotheca* significa precisamente o que está collocado debaixo, a base, por assim dizer, sobre a qual se funda o emprestimo.

Na interpretação das linhas 5 e 7 da pag. 37, creio que o editor commetteu um engano. O autor medieval do tratado allegorico intitulado *Castello Perigoso* diz ahi que os que querem fazer um castello devem edificá-lo em terra de paz, porque «quanto homem fizesse em comarca de guerra, em um dia, em outro seria derrubado»¹. Assim pontua o editor, o qual, nas Annotações, interpreta «em um dia, em outro» por «em um dia, ou em outro». Parece, porém, evidente que devemos pontuar assim: «quanto homem fizesse em comarca de guerra em um dia, em outro seria derrubado» — o que quer dizer: numa comarca assolada pela guerra, a obra feita em um dia seria derrubada no dia seguinte.

No Glossario dos nomes proprios (pag. 150) vem citado o nome *Fernan*, que em antigo portuguez é a fórma regularmente usada em vez de *Fernando* antes do patronymico, sobrenome ou alcunha, quando estes começam por consoante, e se acha explicada ahi pelo modo seguinte: — De *Fernando*, como o port. *Mem*, de *Mendo*, pela supressão da syllaba «do», que foi considerada com «de+o». — Esta explicação, todavia, não me parece admissivel por duas razões. Pois emquanto não existia o nome *Fernan*, não é por certo provavel que alguem tomasse

¹ Modernizo um tanto a orthographia, afim de evitar difficuldades typographicas.

a ultima syllaba de *Fernando* pela contracção da preposição «de» com o artigo «o»; e em segundo lugar, o castelhano, que traduz por «del», a contracção portuguesa «do», conhece igualmente, ao lado de *Hernando*, a fôrma abreviada *Hernan*: é sabido que o nome do conquistador do Mexico era Hernán Cortés. A verdadeira causa das fôrmas abreviadas deve estar nas condições de tonicidade: e a estas é que o proprio autor attribue os nomes *Paay* (pag. 154) e *Soer* (pag. 155), que se usavam ao lado de *Paays*, que hoje só sobrevive em *Sampaio*, e *Soeyro* (de que deriva o patronymico *Soares*). Com effeito, grande numero de nomes de baptismo variavam antigamente de fôrma, segundo se usavam sós ou antes dum appellido: evidentemente porque este, recebendo accento tonico mais forte, tirava ao primeiro nome uma parte de sua sonoridade. Assim como ainda hoje o adjectivo *santo* se transforma em *São* ou *Sant'* antes de um nome que começa por consoante ou por vogal: do mesmo modo, em vez de *Fernando*, dizia-se ou *Fernan* ou *Fernand'* antes de outro nome que principiasse quer por consoante, quer por vogal. De alguns dêsses nomes variaveis conservaram-se até o dia presente as fôrmas divergentes, acontecendo ás vezes que ellas são hoje consideradas como nomes diversos: citei *Antonio* e *Antão*, *Martinho* e *Martim*, *Rodrigo* e *Rui*. Este ultimo nome era antigamente *Ruí*, *Roi*; e, para citar uns exemplos d'entre os trovadores dos primeiros tempos: Rodrigo, filho de Fernando, chamava-se Roi Fernández; e Fernando, filho de Rodrigo, Fernan Rodriguez.

Termino aqui esta noticia, que já deve parecer longa a alguns leitores. Entretanto, estou certo que muitos me agradecerão o ter chamado sua attenção para um livro realmente valioso, que, sobretudo nas mãos de um professor competente, prestará grandes serviços aos estudiosos do antigo português ¹.

DR. O. NOBILING.

(O Estado de S. Paulo) jornal de 10 de Outubro de 1906.

¹ [Concordando, como era natural, com as sensatas críticas que Nobiling me faz, direi porém que, quanto á ultima, foi por mera distracção que expliquei *Fernando* e *Mendo* d'aquelle modo, pois, além dos meus exemplos que Nobiling cita, já noutros trabalhos attribui a effeito de próclise phenomenos semelhantes, a saber: *mui*, de *muíto*, na *Rev. Lusit.*, VIII (1903-1905), 167; *gram.* de *grande*, *ibid.*, pag. 169; *são*, de *santo*, nos *Estudos de Philologia Mirandesa*, I, (1900), 251; etc. — J. L. DE V.J.]

NECROLOGIA

OSCAR NOBILING

I

Falecido com cerca de 50 anos, em Bonn, a 19 do corrente ¹, o dr. Oscar Nobiling, se não foi, como dizia Sá de Miranda, uma existência cortada em agraço, viveu ainda pouco para o que prometia, e apenas o bastante para julgarmos do que perdemos, perdendo-o... Uma inteligência como a sua, que pertinazmente renniu, em diuturnas vigílias, tamanho cabedal científico, mereceria do destino a excepcional longevidade de um Frederico Díez; e a imagem que me sugere o malôgro de tantas esperanças é a do lavrador que vê a promissora messe estragada pelo inconsciente vandalismo do furacão.

O eminente glotólogo era um dos surpreendentes representantes dessa erudição germânica que deliciosamente se compraz na reconstituição de tudo quanto existiu, e que espalha sôbre as ruínas o clarão de vida que elas já tiveram... Se a corrente humanista, preparando o Renascimento, e generalizada pela culta Europa, fêz que os espíritos se aguçassem na crítica dos velhos textos: os intuitos religiosos da Reforma alentaram, mais particularmente na Alemanha, a curiosidade e o hábito de semelhantes investigações. Daí, o movimento ascensional que, culminando no século 19, o há-de finalmente caracterizar «pela irrevogável preponderância da história, na filosofia, na política, e até mesmo na poesia». A escola jurídica de Savigny constitui apenas uma das muitas revelações dessa tendência geral, de que também proveiu a definitiva organização da filologia novilatina. Tal foi um dos melhores resultados da aluvião, por vezes acabrunhadora, de todos os trabalhos do especialismo universitário alemão.

Ao venerável Frederico Díez coube a glória sem par de achar o fio de Ariadne no labirinto linguístico do medievo, determinando, pelo método histórico-comparativo, as leis de evolução dos idiomas românicos. E êle descobriu que a tónica vocabular persistia, qual um monolito de resistência, em meio da usura que o principio do

¹ [Setembro de 1912].

menor esforço ia produzindo, aqui e ali, nas dições de carácter popular, despojadas, muitas vezes, das vozes átonas e também das inflexões intervocálicas. A demonstração científica de Diez era necessária para que compreendêssemos em que consistia, sob uma das faces principais, o génio comum, da nossa latinidade, e, ao mesmo tempo, a diferenciação de suas múltiplas formações nacionais. De outra parte, vinha ela corroborar a positividade que a razão humana adquirira, em longos séculos de exercício, porque a linguagem resume toda a nossa vida espiritual, pela combinação das ideias e emoções, que exprime, com os actos, que a mesma expressão exige; e, desde então, o conhecimento das suas leis importa na extensão final da sciência aos nossos fenómenos de categoria superior.

O estudo dos vários ramos da dialectação latina recebeu, assim, a sua investidura scientifica, e teve como consequência a ansiosa procura e exegese de todos os códices medievais.

Em relação ao português arcaico, da fase trovadoresca ou provençal, tais pesquisas já tinham sido preparadas por Caetano de Moura e Varnhagen, com a respectiva publicação, em 1847 e 1849, do *Cancioneiro de D. Denis* e das *Trovas e Cantares*. Seguiram-se: em 1875, a divulgação do manuscrito da Vaticana, pela edição diplomática de Monaci, e, em 1878, pela edição critica de Teófilo Braga; em 1880, para comemoração do tricentenário de Camões, a impressão do valioso apógrafo a que se ligam os nomes de Colocci, de Brancuti e de Molteni; em 1894, uma nova estampa das canções dionisiacas, com elucidário e anotações pelo dr. Lang, professor da Universidade de Yale, nos Estados Unidos. E, em 1904, após vinte e cinco anos de consciencioso estudo, próprio da paciência beneditina ou da pertinácia alemã, deu-nos D. Carolina Michaëlis de Vasconcelos, no *Cancioneiro da Ajuda*, o mais eloquente prêgio de seu profundo saber e subtil hermenêutica. A par com esses trabalhos de mais tombo e peso, não escassearam outras publicações que, comquanto menores pelo fim a que se destinavam, teem ainda sobeja importância; e, entre elas, fôra sem-razão esquecer a *Crestomatia* de J. J. Nunes e os *Textos archaicos* do dr. José Leite de Vasconcelos.

Como as obras acima, as *Cantigas de D. Joan Garcia de Guilhade*, restituídas e elucidadas por Oscar Nobiling (Erlangen, 1907), representam a tese nutável com que o meu malgrado collega disputou e conseguiu o seu doutoramento em filologia pela Universidade de Bonn; e ficaram sendo um titulo decisivo para que os annals da erudição conservem perpétuamente o seu nome aureolado. Além disso, êle deixa valiosas investigações filológicas,

esparsas nos repositórios especiais do velho mundo, e que todas lhe valeram o mais subido apreço dos competentes. Aqui no Brasil, houve por muito tempo, mesmo entre os estudiosos, o mais completo desconhecimento do seu valor; e Silvio Romero, que com êle só tardiamente se correspondeu, chegou a perguntar-me certo dia: — «Mas... como foi que você descobriu o Nobiling?» E a pergunta justamente assinala a modéstia daquele que honrava a sua cadeira do Ginásio de S. Paulo, do mesmo modo por que podia glorificar uma qualquer universidade da Europa.

Inteiramente despreocupado de um triunfo imediato, êle não se apressurava senão em aprender; e o que sabia, sabia bem; e o que não sabia, confessava. Não conheci até hoje nenhum mais santo exemplo de probidade literária e profissional, que o fazia transformar em dever imperioso o que era apenas uma sêde exagerada de seu espírito; e causa-me pena o lembrar que, com a doença que o levou á Europa, êle também cegamente levava os mais largos planos de estudos, na biblioteca do Vaticano...

Conscio de que toda sciência é sempre uma obra colectiva, e que não pode, como Palas, sair armada da cabeça de ninguém, o seu continuo aprender o inclinava ao respeito do passado e das condições de competencia, em que se baseia a autoridade scientifica. Através de suas maneiras pouco vivas, transparecia a nobre admiração que êle, mestre, votava aos mestres; e ainda estou a rever o seu entusiasmo pela nova ortografia portugueza, cujas hases foi o primeiro a receber em S. Paulo, e desde logo me comunicou.

Sem compartilhar da «vesga inveja», da vaidade torta, do arrelia-do despeito, dos bufarinheiros do saber alheio, deve de ter morrido isento do remorso de injustiças intencionais, após uma vida feliz, de abnegado cultor da verdade, no tracto de seus livros predilectos e na lição dos milhores espiritos. E eu, a quem coube a espontânea e cordial tarefa de o revelar a uma parte do público brasileiro, em geral tão por fora das coisas de erudição; eu, mesmo lamentando a sua morte, sou feliz também, de o haver conhecido e admirado, e de ter sido um daqueles a quem êle votou a mais sincera afeição, jamais desmentida em uma camaradagem de perto de quatro lustros. A sua memoria há de perdurar abstractamente nas obras que deixou; e a sua imagem, muito tempo depois de se apagar comigo, palpitará no coração dos gymnasiaes que foram seus alunos, e a quem o pálido necrológio que lhes fiz em aula arran-cou irreprimiveis lágrimas de comoção...

SILVIO DE ALMEIDA.

II

Peço venia ao Sr. Silvio d'Almeida para transcrever d'*O Estado de S. Paulo*, de 30 de Setembro de 1912, o artigo precedente, onde são apreciados com tanta justiça os meritos de Nobiling.

Como tributo de saudade á memoria do distincto e mallogrado philologo fallecido, vou enumerar todas as publicações suas de que tenho conhecimento. Embora algumas já estejam indicadas noutros volumes da *Revista Lusitana*, o leitor estimará achar aqui a lista. Ei-las:

1. *Uma canção de D. Denis*: na *Revista Lusit.*, VII (1902), 65. Correção de um texto da edição de Lang.
2. *Die Nasalvokale im Portugiesischen*: na revista intitulada *Die neueren Sprachen*, t. XI, 1903, p. 130 ss.;
3. *Albanês e português*, 1903: separata do *Boletim da Soc. de Geogr. de Lisboa*, 21.ª serie. Cf. *Revista Lusit.*, IX, 188.
4. *Zur Interpretation des Dionysischen Liederbuchs*: na *Zs. f. die rom. Philol.*, XXVII (1903), 186-192. Outras correções á edição de Lang.
5. *Zu Text und Interpretation des «Cançãoiro da Ajuda»*, Erlangen, 1906: separata dos *Mélanges Chabaneau*, 48 páginas. Artigo substancioso e importante acerca da ed. feita pela Sr.ª D. Carolina Michaëlis.
6. *Cantigas de D. Joan Garcia de Guilhade*, trovador do sec. XIII, escolhidas e annotadas, Erlangen 1907, IV-58 páginas. — Vid. o n.º seguinte.
7. *As Cantigas de D. Joan Garcia de Guilhade*: edição critica, Erlangen 1907, VIII, 82 páginas. — Cf. as minhas *Lições de Philologia*, pag. 449.
8. Análise critica das *Frases feitas* de João Ribeiro: publicada em *O Estado de S. Paulo* de 22 de Abril de 1908.
9. *Introdução ao estudo da mais antiga poesia portugueza*: na *Revista da Soc. Scientif. de S. Paulo*, II (1907), 153 ss., e III (1908), 1 ss.
10. Apreciação dos meus *Textos Archaicos* (2.ª ed.): publicada em *O Estado de S. Paulo* de 10 de Out. de 1908. — Igualmente como preito e homenagem a Nobiling, transcrevi-a supra, pag. 361 ss., — do que ninguem me censurará, porque, se ella contém louvores, também contém criticas.

11. Novo estudo acêrca do *Cancioneiro da Ajuda*, ed. de D. Carolina Michaëlis: no *Archiv* de Herrig, CXXI, 197 ss., e CXXII, 193 ss.
12. Noticia dos *Estudos sobre o Romanceiro Peninsular* de D. Carolina Michaëlis: no mesmo *Archiv*, CXXVI, 261 ss.
13. *Berichtigungen und Zusätze zum portugiesischen Teil von Körtings Lateinisch-romanischem Wörterbuch*: no mesmo *Archiv*, CXXIV, 332 ss., CXXV, 154 ss. e 393 ss., e CXXVI, 424. — Esta collecção de emendas a Körting ficou incompleta.
- 14-15. Sei que Oscar Nobiling publicou mais dois artigos, um intitulado *Vierzeilen...*, e outro sobre um conto do Brasil (no *Albumaque de Garnier* de 1907), — mas não os conheço directamente.
16. Da seguinte carta que Nobiling me mandou em resposta a uma em que eu lhe pedia um artigo para esta Revista, consta que elle havia planeado outro trabalho sobre a nossa lingua archaica:

« S. Paulo, 1-XI-09, Rua Saguá, 2, . . Sr.: Desejando eu muito
 » acceder ao seu pedido de um artigo para a *Revista Lusitana*,
 » venho perguntar se V. accitaria um estudo que estou escrevendo
 » sobre a lingua do Testamento de D. Affonso II (impresso no vol.
 » VIII da *R. Lus.*). O artigo será de um pouco mais de 16 pag.
 » impressas; e peço-lhe a fineza de me dizer tambem quando elle
 » poderá sahir ahi, pois estou tambem cogitando de mandá-lo para
 » alguma revista da Allemanha. O fim do trabalho é averiguar,
 » quanto possivel, o estado phonetico e morphologico a que tinha
 » chegado a lingua port. naquella epoca, comparando-o com o
 » idloma classico dos trovadores contemporaneos. De V. etc.
 » O. NOBILING ».

Como eu lhe dissesse que no momento em que recebi a carta estava organizando o volume das *Lições de Philologia*, onde reimprimia e analysava aquelle testamento, Nobiling informou-me de que esperaria pelo meu livro; nisto metteu-se a doença de que morreu, e fiquei sem saber se concluiu ou não o trabalho começado.

J. L. DE V.



ERRATA

A pag. 283 escapou o nome da Ex.^{ma} Sr.^a D. Carolina Michaëlis de Vasconcellos, auctora da carta *b* do capitulo V.

INDICE DO VOL. XV

ARTIGOS DESENVOLVIDOS:

	Pag.
O estudo das tradições populares nos paizes romanicos — por F. Adolfo Coelho	1
Falas e tradições do distrito de Viana do Castelo — por Cláudio Basto	71
Vocabularia Alemtejana — por A. Thomaz Pires.	103
Costumes e festas populares dos seculos XV e XVI — por Pedro d'Azevedo.	112
Cantigas dos «stees» — por D. Maria Angelica Furtado de Mendonça	145
Textos antigos portugueses — por J. J. Nunes	177
Investigações ethnographicas — por A. Tomás Pires	236
Sobre um verso de Gil Vicente — por Lopes de Mendonça, D. Carolina Michaëlis, e Oscar de Pratt	268
Etnografia minhota — pelo P. ^e Cunha Brito	290
Lucuções petrificadas — por Oscar de Pratt	312
Contos populares d'Evera — por Bernardino Barbosa	325
Vocabulários de varios concelhos do districto de Villa Real — por A. Gomes Pereira	333

MISCELLANEA:

I — Rogério Bacon — por J. J. Nunes	173
II — Sôbro dois ditados que se completam um ao outro — por Cláudio Basto	173 e 351
III — Falar português do Brasil — por Sílvio d'Almeida	353
IV — A lingua portuguesa no parlaments.	357
V — Mais palavras do tipo de «Sua torre» — por A. Gomes Pereira	359
VI — A palavra «escrivania» — por J. L. de V.	359
VII — O verbo «desgostar» — por J. L. de V.	359

CHRONICA — por J. L. de V.	175
------------------------------------	-----

BIBLIOGRAPHIA:

Livres:

<i>Textos Archaicos</i> , por O. Nobiling	361
---	-----

Periodicos:

<i>Bulletin Hispanique</i> — por J. L. de V.	360
<i>Modern Language Notes</i> — por J. L. de V.	360
<i>Zeitschrift für romanische Philologie</i> — por J. L. de V.	360
<i>Bulletin de Dialectologie Romane</i> — por J. L. de V.	360

<i>Varia quaedam</i> — por J. L. de V.	176
--	-----

NECROLOGIA:

<i>Oscar Nobiling</i> por Silvio d'Almeida, e J. L. de V.	366
---	-----

Outras obras de J. Leite de Vasconcellos

Tradições populares de Portugal , Porto 1892	500
Poesia amorosa do povo português , Lisboa 1890	400
Religiões da Lusitania , 2 volumes (e no prelo o 3.º)	18500
Ensaio ethnographico , 3 volumes	83000
Esquise d'une Dialectologie Portugaise , Paris 1901	800
Estudos de Philologia Mirandesa , 2 volumes, Lisboa 1900-1901	38000
Textos archaicos (para uso da aula de philologia portugueza estabelecida na Bibliotheca Nacional de Lisboa), 2.ª ed.	400
Lições de Philologia Portuguesa , 1 volume cartonado, Lisboa 1911	28000
O Dr. Storck e a Litteratura Portuguesa , Lisboa 1910	18000

A REVISTA LUSITANA publica-se em fascículos de 5 a 6 folhas, e saem quatro por anno.

Preço da assignatura annual	Portugal e Hespanha	25400 réis
	Brazil (moeda forte)	63000 réis
	Noutros paizes	12 fr.
Preço de cada fasciculo avulso.	Portugal e Hespanha	600 réis
	Brazil (moeda forte)	1800 réis
	Noutros paizes	3 fr.

Toda a correspondencia litteraria deve ser enviada ao director
J. LEITE DE VASCONCELLOS, R. de D. Carlos Marcarenhas, 27,
 Lisboa.

Toda a correspondencia relativa a assuntos economicos (compra e assignatura) deve ser enviada ao editor **A. M. TEIXEIRA**,
 P. dos Restauradores, 20, Lisboa.